

FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NO PARFOR-UNIJIÚ

VOLUME I



TAÍSE NEVES POSSANI
MARTA BORGMANN
(ORGANIZADORAS)



TAÍSE NEVES POSSANI
MARTA BORGMANN
(ORGANIZADORAS)

**FORMAÇÃO DOCENTE PARA
A EDUCAÇÃO INFANTIL**
PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE
ESTÁGIO NO PARFOR-UNIJUÍ

Editora Ilustração
Santo Ângelo – Brasil
2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Imagem da capa: Freepik

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

F723 Formação docente para a educação infantil [recurso eletrônico] :
partilhando experiências de estágio no Parfor-Unijuí /
organizadoras: Taíse Neves Possani, Marta Borgmann. - Santo
Ângelo : Ilustração, 2025.
269 p.

ISBN 978-65-6135-134-8

DOI 10.46550/978-65-6135-134-8

1. Educação. 2. Formação docente. 3. Educação infantil. I.
Possani, Taíse Neves (org.). II. Borgmann, Marta (org.)

CDU: 371.13

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: ilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánchez	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Edegar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFSC, Florianópolis, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	ATITUS, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
Taíse Neves Possani	
Marta Borgmann	
Capítulo 1 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL – ESPAÇO E TEMPO	17
Adriane Jesuina Batista Serquívio	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 2 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	23
Aline Patrícia Dolvisch	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 3 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PROCESSO DE UMA PRÁTICA	29
Cíntia Regina Janke Prado	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 4 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FAÇO MINHAS AS PALAVRAS DA INFÂNCIA	35
Clarice Teresa da Silva Tomaz	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 5 - O QUE NOS MOVE É A INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	43
Deise Vincensi Veit	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 6 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS. ATÉ ONDE É POSSÍVEL?	49
Jocelaine Spatt dos Santos	
Eulália Beschorner Marin	

Capítulo 7 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E APRENDIZADOS NO DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO COM AS INFÂNCIAS.....	53
Lisângela Brum Sartor	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 8 - ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	57
Marcia Ines Hartmann	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 9 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MOVIMENTO CORPORAL NAS INFÂNCIAS	63
Marta Goelzer	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 10 - PRÁTICA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VIVÊNCIAS COMO DISCENTE DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	71
Maurícia Aparecida da Silva Costa Pott	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 11 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A NATUREZA DAS SENSações E AS SENSações NA NATUREZA	75
Tatiana Ribas Buzetto	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 12 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ESTÁGIO COMO UMA EXPERIÊNCIA NECESSÁRIA.....	81
Solange Letícia de Vargas Dutra	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 13 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CRIANÇA PROTAGONISTA DA SUA INFÂNCIA.....	85
Rejane Graeff Guarnieri	
Eulália Beschorner Marin	
Capítulo 14 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MÚLTIPLAS LINGUAGENS	91
Raquel Weyh Dattein	
Eulália Beschorner Marin	

Capítulo 15 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM PERCURSO INVESTIGATIVO CONSTITUÍDO POR MÚLTIPLAS RESPOSTAS - AFINAL, O QUE TEM DENTRO DE MIM? O QUE ACONTECE DENTRO DO MEU CORPO?	97
Vânia Lúcia Berton	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 16 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	105
Sandra Regina Rodrigues	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 17 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A PRÁTICA NO CHÃO DA ESCOLA.....	111
Leonice Hahn Kuss	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 18 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS ELEMENTOS DA NATUREZA E AS INÚMERAS POSSIBILIDADES DO BRINCAR	117
Juliana Beatriz Da Ros	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 19 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS ANIMAIS DA FAZENDA: BRINCANDO COM SOMBRAS E LUZES.....	123
Janaina Adorian Dalsasso	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 20 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COLORINDO O COTIDIANO	133
Crisiane Werbes Wesner Bevilaqua	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 21 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR.....	139
Claudia Magali Radin de Lima Chassott	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	

Capítulo 22 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE CRIANÇAS, BRINCADEIRAS E O MOVIMENTO	149
Nilva Maldaner	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 23 - TECENDO CAMINHOS PARA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	157
Raquel de Souza Bortoli	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 24 - UMA JORNADA DE APRENDIZADO: ESTÁGIO COM A TURMA DE PRÉ II	165
Izabel Cristina Braz Persich	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 25 - VIVENCIANDO A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	173
Daniela de Oliveira de Lima Machado	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 26 - A EDUCAÇÃO INFANTIL ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR: AS POSSIBILIDADES DO BRINCAR EM VIVÊNCIAS COM ELEMENTOS DA NATUREZA	177
Aline Ribeiro dos Santos	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 27- A PEDAGOGIA DA ESCUTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	183
Claudia Simone Possebon	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 28 - CONHECER, EXPLORAR E VIVENCIAR DESCOBERTAS COTIDIANAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	191
Francieli Andreatta Brudna	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	

Capítulo 29 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR À INFÂNCIA	195
Janine Zucolotto	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 30 - DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA TURMA DE CRIANÇAS PEQUENAS NO SÉCULO XXI	201
Laura Ethiele Müller de Albuquerque	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 31 - RELATO DE EXPERIÊNCIAS: O BRINCAR E SUAS POTENCIALIDADES	207
Joana Emilia Gomes Marques	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 32 - PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NOVOS OLHARES, DESAFIOS E OPORTUNIDADES.....	215
Tanara Regina Garros Batista	
Aline Aparecida Oliveira Copetti	
Capítulo 33 - EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA	223
Josiéli Aparecida da Silveira Nascimento	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 34 - ESTUDO, AÇÕES E PERCEPÇÕES DO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	233
Adriana Aparecida Soares do Rosário	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 35 - DIVERSIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	241
Gabriela da Rosa	
Orientadora Msa Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 36 - A SIGNIFICATIVIDADE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	247
Simone da Silva Rosa	
Lauren Slongo Braidá	

Capítulo 37 - PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A ÓTICA DOS DIREITOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO	251
Mariane Moser Bach	
Lauren Slongo Braida	
Capítulo 38 - EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE OS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS	257
Rosmari Marodin Gobo	
Franciele dos Anjos Strohhecker	
Capítulo 39 - PERCEPÇÃO SOBRE A TOTALIDADE DO SER HUMANO: ANÁLISE DO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL	263
Douglas Alexandre Feltrin	
Franciele dos Anjos Strohhecker	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	269

APRESENTAÇÃO

A formação de professores constitui um dos temas centrais nas discussões sobre a qualidade da educação e o papel da escola na construção de sociedades mais justas e inclusivas, especialmente em um mundo marcado por rápidas transformações tecnológicas, sociais e culturais. A prática docente enfrenta desafios inéditos que demandam o desafio de novas competências, uma reflexão crítica permanente e um constante processo contínuo de atualização profissional. Assim, a formação inicial e continuada de professores emerge como um campo estratégico, não apenas para o aprimoramento das práticas pedagógicas, mas também para o fortalecimento do compromisso ético e político que sustenta a profissão de professor.

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), no âmbito da Segunda Licenciatura em Pedagogia, responde a essa demanda, ao oferecer uma formação pedagógica específica para professores da educação básica que já possuem licenciatura em outras áreas, mas que atuam, no campo da Pedagogia, sobretudo na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a fim de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino público na região.

Este ebook tem como objetivo socializar e sistematizar as práticas pedagógicas vivenciadas pelos cursistas durante o estágio supervisionado em Educação Infantil, realizadas como parte da formação na Segunda Licenciatura em Pedagogia na Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul-UNIJUÍ, pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, fomentado pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES do Ministério da Educação - Governo Federal.

Por meio desta produção buscamos registrar experiências, reflexões e intervenções pedagógicas desenvolvidas nas instituições de educação infantil, promovendo o diálogo entre teoria e prática e ressaltando a importância do estágio supervisionado como algo essencial na construção do futuro pedagogo. Os textos apresentados revelam a diversidade e a riqueza das vivências proporcionadas durante o estágio, evidenciando como esse momento formativo possibilita ao acadêmico compreender de forma mais concreta e aprofundada as múltiplas dimensões que envolvem o trabalho pedagógico com crianças pequenas e bem pequenas.

Esperamos que este material sirva de subsídio para outros docentes, estimulando práticas inovadoras, reflexivas e críticas, alinhadas aos princípios legais e éticos que orientam a Educação Infantil, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular.

A oferta de cursos como o PARFOR pela universidade reforçam seu caráter comunitário de atender as demandas da região e das necessidades da educação básica em busca de uma formação continuada, ampliando sua função social, estabelecendo parcerias com as redes públicas de ensino, a fim de reduzir as desigualdades educacionais e regionais. Formar professores não é apenas capacitá-los para transmitir conhecimentos, mas prepará-los para serem agentes transformadores em seus contextos de atuação. É nesta perspectiva de formação docente que buscamos lançar luz sobre os caminhos que podem conduzir a uma educação mais equitativa, crítica e relevante, compromisso sempre presente na formação de professores realizada na Unijuí.

Desejamos uma excelente leitura.

Taíse Neves Possani

Coordenadora Institucional do PARFOR-UNIJUÍ

Marta Borgmann

Coordenadora do Curso de Pedagogia - PARFOR-UNIJUÍ

Capítulo 1

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL – ESPAÇO E TEMPO

Adriane Jesuina Batista Serquivito¹

Eulália Beschorner Marin²

Introdução

O presente trabalho busca refletir sobre a experiência de estágio vivida por mim, acadêmica da primeira turma do curso de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), realizada em uma escola Municipal de Educação Infantil no município de Panambi (RS). A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência compartilhada com a professora Maristela da turma do Jardim II A, composta por crianças pequenas com idades de 5 e 6 anos. Realizar vivências com diferentes brinquedos, alimentos, materiais, cores, texturas, formas e cheiros com crianças dessas idades, constitui-se um desafio ímpar de aprendizagem. Garantir às crianças os direitos de aprendizagem contemplados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) requer o planejamento de vivências que promovam o desenvolvimento de habilidades com o uso de diferentes linguagens estimuladas por meio do brincar, do experimentar, do explorar, do conviver, do expressar, do participar e do conhecer-se, contemplados nos seguintes campos de experiências: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações; Traços, sons, cores formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação (Brasil, 2018). Proporcionar à criança práticas pedagógicas em que elas vivenciam seu direito de ser e estar no mundo, é o grande desafio para as professoras de Educação Infantil hoje.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Os professores que trabalham com essa faixa etária precisam ter uma formação específica que lhes permita compreender as necessidades e os interesses dos pequenos. O docente, nessa fase, é fundamental. Ele é o responsável por criar um ambiente seguro e acolhedor, onde as crianças possam se sentir livres para explorar e aprender; também deve oferecer oportunidades de interação e brincadeira, que são essenciais para o desenvolvimento dos pequenos.

Metodologia

Este trabalho caracterizou-se como um relato de experiência vivenciada por mim quando matriculada na disciplina de Estágio Educação Infantil na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). O Estágio teve como objetivo principal observar, analisar e descrever as ações em sala de aula para integrar teoria e prática por intermédio das vivências sob a supervisão da professora do Jardim II A. É importante destacar que essa vivência favorece reflexões sobre nossa formação docente, considerando que fomos inseridos num contexto no qual passamos a elaborar estratégias que proporcionam aos educandos atividades práticas lúdicas e interativas, compreendendo que o conhecimento deve ser compartilhado. Ressalta-se que as atividades foram realizadas durante os meses de outubro, novembro e dezembro do corrente ano, cumprindo a exigência de uma carga horária de 45 horas, numa escola de ensino infantil. As informações produzidas neste trabalho apresentam uma abordagem qualitativa. O método de pesquisa adotado foi o participante. Salienta-se, ainda, que a observação da interação entre os participantes e os seus pares, bem como o registro em diário de campo, foram os instrumentos utilizados na coleta de dados.

Resultados e discussão

A partir dos estudos dos marcos teóricos de autores como Loris Malaguzzi, Paulo Fochi, Júlia Formosinho, Alfredo Hoyuelos, Jorge Larrosa, Suely Amaral Mello, Maria Carmen Silveira Barbosa, Ana Lúcia Goulart de Faria, e das reflexões da experiência, iniciei meu estágio com crianças pequenas confiadas pelas famílias para cuidados e formação pelos professores e auxiliares.

A educação infantil, assim como a educação em geral, continua a fazer parte de uma idealização social utópica. Seja devido à falta de políticas de ensino eficazes, recomendações de ensino firmes ou falta de conhecimento na área, pode-se argumentar que essa conquista ainda representa um desafio social. Acompanhamos, portanto, a realidade de que muitos projetos pedagógicos não são levados a sério; há uma falta de compreensão do significado da atividade docente e não são dadas as condições para a concretização da legislação. Nesse contexto, sabe-se que a interação, a troca de experiências, a estimulação e o uso de diversos saberes da educação infantil são a base para garantir o desenvolvimento da criança e a consequente formação do todo como seres humanos. Perguntamos, então, como, enquanto educadores, tínhamos uma turma heterogênea “à mão” e, muitas vezes, sem apoio familiar, para dar sentido à prática. Segundo Maria Barbosa e Maria Horn (2001), deve haver uma sequência de atividades diárias com base na realidade da turma e nas necessidades de cada aluno. Nesse momento é fundamental que o educador tenha a sensibilidade necessária para compreender a criança como sujeito ativo, reconhecendo sua singularidade, levando em consideração não somente o contexto social e cultural desse aluno, mas também o da instituição.

Para dispor de tais atividades no tempo é fundamental organizá-las, tendo presentes as necessidades biológicas das crianças, como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene e à sua faixa etária; as necessidades psicológicas, que se referem às diferenças individuais, por exemplo, o tempo e o ritmo que cada uma precisa para realizar as tarefas propostas; e as necessidades sociais e históricas, que dizem respeito à cultura e ao estilo de vida, como as comemorações significativas para a comunidade onde se insere a escola e também as formas de organização institucional da escola infantil (Barbosa; Horn, 2001, p. 68).

Desta forma, se entendermos a docência em um espaço heterogêneo, levando em consideração a faixa etária, a história, as necessidades biológicas, as psicológicas, as sociais e as históricas de cada criança, devemos pensar nas diferentes atividades das quais elas devem participar e, assim, estimulá-las para o desenvolvimento diário de diversas habilidades. A partir de uma ação pedagógica democrática devemos construir a gestão diária do tempo, que chamamos de rotina, que possibilita, entre outras coisas, a iniciativa, a segurança e a confiança das crianças. Para realizar essas atividades devemos, primeiro, fazer um planejamento que considere o momento e os espaços mais adequados para sua realização.

Na perspectiva do sucesso de seu desenvolvimento, a disposição da sala deve ser organizada como um ambiente convidativo e agradável para a criança, ou seja, um espaço onde as crianças possam brincar e criar, sentindo-se estimuladas à autonomia. O espaço criado para a criança deve ser estruturado de acordo com sua faixa etária, ou seja, oferecer desafios que o levem mais longe no desenvolvimento de suas habilidades. Nesse sentido, o educador da infância deve conscientizar-se da importância de disponibilizar salas ricas em informações na vida das crianças e começar a entender a seriedade da troca que ocorre nas salas disponibilizadas para esse fim como fator importante na vida dos pequenos.

Autores como Tuan (2013), Larrosa (2002) e Fochi (2017) iluminam nossa caminhada pedagógica ao refletirem sobre a importância da experiência como horizonte de possibilidades para pensar a criança e as infâncias como algo vivido, sentido, percebido, que nos atravessa, nos toca, nos instiga a recriar e atualizar nossos saberes docentes e desenvolver uma prática pedagógica refletida, planejada, intencional, que promova a formação das crianças. Em meu planejamento procurei usar materiais diversificados, priorizando os oriundos da natureza e do contexto familiar das crianças, tendo como objetivo contemplar a interação delas com experiências potentes para o seu desenvolvimento infantil por meio do brincar com cores, formas, movimentos corporais, sabores, musicalização, histórias infantis, frutas e muito afeto.

Neste sentido, autores como Barbosa e Horn (2019) tematizam que

[...] faz-se necessário considerar duas questões: a primeira é a de ter atenção ao contexto e considerar todas as variáveis sociais como classe, gênero, classe econômica, raça e religião que oferecem elementos para que as crianças se constituam como sujeitos. E a segunda é considerar que as culturas locais, as culturas familiares, as culturas elaboradas para as crianças e as culturas infantis são elementos fundamentais na educação das crianças (p. 19).

As escolas devem proporcionar esse ambiente de aprendizagem, além dos professores, que também precisam saber utilizar a literatura em sala de aula para transformar a hora da história em um momento único, cheio de curiosidade e encantamento, pois isso promove o desenvolvimento psicológico saudável e o conhecimento de si próprio.

Neste estágio de prática docente na educação infantil, tive como experiência o fato de que, mesmo sendo crianças de uma mesma faixa etária, é necessário conhecer cada uma profundamente, tendo um olhar

não apenas de alguém que está ali para ensinar, mas para aprender a trocar experiências, assim como deparar-se com culturas diferentes que precisamos saber dominar e respeitar. Cada criança tem um jeito único de aprender e participar das atividades propostas. Sendo assim, precisamos ter um olhar atento a cada um de nossos alunos para que todos tenham suas potencialidades desenvolvidas e aproveitadas para o seu pleno desenvolvimento.

Na minha concepção, o professor precisa sempre buscar novos conhecimentos, evitando acomodar-se ou cair na rotina, procurando novas estratégias para motivar os alunos conforme seus interesses, tornando o ambiente agradável e propício à aprendizagem.

Considerações finais

O estágio é uma construção coletiva, envolvendo a universidade, a escola, o professor, o estagiário, os estudantes e os funcionários, tendo como principal proposta a construção de uma aprendizagem mais efetiva. Este trabalho reflete uma análise sobre o Estágio na Educação Infantil. A base de conhecimentos adquirida nos estudos de disciplinas anteriores, o acompanhamento da professora supervisora e da professora coordenadora do estágio, assim como todos os referenciais teóricos (documentos), foram relevantes para a elaboração dos planos e das atividades a serem aplicadas no estágio, culminando com uma experiência exitosa. No decorrer do processo de observação e prática verifiquei a relevância de contemplar neste campo de atuação a ludicidade e a construção de ações que contribuem efetivamente com o protagonismo infantil, favorecendo a participação coletiva. Desta forma, cria-se um elo entre a proposta de trabalho e as ferramentas que tornam cada atividade uma proposição significativa para os educandos. Durante o processo de observação e prática senti-me acolhida, e a professora supervisora mostrou-se solícita diante dos questionamentos e das ideias propostas para a realização da regência. A educação infantil apresenta-se como um universo de possibilidades e de desafios constatado por intermédio do planejamento e da efetivação deste, exigindo dinamismo, ousadia e criatividade.

Nesta perspectiva, planejar, adaptar à realidade dos educandos e executar as ações propostas, foi possível mediante o apoio e a orientação que nos foi dada, e por termos liberdade para desenvolver nossas ideias na sala de aula. Destaco que a regência possibilitou crescimento no campo

pessoal e profissional. É importante considerar que o estágio contribuiu de forma significativa, no sentido de promover discussões sobre as atividades propostas para os níveis trabalhados, contemplando as brincadeiras e as interações dentro deste campo. Esta experiência revelou-me que o conhecimento se dá pelo contato, pela experimentação e, principalmente, pela capacidade de aprender por meio das relações com os outros sujeitos que estão inseridos no contexto escolar, legitimando-se pela escolha de uma profissão desafiadora, no sentido de atuar na formação de cidadãos críticos e participativos.

Referências

ALBUQUERQUE, S. S.; FELIPE, J.; CORSO, L. (org.). **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a base**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FOCHI, Paulo Sergio. A didática dos campos de experiência. **Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre, n. 49, p. 4-7, out./dez. 2016.

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIMENTA, S.; LIMA, M. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aline Patrícia Dolvisch¹
Eulália Beschorner Marin²

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar e registrar as vivências e experiências durante a realização do estágio desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado Educação Infantil no curso de Pedagogia, oferecido pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) juntamente com a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), no qual pude perceber e relacionar a teoria aprendida durante as aulas do curso de Pedagogia com a prática da sala de aula, alinhando pontos, observando as intervenções e aprendendo e se desenvolvendo junto aos alunos.

Considerando o estágio e sua importância para quem estuda e busca a formação de pedagogo(a), no que ele representa para o estudante no espaço de observar e refletir, é fundamental realizá-lo e vivenciar, no dia a dia, os desafios do ambiente educacional para aplicar na prática o que se aprende no curso, em contato com as rotinas reais de uma profissão tão importante, permitindo a aplicação dos seus conhecimentos teóricos em situações diárias.

É preciso compreender o papel do pedagogo, de seu ensino e de sua função dentro da sociedade. A sala de aula é o principal ambiente de trabalho de quem atua na área de pedagogia. A docência compartilhada no estágio em Educação Infantil não apenas beneficia os estagiários, oferecendo

-
- 1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).
 - 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

uma oportunidade de aprendizado prático mais abrangente, mas também contribui para a qualidade do ensino nas salas de aula infantis. A colaboração entre professores em formação e professores experientes pode criar um ambiente mais estimulante e envolvente para as crianças, promovendo o seu desenvolvimento integral. É quando a relação de ensino e aprendizado acontece de forma mais clara e direta, e os(as) estagiários(as) de pedagogia adquirem experiência nesse local cheio de riquezas e encantamentos.

Metodologia

A metodologia utilizada para realização deste trabalho foi a pesquisa-ação, que é um tipo de pesquisa social que envolve a colaboração ativa entre pesquisadores e participantes para abordar problemas práticos e gerar mudanças significativas no contexto estudado. Na educação é uma abordagem que busca melhorar a prática educacional por meio da investigação colaborativa e da realização de mudanças.

Essa metodologia é frequentemente utilizada por educadores, pesquisadores e outros profissionais da educação para abordar questões específicas dentro de ambientes educacionais. O planejamento é elaborado em colaboração para desenvolver um plano de ação, incluindo a definição de objetivos, estratégias de efetivação e métodos de coleta de dados.

Os dados foram coletados por meio de métodos mistos, como observação participante, análise de documentos, entrevistas, registros das aulas e intervenções para obter uma compreensão abrangente da relação entre teoria e prática. Nesse caso, resultou no desenvolvimento profissional dos participantes, permitindo adquirir novas habilidades, percepções e uma compreensão mais profunda da prática educacional.

Resultados e discussão

A docência compartilhada no estágio em Educação Infantil pode ser uma estratégia valiosa para proporcionar uma experiência de aprendizado mais rica e diversificada aos futuros educadores. Nessa perspectiva, professores em formação podem ensinar de forma colaborativa com docentes experientes, participando ativamente na condução de atividades e na interação com as crianças.

Esse método de ensinar pode ocorrer durante diferentes momentos do dia, como atividades de leitura, jogos educativos, arte e música; tudo

planejado e combinado previamente. Assim, os professores em formação podem observar as práticas dos docentes experientes, aprendendo com suas estratégias eficazes e ainda ter um *feedback* contínuo fornecido pelos professores experientes, tanto pela docente referência da turma, coordenação e direção da escola quanto pela orientadora do estágio, que ajuda os(as) estagiários(as) a refletir sobre a prática e aprimorar habilidades.

Durante o estágio estive em constante contato com a professora referência no que diz respeito ao desenvolvimento de estratégias para atender às necessidades individuais das crianças na sala de aula, ao planejamento e realização de atividades que considerem suas diferentes habilidades e estilos de aprendizagem, e, ainda, às estratégias colaborativas para lidar com a diversidade na sala de aula, incluindo adaptações para crianças com necessidades especiais.

Na turma em que realizei o estágio há dois alunos com necessidades especiais: uma menina com Transtorno do Espectro Autista (TEA, que é muito ativa, desenvolvida, inclusive está alfabetizada, e um menino com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositor Desafiador (TOD), que convive bem com os colegas, porém apresenta um pouco de dificuldades na aprendizagem e, muitas vezes, de comportamento. Eles possuem uma auxiliar em comum que os acompanha e ajuda conforme a necessidade.

Em diálogo com a professora regente e mostrando o planejamento para o estágio, ela sugeriu que os alunos incluídos realizassem as mesmas atividades que os demais, porque, por intermédio de sua observação diária, ela acredita que eles teriam capacidade de obter êxito na realização, o que realmente aconteceu. A menina acompanha tranquilamente as propostas para a turma, faz tudo com capricho e atenção; já o menino esteve presente somente em duas aulas, porém realizou todas as atividades juntamente com a turma.

Na experiência vivida com esses alunos em particular, e considerando que se faz necessária a adaptação e/ou utilização de estratégias para garantir que todos os alunos tenham oportunidades de aprendizado significativas e inclusivas, estive presente, próxima e acessível, bem como a auxiliar, que já possui um relacionamento afetivo e de confiança com as crianças, sempre oferecendo um suporte individualizado, interagindo e incentivando eles e a todos.

Com tais atitudes é possível criar um ambiente inclusivo que atenda às necessidades individuais de cada aluno na educação infantil.

A docência compartilhada realizada entre eu, estagiária, e a professora referência da turma, foi fundamental ao longo do processo. Trabalhamos juntas para desenvolver planos de aula e estratégias de ensino, envolvendo a troca de ideias, a definição de metas comuns e a distribuição de responsabilidades. Ela acompanhou, auxiliou e colaborou. Nesses momentos tivemos uma comunicação aberta e clara, promovendo e enriquecendo a experiência de aprendizado. Essa prática foi muito importante e eficaz, tanto para aprimorar minhas habilidades como professora quanto para garantir um aprendizado mais efetivo e completo para as crianças.

Considerações finais

A docência compartilhada no estágio em Educação Infantil não apenas beneficia os estagiários, oferecendo uma oportunidade de aprendizado prático mais abrangente, mas também contribui para a qualidade do ensino nas salas de aula infantis..

Fica evidente, mediante as experiências e vivências do estágio, que a prática docente na educação infantil abrange diversos aspectos, como o desenvolvimento de atividades lúdicas, a promoção da interação social, a adaptação ao processo de aprendizagem individual de cada criança e a criação de um ambiente estimulante. É fundamental considerar abordagens pedagógicas que valorizem a ludicidade, a observação atenta das necessidades das crianças e a construção de relações afetivas para promover um aprendizado significativo nessa fase crucial do desenvolvimento.

Nesse sentido, o professor precisa planejar propostas pedagógicas com a intencionalidade de favorecer o processo de aprendizado e de desenvolvimento na perspectiva curricular que respeite as infâncias, possibilitando que as crianças explorem suas potencialidades e deixem evidentes suas concepções de mundo. Assim, respeitando a infância, seus tempos e momentos, busca-se práticas formativas que evidenciem o desenvolver, o explorar, o experienciar, a cultura da infância, quando tudo é produzido para e pelas crianças, desde brincadeiras, jogos, até comportamentos, reconhecendo a autonomia da criação e construindo uma aprendizagem significativa.

Em resumo, a docência compartilhada durante o estágio oferece uma série de benefícios, incluindo uma experiência prática mais rica, oportunidades de aprendizado colaborativo, desenvolvimento de

habilidades interpessoais e apoio mais abrangente. Acredito que esses aspectos contribuem para a formação de profissionais da educação mais preparados e versáteis.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2005.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. São Paulo: Ática, 1973.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PROCESSO DE UMA PRÁTICA

Cíntia Regina Janke Prado¹

Eulália Beschorner Marin²

Introdução

A prática da docência na Educação Infantil refere-se à ação de ensinar e cuidar de crianças em idades que compreendem os primeiros anos de vida até a entrada na escola primária. É uma fase principal no seu desenvolvimento, pois é nesse período que elas começam a adquirir e construir habilidades sociais, emocionais, cognitivas e motoras, fundamentais para o seu crescimento.

Metodologia

A metodologia empregada foi a pesquisa-ação, que é bastante usada para melhorar as práticas pedagógicas, resolver desafios específicos na sala de aula ou em instituições educacionais e promover a colaboração entre educadores. Trabalhei a partir da identificação de uma situação ou problema para, então, fazer um planejamento com coleta e análise de dados, em seguida articulando momentos de intervenções para realizar a prática do ensino aprendizagem.

Resultados e discussão

A infância é como uma tela em branco, pronta para ser preenchida com experiências, aprendizados e descobertas. Na educação, esse período inicial desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Ser docente na Educação Infantil pode ser uma jornada repleta de desafios e reflexões. Há algumas inquietações que moldam os educadores, e estas refletem a complexidade do papel do educador na infância, quando a sensibilidade, a flexibilidade e a constante busca por aprimoramento são essenciais para que o trabalho da prática docente se realize com maior eficiência.

A formação, nesse contexto, envolve não apenas conhecimento técnico, mas, também, uma compreensão profunda das necessidades emocionais e educacionais únicas das crianças em sua fase inicial de desenvolvimento.

Nessa fase estabelecem-se todas as bases para o futuro. É durante esse período que as habilidades fundamentais, como linguagem, raciocínio lógico e coordenação motora, começam a se desenvolver.

As interações na infância promovem vida e prazer para o desenvolvimento social. Aprendemos a compartilhar, colaborar e nos comunicar. Essas habilidades são fundamentais ao longo da vida e influenciam nos relacionamentos com os outros na escola e além dela.

Crianças são naturalmente curiosas e exploradoras. A educação na infância deve incentivar esse espírito exploratório, estimulando a criatividade e o interesse pelo mundo ao redor.

A educação, nesse período, deve fornecer um ambiente seguro para que as crianças aprendam a entender e expressar suas emoções de maneira saudável.

As experiências na infância moldam a autoestima e a confiança. Um ambiente de aprendizado positivo, que valoriza as conquistas individuais e incentiva a persistência diante dos desafios, contribui para o desenvolvimento saudável da autoimagem.

A infância é um período em que a imaginação e a criatividade estão em alta. A educação deve promover atividades que estimulem a criatividade, permitindo que as crianças encontrem soluções inovadoras para os problemas.

Durante a infância as crianças começam a absorver valores e ética. A educação desempenha um papel crucial na transmissão de valores, como respeito, empatia e responsabilidade.

A infância é um terreno fértil para semear as sementes do conhecimento, habilidades sociais e valores que o indivíduo vai levar ao

longo da vida. A qualidade da educação, nessa fase, é fundamental para garantir um desenvolvimento saudável e bem equilibrado.

Algumas inquietações bem comuns que andam junto dos educadores, como a questão da ideia de que a alfabetização e o brincar na infância são mutuamente exclusivos, é uma dicotomia que pode ser prejudicial porque, na verdade, eles podem e devem coexistir de maneira harmoniosa.

Muitas atividades de brincadeira, como jogos de faz de conta e manipulação de objetos, contribuem para o desenvolvimento de habilidades para a alfabetização e também como coordenação motora fina e consciência fonológica, que são fundamentais para o processo.

O brincar estimula e motiva a aprendizagem das crianças. Quando as atividades de alfabetização são propostas de maneira lúdica, as crianças estão mais propensas a se envolver no aprendizado, pois o associam a experiências positivas e divertidas.

Podemos observar, também, que o brincar na infância desempenha um papel fundamental na construção do eu e pode ter efeitos terapêuticos significativos.

O brincar, muitas vezes, envolve negociação, cooperação e resolução de conflitos, proporcionando às crianças oportunidades valiosas para desenvolver habilidades sociais e emocionais. A capacidade de lidar com desafios interativos é transferida para outras áreas da vida.

Sabemos que o faz de conta é uma ferramenta poderosa no desenvolvimento do letramento na infância. Ao criar histórias e diálogos durante as brincadeiras de faz de conta, as crianças exploram a linguagem de maneira lúdica. Isso contribui para o desenvolvimento da consciência fonológica, que é essencial para a alfabetização, envolvendo a compreensão dos sons das palavras.

Quando integramos elementos de letramento nas brincadeiras de faz de conta, os educadores e pais podem criar eventos significativos que estimulam o desenvolvimento linguístico e preparam as crianças para os desafios da leitura e da escrita. Esse tipo de abordagem lúdica promove uma relação positiva e prazerosa com o letramento desde cedo.

A aprendizagem é um processo contínuo e natural, e a curiosidade das crianças impulsiona esse caminho. Não podemos frear a aprendizagem, mas podemos influenciá-la de maneiras positivas, criando ambientes que

estimulem a exploração, a descoberta e a construção do conhecimento, facilitando o processo.

A experiência de vivenciar o estágio foi impactante na minha formação como docente. A teoria é importante, mas a prática é essencial. O estágio oferece a oportunidade de aplicar na sala de aula o conhecimento adquirido durante a nossa formação. A convivência com a rotina escolar, os desafios e as dinâmicas reais ajudam na adaptação do ambiente escolar, que tem sido cada vez mais desafiador.

O estágio também me ajudou a identificar aonde algumas práticas precisam ser aprimoradas. Isso permite um crescimento mais direcionado e focado.

Considerações finais

Depois de receber tanto conhecimento e tantas experiências, sinto-me enriquecida para realizar uma prática muito mais criativa e significativa para a docência na Educação Infantil, construindo relações de confiança, afetividade e empatia.

Essas qualidades são fundamentais para proporcionar uma experiência educacional rica, positiva e eficaz na Educação Infantil. O trabalho com as crianças nessa fase requer dedicação, compreensão profunda e uma abordagem centrada no desenvolvimento integral de cada uma, e este curso, especificamente essa disciplina, tem proporcionado grandes aprendizados, qualificando cada vez mais para a prática docente.

A experiência de estágio é um pilar fundamental na formação docente, conectando teoria e prática e preparando os futuros educadores para os desafios do ambiente escolar.

Referências

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998. 191 p.

KUHLMANN, Moysés Jr. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998. 209 p.

KRAJICBERG, Frans. **Site “Guia das Artes”**. Disponível em: <https://>

www.guiadasartes.com.br/frans-krajcberg/biografia

LAZZAROTTO, Solon Marcelo. **Site “Mãos da nossa arte”**. Disponível em: <https://maosdenossaarte.blogspot.com/2013/05/solon-marcelo-lazzarotto.html>

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998. 191 p.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FAÇO MINHAS AS PALAVRAS DA INFÂNCIA

Clarice Teresa da Silva Tomaz¹

Eulália Beschorner Marin²

Introdução

A vida leva-nos por caminhos nem sempre planejados. Nada melhor do que as múltiplas vivências para reforçar ou destruir nossas convicções. Jovens são, por natureza, sonhadores, esperançosos de manhãs açucaradas e noites de lua cheia. Esta reflexão traz-me a lembrança do caminho que trilhei até aqui, forjando-me nas adversidades e me reconstruindo no amor docente. Quando fui aluna do curso de Magistério não pensava nesse amor docente; hoje sei que ele me faz acordar todo dia, sorrir para o meu aluno e viver bem comigo mesma.

No meu processo de formação muito eu ouvia falar sobre a educação infantil. Como boa professora de anos iniciais e alfabetizadora, observava as crianças pequenas e tinha a impressão de que a prática docente era muito fácil, pois bastava entretê-los, fazer atividades divertidas, até mesmo sentindo um certo receio por pensar que não há conteúdo, aprendizagem, sem haver registro escrito, uso da lousa e mesmo do caderno. Grande ignorância a minha que, graças à faculdade de pedagogia, pude superar e aprender.

Entender a incompletude do ser leva-nos a aceitar os desafios, abrir os olhos sobre as belezas da infância e colocar-se no lugar de novo de estudante, pois estamos sempre aptos a adquirir aprendizado. Aprender a ter um olhar atento e uma escuta ativa é gratificante.

O trabalho com a educação infantil foi fundamental para desconstruir os medos que criei por meio dos preconceitos entre alfabetização e educação infantil; experiência de prática docente que me

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

fez crescer e ampliou ainda mais o meu sorriso, minhas manhãs açucaradas e minha noite de lua cheia.

A partir da minha prática docente com a Educação Infantil, com alunos Pré I da Educação Infantil da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Rita, percebendo o encantamento da professora titular na docência compartilhada, o brilho no olho dos pais, das crianças e do educador, arregacei as mangas e fui semear minhas sementes neste espaço de múltiplas vivências e aprendizagens que foi o Pré I. É deste lugar que faço minha reflexão. Sou uma professora negra e entendo que é necessário considerar.

Metodologia

A metodologia aplicada foi de acordo com a proposta pedagógica da escola e da professora titular, quando se usa projetos de vivências pedagógicas em consonância com a pedagogia da infância, tendo como premissa o direito de brincar, o lúdico e a participação ativa da criança mediante brincadeiras, criação, fantasia, interação, exploração do ambiente, relação entre os pares, mediação e realização de atividades relacionadas aos cuidados que devemos ter consigo e com o outro, respeitando a diversidade e a realidade de cada um.

Indo ao encontro dos conceitos, leituras e orientações nas quais basearam-se nossos estudos dentro do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Unijuí/Parfor), aplicados no desenvolvimento da prática de docência compartilhada, primei pela pedagogia da infância, o respeito à infância e o direito de brincar e ser feliz, sem prejuízo ao desenvolvimento dos conteúdos. Entender que mesclar as atividades que serão ofertadas às crianças, dando a elas espaço de fala, de construção, de descanso e de brincar, requer ver a prática pedagógica com um olhar mais atento, pois a educação infantil é uma etapa de desenvolvimento das crianças que deve primar pelo acolhimento, pelo prazer de estar na escola, ao mesmo tempo em que auxilia na criação de uma rotina, dando-lhes segurança.

Uma metodologia mista que atenda às necessidades dos alunos deve ser bem planejada e ofertar diferentes materiais que possibilitem a interação do aluno. Tanto de maneira orientada quanto livre, o método foi muito positivo, pois deu para perceber as impressões que os alunos

tinham sobre o material utilizado, observar suas expressões, sensações, falas e opiniões quando foi trabalhado com os sentidos na caixa das sensações.

A prática de docência compartilhada foi uma experiência única desde a criação do projeto sequenciado até a entrada na sala de aula como estagiária. O processo de criação dos planos de aula foi muito positivo. As trocas com as colegas Márcia e Raquel foram de muito crescimento. As conversas nos intervalos, sobre a turma, seus hábitos, suas especificidades, fortaleceram-nos na prática do cotidiano do Pré I. O apoio da professora titular e a observação da sua prática, como agia e conduzia a turma, foi fundamental para que eu pudesse começar me sentindo mais confiante.

A prática do estágio, pode-se afirmar, foi um processo atípico por ter sido construído por três mãos, mas certifico que foi extremamente positivo tanto para mim, como educanda, quanto para minhas colegas, assim como para o aproveitamento das crianças do Pré I. Por isso, partilhar essa experiência é uma alegria para mim no sentido de auxiliar na construção de outras pessoas que venham a sonhar em ser professora da Educação Infantil.

Resultados e discussão

Construir uma prática pedagógica dentro de um projeto compartilhado, que pudesse ter meu processo autoral, no sentido de dar relevância à temática da diversidade sem perder os temas saúde, cuidados com o corpo e movimento, foi uma das minhas preocupações. Tive cuidados redobrados para não fugir do conteúdo preestabelecido com a professora titular e minhas colegas do projeto sequenciado. Desta maneira, gratificadamente confirmou-se, de maneira bonita e agradável, a possibilidade de colocar em prática a Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) assim como a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 (Brasil, 2008), que dispõem sobre a obrigatoriedade da inserção da Cultura Afro-Brasileira e Africana nos espaços escolares, e também a inserção da Cultura Indígena, como modo de garantir e oportunizar aos educandos, em todas as etapas da vida escolar, uma educação antirracista, o reconhecimento das história dos africanos, afro-brasileiros e indígenas, suas contribuições na econômica, cultura, modo de viver e no ser brasileiro, tudo isto no cotidiano da vida escolar dessas crianças e jovens hoje na Educação Infantil na minha prática de docência.

O casamento surgiu por meio da história *A Grandiosa Princesa Yana* (Blue Editora, 2021), entendendo que esta história me propunha todos os aspectos necessários para trabalhar com os conteúdos estipulados de maneira lúdica e prazerosa, associando perfeitamente com os valores civilizatórios africanos e também com aspectos lúdicos da cultura indígena, oportunizando-me desenvolver aulas com música, desenho, passeios, muito movimento e diversão.

Foi satisfatório em todo o curso conseguir dar interdisciplinaridade de maneira valiosa às questões afro, às bibliografias, às atividades e aos conceitos com os temas trabalhados na Licenciatura. O decorrer do curso foi um lindo ensaio para a construção de planos ricos e variados de diferentes disciplinas; tudo isso fez-me crescer muito e poder desenvolver uma prática docente mais segura e mais eficiente.

A observação de si e do outro, seus diferentes fenótipos, reconhecendo o seu valor e o valor do colega, mostra, na rodinha de conversas, que ser diferente é normal e que devemos respeitar a todos.

Poder produzir um repertório, por intermédio do lúdico, que venha a auxiliar na descolonização de saberes, fortalecendo a percepção de outros personagens que não seja somente a partir de abordagens eurocêntricas, foi extremamente realizador, o que reafirma que podemos, sim, explorar diferentes conteúdos com personagens, atividades, brincadeiras, com suportes que agreguem outros saberes de etnias não europeias. Por mais que a base da nossa escola seja construída por meio destes paradigmas eurocêntricos, trazer a africanidade, os povos indígenas, suas potências nos diversos saberes, já passou do tempo, e é necessária urgência nesta inclusão.

Entender a ludicidade como um dos princípios da experiência infantil é dar novo sentido ao erro; “permite experimentar sem temor pelas consequências das próprias ações: o , Mantovani *apud* Fochi, 2015).

Assim como reafirmam Bondioli e Mantovani (*apud* Fochi, 2015), a criança precisa do seu momento de brincar. É com o brinquedo que a criança estabelece muitos conceitos e fortalece suas aprendizagens e criações. Respeitar estes pontos primordiais é necessário para que o tempo da infância e o direito a ser criança, a ser feliz, seja realmente vivenciado. Não há sentido em uma educação se não haver amor entre os pares, pois ambos aprendem. Confesso que aprendi muito com as crianças. É bom sentar no chão e curti-las, escutá-las, observá-las, sem culpa. É preciso entender que isto não é perder tempo, e digo, nesta sociedade imediatista e contabilizadora de segundos, poder estar envolta da energia, da curiosidade,

da alegria dos alunos da Pré-Escola I, no seu tempo, foi de certa maneira um remédio para minha alma docente.

Considerações finais

Retomando o compromisso de dar sequência aos conteúdos estabelecidos no projeto sequencial, promovendo a compreensão de conceitos relacionados à saúde de maneira contextualizada e significativa, o entendimento básico sobre seu corpo, suas funções e a importância de cuidar do corpo para manter a saúde, de prática de hábitos de higiene pessoal e sua importância, os planos de aula desenvolvidos com as crianças nem sempre foram tão exitosos quanto eu esperava. Creio que toda criança é uma caixinha de surpresas, assim como um rio, em que todo dia corre por ele águas diferentes. É neste momento que a Licenciatura, as aulas oferecidas, as conversas e as trocas de experiências que ocorriam nas aulas *on-line*, assim como a vasta prática de nossos mestres professores, vinham fazer jus às noites e fins de semana de estudo. Dessa maneira, tive o suporte necessário para ter um olhar mais leve e entender que mudar de estratégia não é um erro, mas, sim, uma ação necessária em dado momento.

A prática de docência com crianças de quatro anos levou-me a perceber que em muitos momentos o professor vem para a sala de aula cheio de certezas, como se a criança fosse um ser previsível; essas certezas, todavia, as crianças quebram com uma facilidade absurda. A frase de Gabriela: “Mas ela é só uma boneca e boneca não fica triste!”, retomando a história de Yana, na qual todos são amigos, mostra que todo planejamento tem uma intencionalidade pedagógica, porém ele não deve ser engessado.

A prática de estágio foi um desafio, uma experiência cheia de situações de crescimento pedagógico e educacional não possíveis de serem mensuráveis pela riqueza de elementos que as crianças me propiciaram. Atitudes de acolhimento, amizade, resoluções de conflitos, reflexões sobre os conteúdos em que estávamos trabalhando de forma pura, bonita e curiosa.

Entendo, hoje, a importância e o comprometimento que é ser uma das partes deste processo e, *a priori*, mediadora dos saberes, considerando que os grandes protagonistas são as crianças que nos desacomodam em nossas práticas e planejamentos.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, Especial, p. 1.059-1.083, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 set. 2023.

CNM. Confederação Nacional dos Municípios. **STF confirma idade de corte para ingresso na educação infantil e fundamental**. Disponível em: <https://www.cnm.org.br/comunicacao/noticias/stf-confirma-idade-de-corte-para-ingresso-na-educacao-infantil-e-fundamental>. Acesso em: 26 ago. 2023.

BLUE EDITORA. **A grandiosa Princesa Yana**. Blumenau, SC: Blue Editora, 2021. 10 p. (Coleção Etnias para nossas crianças).

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI). **Resolução CNE/CEB nº 5/2009**, Artigo 4º. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2018-pdf-1/98311-rceb002-18/file>. Acesso em: 12 set. 2023.

BRASIL. Lei 10.639, 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1-10/01/2003, p. 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-norma-pl.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1-11/3/2008, Página 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>. Acesso em: 10 set. 2023.

FOCHI, Paulo Sergio. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. FINCO, Daniela. BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **Campos de experiências**

na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015. 276 p.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

O QUE NOS MOVE É A INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Deise Vincensi Veit¹
Eulália Beschorner Marin²

Introdução

O direito garantido à educação institucionalizada permite que a criança far-se-á uma construção cultural por intermédio do meio vivenciado e do currículo ofertado na instituição escolar bem como no contexto familiar.

No Brasil, muitos estudos têm despontado para a valorização da educação infantil em defesa desta etapa, evidenciando-a como base para as construções do conhecimento humano. Adorno (1995, p. 147) afirma que “na educação infantil o processo de conscientização se desenvolve paralelamente ao processo de promoção da espontaneidade”.

Saber como planejar nossa prática para de ensino é necessidade básica na educação, pois podemos “dar asas” para nossas crianças ou simplesmente mantê-las na mesmice, subestimando a capacidade humana. O percurso, enquanto educadores, é inacabado, pois perceber que pouco sabemos e/ou atingimos o desenvolvimento humano é preciso.

Metodologia

Esta escrita é impulsionada pela disciplina de Estágio I, desenvolvido na Educação Infantil como pré-requisito para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia. Ela foi significada pelo percurso da autora como professora já constituída há 20 anos e, neste contexto, estagiária.

-
- 1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).
 - 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Dessa forma, traz a possibilidade de inter-relacionar infância e prática nos percursos institucionais e, também, por outro lado, traz o percurso de busca pela qualidade nas práticas da educação infantil.

Este texto, portanto, configura-se com a metodologia do tipo participante, que, segundo Brandão (2008, p. 17), propicia aos pesquisadores “sustentação das atividades de investigação e ação educativa a sobre uma base (ou grupo) organizada, de sorte que esta atividade não culmine em uma resposta de ordem teórica, mas na geração de propostas de ação expressadas em uma perspectiva de mudança social”.

Resultados e discussão

Nos diversos contextos de Educação Infantil é preciso buscar conhecer os inúmeros estudos sobre a criança (Oliveira, 2013; Ariès, 2021; Kohan, 2003; Sarmiento, 2004), principalmente após o século 20, pois estes têm modificado a visão que havia sobre a infância e a própria criança.

A partir destes estudos a criança passa a ser vista como sujeito social, considerando sua capacidade de manifestar-se espontaneamente, seus direitos, suas diferenças e também sendo produtora de conhecimentos. Novas descobertas sobre o mundo das crianças têm surgido com enfoques diversificados de áreas do conhecimento, como em psicologia do desenvolvimento, políticas educacionais, antropologia, sociologia da infância e história da educação. Em âmbito social, a concepção de criança tem um significado a partir de uma construção histórico-conceitual, a qual envolve outras temáticas, tais como demografia, urbanização, trabalho feminino, transformações familiares e as relações de produção, levando a sociedade a perceber e a começar um processo de representação social da infância.

A partir dessa “pincelada” histórica, trazendo para o contexto das necessárias mudanças para a atual Educação Infantil das nossas escolas, vale ressaltar que a formação do educador surge como ponto central, sendo o alicerce que sustenta práticas pedagógicas diferenciadas na Educação Infantil. A compreensão profunda da etapa de desenvolvimento em questão é essencial, permitindo que o educador atue como mediador capaz de criar contextos investigativos, exploratórios e ricos para a criança. Essa formação vai além dos conteúdos, abraçando uma visão mais ampla que considera a criança como protagonista e sujeito social.

O encantamento pela infância é o que move, é o motor propulsor das práticas pedagógicas significativas e transformadoras. No cenário educacional, onde as aulas são entendidas como mediações e não como meros atos de “ensinagem”, emerge a compreensão de que o grupo envolvido nesse processo está imerso em um espaço de privilégio. Este ensaio teórico busca explorar os fundamentos que norteiam essa abordagem, destacando a importância da formação, da construção de concepções sobre a infância e do papel do educador como mediador.

O encantamento, segundo Barbosa e Horn, está presente nas relações que se estabelecem no ambiente educacional, nas interações entre crianças, entre crianças e educadores e nas experiências que são proporcionadas. Elas destacam a necessidade de os educadores cultivarem um olhar sensível para o universo infantil, percebendo as múltiplas formas de expressão e comunicação das crianças.

Barbosa e Horn, ressaltam que o encantamento na educação infantil não ocorre de maneira isolada, mas está intrinsecamente ligado à proposta pedagógica e ao ambiente educativo. Elas defendem uma abordagem que reconheça a criança como um ser ativo, capaz de construir significados e conhecimentos a partir de suas próprias experiências.

A responsabilidade do adulto transcende a mera transmissão de conhecimentos; ela estende-se ao delicado processo de introduzir a cultura na vida da criança, respeitando suas reflexões e promovendo práticas que viabilizem a exploração e a contemplação. Nesse sentido, o olhar para os “começos”, conforme proposto por Kohan, torna-se um guia para a ação pedagógica. Respeitando a concepção de criança mais atual de que se tem informação pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), que reforça o que as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNEI (Brasil, 2010) trouxeram, tem-se: “[...] uma visão da criança como protagonista em todos os contextos de que faz parte: ela não apenas interage, mas cria e modifica a cultura e a sociedade”. Pearce (1987) apresenta uma importante reflexão:

Inteligência é a capacidade de interagir, e esta capacidade pode desenvolver-se unicamente pela interação com novos fenômenos, isto é, indo do que nos é conhecido em direção ao que desconhecemos. Embora pareça óbvio, este movimento do conhecido ao desconhecido prova ser tanto a solução como o obstáculo ao desenvolvimento. A maior parte dos danos intelectuais origina-se da não-observação do equilíbrio deste movimento. Com nossas ansiedades, não permitimos a contínua interação da criança com os fenômenos deste mundo em larga escala (o

que significa, com seus cinco sentidos); e ao mesmo tempo colocamo-la forçosamente em contato com fenômenos não apropriados a seu estágio de desenvolvimento biológico. Isto é, ou cerceamos o movimento que a criança faz em direção ao desconhecido, bloqueando, assim, o seu desenvolvimento intelectual, ou a propulsionamos para experiências não adequadas (p. 29).

A construção de uma concepção de infância, baseada nos estudos e na perspectiva da própria criança, é um elemento crucial. O entendimento da infância como um período único, repleto de potencialidades e singularidades, orienta a prática docente para além de uma abordagem padronizada.

Pearce (1987, p. 35) assevera que “(...) significa que cada estágio de desenvolvimento é perfeito e completo em si mesmo. A criança de três anos não é uma de cinco anos incompletos, a criança não é um adulto incompleto. Nunca estamos simplesmente a caminho, já estamos sempre lá”, portanto, enquanto educadores, perceber o percurso do desenvolvimento infantil, trazendo propostas adequadas, é fundamental para que a aprendizagem da criança se desenvolva, oportunizando, assim, criações e construções de novos conceitos culturais.

A (re)construção e a (re)significação do papel do professor como mediador são aspectos essenciais nesse processo. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com seus eixos de interação e brincadeiras, juntamente com as diferentes linguagens, serve como referência. O professor, dessa forma, torna-se a ponte de acesso para uma educação infantil de qualidade, fundamentada no respeito, na aprendizagem infantil e na preparação pedagógica específica para essa etapa escolar.

Considerações finais

A experiência do estágio trouxe teóricos para embasar e comprovar o quanto a infância é potente e capaz, podendo/devendo ser mediada pela escola por meio de um planejamento educacional eficaz ao desenvolvimento da inteligência humana.

O currículo mínimo assumido pela BNCC (Brasil, 2016) traz o papel de base nacional para o ensino e para a educação infantil, e oferece a possibilidade de sair da pedagogia tradicional mediante campos de experiência com a garantia dos direitos de aprendizagens, fomentando a infância no seu protagonismo.

Em última análise, o que nos move é a compreensão de que a infância não é apenas um estágio a ser atravessado, mas um período de encantamento, descobertas e construção de bases sólidas para o futuro. A qualidade da educação infantil depende da capacidade do educador de ser, verdadeiramente, essa ponte de acesso, promovendo aprendizagens profundas e significativas na infância.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 2021.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll. **A infância no Ensino Fundamental de 9 anos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KOHAN, Walter O. **Infância entre educação e filosofia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

KOHAN, Walter O. (org.). **Lugares da infância:** filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **Infância:** entre educação e filosofia. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko; FREYBERGER, Adriana. **Brinquedos e brincadeiras de creches:** manual de orientação pedagógica. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2012.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras:** arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção docência em formação. Série educação infantil).

PEARCE, Chilton Joseph. **A criança mágica:** a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças. Tradução Cinthia Barki. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In:* SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e miúdos:** perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto, PT: Asa, 2004. p. 9-34.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS. ATÉ ONDE É POSSÍVEL?

Jocelaine Spatt dos Santos¹

Eulália Beschorner Marin²

Introdução

Sabendo da importância da prática pedagógica no final do curso de Pedagogia, esta escrita relata experiências vividas em sala de aula com as crianças além de criar uma perspectiva mais eficaz referente ao professor em sala de aula, pois permite que nos posicionemos quanto educadores. Sou graduada em Letras/Inglês, pós-Graduada em Gestão Escolar e Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Apaixonada pela minha profissão, no momento estou realizando um dos meus maiores sonhos, que é cursar Pedagogia, posto que trabalho com o curso Normal há dez anos. Tenho o apoio de minha família nesse processo pelo qual estou passando na busca por mais conhecimentos, e isso exige tempo e dedicação. Sou movida por desafios e apaixonada pela ampliação do conhecimento. Sou comunicativa e estou sempre em busca da superação dos meus limites. A reflexão a seguir, além de expor minhas aprendizagens, expõe meus desejos. A formação oferecida pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (ParFor/Pedagogia/Unijuí) é a responsável pelo meu entusiasmo.

Metodologia

A metodologia científica desta análise confunde-se com as possíveis metodologias pedagógicas de vivenciar com as crianças suas infâncias, suas

-
- 1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).
 - 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

alegrias e peraltices. Busco, enquanto pesquisadora, os melhores dados, e desperto/incentivo o interesse das crianças pela pesquisa. Dou voz às crianças enquanto escuto minha própria voz, sem ferir os documentos legais.

Resultados e discussões

Trato, aqui, dos hábitos alimentares saudáveis na infância para introduzir o tema numa turma de crianças de uma escola pública na perspectiva da Pedagogia de Projetos.

O crescente número de doenças, associadas a “maus hábitos alimentares” e ao “sedentarismo”, em uma faixa etária cada vez mais jovem, destaca a urgência de medidas preventivas para melhorar a qualidade de vida desde cedo. Os hábitos alimentares e os comportamentos saudáveis têm sua base na infância, tornando a escola um ambiente propício para promover atividades, projetos e ações que incentivem esses comportamentos, inclusive superando a aversão de muitas crianças por alguns alimentos, como verduras e frutas. É imperativo que os professores estejam capacitados para instituir ações educativas que estimulem hábitos alimentares saudáveis, considerando a faixa etária dos alunos, a cultura local e a situação financeira das famílias. Tais atividades devem não somente serem compreensíveis para os alunos, mas também permitir que eles compartilhem o conhecimento adquirido com seus pais, familiares e comunidade. Por meio de projetos pedagógicos criativos, interdisciplinares e participativos, em colaboração com as famílias, os professores podem promover uma compreensão aprofundada sobre alimentação e qualidade de vida, incentivando o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis tanto nos alunos quanto na comunidade em geral. Esta proposta de estudo ofereceu diferentes atividades voltadas à alimentação saudável entre crianças, com uma literatura infantil que abordou temas relacionados à nutrição e hábitos alimentares positivos, considerando a adequação para diferentes faixas etárias. Essas atividades possibilitam às crianças expressarem-se artisticamente enquanto aprendem sobre a importância de uma dieta equilibrada, as quais, geralmente, em casa, não têm acesso, e nas escolas é muito precária. As degustações de alimentos saudáveis proporcionaram a muitas crianças as primeiras experiências sensoriais de frutas, vegetais e outros alimentos nutritivos. Exploramos o espaço ao ar livre disponível, onde diversas atividades físicas e recreativas foram alegremente desenvolvidas, como corridas, jogos de bola e brincadeiras, promovendo a integração entre os conceitos de saúde,

atividade física e bem-estar, numa abordagem multidisciplinar. É sabido que na infância é quando tudo se principia. É fundamental, no entanto, que professores e gestores escutem suas próprias vozes e compreendam que tratar desta temática na escola é um direito das crianças e de suas famílias, e contribuam questionando os produtos das cestas básicas, a precariedade das políticas públicas de saúde e a alimentação, observando que embasar os currículos da educação infantil nos documentos legais não dá à escola o direito de entendê-lo como um bom currículo. Isso torna-o um bom pacote de presente, mas não era o presente esperado.

A troca de experiências entre família e escola enriquecem o ambiente educativo, possibilitando um olhar mais abrangente sobre o desenvolvimento da criança. Os pais podem contribuir com informações relevantes sobre o contexto familiar e cultural da criança, aprimorando as práticas pedagógicas e promovendo uma educação mais inclusiva e sensível às diversidades. Neste caso, entendo que professores, gestores e famílias aprendem umas com as outras.

Paulo Freire (1993, p. 57) escreve: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão. O amor é compromisso. E esse compromisso exige que (...) eu invente em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar”. Pensar Paulo Freire na Educação Infantil é compreender que a educação é permanente na vida; deve-se não apenas se preparar para viver, mas estar em uma constante leitura do mundo, cada vez mais crítica. A educação é, também, quando decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não as expulsar do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (Arendt, 2014, p. 247).

Considerações finais

Diante disso, é preciso, enquanto professoras, produzir uma excelente documentação pedagógica como ferramentas para refletir sobre as nossas práticas pedagógicas e comunicar as aprendizagens a toda a comunidade.

Durante o estágio tive a oportunidade de provar e observar vivências em uma turma de educação infantil, o que me fez refletir e perceber o

quanto as crianças são críticas, observadoras e, de certa forma, inovadoras. O ensino teve de ser completamente repensado bem como nossas práticas pedagógicas. Em meio a tantas mudanças e adaptações, foram a cada dia evoluindo mais em relação aos efeitos das tecnologias. Ante os fatos mencionados, conluo afirmando que existiram grandes desafios neste caminho, mas que foram imprescindíveis para que tornassem este estágio um momento de muitas aprendizagens.

Referências

- ALVES, Luciana *et al.* **O jogo como recurso de aprendizagem.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000200013. Acesso em: 23 maio 2024.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BRASIL. **Resolução nº 5**, de 17 de dezembro de 2009.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo:** relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993.
- YOKOTA, Renata Tiene de Carvalho *et al.* **Projeto “a escola promovendo hábitos alimentares saudáveis”:** comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13537/1/ARTIGO_ProjetoEscolaPromovendo.pdf. Acesso em: 23 maio 2024.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E APRENDIZADOS NO DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO COM AS INFÂNCIAS

Lisângela Brum Sartor¹
Eulália Beschorner Marin²

Introdução

O momento do estágio é fundamental para a formação acadêmica e profissional de todos os estudantes. Ele representa a transição entre a teoria aprendida em sala de aula e a prática profissional. Este relatório busca analisar o estágio de forma teorizada, abordando suas funções, impactos, desafios e a importância de uma reflexão crítica sobre essa experiência. A docência na educação infantil é uma etapa importante na formação de futuros educadores, oferecendo uma oportunidade prática para aplicar conhecimentos teóricos e desenvolver habilidades pedagógicas essenciais. Este relatório apresenta uma análise detalhada de um estágio realizado em uma instituição de educação infantil, destacando os desafios enfrentados, as estratégias pedagógicas empregadas e os aprendizados adquiridos ao longo do processo. A importância deste estágio está na capacidade de integrar teoria e prática, permitindo à estagiária observar e participar ativamente do desenvolvimento infantil em um ambiente real de sala de aula.

Metodologia

As observações ocorreram no mês de abril, sendo desenvolvidas em várias tardes, pois dependia da disponibilidade de horário da estagiária.

-
- 1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).
 - 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Para a realização deste estágio foram adotadas metodologias de observação participante e intervenção pedagógica direta. O estágio foi dividido em três fases principais:

– a *Observação Inicial*, que ocorreu durante as primeiras semanas, quando a estagiária realizou observações sistemáticas do ambiente escolar, das rotinas diárias e das interações entre crianças e educadores. As anotações de campo detalhadas foram mantidas para registrar comportamentos, dinâmicas de grupo e métodos de ensino utilizados. A segunda etapa compreende o *Planejamento das Atividades*, tendo como base as observações iniciais. A estagiária desenvolveu um plano de atividades pedagógicas alinhado com o currículo da instituição e por sugestão da professora referência. Estas atividades foram projetadas para promover habilidades cognitivas, sociais e emocionais. A última etapa foi a *Fase Final*, quando a estagiária desenvolveu as atividades planejadas, participando ativamente do processo educativo.

Resultados e discussões

Os resultados deste estágio indicam um progresso significativo na formação profissional. As atividades planejadas geraram alto nível de engajamento entre as crianças, promovendo interação social e colaboração.

Observou-se uma evolução nas habilidades cognitivas e motoras das crianças, especialmente em atividades de resolução de problemas e jogos educativos.

O estágio revelou desafios, como a gestão de comportamentos desafiadores e a necessidade de adaptação constante das atividades para manter o interesse das crianças. Estratégias, como reforço positivo e atividades diversificadas, mostraram-se eficazes na superação destes desafios.

O estágio é de extrema importância, pois é o momento em que estamos vivenciando como funciona uma sala de aula, assim como observando como o professor deve se portar diante de situações cotidianas, pois, às vezes, ele será a inspiração de muitas daquelas crianças. Nas palavras de Pimenta e Lima (2008):

Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco nos observando, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir de análises crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram (p. 35).

A prática docente pode ser uma imitação de práticas vivenciadas pelo estagiário, ou também pode ser muito particular a cada profissional a partir de comparações e vivências de acordo com o que foi aprendido. O processo de construção docente é constante. Pode perceber que cada dia há um novo aprendizado e que cada vez mais devemos estar dispostos a aprender a arte de ensinar.

Considerando o momento do estágio, pode-se afirmar que esse proporcionou o desenvolvimento de competências essenciais para a docência, incluindo a capacidade de planejamento, a flexibilidade na execução das atividades e habilidade para refletir criticamente sobre a prática pedagógica.

Considerações finais

O estágio de docência na Educação Infantil mostrou-se uma experiência enriquecedora e transformadora, contribuindo significativamente para o desenvolvimento das minhas competências profissionais e pessoais. As práticas pedagógicas aplicadas e os desafios enfrentados reforçaram a importância de uma formação continuada e de uma abordagem reflexiva na prática docente, também proporcionou a reflexão da forma de aprender e ensinar no ambiente de Educação Infantil. Segundo Freire (1996, p. 39), “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. O ato de ensinar as crianças não é somente um monte de atividades a serem desenvolvidas; são vivências que devemos proporcionar para as crianças; é ter paciência e mediar a construção do conhecimento.

O estágio realizado reafirma, então, a importância de uma Educação Infantil de qualidade, baseada no respeito, na afetividade e no desenvolvimento integral das crianças, e é essencial para a formação de um educador comprometido e competente.

Referências

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática

educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Marcia Ines Hartmann¹
Eulália Beschorner Marin²

Introdução

O estágio docente compõe uma das etapas obrigatórias no processo formativo do estudante em Licenciatura. É neste momento que o discente passa a pôr em prática os saberes e aprendizados obtidos na teoria durante a Graduação, além de oportunizar novas experiências e vivências no espaço escolar.

Neste processo de estudo realizei meu estágio na Educação Infantil com crianças de 4 anos, com 11 alunos matriculados, tendo um menino com espectro autista e um menino com nanismo. Apesar de a turma ser de poucos alunos, existe uma maneira muito delicada de trabalhar a sociabilidade e o cuidado com o outro. São crianças pequenas e que trazem alguns dengos e manias nas suas atitudes, o que leva o professor a agir com serenidade e acordos preestabelecidos para que se possa trabalhar o conjunto de ações necessárias ao andamento da aula. Em um período de 45 horas compartilhamos vivências e experiências múltiplas: o desafio de poder realizar o estágio e de organizar as horas e, assim, efetivá-lo na prática.

Ser professora até aqui não era novidade, pois já tenho uma carreira consolidada há mais de 18 anos; no entanto trabalhar com a Educação Infantil foi um desafio com alguns percalços no caminho que hoje estão superados e levo como um aprendizado a mais em minha jornada de educadora.

-
- 1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).
 - 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Metodologia

Como ponto de partida desta reflexão, encontra-se o grande valor que a teoria vigotskiana dá ao processo de interação e, em nosso caso específico, como educadores, às intervenções pedagógicas e ao ensino na construção do conhecimento.

A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa, primando pela subjetividade dos dados analisados. Destaca-se que este trabalho é resultado de análises e observações feitas a partir do estágio obrigatório do curso de 2ª Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Rita, na cidade de Santa Rosa (RS).

Para a realização deste estudo minha busca começou já no processo de escolha da escola em que realizaria o estágio, sempre pensando que, como professora da rede municipal e tendo uma Graduação a mais, estaria proporcionando qualificação ao meu trabalho e, conseqüentemente, a integração no espaço em que atuo. Nem tudo, porém, saiu como planejado!

Para a realização do estágio necessitava ausentar-se do trabalho e, em consequência, pagar as horas, mesmo estando em qualificação (estudo). Muitas horas de discussões e debates foram dispendidas e, assim, após muitas angústias e dores de cabeça, enfim o estágio aconteceu. Para pensar e aprender é preciso admitir e aceitar, em certos momentos, que se está perdido. vendo-se numa avalanche de dúvidas, hipóteses e ignorâncias. Pensar envolve construir hipóteses inadequadas e ter de refazer ou inventar outro percurso em busca da hipótese certa.

Como minha primeira Graduação é em Artes Visuais, busquei trabalhar o ato criativo no desenvolvimento das aulas. De acordo com Vigotski (2014), a passagem das funções psicológicas elementares para as superiores ocorre pela mediação proporcionada pela linguagem que intervêm no processo de desenvolvimento intelectual da criança desde o momento de seu nascimento. Desta forma, em conjunto com duas colegas, que também estavam fazendo a segunda Graduação, e com a professora referência da turma, elaboramos o cronograma das aulas, a temática e as atividades que seriam desenvolvidas em um processo de compartilhamento de estudo e, conseqüentemente, de aprendizagem na atuação coletiva.

Como bem salienta Vigotski (2014), a sala de aula é um laboratório no qual o processo discursivo do professor ocorre pelas negociações e conflitos que aparecem perante o novo, diante daquilo que não se conhece ou não se domina totalmente, e que é apresentado aos alunos de maneira problematizadora, cabendo a nós estarmos atentos aos mais diversos meios de incentivo e descobertas de ensino-aprendizagem. Como bem colocava Freire (2020, p. 25), “Alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura.”

No planejamento coletivo, o qual foi elaborado em conjunto durante as aulas da Pedagogia, inserimos a temática “Saúde na Educação Infantil”, portanto teve uma sequência didática, iniciando por uma estagiária e outras duas dando a continuidade, pois o estágio foi aplicado na mesma turma.

A justificativa da escolha da temática, além de promover a saúde, é que a Educação Infantil deve executar ações ricas e significativas que deem oportunidades às crianças de potencializar progressivamente o desenvolvimento de si e do próprio corpo, da cultura corporal e também das práticas saudáveis de vida.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), as escolas devem garantir, no que diz respeito à cultura corporal de saúde, experiências e vivências. Sendo assim, desenvolvemos um planejamento que favorecesse à criança desenvolver sua consciência corporal e identificar a importância de atitudes visando à saúde por meio de atividades físicas e cuidados com a higiene. Abordamos, ainda, o estímulo à empatia e ao cuidado com os outros, desenvolvendo a compreensão de que a saúde individual está conectada à saúde coletiva, integrando os conceitos de saúde de forma natural à rotina diária, vinculando-os a atividades comuns, como o momento de higiene, alimentação, recreação e descanso.

Sendo a Educação Infantil uma fase crucial para o desenvolvimento de habilidades fundamentais que acompanharão a criança por toda a vida, a exploração dos cinco sentidos – visão, audição, tato, paladar e olfato – emerge de forma a enriquecer a aprendizagem e fomentar um crescimento holístico. Os sentidos são as janelas através das quais as crianças entendem o mundo. Ao estimulá-los de maneira integrada, promovemos uma base sólida para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Este tema foi abordado nas aulas de estágio, elaboradas como sendo uma das sequências das atividades do estudo desenvolvidas com as crianças. Muitos assuntos foram abordados, pois as crianças elaboram questões bem peculiares

e transcendem as nossas expectativas. Fato curioso é a facilidade que as crianças têm de mudar de assunto ou simplesmente perder o interesse por determinada coisa, e assim transformar nosso planejamento em algo inesperado e, ao mesmo tempo, surpreendente. Como professora, no entanto, senti que as crianças precisam ter uma rotina para que, desta forma, se possa dar espaço para o diálogo e as práticas necessárias à convivência do ser social que ali está se moldando e construindo a partir das experiências no ambiente coletivo da escola.

Resultados e discussões

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. Dewey (2010) afirmava que as crianças não chegavam à escola como lousa limpa na qual os professores poderiam escrever as lições sobre a civilização. “Quando a criança chega à classe, já é intensamente ativa e a incumbência da educação consiste em assumir a atividade e orientá-la” (p. 15).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. A aprendizagem desenvolvida na escola é uma fonte importante de expansão conceitual. Afinal, a escola é um ambiente, ou pelo menos deveria ser, privilegiado para fornecer o suporte necessário a ricas e profundas interações com o conhecimento socialmente elaborado.

As crianças e jovens vão à escola para aprender cultura e internalizar os meios cognitivos de compreender e transformar o mundo. Para isso, é necessário pensar e estimular a capacidade de raciocínio e julgamento, melhorar a capacidade reflexiva e desenvolver as competências do pensar. A didática tem o compromisso com a busca da qualidade cognitiva das aprendizagens. Esta, por sua vez, está associada à aprendizagem do pensar. O que está em questão é como o ensino pode impulsionar o desenvolvimento das competências cognitivas mediante a formação de conceitos e desenvolvimento do pensamento teórico, e por quais meios os alunos podem melhorar e potencializar sua aprendizagem. Em outras

palavras, trata-se de saber o que e como fazer para estimular as capacidades investigadoras dos alunos.

Considerações finais

Refletir sobre a importância do papel do professor em sala de aula leva-nos à trocas significativas no processo ensino-aprendizagem. Cabe lembrar que, diante das reflexões analisadas no processo de estágio, temos a ação educativa, e, por pressuposto de nosso trabalho, a meta maior de inseridos no contexto em que vivemos. Para isso, devemos criar condições para que os alunos se tornem cidadãos que pensem e atuem por si mesmos.

A construção do conhecimento não se dará por imposições, mas por indicações e convivência em um ambiente de trocas e construção coletiva, onde um aprenderá com o outro e, desta forma, novos saberes vão se agregando. Como Vigotski (2014, p. 117) sugere, “A aprendizagem escolar orienta e estimula processos internos de desenvolvimento.” Cabe ao professor converter sua aula em socialmente construtiva, oportunizando a manipulação de materiais, livros, brinquedos, elementos da natureza, enfim, transformando o conhecimento espontâneo em conhecimento científico, mundo encoberto em mundo revelado.

Leontiev (2017, p. 119) destaca que para uma aprendizagem mais significativa a criança precisa manipular e vivenciar situações reais, e estas a levarão para a ação do processo educativo: “Nada mais é que a atividade comumente chamada ‘brincadeira’”. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) dá um salto histórico ao reconhecer a Educação Infantil como essencial ao estabelecer os direitos de aprendizagem para bebês e crianças de 0 a 5 anos. As brincadeiras, como sendo essenciais, devem estar presentes intensamente na rotina da criança. Trata-se de iniciativas infantis que o adulto deve acolher e enriquecer, porém devem ser planejadas e variadas.

Concluimos, portanto, que tudo o mais que proporcione o reconhecimento e o encantamento com a vida pessoal e a vida social nos grupos escolares tornará a aprendizagem dos alunos mais prazerosa e significativa. Em se tratando da educação escolar, é necessário esclarecer que as atividades de ensino e de estudo diferenciam-se de outras atividades pelos seus objetivos e resultados. Para Leontiev (2017), pela mediação da linguagem o ser social pode atribuir significados e sentidos aos objetos e também às relações cotidianas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEB, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 74. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores/MEC).

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MOVIMENTO CORPORAL NAS INFÂNCIAS

Marta Goelzer¹

Eulália Beschorner Marin²

Introdução

O estágio é o momento em que os estudantes têm a oportunidade de observar e aprender na prática todas as aprendizagens adquiridas ao longo do curso. Dessa maneira, ele é importantíssimo para a formação do profissional, principalmente para a pedagogia, pois por intermédio dele o educando será um professor investigador, reflexivo, pesquisador, capaz de produzir conhecimentos, transformar e adaptar a sua prática pedagógica bem como aprender a lidar com situações diversas da realidade escolar, que não são apresentadas nos livros, mas, sim, adquiridas por meio das experiências. Como ensina-nos Paulo Freire (1992): “É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar” (p. 79).

O estágio supervisionado proporciona a aproximação e o contato com o campo no qual os estudantes poderão fazer parte ao se formarem. Durante essa disciplina os discentes podem conhecer práticas metodológicas, desfazendo a dicotomia entre teoria e prática, proporcionando o crescimento pessoal e profissional, posto que essa etapa é de grande importância para que os acadêmicos reconheçam quais são suas áreas de maior afinidade.

O presente relatório tem como objetivo documentar a trajetória acadêmica até a prática da docência compartilhada.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Metodologia

A escola na qual a prática do estágio supervisionado foi realizada é a única instituição de educação infantil do município, e atende, hoje, 195 crianças de 0 a 6 anos de idade.

Iniciei as visitas à escola no mês de abril, conversando com a equipe diretiva e pedagógica, bem como a leitura dos seus documentos pedagógicos. Conversei com a professora referência e realizei as observações da turma e a rotina vivenciada pelas crianças no final do mês. No mês de maio comecei o estágio de docência compartilhada com a turma do pré-escola nível B, turma de 21 crianças, sendo uma delas autista com uma cuidadora. Considero neste documento, também, os aspectos presentes nos currículos escolares como uma das maneiras de contribuir na aprendizagem da criança.

As vivências foram propostas conforme o cronograma do planejamento do mês de abril, realizadas em conjunto com a professora referência. As motivações que levaram à escolha do tema são, por um lado, de carácter pessoal, por fazerem parte da minha formação, e, por outro, decorrem da pertinência do tema no âmbito de estudos focados na Educação de Infância.

Resultados e discussões

O estágio supervisionado é, sem dúvidas, uma das atividades mais importantes de nossa formação, quando estamos saindo das teorias para vivenciar, na prática com as crianças, o que aprendemos e discutimos em sala de aula, sendo de grande relevância para o tipo de profissionais que iremos nos tornar.

Com friozinho na barriga iniciei o estágio no período de 6 de maio de 2024 a 25 de maio de 2024. Mesmo estando diariamente com as crianças em sala, ter feito três estágios na minha primeira formação, não pude deixar a ansiedade de lado. A escola, atualmente, tem 195 crianças de berçário à pré-escola e funciona no turno integral, tendo, no total, 55 funcionários, entre direção, supervisão, professores, auxiliares de ensino, merendeiras e serventes. A estrutura da escola é do projeto Pró-Infância, e ressalta-se que esta é ampla, com saguão, parquinho e caixa de areia.

O estágio desenvolveu-se em dois momentos distintos. O primeiro na forma de observação de todo o contexto escolar, a estrutura física, os

sujeitos envolvidos, as metodologias adotadas em sala de aula, as ações pedagógicas no ambiente escolar, entre outros elementos necessários para o desenvolvimento do segundo momento: a regência compartilhada em sala de aula, planejada com base em todos os aspectos observados e fundamentados na vivência e nos aspectos demonstrado pelas crianças. Nesta perspectiva, Pimenta (2004) assevera que

No estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional.

Neste sentido, o estágio consolida-se como uma oportunidade de vivenciar tudo aquilo que aprendemos em sala de aula, de refletir sobre quais práticas vamos escolher futuramente e quais as formas de agir dentro de uma sala com as crianças na Educação Infantil. É tempo de conhecer, analisar e experimentar as práticas tão sonhadas teoricamente.

Nas observações pude perceber como as crianças são participativas nas propostas, sempre com olhar curioso. Apesar de a turma ser volumosa, a professora referência consegue conduzir as atividades de forma tranquila.

Mediante diálogos com a professora referência e observações na turma, percebi que os trabalhos eram apresentados quase sempre em forma de folhas, atividades de escrita, pintura e recorte. Tudo muito restrito à rotina. Todos os dias, no primeiro momento, massa de modelar, após, rodas de canto sentados ou roda do alfabeto (cada criança tira uma letra e fala uma palavra referente à letra). Atividades fora da sala somente nos momentos do horário do saguão, sendo muito restrito a mudanças.

Realizei o planejamento pautado nos planos de ação, Proposta Pedagógica, Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), diálogos com os pais, relatos da professora referência e direção da escola, fundamentados nas vivências das crianças e, principalmente, utilizando os Campos de Experiência da Educação Infantil para promover aprendizagens significativas em diversas áreas do conhecimento de forma integrada, pois é importante que as crianças tenham acesso a atividades lúdicas e estímulos que favoreçam seu crescimento integral.

É fundamental estar aberto a novas abordagens, compreender as necessidades individuais de cada criança e buscar constantemente maneiras de promover um ambiente educativo e acolhedor. Lidar com esses desafios requer muita dedicação e habilidade por parte dos educadores, sendo

importante buscar continuamente maneiras de promover um ambiente educativo e acolhedor para as crianças, levando em consideração suas necessidades individuais.

Neste contexto, meu estágio foi embasado na linguagem corporal e na possibilidade de novas vivências, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, expressando suas emoções, ideias e necessidades de maneira autêntica e significativa, envolvendo o uso do corpo, gestos, movimentos e expressões faciais para se comunicar, ajudando a criança a expressar-se e se conectar com os outros de maneira mais efetiva. Usar o corpo para aprender estimula o desenvolvimento cognitivo e melhora a compreensão de conceitos. Associando informações a gestos e movimentos as crianças as recordam com mais facilidade.

Todas as vivências propostas foram elaboradas para expandir o repertório de linguagens e experimentar formas de expressão lúdicas e corporais, aprimorando a criatividade, estimulando a imaginação e o fortalecimento da autoestima e das habilidades socioemocionais, e, ainda, a curiosidade e a exploração do mundo, desenvolvendo as competências essenciais para a aprendizagem.

A turma, apesar de numerosa, participou ativamente das atividades propostas, estando envolvidos em cada momento. Percebi o envolvimento a partir do momento em que enviei o bilhete me apresentando para as famílias e solicitando a confecção dos bonecos de lata, os quais as famílias se empenharam para a sua confecção. Havia brilho no olhar das crianças em cada atividade, com a expectativa de trazer o boneco para a escola e mostrar para os colegas.

Nesta perspectiva de aprendizagem apresentada e desenvolvida no estágio, posso afirmar que se expressar e comunicar-se é de extrema importância. No período que antecede a linguagem a criança utiliza os meios perceptivos e motores para encontrar o contato com os objetos e as outras pessoas. Desta forma, como afirmam Piaget e Inhelder (1998), nessa ausência de linguagem e função simbólica as construções realizam-se baseadas em percepções e movimentos, utilizando a coordenação sensório-motora das ações, sem a intervenção da representação ou do pensamento. A utilização da linguagem é uma fonte de progresso no campo da percepção e da ação, e o movimento corporal da criança é algo que precisa ser valorizado no ambiente escolar, pois é no reconhecimento do seu próprio corpo que se inicia a construção da sua personalidade, e, além disso, o envolvimento motor permite que as crianças aprendam fazendo, e esta pode ser a forma

mais significativa da aprendizagem. Percebemos, por meio deste estudo, que a educação motora da criança, quando bem explorada, permite o seu desenvolvimento, principalmente no lado afetivo e cognitivo. A criança utiliza o movimento a todo o momento. Observamos que em muitas situações ela usa os gestos para expressar o seu pensamento. Não podemos deixar de perceber que a criança tem necessidade de correr, pular, saltar. Naturalmente ela brinca, gesticula, canta, dança ou faz uma mistura dessas atividades: dança cantando, gesticula correndo, e, com isso, ela exerce a sua afetividade e a sua inteligência. Com base na literatura consultada é possível afirmar que devemos utilizar essa expressão livre corporal na educação infantil para auxiliar a aprendizagem das crianças. Freire (1997) afirma que toda pré-escola tem por objetivo preparar bases fundamentais para que a criança tenha acesso à leitura, à escrita e ao cálculo, e que é necessário trabalhar com as noções de tempo e espaço e as características físicas dos objetos, mas ele não vê o porquê essas noções não podem ser desenvolvidas num corpo que corre, que pula, que brinca.

Considerações finais

A prática do estágio trouxe significativas contribuições para nosso saber. Foi uma possibilidade de amadurecimento tanto pessoal quanto profissional. Num primeiro momento aconteceram as observações que nos propiciaram uma visão das dinâmicas presentes na escola. Em seguida, as atividades desenvolvidas com as crianças foram momentos de grande significação, de construção e reconstrução de conhecimento, uma vez ensinamos, mas também aprendemos.

Reafirma-se que o ambiente escolar da educação infantil deverá ser estruturado de forma a permitir o desenvolvimento infantil. Deve levar-se em conta não apenas aspectos de distribuição de materiais, objetos ou mobiliários que ficarão à disposição das crianças, mas, principalmente, incluir uma reflexão sobre a forma, a organização do tempo e os momentos mais adequados de como realizar as atividades. É desse meio que a criança retira os recursos que possibilitam a sua ação. A partir dele ela relaciona-se com as outras pessoas, com os objetos e com o conhecimento, que estão inseridos no contexto de cada cultura específica. Vale ressaltar, também, que o movimento corporal está diretamente relacionado com a cultura da qual a criança faz parte. Ele serve como um meio de transmissão e apropriação dessa cultura. Nos movimentos verificamos diferentes necessidades, interesses e possibilidades corporais que trazem traços

culturais de diversas épocas da história humana. O movimento corporal tem uma grande importância no desenvolvimento infantil, pois, junto com as práticas culturais predominantes e as possibilidades de exploração oferecidas pelo ambiente em que a criança vive, possibilita que ela desenvolva capacidades e construa o seu próprio repertório de vida. Por tudo o que vimos até agora, o movimento corporal deve, sim, ser usado em sala de aula como um instrumento que irá auxiliar na aprendizagem da criança. Por meio do movimento o professor da Educação Infantil poderá desenvolver várias atividades que podem não somente tornar as suas aulas mais estimulantes na hora da transmissão do conteúdo, mas possibilitar a liberdade de expressão da criança. O estudo desse tema confirmou a importância que o uso do movimento corporal na sala de aula infantil tem no desenvolvimento da criança; dessa forma, o corpo serve para facilitar e motivar a sua aprendizagem. Ele servirá como um instrumento que facilitará o trabalho do professor, além de favorecer a aprendizagem mediante a ação, ou seja, a criança aprende fazendo. Para finalizar este estudo concluímos que o movimento corporal, ao ser utilizado no ambiente escolar da forma correta, é mais um dos meios que possibilita o que nós educadores tentamos alcançar: o desenvolvimento pleno do ser humano; isso só é possível quando formamos a criança em todos os seus aspectos: físico, emocional, cognitivo e motor.

Referências

BRASIL. [Constituição]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: . Acesso em: 18 nov. 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998

FONTANA, Cleide Madalena. **A importância da psicomotricidade na educação infantil**. 2012. Monografia (Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

FONSECA, Vitor da. Psicomotricidade: uma visão pessoal. **Constr. Psicopedag.**, São Paulo, v. 18, n. 17, dez. 2010.

FREIRE, João B. **Educação do corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1997.

- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREITAS, N. K. Esquema corporal, imagem visual e representação do próprio corpo: questões teórico conceituais. **Ciências e Cognição**, v. 13, n. 3, p. 318-324. 2008.
- MAY, Tim. **Pesquisa social**. Questões, métodos e processos. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3. ed. Porto Alegre; Artmed. 2001.
- OLIVEIRA, Gislene Campos. **Psicomotricidade**: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **A psicologia da criança**. Trad. Octavio Mendes Cajado. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ROSA NETO, F. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANT'ANNA, Claudia Martins Monteiro. **A psicomotricidade na percussão corporal**. Monografia (Especialização em Psicomotricidade) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2012.
- SCHILDER, P. A. **Imagem do corpo**. As energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1980. 316 p.
- VIGOSTKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.
- WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Rio de Janeiro: Editora Andes, 1973. 298 p.

PRÁTICA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VIVÊNCIAS COMO DISCENTE DO CURSO DE PEDAGOGIA

Maurícia Aparecida da Silva Costa Pott¹
Eulália Beschorner Marin²

Introdução

A Educação Infantil é uma das fases fundamentais da educação que se concentra no desenvolvimento e aprendizado das crianças na faixa de 0 a 5 anos. Para tanto, desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico das crianças, preparando-as para os próximos estágios da educação formal. A prática de estágio é uma experiência valiosa que nos prepara para a docência, bem como é uma oportunidade de aplicar o conhecimento aprendido e familiarizar-se com a visão, a missão e as práticas pedagógicas no ambiente educacional. O presente artigo consiste em relatar as experiências vividas durante as atividades propostas pela disciplina de Estágio na Educação Infantil e analisá-las.

Metodologia

Quanto à classificação e procedimentos metodológicos desta pesquisa, as técnicas utilizadas basearam-se nos objetivos aplicados. Foi, portanto, de abordagem qualitativa, pois se concentra na compreensão profunda do fenômeno estudado, observação participante e análise de conteúdo. Ainda, pesquisa-ação, pois envolve uma parceria entre teoria e prática bem como a colaboração entre pesquisador e profissionais da educação em busca de resolver problemas objetivos e melhorar a prática pedagógica.

-
- 1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).
 - 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Resultados e discussão

A infância é uma das etapas mais importantes do desenvolvimento humano, pois é nela que tudo começa. Experiências e vivências ocorridas nesta etapa do desenvolvimento podem, inclusive, influenciar de ambas formas – definitiva ou dramática – na formação de cada indivíduo. Estar, portanto, no ambiente da Educação Infantil, requer preparação, e é isto que o estágio nos proporciona, contribuindo para o conhecimento acadêmico, possibilitando a reflexão, a ação e a busca por intervenção. Neste sentido, foi possível compreender a dinâmica exercida em uma escola pública municipal que atende além da Educação infantil o Ensino Fundamental, e perceber como contribuir para o desenvolvimento integral das crianças. É na fase da Educação Infantil que são lançadas as bases para a saúde mental, as capacidades cognitivas e a construção de relações interpessoais que afetam o comportamento futuro desta criança enquanto sujeito perante a sociedade. Para tanto, em cada sociedade, em cada cultura, os acontecimentos, as pessoas e as coisas podem ser percebidas de modos diversos. Isso acaba influenciando a Infância e o modo de a criança perceber o mundo. Nota-se o quanto a utilização do contexto lúdico favorece a aprendizagem, instigando a criança e permitindo sua participação demonstrada por meio do protagonismo com as demais. O brincar também é um direito da criança, mas a brincadeira não significa somente diversão. Nesse processo a criança desenvolve o raciocínio, a memória, a concentração e, até mesmo, parte de sua personalidade. Na brincadeira a criança desenvolve a capacidade de resolver problemas de relacionamento, sabendo distinguir situações e expressando seus sentimentos em determinados casos, e, principalmente, está desenvolvendo sua capacidade motora e corporal. As vivências na escola desta pesquisa demonstraram que é possível trabalhar para o crescimento pessoal e interpessoal da criança, utilizando o contexto do seu cotidiano bem como materiais acessíveis e conhecidos na realização das atividades. O uso de elementos da natureza é uma grande estratégia e demonstra a gama de possibilidades que se pode criar e utilizar para trabalhos com as crianças, permitindo a ampliação de seus conhecimentos acerca do tema primordial “natureza” e com atividades voltadas para a área de arte. Os estudos acerca das categorias aqui analisadas buscam contribuir para o debate acadêmico científico, proporcionando melhores condições de aprendizagem para o estudante e colaborando para melhorias na Educação Básica.

Considerações finais

Essa etapa da Graduação em Pedagogia – o estágio – proporciona o crescimento pessoal, humano e profissional do discente. O estágio na Educação Infantil permite que nos aproximamos das crianças, nos sensibiliza e nos mobiliza a renovar esperanças, bem como a buscar melhores estratégias para possibilitar a aprendizagem, cumprindo os objetivos de atuação propostos. Com ele foi possível aprender a se relacionar com o ambiente escolar, com as crianças e desenvolver metodologias capazes de agregar significado e aprendizado tanto do estagiário quanto dos alunos. Esse contato com a Educação Infantil trouxe diversos aprendizados e mostrou-nos a importância de ouvir a criança, entender suas aflições e angústias, bem como verificar como o acolhimento e a mediação podem auxiliar neste processo de melhora. A teoria e prática andam juntas, e, por meio delas, há um caminho possível para transformar o futuro de uma sociedade.

Referências

ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho. **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019.

CANCIAN, Viviane Ache; GOELZER, Juliana; BELING, Vivian Jamile. **Práticas formativas e pedagógicas na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo** – UFSM: narrativas docentes. 1. ed. reimpr. Santa Maria: Colégio Técnico Industrial de Santa Maria: Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo – UFSM, 2019.

CANCIAN, Viviane Ache; GALLINA, Simone Freitas da Silva; WESCHENFELDER, Noeli. **Pedagogia das crianças, crianças e docências na Educação Infantil**. Santa Maria: UFSM: Centro de Educação: Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo; Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2016.

FRIEDMANN, Adriana. **Paisagens infantis: uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças**. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo, 2011.

GOMES, Marta Quintanilha; FOCHI, Paulo Sergio. **Infância e educação infantil**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

MELLO, Débora Teixeira de; CORREA, Aruna Noal; CANCIAN, Viviane Ache. **Docências na educação infantil**: currículo, espaços e tempo. Santa Maria: UFSM: Centro de Educação: Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo; Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2016.

OLIVEIRA, Marta Khol. **Lev Vygotsky em vídeo**. (Coleção de grandes pensadores). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T1sDZNSTuyE>. Acesso em: 17 jun. 201

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A NATUREZA DAS SENSACIONES E AS SENSACIONES NA NATUREZA

Tatiana Ribas Buzetto¹
Eulália Beschorner Marin²

Introdução

Este trabalho tem o intuito de analisar o estágio supervisionado realizado com uma turma de Maternal 2 em uma escola pública municipal no município de Ijuí (RS), fazendo uma relação do que foi vivido intensamente em um curto período de tempo na prática e um longo período na observação e no referencial teórico.

As vivências propostas às crianças passaram por um longo período de estudo, observação e planejamento, pensadas minuciosamente em cada detalhe, a fim de potencializar tudo o que já tinha sido experienciado e pesquisado com a professora referência durante o ano.

Buscar a natureza como foco principal deste trabalho foi, de certa forma, um resgate de memórias afetivas que temos da nossa infância. Hoje observamos um distanciamento da criança com a natureza, muitas vezes por infinitos motivos, pois a sociedade tem se modificado e as crianças e as infâncias também. Nós, educadores, necessitamos cada vez mais fazer esse resgate e criar memórias afetivas destas novas infâncias.

Metodologia

A metodologia e as estratégias de ensino foram pensadas de maneira a respeitar a rotina da turma e, a partir das vivências, organizar o diário de bordo e os registros fotográficos para refletir, posteriormente, sobre a

-
- 1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).
 - 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

proposta e o desenvolvimento individual de cada criança, a fim de sempre estar revendo e proporcionando momentos significativos para as crianças do Maternal 2.

Resultados e discussão

Durante um período grande refletindo sobre as vivências significativas na educação infantil, e, para além dos discursos teóricos, compreendi que quando parte das crianças a curiosidade e a vontade de descobrir o projeto de pesquisa fica ainda melhor, pois, apesar de sabermos o que precisamos ensinar, a curiosidade é uma peça fundamental para motivar e instigar os pequeninos nesse percurso pedagógico.

O planejamento foi uma peça-chave após as observações e a escolha do tema. O pensar e o pesquisar docentes são exercícios grandiosos para a prática pedagógica e para estarmos preparadas para o que nos espera no chão da escola metodologicamente falando.

O tema escolhido foi a natureza, mas eu gostaria que fosse algo sensível em relação ao tema; então pensamos nas Sensações na Natureza: vivenciar corporalmente, sentir o cheiro, tocar, ouvir, pesquisar, descobrir, observar, questionar, criar, imaginar...; uma gama de conhecimentos vividos em grupo e também individualmente, trabalhando todos os possíveis campos de experiências que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos traz para a Educação Infantil.

Pensar na criança e na natureza, cada vez mais distantes, de certa forma causa um apavoramento. Antigamente as crianças brincavam livremente pelas ruas. O grau de perigo e criminalidade era muito menor, e as crianças podiam ficar até mais tarde na rua criando, brincando e imaginando, com os amigos, vizinhos, primos... Hoje em dia está cada vez mais diferente de antigamente. As famílias possuem menos filhos e as crianças são mais sozinhas e vivem em um mundo adulto, com uma rotina de adulto, cheia de afazeres e com muitas “telas” disponíveis para entretenimento, deixando a infância um tanto quanto transformado do que há alguns anos.

Após passarmos por um período pandêmico, a sociedade mudou e, com isso, as infâncias também mudaram, deixando uma pluralidade de questões a refletir quando falamos nas crianças que cresceram isoladas, com dificuldades de saúde e financeira, neste ambiente caótico, onde as máscaras eram uma normalidade e o sorriso das pessoas assustam os bebês.

É nesse cenário que refleti sobre o fazer pedagógico na escola da infância. O que seria significativo resgatar e vivenciar com os pequenos para que eles também pudessem estar familiarizados e instigados a procurar a natureza, a cuidar da natureza e a buscar a natureza em todas as suas representações? Para isso, foi necessário apresentar esse tema de forma sensível e significativa.

Foram cinco encontros; uma semana intensa em todos os sentidos, com trocas tão importantes que nem mesmo o papel é suficiente para expressar a tamanha grandiosidade da felicidade da escolha do tema em questão. O primeiro encontro foi para aguçar a pesquisa e a curiosidade das crianças, com lupas e um passeio pela escola, quando puderam observar mais atentamente o que era a natureza. As questões, então, começaram a surgir, indo direto para o papel, um cartaz que construímos juntos, escrevendo o que sabíamos, o que aprendemos. Esse cartaz acompanhou-nos por todos os dias durante nossos encontros.

O segundo encontro foi pensado exatamente no que o nome do projeto nos traz: sensações. Em uma cabana recheada de imaginação vivenciamos, de forma intensa, uma manhã de sensações, de conversa, de imaginação e brincadeiras. Deste dia carrego comigo a palavra “diferente”. Para os pequenos, sempre o que é diferente causa uma atenção especial, e faz com que o tempo de concentração e escuta seja maior; foi exatamente isso que aconteceu, trazendo um envolvimento da turma muito maior e por muito mais tempo do que estavam acostumados a ficar.

O terceiro encontro foi para discutir as cores que a natureza tem, possibilitando um debate e uma reflexão sobre o assunto. Após, foi pintada uma folha A3 com pincéis feitos de elementos da natureza e as mais variadas cores, fazendo misturas e criando uma obra de arte a partir de cores com tinta guache. As tintas sempre são algo que as crianças gostam muito, e com elas também conseguimos trabalhar o toque e as sensações da textura na mão e no corpo, pois a tinta, inevitavelmente, é um convite para explorar as texturas e misturas.

O quarto encontro foi para expressar a criatividade na construção de um móbile. Com a ajuda das famílias as crianças trouxeram elementos da natureza para a escola de maneira individual. Cada um, então, pode escolher suas folhas, flores, cascas e pequenos galhos para colar em uma folha, e após, com uma moldura ao redor, essa criação recebeu um destaque para ser pendurada na sala e na escola, demonstrando sensibilidade, criatividade

e trabalhando a motricidade fina e a concentração, pois necessitava, naquele momento, uma concentração individual de cada criança.

O quinto encontro foi para discutir a fauna e a flora, aprender, compreender, saber identificar, e após a pesquisa e a discussão, cada criança ganhou argila e os elementos da natureza para representar a fauna e a flora da escola, fazendo o fechamento das nossas vivências de estágio.

Mesmo com o término do estágio, senti a necessidade de continuar as pesquisas sobre a natureza. As crianças gostaram, aprenderam, interagiram, questionaram, brincaram muito na temática, e ela não deveria terminar por aí, o que realmente não aconteceu, pois a professora regente da turma iria continuar as pesquisas.

Nesse ponto é fundamental falar sobre as parcerias na sala de aula para que o fazer docente aconteça de maneira leve e agradável. Professora e auxiliar precisam ter uma boa linguagem e companheirismo, conversando, pensando juntas, imaginando e discutindo sobre as crianças, que são a prioridade na escola da infância.

Considerações finais

A conclusão deste trabalho faz-me refletir sobre o fazer pedagógico dentro de uma escola de infância, do quanto é necessário o professor realmente querer estar lá, de querer proporcionar vivências significativas para aqueles pequeninos, que estão descobrindo o mundo a partir de nós e do que proporcionamos a eles. Muitas vezes é ali que eles recebem atenção e carinho; por isso, pensar a docência na educação infantil é tão grandioso; é um trabalho constante, de muito planejamento e parceria.

O dia a dia na escola da infância pode ser sim muito leve e agradável para todos, mas para isso acontecer é necessário uma boa cumplicidade em sala de aula, um bom planejamento e estar inteiro para as crianças, para viver a infância, para brincar, para sentir e explorar as possibilidades de apresentar o mundo de maneira lúdica e divertida para eles.

Nesse sentido,

Nota-se que é preciso desenvolver uma observação e uma escuta sensíveis para potencializar uma pedagogia do cotidiano na educação infantil, pois “os processos de aprendizagens das crianças são racionais, sensoriais, práticos, emocionais e sociais ao mesmo tempo, isto é, envolvem todas as dimensões da vida – a emoção, a cognição e a

corporeidade” (Barbosa; Horn, 2008, p. 26 *apud* Carvalho; Fochi, 2017, p. 13-14).

Acreditar na escuta e no olhar sensível do educador, portanto, é parte de um cotidiano repleto de aprendizagens que observa a criança e seu potencial, transformando a escola da infância em verdadeiros laboratórios de aprendizagem que potencializam as “pequenas/grandes coisas” e veem as oportunidades a partir da escuta e da observação, acolhendo cada bebê, criança bem pequena e criança pequena.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, R. S.; FOCHI, P. S. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 23-42, set./dez. 2017.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ESTÁGIO COMO UMA EXPERIÊNCIA NECESSÁRIA

Solange Letícia de Vargas Dutra¹

Eulália Beschorner Marin²

Introdução

O Estágio tem grande importância na formação inicial docente. É o que permite o contato direto com a realidade de uma sala de aula, com as crianças e com a vivência da Escola e da Educação.

Pode-se afirmar que o estágio é essencial, pois é por meio dele que concretizamos os conhecimentos teóricos obtidos durante o curso e percebemos as necessidades de aprendizado e conhecimento de cada criança.

Vivenciar o estágio vai muito além de somente ensinar ou transmitir conhecimento. É buscar descobrir e aprender com as crianças.

Trabalhar no estágio com a professora referência foi muito importante, pois houve troca de experiências, planejamento e muitas descobertas.

Atuar com alunos maiores requer planejamento e organização de muitas atividades que os alunos conseguem resolver com maior rapidez. Nesse sentido, a orientação da professora referência foi extremamente importante para mim, pois com os alunos de educação infantil é um trabalho mais concreto, com vivências e experiências para que o aprendizado seja fixado por eles. O planejamento em parceria foi fundamental, uma vez que a professora referência já conhecia a turma, e suas sugestões foram indispensáveis.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Mediante estudos teóricos e do estágio, pude entender que a infância foi e é algo a ser construído a cada dia com as crianças, pois cada uma é um ser único, com características e pensamentos únicos que vêm se construindo desde o momento de seu nascimento.

Podemos destacar que na escola esse desenvolvimento vem principalmente por meio do “brincar”, que proporciona momentos de aprendizado para nossas crianças. Enquanto elas brincam, elas imaginam, contextualizam, vivenciam, experienciam, socializam, descobrem, expressam-se e aprendem.

Nesse sentido, é muito importante a participação da família nos momentos de desenvolvimento da infância.

Metodologia

Este trabalho foi projetado e desenvolvido na perspectiva da pesquisa-ação, que é um tipo de pesquisa social que envolve a colaboração ativa entre os participantes

O planejamento é elaborado em colaboração para desenvolver um plano de ação, incluindo a definição de objetivos, estratégias de aplicação e métodos de coleta de dados.

Os dados foram coletados pela observação participante, análise de documentos, diálogos e registros das vivências planejadas, nesse caso resultando numa maior compreensão sobre a docência na educação infantil.

Resultados e discussões

Uma **escola** onde pais e professores auxiliem na educação das crianças, de forma que se torne paralelo o papel de ambos; promoveria um respeito mútuo, assim garantindo um vínculo onde estes podem se comunicar sem receios.

A **família** tem a função de complementar a formação do indivíduo, pois são os responsáveis diretos. A função de educar, de fornecer a educação formal, no entanto, é da **escola**, ou seja, ambas são corresponsáveis pela formação cognitiva, afetiva, social e da personalidade das crianças e adolescentes.

Segundo relato da professora referência, as famílias da Turma do Pré A, na qual realizei o estágio, são bem participativas na escola e procuram estar presentes sempre que possível.

Ensinar não é uma tarefa fácil, portanto é preciso estar preparado e sempre buscando novas estratégias para o aprendizado acontecer. Na Educação Infantil precisamos trabalhar com a ludicidade, pois facilita a **aprendizagem** da criança, de modo que ela aprende de forma menos rígida e com prazer. Assim, o educando desenvolve interesse pela atividade, facilitando o conhecimento, podendo dar significado para ele.

De forma lúdica também podemos estimular a leitura e a escrita na Educação Infantil, por exemplo, com a contação de histórias, a repetição de rimas, o teatro com fantoches ou bonecos, os quebra-cabeças, entre outros.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), devemos incentivar e iniciar o trabalho com a leitura desde muito cedo para que essa leitura faça parte do cotidiano escolar das crianças.

Pela leitura a criança desenvolve as habilidades de comunicação e amplia seu vocabulário, incentivando seu pensamento lógico. Quando a criança ouve histórias ela desenvolve a capacidade de concentração e disciplina, aprendendo a lidar com as emoções narradas nas histórias.

Podemos concluir que é na Educação Infantil que a criança começa a se preparar para enfrentar as vivências do dia a dia, resolvendo situações e compreendendo os princípios éticos que trazem as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, como autonomia, responsabilidade e respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

A prática do estágio fez-me vivenciar momentos maravilhosos com as crianças. Nessa faixa etária elas são mais amorosas e aproximam-se mais da professora. Elas vivem os momentos e atividades propostos com mais intensidade e dedicação. O conhecimento de coisas novas é deslumbrante para elas. Há, certamente, um encantamento em seus olhares.

O brincar, a alegria, a busca e o conhecimento não acontecem somente para elas, mas para todos que se envolvem nas atividades propostas. Há, assim, uma troca de experiências.

Considerações finais

Na prática do estágio, construímos o conhecimento juntos, descobrimos coisas novas e despertamos o interesse no cuidado com o meio ambiente.

A experiência com o estágio trouxe-me uma preparação maior para eu poder trabalhar com crianças menores. Mostrou-me que somos capazes de enfrentar desafios e conseguir, de uma forma ou outra, aprender e transmitir conhecimentos ao mesmo tempo. Foi uma experiência maravilhosa.

Referências

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BRASIL. **Práticas cotidianas na educação infantil** – bases para reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC: Secretaria de Educação Básica: UFRGS, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: 4 nov. 2011.

STROHHECKER, Franciele da Silva dos Anjos. **Infância à luz da condição humana**. Ijuí. Unijuí, 2022.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CRIANÇA PROTAGONISTA DA SUA INFÂNCIA

Rejane Graeff Guarnieri¹

Eulália Beschorner Marin²

Introdução

O nascimento de uma criança implica um constante ato educativo. Faz-se necessário situar o recém-chegado (novas gerações) no mundo, apresentando-o a ele e o que vem se produzindo em termos de conhecimentos. Para Arendt (2002, p. 10), geralmente é na Escola que a criança “faz sua primeira entrada no mundo”, referindo-se que ao ingressar na vida escolar ela está passando do domínio privado (sua casa) para o domínio público (sociedade, escola). Assim, para a criança a escola é uma representação de mundo, por ser um dos primeiros espaços sociais acessados por ela depois do ambiente familiar. Ademais, a escola tem o dever de apresentar e inserir as novas gerações no “mundo sociocultural que a humanidade tem construído, com o objetivo de que eles possam se incluir no projeto, sempre renovado, da reconstrução deste mundo” (González; Fensterseifer, 2009, p. 51). Entendo que a Educação tem o papel de situar o indivíduo no mundo, e quando é negada a mediação de conhecimentos das ciências da natureza, ciências humanas, da Filosofia, das Artes e da Educação Física, nega-se dimensões da formação integral humana e, assim, alimenta-se a lógica conservadora, preconceituosa, que refuta direitos e fomenta a desigualdade profunda. Educação básica não é formação para o trabalho, para a submissão; a educação deve ser libertadora. Para que as escolas cumpram com esta função social, políticas públicas de qualidade são fundamentais para garantir verbas e condições mínimas, como alimentação e transporte escolar, acesso às tecnologias, materiais pedagógicos condizentes com a necessidade da clientela escolar,

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

entre outras estruturas básicas. Uma das questões que acredito ser essencial para o sucesso escolar de nossas crianças, no entanto, é a qualificação, a formação continuada dos professores. Neste sentido, cito o quanto a segunda Licenciatura de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) vem me constituindo professora. Com docentes qualificados e comprometidos com nosso aprendizado, vejo esta oportunidade como desafiadora, pois, como professora de sala de aula, pouco é o tempo que sobra para realizar as pesquisas e atividades com qualidade. Estou buscando, todavia, fazer o meu melhor, pois entendo ser dinheiro público o que está sendo investido em minha formação continuada.

Metodologia

A metodologia de trabalho utilizada para planejamento das aulas foi a pesquisa-ação, sendo esta indicada para melhor desenvolver as práticas pedagógicas, resolver desafios específicos na sala de aula ou em instituições educacionais e promover a colaboração entre educadores. Trabalhamos a partir da identificação de uma situação ou problema para, então, fazer um planejamento com coleta e análise de dados por meio de observação das aulas da professora regente de classe da turma, e, em seguida, com base nos dados levantados, realizar o planejamento e intervenções, efetivando, assim, a prática do ensino aprendizagem.

Resultados e discussões

Realizar o estágio supervisionado na Educação Infantil e acompanhar as aulas da minha colega, regente de classe da turma, fez-se compreender a importância de conhecermos os sujeitos para os quais estamos planejando. É preciso cautela e conhecimento. É necessária uma formação continuada de qualidade, pois não existem verdades absolutas; todos os dias são feitas novas descobertas científicas. As crianças acessam o saber sistematizado na escola. Esta instituição é a responsável em apresentar o científico para que se sintam pertencentes a este mundo e possam dar sua contribuição. Quanto encantamento e quanto conhecimento em fazer o planejamento das aulas para o Estágio e buscar subsídios para isso! Estou maravilhada com tanto conhecimento e com o tanto que aprendi. A criança, como ser culturalmente constituído, ao ingressar no ensino formal traz consigo todas as experiências que lhe foram proporcionadas em seu lar de origem, e

tais experiências nem sempre são positivas. Isso somente reforça o papel da escola como instituição republicana que apresenta às novas gerações tudo o que a humanidade já produziu em termos de conhecimentos científicos, sem imposições, em um ambiente orgânico e autoral. Na fase da garatuja desordenada (Piaget) a criança relaciona seus movimentos motores com seus desenhos (para baixo e para cima), e ainda está desenvolvendo seu controle motor. É nesta fase que ela se insere no mundo da linguagem gráfica. Na fase da garatuja ordenada (Piaget) a criança já tem dimensões simbólicas, consegue explicar seu desenho e desenha o que deseja. Registro que a criança tem o direito de experimentar o faz de conta, e é por intermédio dele que ela conhece e relaciona o conhecimento científico no processo de abstração, simbolizando para reconhecer. É aí que é estabelecida a relação de acolhimento e reconhecimento do direito da criança em expressar-se. A observação prática do desenho das crianças saltou-me aos olhos. Os registros científicos de Piaget e Vigotski ainda hoje servem de referência para interpretarmos os desenhos das crianças. Percebi isso nos desenhos de minha filha e também nos desenhos de meus alunos. Aprendi, ainda, que sem repertório gráfico a criança não terá êxito em sua alfabetização alfanumérica. Assim, no meu estágio busquei pôr em prática tudo o que aprendemos no decorrer das disciplinas que até então nos foram apresentadas, sendo de grande importância todas as metodologias e teóricos que tivemos o privilégio de estudar. Os alunos do Jardim II participaram ativamente de minha proposta de trabalho, sugerindo e compartilhando o que já sabiam sobre os conhecimentos que estávamos tratando nas aulas. São crianças ativas, que amam a natureza e o contato com ela. Gostam de estar sempre em movimento. Atividades no pátio é o que mais gostam. Busquei trabalhar de acordo com o interesse deles, com a aprendizagem criativa mediante a didática do fazer, apresentada por Bondioli e Mantovani (1998), com três princípios do saber: LUDICIDADE – materiais não estruturados, que favorecem o exercício criador, com jogos de faz-de-conta e atividades exploratórias e criativas; CONTINUIDADE – que garante o crescimento e a qualidade das experiências; e SIGNIFICATIVIDADE – experiência do sujeito, com autoria, eleição, decisão, provisoriamente; tudo isso em um ambiente orgânico e autoral, experimentando o jogo de faz de conta.

Considerações finais

É dever ressignificar nossa prática pedagógica não com padrões impostos, mas com consciência de que somos agentes de formação da história que promovem a construção de conhecimentos entre pessoas de todas as raças, classes sociais, orientações sexuais, credos, idades, entre outras, tornando a escola espaço de criação, de resistência, de culturas invisibilizadas, de reprodução e de construção multicultural.

Um sonho: toda criança tem o direito de ter um ambiente acolhedor para brincar. No espaço de convivência da sala de aula deve haver elementos da natureza, como galhos, folhas das mais diversas cores e texturas, madeiras reutilizadas, argila e terra seca para que possam criar e recriar. Deve ter, ainda, ambientes como cozinha, escritório, enfermaria, fábrica de móveis de madeiras, padaria, mercado, farmácia, restaurante, oficina mecânica, entre outros, para que possam brincar de faz de conta. O ambiente acolhedor deve ser planejado de modo que a criança consiga servir-se daqueles brinquedos que mais encham seus olhos; que seja um espaço limpo, amplo e arejado em que todos possam se movimentar livremente, e que as professoras e auxiliares estejam sempre encantadas com a infância e amem crianças. Brincar é o que a criança faz de mais sério; as crianças não pedem licença para aprender, então, ler e escrever na educação infantil, o letramento, não pode ser proibitivo nem obrigatório. Não se pode descuidar do direito de ser criança, de ter infância, de brincar, de ter acesso à cultura letrada.

Após concluir esta etapa de minha formação – o Estágio Curricular Educação Infantil –, registro a importância do Planejamento Pedagógico bem como o conhecimento do Referencial Curricular para esta etapa de formação. É preciso planejar para organizar as aulas e conhecer os direitos de aprendizagens e os materiais que irá utilizar para desenvolvê-las. Assim, reafirmo meu carinho e amor pela infância, por minha profissão. Os desafios são grandes, mas o encantamento de ver o envolvimento das crianças, de entender nosso papel social, faz-nos acreditar e sonhar com a valorização de nossa profissão.

Referências

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção Psicopedagógica**,

São Paulo, SP, v. 18, n. 17, p. 20-41, 2010.

ARENDR, H. A. **A crise na educação**. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. p. 221-247.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o não mais e o ainda não: pensando saídas do não lugar da E.F. escolar I. **Cadernos de formação RBCE**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 7-23, set. 2009.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Educação e conhecimento).

RODRIGUES, Melissa Hagg. Análise do desenho infantil segundo as ideias de Luquet. **Revista da Unifebe**, Brusque, v. 1, n. 8, jan./jul. 2010. ISSN 2177-742X

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. *In*: **Em Aberto**, Brasília, ano 3, n. 22, jul./ago. 1984.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Construção de conhecimento e psicologia do desenvolvimento: contribuições da teoria de Piaget. **Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 6, Número especial, nov. 2014.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Raquel Weyh Dattein¹
Eulália Beschorner Marin²

Introdução

Durante a Licenciatura sonhamos com os dias em que seremos professoras de sala de aula; fazemos planos e tudo parece possível de ser aplicado. Isso até chegarmos nos estágios, quando planos simples precisam ser modificados devido a uma palestra programada pela escola, mas não por nós, por exemplo. Enquanto isso, nossos professores universitários, com experiência de Educação Básica, vão nos testando de diferentes formas, para ver se estamos mesmo dispostos a seguir em frente, pois “professores frustrados já têm o suficiente”, diziam.

Hoje, após quase cinco anos como professora de Ciências no Ensino Fundamental II, posso afirmar que cada dia da Licenciatura e do exercício profissional tem sido um aprendizado e uma certeza de que a constituição docente é um caminho, um meio do processo de ensinar e aprender. Nesse sentido, os sofrimentos são amenizados, pois já temos uma noção de como vai ocorrer um ano letivo, mas seguimos com um “frio na barriga” a cada nova turma que começamos a trabalhar.

Assim eram minhas expectativas em relação ao trabalho com as crianças da Educação Infantil, para a qual a Pedagogia, pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), como segunda Licenciatura, está me formando. Mesmo já tendo trabalhado com essas turmas, cada momento é diferente. Refletia sobre a minha preocupação em ensinar conteúdos para elas; ler e escrever; a aula deveria “render”! Que ilusão! Aula livre para brincar na quadra de esportes, no pátio da escola ou

- 1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).
- 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

na brinquedoteca... isso era perda de tempo para a Educação Infantil e as Séries Iniciais.

Aos poucos, contudo, fui conquistando elas e elas me encantando; por isso escolhi como segunda Licenciatura a Pedagogia, sentindo a necessidade de aperfeiçoar minha qualificação para trabalhar com os pequenos. Durante o curso encantei-me ainda mais com o trabalho com as crianças, pois elas têm muito a nos ensinar. Durante o estágio pude perceber a relação entre a teoria discutida ao longo do curso e a prática em sala de aula. O contato com a professora titular na docência compartilhada contribuiu para eu me sentir mais segura, pois o conhecimento da turma dela ajudou para um bom andamento das aulas. Assim, venho fazer este relato de experiência do estágio desenvolvido no primeiro semestre de 2024 em uma escola municipal de Santa Rosa (RS).

Metodologia

As experiências formativas, ao serem compartilhadas com os pares, possibilitam novas e diferentes interações com outros sujeitos, contextos e culturas, enriquecendo o nosso conhecimento social e intelectual. Por isso, considero importante partilhar uma parte da minha experiência de Estágio Supervisionado na Educação Infantil I – 4 anos –, em busca de um diálogo, de uma qualidade do ensino e do constituir-me professora neste novo espaço.

Desde a primeira Licenciatura, com a participação como bolsista de iniciação à docência, oportunidade em que foi apresentada a narrativa, tenho tomado gosto por esta forma de escrita e de investigação das práticas docentes. Desse modo, trago este relato de experiência num formato de narrativa pelo fato de também fazer parte das histórias deste Pré I a partir do estágio.

Resultados e discussão

Rubem Alves provoca-nos a pensar sobre a função do professor na escola, colocando que devemos estar preocupados em provocar os alunos a pensar e não trazer tudo pronto, pois isto está nos livros didáticos e nas mídias digitais. O professor deve provocar o pensar, fazer perguntas, incitar a interação. Sou grata pela minha formação inicial em Licenciatura, a qual me ensinou isso. É comum ocorrer na minha aula de Ciências:

faço uma pergunta, deixo um aluno responder e pergunto aos demais, uns cinco alunos, se concordam; enquanto isso, vejo outros erguendo a mão querendo responder também, contrariando o primeiro colega; após um contrariar, pergunto para mais cinco se concordam com o primeiro ou o segundo colega. Confesso que é difícil não dar a resposta certa logo, mas, por outro lado, é gratificante este processo da educação em que eles chegam na resposta argumentando sua ideia, pois aprendem com mais facilidade, como já tive provas.

Nisso, os alunos também auxiliam na produção do conhecimento escolar, e umas das funções do professor é promover o diálogo entre o científico e o cotidiano, além da curiosidade epistemológica. Para ensinar é importante ter claro com quais entendimentos, conhecimentos, teorias científicas e do cotidiano e conceitos presos no concreto eu vou planejar, mediar, avaliar e (re)planejar o ensino e a aprendizagem dos alunos. Quando se é professor de alguma forma temos uma teoria sobre o que é o aluno, o que é aprender.

Na Educação Infantil, no entanto, esta metodologia não funciona. As informações que as crianças têm ainda são muito básicas, com um vocabulário simples e econômico. E foi este um dos grandes desafios! Como usar uma linguagem mais simples com os pequenos a fim de que eles me compreendam, que eu consiga ensiná-los sobre cuidados sobre a higiene, por exemplo, uma das atividades desenvolvidas no estágio? O que será esta tal de higiene? Como pensar em fazer um bingo se eles nunca tinham ouvido falar sobre esse jogo?

Aos poucos fui adaptando-me à linguagem deles, sempre com o acompanhamento da professora referência, numa docência compartilhada, fundamental para todo licenciando, seja da primeira ou segunda Licenciatura. O conhecimento da professora que está dia a dia com eles, conhece cada um, suas limitações e conquistas, é fundamental.

Ao tomarmos consciência das teorias científicas para além das teorias pessoais do cotidiano, mais argumentos teremos, como professores, para mediar o conhecimento escolar e, conseqüentemente, deixarmos transparecer isso na fala e na escrita. Assim sendo, não pretendemos alfabetizar na Educação Infantil; isso é responsabilidade dos Anos Iniciais. O nosso papel como professores é, sim, a produção de conhecimento, mas, em especial, a socialização deste ser humano, fazendo-o se conhecer, conhecer o outro, se sentir pertencente a este espaço. Um exemplo simples, mas bem claro sobre isso: a maioria dos alunos não sabe o nome dos

colegas; chamam de “aquele menino” ou “aquela menina”, e sabemos da importância de sermos reconhecidos pelo nosso nome.

Até a criança ir à escola teoricamente ocorreu somente o desenvolvimento biológico e cultural na família e na sociedade, caso não tenha sido alfabetizada da forma mais primitiva, como aprender a escrever seu nome, por exemplo. Na escola iniciam-se os primeiros passos para a linguagem escrita, que tem como função principal a comunicação. Como professores, temos o papel de desenvolver o interesse dos alunos com ênfase na escrita reflexiva, foco deste estudo. Ademais, os alunos da educação básica, de modo geral, articulam seus pensamentos por complexos (Vigotski, 2005), e o professor, ao mediar os conceitos, auxilia na constituição dos sentidos para uma futura abstração dos conceitos.

A escola tem a função de questionar o cotidiano de convivência do aluno, dando outros sentidos que podem transformar as suas capacidades de agir, para que possam avançar em novas interações com a sociedade e irem além dos desafios nela encontrados. Isso só será possível, no entanto, se a escola assumir a sua função, que é a de oferecer as condições necessárias para que os indivíduos passem a ter o domínio das significações socialmente existentes, o que requer a mediação de atividades educativas voltadas para esse fim.

Nesse viés, ao desenvolver trabalho intencional com a linguagem o professor parte das elaborações conceituais científicas e sua relação com os conceitos espontâneos trazidos pelos alunos de suas experiências cotidianas. Conceitos cotidianos, espontâneos e científicos devem ser reconhecidos e transformados desde os primeiros dias na escola, conforme informado pelos professores, os quais, de uma forma ou de outra, motivaram-nos a querer atuar nessa profissão também, e assim fomos ambientando-nos (Vigotski, 1988).

Ao refletir criticamente sobre o processo de constituição docente, posso afirmar que vivenciei, durante todos os anos da Educação Básica, a prática que vou trabalhar. Em outras palavras, como ser humano fui experienciando esta cultura escolar, diferente de outras pessoas que foram para área do direito, por exemplo, que tiveram pouco ou nenhum contato com sua área de atuação durante esse período. Essa diversidade de condições como sujeitos ocupamos nas relações com o outro, quando se definem seres com formação diferenciada, uns mais técnicos, mais práticos e outros com visão mais crítica, ou em diálogo com as três atitudes. Pela formação pedagógica das Licenciaturas, porém, defendemos um processo formativo

para além das palavras, dos conceitos, do que já está internalizado, refletindo e investigando nossas ações.

O currículo das escolas de Educação Infantil não pode permanecer o mesmo ao longo dos anos, seguindo apenas as leis, a BNCC, pois as culturas mudam, as compreensões são diferentes e as necessidades das crianças modificam-se. Desta forma, o currículo deve ser construído e refletido criticamente a cada processo de aprendizagem do dia a dia, percebendo o que funciona e o que não funciona com aquele grupo de crianças. “Os conceitos de criança e de infância são construções sociais. Como tais, relacionam-se com as compreensões que temos em determinado tempo histórico, em determinados espaços e determinadas culturas” (Gomes; Redin; Fochi, 2013, p. 9).

Uma aprendizagem do cotidiano, de como ensinar, a partir do contexto de cada sala de aula, valoriza o que a criança experimenta. A rotina é importante, como defendida por Fochi (2015), pois desde bebês eles têm uma continuidade, e isso deixa as crianças tranquilas, pois sabem o que vai acontecer depois, mesmo que tenham mudanças de última hora ou atividades diferentes em algum dia. Para exemplificar, a rotina do simples entrar em sala de aula, colocar a mochila em um cabide, tirar a agenda e deixar na mesa, depois esperar sentados em seu lugar, é fundamental para que possam se tornar sujeitos na sociedade, que cada vez mais irá exigir uma ordem. “Como a realidade da criança é ainda bastante fragmentada, marcada pelo ‘aqui e agora’, a possibilidade de continuidade garante o crescimento e a qualidade das experiências dos meninos e das meninas” (Fochi, 2015, p. 226).

Considerações finais

Cursando Pedagogia entendo as necessidades das crianças. Por um lado, é importante que elas tenham uma orientação para as atividades fora da sala de aula, e, por outro, também precisamos oportunizar momentos em que possam criar, descobrir e inventar brincadeiras de forma livre. Tudo isso é aprendido: dividir, trabalhar em grupo, ajudar o próximo, entre tantas outras possibilidades que o ambiente escolar oferece.

A cada aula do curso de Pedagogia fomos aprendendo formas de trabalhar com as crianças, como resgatar o brincar e perceber suas necessidades. Como professores precisamos manter este equilíbrio do

cuidado e do educar na escola e acolher as crianças, e, a partir disso, ensinar o que os documentos orientam.

Por fim, quando decidimos ser professores o comprometimento em permitir à criança ser criança, respeitando seu processo, é essencial. Aos poucos vai-se trabalhando um avanço no seu desenvolvimento, que se torna mais fácil por meio da parceria com as famílias, que precisam mostrar aos filhos o valor da escola, conscientizando-os da importância do estudo em sua vida.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, Especial, p. .1059-1.083, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI). 2009. **Resolução CNE/CEB no 5/2009** 27, Artigo 4º. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2018-pdf-1/98311-rceb002-18/file>. Acesso em: 12 set. 2023.

CNM. Confederação Nacional dos Municípios. **STF confirma idade de corte para ingresso na Educação Infantil e Fundamental**. Disponível em: <https://www.cnm.org.br/comunicacao/noticias/stf-confirma-idade-de-corte-para-ingresso-na-educacao-infantil-e-fundamental>. Acesso em: 26 ago. 2023.

FOCHI, Paulo Sergio. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. *In*: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FÁRIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **Campos de experiências na escola da infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015. 276 p.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM PERCURSO INVESTIGATIVO CONSTITUÍDO POR MÚLTIPLAS RESPOSTAS - AFINAL, O QUE TEM DENTRO DE MIM? O QUE ACONTECE DENTRO DO MEU CORPO?

Vânia Lúcia Berton¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

O presente trabalho refere-se à escrita de um resumo expandido, que contempla a descrição, reflexão e apreciação relacionadas à prática de docência compartilhada, da disciplina de Estágio: Currículo e Docência na Educação Infantil. Essa disciplina está inserida na grade curricular do curso de Pedagogia da UNIJUÍ, oferecido para a segunda turma de Pedagogia do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica).

O estágio realizou-se no primeiro semestre letivo, na Escola Municipal Fundamental Soares de Barros, no turno da tarde, na etapa da Educação Infantil. O estágio constituiu-se na forma de docência compartilhada, com duração de 20 horas, envolvendo o acompanhamento da educadora regente I da turma. A turma de realização do estágio é a Pré-escola 2 A, constituída por 21 crianças, com idades entre 5 e 6 anos. Nessa turma, atuo como professora regente II, em um período de 2 horas semanais, e desenvolvo vivências relacionadas a práticas corporais. A abordagem da temática do estágio organizou-se a partir da ideia inicial do projeto, a qual surgiu a partir das aulas na turma, observações e percepções sobre as crianças, sua consciência e expressão corporal.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), através do campo de experiência: corpo, gestos e movimentos, propõe que as crianças conheçam

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

e reconheçam as sensações e funções do seu corpo. Nesse contexto, a temática abordada no estágio refere-se ao estudo do corpo humano, permitindo às crianças acesso a informações, por meio de vivências que oportunizem possibilidades de construção de conhecimentos relacionados a noções sobre órgãos, sistemas e o funcionamento do corpo humano. Essa temática apresenta relevante contribuição para as aprendizagens das crianças nessa etapa escolar, sendo fundamental que as crianças conheçam e criem consciência sobre o seu próprio corpo e construam sua identidade. A aquisição de hábitos saudáveis e a sensibilização dos cuidados com a saúde são importantes reflexões trazidas para as crianças a partir do projeto desenvolvido.

Metodologia

Ao abordar o estudo do corpo humano na etapa da Educação Infantil, é essencial adaptar as atividades e vivências ao nível de desenvolvimento das crianças, para garantir uma abordagem clara, objetiva e lúdica e promover aprendizagens significativas, que possibilitem a aprendizagem de noções básicas sobre o funcionamento do corpo humano.

Ao refletir sobre a relação que as crianças estabelecem com seu corpo e os usos que fazem dele, passei a pensar: E se as crianças da turma conseguissem compreender que existe muitas coisas além do corpo por fora, do corpo que se vê ao olhar-se no espelho e ao olhar para o colega, do corpo que participa das atividades de práticas corporais e realiza inúmeros movimentos. E se essas crianças tivessem a oportunidade de entender que existe muita coisa escondida por trás de tudo o que fazem, de toda brincadeira, expressão ou ação cotidiana. Se eu pudesse proporcionar a elas noções sobre o que existe dentro do corpo de cada uma, o funcionamento de órgãos e sistemas integrados, enfim, o organismo como um todo complexo e em equilíbrio, que garante a manutenção da vida.

E foi assim que surgiu a indagação que deu início ao percurso investigativo do projeto: O que tem dentro de mim? O que acontece dentro do meu corpo? Essa indagação foi realizada em forma de entrevista oral, proposta para todas as crianças da turma. Nesse sentido, a BNCC menciona que: “Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças.” (BRASIL, 2018, p.35).

A metodologia utilizada no decorrer do estágio foi organizada com ações orientadas sobre a temática, incentivando o protagonismo das crianças na construção do conhecimento. A entrevista com a indagação norteadora sobre o tema deu início ao projeto que abrangeu desdobramentos como: a exploração de materiais variados referentes à temática (livros, literaturas, mapas e atlas do corpo humano, jogo de memória e quebra-cabeça), visita de estudos em laboratório de anatomia para manuseio de peças plásticas anatômicas em 3D, registros gráfico-plásticos individuais e coletivos, exploração de contexto investigativo temático sobre hospital e produção de versos coletivos com melodia (música). Cada ação realizada visava despertar a curiosidade e a investigação das crianças para a temática envolvida, ampliar habilidades e estimular a compreensão do funcionamento do corpo humano.

Resultados e discussões

Ao promover na Educação Infantil uma abordagem sobre o corpo humano e seu funcionamento, proporciona-se às crianças a oportunidade de entendimento sobre o seu corpo. Um corpo não apenas visto por fora, mas um corpo compreendido por dentro, com seus mistérios desvendados e muitas curiosidades instigadas.

Proporcionar o conhecimento sobre o corpo humano neste nível de ensino é essencial, pois, é nesta fase que a criança constrói sua identidade pessoal, e para conhecer-se enquanto sujeito é necessário conhecer o seu próprio corpo, compreender o seu funcionamento, estabelecer relações entre o corpo e a expressão corporal e entender que o corpo é responsável por conduzir as ações cotidianas. Assim, é importante realizar vivências sobre o corpo humano, pois essas são aprendizagens importantes nessa etapa e que levam a criança a trilhar caminhos de cuidados consigo mesma e com sua saúde. Nessa perspectiva, a BNCC reafirma que: “As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física.” (BRASIL, 2018, p. 37)

As indagações norteadoras organizadas para as crianças em forma de entrevista impulsionaram reflexões sobre a seguinte questão: O que tem dentro de mim? Essa indagação conduziu o percurso investigativo

para que no decorrer do projeto as crianças pudessem compreender o funcionamento básico de sistemas do corpo humano.

A realização das entrevistas com todas as crianças da turma exigiu uma escuta sensível e atenta. Cada criança formulou hipóteses a respeito da temática, e as respostas foram as mais diversas, pois cada criança tem sua singularidade, compreende, interpreta e percebe a si mesma de formas diferentes. Entre as respostas, o órgão evidenciado é o coração, que esteve presente em mais da metade das devolutivas. Considerando que a maioria das crianças expressou em suas respostas órgãos e/ou partes do corpo humano, a proposta de estágio avançou por esse percurso de pesquisa. As respostas das crianças evidenciaram partes do corpo e nomes de órgãos que talvez elas mais ouçam no convívio social. Supõe-se assim, que a criança vai se constituindo enquanto sujeito que observa, pensa, e formula hipóteses a partir do contexto no qual participa, que constrói suas aprendizagens a partir de vivências cotidianas, do que ouve e vê, do ambiente com o qual interage. De acordo com a BNCC:

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar. (Brasil, 2018, p.32).

As entrevistas com as crianças conduziram as ações subsequentes, encaminhadas de acordo com a organização no tempo previsto para a evolução do projeto de estágio de docência compartilhada. Após as entrevistas, a proposta de registro gráfico plástico permitiu a cada criança desenhar a sua resposta, transmitindo para o papel o conhecimento que possui, conectando-o com o seu imaginário. A expressão por meio do desenho é a forma de comunicar para registrar o que as palavras pronunciaram nas respostas. Neste registro, o esquema corporal apresenta-se com poucos detalhes, representados por apenas um ou poucos órgãos ou partes, deixando transparecer que aquele registro era algo incomum, talvez nunca realizado antes. Em outro momento, o desenho coletivo do corpo humano em formato gigante, com a representação de órgãos e sistemas, adquiriu significado especial. Cada traço, cada linha, cada forma singular compõe um todo complexo e único, um corpo humano constituído e preenchido em sua totalidade pela colaboração das mãos de cada criança da turma.

Com o intuito de aprofundar a temática, propôs-se o diálogo e a exploração de materiais como livros, literaturas infantis, imagens, figuras, fotos, mapas e atlas do corpo humano. Esse contato com materiais variados é essencial para incentivar a pesquisa e ampliar o repertório inicial das crianças. Na sequência do projeto, as crianças realizaram a exploração de jogos. O interesse demonstrado por elas com relação ao jogo da memória dos sistemas e órgãos e pelo quebra cabeça do corpo humano reforça a importância da ludicidade na Educação Infantil, e da forma como os jogos podem e devem estar presentes no estudo de temáticas diversas, pois oferecem a possibilidade de ampliação de repertório de forma leve, nas brincadeiras e interações entre os pares.

A ampliação de repertório sobre a temática realizou-se ainda através da visita de estudos realizada no Laboratório de Anatomia da UNIJUÍ. Um momento único e intenso, provocador de dúvidas, reflexões e diálogos. Uma vivência que permitiu às crianças serem protagonistas, pesquisadoras, curiosas e ativas em busca de saber mais sobre o que lhes interessava.

A visita de estudos ao Laboratório de Anatomia permitiu às crianças de forma interativa, a exploração de inúmeras peças anatômicas representativas de órgãos, partes e sistemas do corpo humano. Um universo de peças de quebra cabeças em 3D gigantes montava-se e desmontava-se à frente de olhos curiosos e ativos, ansiosos por descobrir mais e mais. Os encaixes perfeitos revelavam surpresas fascinantes. Médicos oftalmologistas, neurologistas e gastroenterologistas surgiram no manuseio intenso, mas vagaroso e minucioso das pequenas mãos que exploravam aqueles contornos. O deslumbramento era visível: para as crianças que descobrem algo inédito, e para mim, que acredita na potência de cada criança e na importância de conhecer e descobrir o próprio corpo e seus mistérios. Um encontro de encantamentos, entre uma educadora, infâncias e revelações.

Dando continuidade ao percurso investigativo, os vídeos sobre o corpo humano trouxeram em formato de movimento, som e imagem explicações simples e importantes sobre o tema, esclarecendo dúvidas e provocando inquietações. E para oportunizar brincadeiras e interações essenciais na infância, a exploração do contexto investigativo que representa um hospital, organizado por educadoras da escola em outra sala referência foi um momento marcante e alegre. Durante as brincadeiras, cada criança pôde demonstrar atitudes de preocupação e cuidado com o corpo do outro, num esforço constante para amenizar suas dores e machucados, para tratar e curar doenças. Dessa forma, as crianças demonstraram ser

capazes de reconhecer e comunicar sinais de desconforto, dor ou doença, estabelecendo através da ludicidade relações importantes entre corpo e saúde.

A retomada das entrevistas na etapa final do projeto representa um momento único de aprendizagens construídas, onde cada criança compartilha suas descobertas através de respostas detalhadas, com vocabulários ampliados, compreensão de conceitos científicos até então desconhecidos, expressados com clareza, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e da linguagem. E para complementar, realizou-se o registro gráfico final, no qual cada criança representava por meio de desenho, o seu entendimento e conhecimento acerca dos órgãos e sistemas do corpo humano. Nesse contexto, percebeu-se com clareza a evolução nas representações, o que evidenciou a relevância do projeto desenvolvido para a construção da identidade e da consciência corporal das crianças da turma.

A sistematização do projeto realizou-se em formato de texto coletivo, com os conhecimentos que as crianças construíram até o momento sobre o corpo humano. E o texto coletivo virou verso, que se transformou em melodia e expressão corporal, compartilhados com as crianças agora e em momentos que virão, pois um percurso construído com amor, conhecimento e alegria tem que continuar!

O estágio de docência compartilhada na Educação Infantil possibilitou às crianças adquirirem conhecimentos através de noções sobre principais órgãos, sistemas e o funcionamento do corpo humano de maneira geral. Assim, pode-se compreender o conceito de corpo definido na perspectiva dos aspectos anatômicos e fisiológicos, pois entende-se o corpo como um organismo vivo, e como forma de expressão e comunicação. Já a consciência corporal diz respeito a perceber o próprio corpo e reconhecer sua importância e os usos que se pode fazer dele através da linguagem corporal. Dessa forma, o estágio possibilitou às crianças acesso ao conhecimento científico, de maneira clara e lúdica. De acordo com os PCNS:

O conhecimento científico hoje disponível autoriza a visão de que desde o nascimento a criança busca atribuir significado a sua experiência e nesse processo volta-se para conhecer o mundo material e social, ampliando gradativamente o campo de sua curiosidade e inquietações, mediada pelas orientações, materiais, espaços e tempos que organizam as situações de aprendizagem e pelas explicações e significados a que ela tem acesso. (Brasil, 2013, p. 86).

Portanto, o estudo do corpo humano na infância é essencial para o desenvolvimento integral das crianças, contribuindo para sua saúde física, emocional e social ao longo da vida.

Considerações finais

O percurso investigativo experienciado na realização do projeto de estágio garantiu às crianças os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento estabelecidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que são: brincar, explorar, participar, expressar, conviver e conhecer-se. O projeto possibilitou ampliação de repertório, aprendizagens relevantes e conhecimentos construídos no decorrer das atividades e vivências propostas para as crianças da turma.

No decorrer do projeto, percebeu-se que as crianças envolvidas no projeto demonstraram entendimento acerca das indagações norteadoras de todo o estudo: O que tem dentro de mim? O que acontece dentro do meu corpo?. As aprendizagens evidenciaram-se através de manifestações variadas das crianças, através da participação ativa nas atividades e vivências propostas e compartilhadas através de interações e brincadeiras relacionadas à temática.

Por meio de observações e reflexões pode-se afirmar que o projeto vivenciado ampliou de forma extraordinária os conhecimentos de cada criança da turma que envolveu-se ativamente no percurso. E nesse percurso, cada criança é única, e constituída por um corpo. Um corpo que existe por fora, e por dentro, e que se mantém vivo, ativo e com energia, em perfeito equilíbrio e funcionamento, e que precisa ser descoberto, percebido e interpretado de forma única por cada criança que o habita.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em 20/06/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI. 2013. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=3019. Acesso em 28/06/2024.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sandra Regina Rodrigues¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

As turmas dos berçários são de crianças que trocam do b1 e estão entrando em uma rotina com as demais crianças da escola e são crianças que começam a falar e também a caminhar e como em tantas diferenças de meses que parecem poucos mas para elas são diferenças enormes. Enquanto alguns já estão com a pisada firme outros estão com o caminhar ainda lento e outra ainda em fase do engatinhar. Alguns já consegue usar o talher com firmeza e destreza outros ainda necessitam de ajuda na hora do almoço e café.

Metodologia

O meu estágio foi sobre a adaptação das crianças que parece um processo tranquilo mais no dia a dia nos confrontamos com muitas situações que muitas vezes parece difícil de contornar as situações mais com paciência tudo fica bem.

O cotidiano de um grupo de crianças, para poder registrar o que ocorre é necessário observar as ações, reações, interações, não só com as crianças mais também com aqueles que fazem parte da rotina da escola e do ambiente. Precisa estar sempre atento com o que está ocorrendo não deve ficar omissos com situações e estar ali para cuidar e zelar pelas crianças.

No primeiro dia do estágio vieram treze crianças e três faltaram. Um menino fazia uns dias que não estava vindo venho menino inseguro. Outro chegou com um balão e um rissoles coisas que a na escola não

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

pode chegar mais a sua mãe não consegue contornar essa situação, sendo as professoras que terão que solucionar o ocorrido.8;50 é a hora do café depois de tomar o café aonde são poucos que tomam leite com pão com requeijão e outro pão puro aonde tem uma que necessita leite sem lactose e outro leite de soja e comem frutas. Logo depois fomos para a pracinha aonde tem brinquedos de madeiras e uma casinha, escorrega e também balanços ..como tinha chovido e lá estava um pia que eles brincam e estava trancadas com folhas e aonde teve um menino estava afim de brincar lá mas teve que ser interrompido pois a manhã não era propicia para essa situação . Depois que eu tirei a agua de lá já não foi mais o atrativo para ele. AS 10;00 fomos para sala pois começaria ali a parte da rotina que são as trocas então depois de levar eles para sala limpam a mãozinha é oferecido água para aqueles que querem e ali ficamos enquanto fomos trocando de dois em dois no fraldario os demais ficam cantando ou ouvindo historinha. Não é só essa hora da troca de fralda exceto quando algum já fez coco ou muito xixi já é trocado.

As 10;30 vamos para o almoço a turminha fica na mesa maior para que todos caibam na mesa e as meninas da cozinha já servem seus pratos e também no colocamos babadores em cada um para que possam ficar limpos após o almoço. Depôs na volta da sala cada criança tem seu colchão e coberta entregamos os bicos para aquelas que chupam ligamos uma musiquinha de fundo de dormir e aí eles de pouquinhos vão dormindo aonde uns conseguem dormir sozinhos outros necessitam de uma nanada ainda.

Nessa semana de observações a professora regente fez uma vivência comigo aonde foi posta fita crepe em bolinhas para que ela para trabalhar a concentração das crianças o equilíbrio e a força motora fina foi uma vivência aonde pude observar como aquelas que tem paciência e também aquelas que no primeiro empecilho largam de mão e vão fazer outra já tem aquelas que enquanto não tiram toda a fita da bolinha não pegavam outra só depois que conseguiam iam pegar outra. Foi uma atividade de concentração e paciência para elas.

A atividade foi uma espécie de brincadeira aonde a contribuição do brincar para o desenvolvimento das crianças é o tema que ilustra bem o efeito pêndulo. Brincar era o que as crianças faziam quando estavam sobre o olhar de um adulto e ali elas estavam brincando e ao mesmo tempo aprendendo juntamente com o grupo que ela está inserida.

As escolas da educação infantil desde do ano 2023 estão com aulas de música mais a da Dalva conseguiu somente esse ano trazer a música para a criança pôr a demanda de professores nesse educandário. Nas quintas feiras e sexta elas tem aulas de músicas elas ficam sentadas no tatame esperando a professora começar a música foi pedido para os pais fazerem um instrumento musical com aquelas latinhas de chips aonde cada criança trouxe enfeitados e com sementes dentro para eles conseguirem tocar.

A relação de trabalhos juntamente com os pais, no interesse d a criança. A construção de boas relações é essencial. Porém é fácil transformar com o “envolvimento” em um objetivo em si mesmo. Com transparência e uma fala para passar o como é o trabalho do educandário com aqueles que ali estão.

Na semana que eu então estaria fazendo a vivência com as crianças.

Atividade Sensorial é uma experiência educativa e lúdica para estimular os sentidos das crianças. Confeccionei um painel tátil com diferentes materiais ali colados ásperos, liso, mole, duro e pegajosos poroso ali fiz com que elas tivesse acesso a vários matérias e diferentes nas sensações tátil e também foi posta caixas de papelão de vários tamanhos para que elas tocar, pegar, manusear, sentir as várias sensações que a elas foram proporcionadas.

Outro dia fiz a vivencia para trabalhar com o paladar e olfato aonde elas tiveram a oportunidade de experimentar diferentes sabores de frutas com maçã , caqui , laranja , bergamota e limões ,aonde teve alguns que acharam azedo e não comeram mais porém teve um menino que comeu vários gomos de limão com uma facilidade não tendo reação nenhuma sobre o azedo como é esperado, também foi feito um bolo de laranja com a fruta e chá de camomila aonde através dessa vivencia como foi no último dia também foi um café da manhã para eles e tinha na me , folhas de chá de hortelã, manjericão..

Atividades sensoriais o que é, e quais são:

As atividades sensoriais são experiências educativas destinadas a estimular os sentidos das crianças, ajudando-as a explorar e entender o mundo ao seu redor. Essas atividades são cruciais para o desenvolvimento infantil, pois trabalham o sensorial de diversas formas permitindo que as crianças, experimentam e aprendam por meio do tato, olfato, paladar, visão e audição.

O método Montessori criado pela educadora italiana Maria Montessori, valoriza profundamente as atividades sensoriais. Este método

ênfatisa a aprendizagem autônoma e o desenvolvimento de habilidades por meio de experiência práticas e sensoriais. As atividades sensoriais no método Montessori são projetadas para serem autoeducativas, onde as crianças aprendem ao interagir com materiais especialmente desenvolvidos que engajam seus sentidos de maneira estruturadas.

As atividades sensoriais são fundamentais para bebês e crianças na etapa da educação infantil. Uma atividade sensorial é um experiencial educativa ou lúdica projetada para estimular um ou mais sentido dos cinco sentidos humanos: tato, olfato, paladar, visão e audição. Essas atividades são fundamentais no desenvolvimento infantil, pois permitem que as crianças, explorem e compreendem o mundo ao seu redor através de suas sensações e percepções. Nas vivências que eu fiz com as crianças do berçário 2 na qual fiz meu estágio explorei as atividades sensoriais com as crianças.

Tato: atividades que envolvem tocar e sentir as diferentes texturas e formas ajudam as crianças a desenvolver o sentido do tato.

- a. Olfato: Atividades que estimulam o olfato envolvem a identificação de diferentes, odores, isso inclui em cheirar alimentos, plantas e essências.
- b. Paladar: Experimentar frutas de diferentes sabores, ajuda a criança explorar o sentido do paladar, degustar frutas e alimentos.
- c. Visão: visuais identificar, cores, formas, tamanhos, padrões, brincadeiras, caixas grandes e pequenas, potes de plástico e de shampoo e contando histórias e cantando com dedoche de animais com músicas.
- d. Audição: Explorar sons e músicas de diferentes fontes e intensidades, desenvolve os sentidos auditivo.

No meu estágio com as vivências feitas compartilhada com a regente da turma consegui explorar o sentido, contando historinhas e cantigas de rodas, e músicas com a lagarta e a borboleta, é uma história cantada, trabalhando assim o movimento corporal além do outro sentido, elefante trombinha, e seu lobato tinha um sitio. Conteí histórias Bichinhos do Sitio com janelas aonde eles puderam passar as mãozinhas e sentir as diversas texturas. Hora de brincar e além dos números que pudessem contar também puderam sentir as texturas e ver as figuras coloridas. Aonde consegui perceber como os olhinhos deles brilhavam de alegria.

As vivências sensoriais que propus as crianças eles conseguiram interagir com muita destreza. Confeccionei um painel com diversas texturas aonde eles com as mãozinhas tocavam e teve o Bento que ao mesmo tempo que sentia algo inexplicável ao mesmo tempo que dizia ai. Ai. Ai ele não parava de tocar no mesmo que era um bombril.

Outra vivência foi com o olfato e paladar, eles novamente interagiram muito gratificante, pois tinha frutas, bolo de laranja que eu mesma fiz com a própria laranja e ficaram exposta na mesa laranja, bergamota e até limão aonde novamente o Bento se surpreende comendo aqueles gomos com tanta vontade parecendo que estava satisfeito com aqueles limões.

Considerações finais

Quando resolvi fazer meu estágio com educação infantil confesso que estava um pouco de receio comecei a planejar algo que pudesse proporcionar a eles pois é uma turminha de crianças muitas pequenas e de idades mescladas. Atividades com água no momento até seria algo com certeza eles iriam adorar, o tempo não ajudou pois estava um mês chuvoso e como o estágio consegui fazer no turno da manhã não era viável pois passa muito rápido e não pode ser não nesse momento talvez no verão é vivências que eles iriam interagir.

As atividades proporcionei para eles consegui e consegui com isso explorar os campos de experiência que contemplam os direitos: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar, e o direito de conhecer-se.

Crianças pequenas são capazes de nos proporcionar o que elas têm de melhor que são suas alegrias que nos contagia e são inteligentes, afetuosa e brincalhona estão em busca de suas identidades nesse mundo.

Como bem disse o pedagogo italiano, Lóris Malaguzzi (1999), o professor deve manter o mesmo senso de encantamento e curiosidade das crianças, para poder com elas trabalhar e potencializar suas linguagens.

As dificuldades enfrentadas foi que a escola é pequena não tem uma sala de referência que elas pudessem ser feitas as vivências e as crianças conseguissem mais tempo para contemplar as experimentações. Como o turno da manhã passa mais rápido foi feito a vivencia na sala e com o tempo cronometrado. Quando estava arrumando as atividades a outra professora ficou com a turminha na sala e os mesmos inquietos com o que eles iriam fazer. Acredito que essas foi uma das situações por mim enfrentadas já em relação as coordenadoras e professora regente tive uma

aceitação souberam a orientar-me dando várias dicas e auxiliando nas fotos e gravações das crianças.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A PRÁTICA NO CHÃO DA ESCOLA

Leonice Hahn Kuss¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Este resumo expandido é parte do portfólio da docência compartilhada na educação infantil. O estágio foi realizado no Município de Santa Rosa, respectivamente na Escola de Ensino Médio Educação Concórdia – Educação Especial. A escola conta com 45 funcionários entre diretora, vice-diretora, coordenadoras, assistência social, psicóloga, secretárias, professores, monitores, merendeiras, serventes.

Sou filha de Otássio Hahn e Neiva Maria Hahn, tenho dois irmãos Jane Maria Golfetto e Éder Luis Hahn. Tenho 49 anos de idade. Casada com Nelci José Kuss e mãe de Thaísa Kuss e Érick Kuss. Resido em Santa Rosa/RS. Sou graduada em Geografia pela UNIJUÍ em 2000, Pós-Graduada em Atendimento Educacional Especializado, Autismo, Libras: Docência e Interpretação, Docência do Ensino Superior, Graduanda em Pedagogia e Mestranda de Educação Especial. Atuo na área da Educação há 20 anos dos quais 15 anos com Educação Especial. Tenho na família meu porto seguro contando sempre com o apoio do cônjuge e dos filhos bem como dos pais, que têm bastante trabalho em apoiar se, visto que sou movida por desafios e apaixonada pela ampliação do conhecimento, sou comunicativa e sempre em busca da superação dos meus limites. Penso que quem trabalha na Educação sempre tem mais à aprender.

A Escola de Ensino Médio Educação Concórdia – Educação Especial, localizada na Rua Santa Rosa, 192, Santa Rosa/RS. Atende atualmente 122 educandos com diferentes síndromes e deficiências distribuídos em turmas que vão da Pré-Escola ao Ensino Médio, dando suporte com profissionais qualificados (Psicólogo, Assistente Social, bem

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

como profissionais formados nas diferentes áreas da Educação Especial). Também tem atendimento as famílias, visto que essas necessitam das diferentes formas de suporte.

A educação infantil desempenha um papel crucial na educação especial, pois é nessa fase que são identificadas e abordadas as necessidades específicas de cada criança. Intervenções precoces são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, proporcionando às crianças com necessidades especiais a oportunidade de desenvolverem habilidades básicas e adaptativas. A educação infantil inclusiva promove a equidade, garantindo que todas as crianças, independentemente de suas limitações, tenham acesso a um ambiente de aprendizado que respeita suas individualidades e potencializa seu desenvolvimento pleno. Para tanto, segue pesquisa teórica bem como projeto de estágio e práticas realizadas no estágio em uma Escola de Educação Especial.

É fundamental que os professores compreendam e apliquem os fundamentos pedagógicos presentes nesses documentos, garantindo assim uma prática educativa alinhada com as necessidades e potencialidades das crianças na primeira infância. Isso inclui o respeito à individualidade de cada criança, a promoção do desenvolvimento integral, a valorização da brincadeira como eixo na estruturação das práticas pedagógicas, além da colaboração com as famílias e a comunidade.

Ao considerar os fundamentos pedagógicos presentes na DCNEI e na BNCC, os professores podem planejar atividades que estimulem o desenvolvimento cognitivo, emocional, social, motor e linguístico das crianças, levando em conta suas especificidades e ritmos de aprendizagem. Além disso, é essencial que a docência na educação infantil promova um ambiente acolhedor, seguro e desafiador, que estimule a curiosidade e a exploração.

Dessa forma, ao se embasar nos fundamentos pedagógicos presentes na DCNEI e na BNCC, os professores podem contribuir significativamente para o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância, pois o educador também é um dos principais responsáveis pelas atividades da educação infantil que são essenciais para formar sujeitos críticos, reflexivos e respeitosos, preparando-as para enfrentar desafios futuros e promovendo experiências educativas enriquecedoras. Para tanto, o professor deve compreender quem são as famílias de seus estudantes e estabelecer diálogo com as mesmas, estreitando relações e criando vínculos que fortaleçam o

processo educativo dos estudantes. Ele também deve levar em consideração todo o tempo em que o aluno está na escola, e não só na sua sala de aula.

Nesse contexto percebe-se que a contribuição da família nos processos de desenvolvimento das crianças na educação infantil é de extrema importância, visto que a família é o primeiro contexto de socialização da criança e exerce influência significativa em seu desenvolvimento. Quando a família e a escola atuam de forma colaborativa, os benefícios para a criança são inúmeros. A parceria entre família e escola permite que os pais compartilhem informações sobre as características, interesses e necessidades individuais de seus filhos, contribuindo para um planejamento pedagógico mais adequado e personalizado. Além disso, a participação ativa dos pais na vida escolar das crianças fortalece o sentimento de pertencimento e favorece o processo de adaptação à escola.

Quando a família se envolve nas atividades propostas pela escola, como participação em reuniões, eventos e projetos pedagógicos, ela demonstra às crianças a valorização da educação e do aprendizado, influenciando positivamente suas atitudes em relação à escola e ao conhecimento. A troca de experiências entre família e escola também enriquece o ambiente educativo, possibilitando um olhar mais abrangente sobre o desenvolvimento da criança. Os pais podem contribuir com informações relevantes sobre o contexto familiar e cultural da criança, enriquecendo as práticas pedagógicas e promovendo uma educação mais inclusiva e sensível às diversidades. Sendo assim a relação escola e família tornam-se imprescindível, pois a família como espaço de orientação, construção da identidade de um indivíduo deve promover juntamente com a escola uma parceria, a fim de contribuir no desenvolvimento integral da criança e adolescente.

Portanto, a contribuição da família nos processos de desenvolvimento das crianças na educação infantil é fundamental para promover uma educação mais integrada, que considere as múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil e proporcione experiência enriquecedoras para as crianças.

A acolhida na educação infantil é fundamental para proporcionar às crianças um ambiente acolhedor e seguro, favorecendo a adaptação e o sentimento de pertencimento. O espaço interno e externo da escola deve ser planejado de forma a oferecer oportunidades de exploração, descoberta e interação, estimulando o desenvolvimento integral das crianças.

Segundo a BNCC, “a entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada” (Brasil, 2018, p. 36). O tempo das pedagogias na educação infantil deve ser pensado de maneira flexível, respeitando os ritmos individuais das crianças e valorizando a brincadeira como eixo central da aprendizagem. As relações com os adultos devem ser pautadas pelo respeito, afeto e escuta atenta, promovendo vínculos de confiança que favoreçam o desenvolvimento emocional e social das crianças. A escolha criteriosa dos materiais e recursos pedagógicos é essencial para proporcionar experiências ricas e diversificadas, que estimulem a curiosidade e a criatividade das crianças.

O compartilhamento da docência entre os profissionais da educação infantil favorece a construção coletiva do conhecimento, enriquecendo as práticas pedagógicas e promovendo um ambiente colaborativo. As diferentes linguagens (como artes, música, movimento, entre outras) devem ser valorizadas na educação infantil, possibilitando que as crianças se expressem e se comuniquem de diversas formas.

A documentação pedagógica e o registro das atividades realizadas pelas crianças são importantes ferramentas para acompanhar seu desenvolvimento, refletir sobre as práticas pedagógicas e compartilhar as aprendizagens com as famílias. Portanto, todos esses elementos são fundamentais para promover uma educação de qualidade na primeira infância, que respeite as especificidades das crianças, valorize suas potencialidades e proporcione experiências significativas para seu desenvolvimento integral.

Porque como diz Paulo FREIRE, (1993, p. 57) “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão. O amor é compromisso. E esse compromisso exige que (...) eu invente em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar”. Pensar Paulo Freire na Educação Infantil é compreender que a educação é permanente vida, não apenas preparar para viver, mas, em uma constante leitura do mundo, cada vez mais crítica. E viver dessa forma, sejam crianças, jovens ou adultos, precisamos estar pautados no diálogo em busca do bem comum, do consenso e do saber, aproximando-se curiosamente do conhecimento e dos novos espaços a qual iremos habitar.

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDDT, 2014, p.247)

Nos últimos dois anos, a educação infantil passou por desafios significativos devido à pandemia de COVID-19. As instituições de ensino tiveram que se adaptar rapidamente a novas formas de ensino, implementando o ensino remoto e adotando medidas para garantir a segurança e o bem-estar das crianças, famílias e profissionais da educação. A necessidade de distanciamento social e as restrições de contato físico impactaram diretamente as práticas pedagógicas na educação infantil, demandando criatividade e inovação por parte dos educadores para manter o vínculo com as crianças e promover experiências significativas de aprendizagem. Além disso, a importância do acolhimento e da atenção à saúde emocional das crianças foi ainda mais evidenciada nesse período, demandando um olhar sensível para as necessidades emocionais das crianças diante das incertezas e mudanças na rotina. A parceria com as famílias também se tornou fundamental, uma vez que o contexto familiar passou a ter um papel ainda mais relevante no processo educativo das crianças.

A comunicação entre escola e família se intensificou, visando oferecer suporte emocional, orientações sobre o desenvolvimento das crianças e estratégias para a continuidade do processo de aprendizagem em casa. Apesar dos desafios, esse período também evidenciou a resiliência e a capacidade de adaptação das instituições de educação infantil, bem como a importância do trabalho colaborativo entre educadores, famílias e comunidade escolar para superar os obstáculos e garantir o direito à educação das crianças pequenas. Essa fase também reforçou a importância da valorização dos profissionais da educação infantil, que se mostraram fundamentais para o acolhimento, cuidado e promoção do desenvolvimento integral das crianças mesmo diante das adversidades. Todo profissional da educação infantil precisa trabalhar com amor, mantendo o coração aquecido mesmo nos momentos em que precisa impor limites. Limites esses que farão dessas crianças adultos responsáveis e empreendedores, para tanto esses limites necessitam ser ministrados da forma mais adequada sem gerar constrangimentos ou traumas. Contudo, é nessa fase que a criança vai se espelhar nos profissionais para formar seu caráter, seu estilo e seu modo de pensar, dessa forma ela irá experienciar. Portanto, cabe ao profissional da

educação infantil mostrar de forma atrativa, se reinventar a cada momento despertando o interesse das crianças.

Referências

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014 BRASIL. RESOLUÇÃO Nº5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009. FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 FREIRE, Paulo. Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS ELEMENTOS DA NATUREZA E AS INÚMERAS POSSIBILIDADES DO BRINCAR

Juliana Beatriz Da Ros¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

O presente trabalho configura-se como um resumo expandido, cujo objetivo é trazer análises e reflexões acerca dos processos observados durante o período da docência compartilhada na educação infantil. Compreende-se aqui o termo “docência compartilhada” como uma experiência de docência planejada e viabilizada sob viés do compartilhamento de ideias, trocas mútuas estabelecidas entre a acadêmica e as professoras referências, professoras referências e a acadêmica, durante o período dedicado às observações da turma, aprovação do projeto de docência e a docência propriamente dita.

A docência foi estruturada partindo de um importante período prévio de pesquisa e estudos sobre a mesma, onde foi definido que a base do projeto seria alicerçada trazendo os elementos da natureza e as possibilidades do brincar, bem como, a importância do brincar e do brincar heurístico como elementos fundamentais para o desenvolvimento das potencialidades, motoras, cognitivas, sociais, afetivas, sensoriais... através da elaboração de um Referencial Teórico e posteriormente de um Projeto de Docência Compartilhada, que orientou a proposição das interações e mediações estabelecidas durante o processo.

O período de docência compartilhada foi desenvolvido durante cinco dias úteis de uma semana, perfazendo um total de 20h de trabalho,

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

interações e mediações com as crianças da turma escolhida para a prática.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação buscando conhecer a história da Educação Infantil no Brasil, a legislação, os documentos orientadores e as concepções de criança, como forma de estruturação e embasamento teórico, orientando a elaboração das vivências propostas durante o período de docência compartilhada.

As interações com a turma foram organizadas no formato de vivências, trazendo os elementos da natureza, o brincar e o brincar heurístico como forma e possibilidade de interações, pesquisas, socializações, construções... possibilitando às crianças envolvidas no processo, o direito de interagir, brincar, socializar exercitando o direito da escolha, de protagonizar o movimento de conhecer, pesquisar, relacionar, aprender... de forma espontânea, estimulando a potência que existe na criança e a potência que habita nos processos inerentes ao brincar.

Uma metodologia participativa, cujo objetivo foi o envolvimento das crianças na construção do conhecimento em uma experiência contínua e interativa, movida pela curiosidade, interações, brincadeiras e socialização.

Resultados e discussões

A Educação Infantil em nosso país vem passando por mudanças importantes no que tange os aspectos referentes à concepções que orientam as práticas pedagógicas e os objetivos em si da sua existência. Passados os períodos do assistencialismo, da concepção médica, da concepção da necessidade de compensação, vivenciamos um período de reorganização da Educação Infantil conforme preconizam os documentos orientadores da Educação Nacional para essa etapa da Educação Básica.

As INTERAÇÕES e BRINCADEIRAS configuram os eixos centrais nas orientações para o planejamento e proposição de ações, atividades e propostas pedagógicas para se pensar em Educação Infantil, na prática pedagógica em si. A estruturação tendo esses eixos altera significativamente a concepção de ensino e de criança que se tinha anteriormente. É através do brincar que a criança inicia os processos de exploração e significação do mundo que a rodeia. Com a maturação

motora, gradativamente, vai ampliando as possibilidades de exploração, sendo estas, cada vez mais complexas permitindo o desenvolvimento da cognição, inteligência, criatividade e imaginação. A sociabilidade, as convenções e os traços culturais também são trazidos no ato de brincar apresentando por vezes homogeneidade e por vezes, singularidades na forma como se relacionam com o brinquedo, com o brincar.

Os elementos não estruturados e o brincar heurístico, contribuem de forma significativa no desenvolvimento da criatividade e imaginação, constituindo-se como um importante suporte na oportunização de espaços, vivências que impulsionam a participação da criança como protagonista na forma com que cada uma agrega conceitos, elabora estratégias de pesquisa e explora os materiais, os tornados únicos e múltiplos no mesmo movimento do brincar. No movimento atento de escuta e registro, o professor poderá evidenciar esse processo de forma individual e coletiva com as crianças envolvidas no processo. Os elementos da natureza representam essas muitas possibilidades do brincar, permitindo pesquisas, movimentos estéticos, estruturações e construções diversas potencializando e materializando os processos criativos, investigativos, estéticos e sociais no ato de brincar.

A criança não é mais entendida como um adulto em miniatura que precisa ser treinada para responder de forma adequada, ou dar conta das demandas futuras que serão oportunizadas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas sim, como um sujeito histórico e de direito, que pensa, sente, compreende, socializa produzindo cultura. Um ser em desenvolvimento, potente, que necessita vivenciar experiências que possibilitem o pleno desenvolvimento, vivências que estimulem e proporcionem espaços para que a criatividade, curiosidade, protagonismo e autonomia possam ser exercidas de forma livre, oportunizando crescimento que vai muito além do crescimento físico, motor.

Para dar conta dessa demanda o professor precisa estar em constante busca por conhecimento e principalmente aberto para redimensionar a prática, abrindo mão da abordagem transmissiva, oportunizando uma abordagem pedagógica participativa. Nessa abordagem, a participação da criança é essencial. O objetivo da pedagogia participativa, segundo Formosinho (2019), é buscar o envolvimento da criança na construção do conhecimento em uma experiência contínua e interativa. A imagem da criança é a de um ser ativo e competente, onde a motivação para a aprendizagem é sustentada pelo interesse intrínseco na tarefa e pela motivação intrínseca da criança. A criança ativa, a criança em atividade,

motivada pela curiosidade, pelo movimento de aprender, de construir, elaborar e reelaborar compreendendo o funcionamento das coisas e compreendendo a dinâmica do mundo em que vive.

A abordagem participativa demanda muita pesquisa e estudo para que as proposições não se percam na falta de intencionalidade pedagógica. Não se trata de deixar qualquer brinquedo, de qualquer jeito, para que as crianças interajam livremente com estes. Trata-se de pesquisar e planejar o que será disponibilizado para as crianças e também de que forma. A intencionalidade pedagógica deve perpassar todo o movimento, desde o momento da escuta (que antecede a proposição, a elaboração do projeto), da preparação do ambiente para a acolhida ou vivência, seleção e organização dos materiais para os espaços, formas de mediação e interação com as crianças. Somente poderemos conceituar de abordagem participativa na educação infantil se tivermos a clareza que essa demanda intencionalidade pedagógica.

Considerações finais

O período de docência compartilhada foi de grande valia, pois tive a oportunidade de comprovar na prática o que a teoria havia trazido como base e suporte. Sim, as crianças são potentes, são curiosas e pesquisadoras natas. Exploram, brincam, socializam de forma criativa, inventiva e bela os espaços propostos com intencionalidade pedagógica para as vivências. Conseguiram organizar-se de forma livre e espontânea, interagindo sem grandes conflitos, que na grande maioria das vezes foram solucionados sem a mediação do adulto referência.

Os elementos da natureza possibilitam múltiplas possibilidades de brincar, porque nos processos passam a ser não estruturados. A pedra foi sacas de soja, foi bolo de chocolate, foi ovo de pássaro em um ninho, foi passarinho “Cuculim” (nome dado para o pássaro), foram peixes pegos em uma rede, formaram cercados para animais que eram galhos e sementes... A madeira foi parte de colheitadeira, cesta de doces, celular, controle remotos, parte de um computador, base diversa para construções variadas de vários tamanhos...foram fontes de pesquisas, trocas, socializações e muito aprendizado. A potência pujante do ser criança sendo evidenciada dia após dia nas vivências propostas.

Pude constatar que a preparação dos espaços para a acolhida das crianças é fundamental para o bom andamento das vivências, e que quando

esses espaços possuem intencionalidade pedagógica os processos ficam evidentes, facilitando a escuta e os registros. Os conflitos e problemas são minimizados, porque as crianças estão ocupadas com algo que as interessa. Brincam, trocam, interagem com autonomia recriando contextos, ampliando as possibilidades do brincar.

Respeitar a criança como ser histórico e de direito é possível. É possível ouvi-la e possibilitar espaços em que ela possa escolher, criar, recriar, falar, organizar, reorganizar, descobrir e socializar... Um espaço rico de possibilidades, de aprendizagens e de alegria.

A docência compartilhada reforçou a importância da busca por conhecimento como uma forma de qualificar e possibilitar interações, atividades, vivências que estejam de acordo com o que é preconizado nos documentos orientadores da Educação Infantil. É a primeira etapa da educação básica e não pode ser negligenciada por aqueles que têm o dever de oportunizar espaços de qualidade pedagógica para as vivências e o crescimento pleno das crianças.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LEI Nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

GOLDSCHMIED, Elinor. **Educação de 0 a 3 anos: Atendimento em creche**- 2. ed - Porto Alegre: Grupo A, 2006.

OLIVEIRA, Formosinho, Júlia. Oliveira. **Documentação Pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019.

OLIVEIRA, Zilda R (ORG). **O trabalho do professor na Educação Infantil**- 1. ed- São Paulo; Biruta, 2012.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo; Petrópolis, 2016.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS ANIMAIS DA FAZENDA: BRINCANDO COM SOMBRAS E LUZES

Janaina Adorian Dalsasso¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

Este resumo expandido é o relato e análise crítica reflexiva da prática do meu estágio com Docência Compartilhada na Educação Infantil, como acadêmica da 2ª turma do Curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR, junto à Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ.

Buscando desenvolver uma prática com muita brincadeira, ludicidade, afetividade e respeito o desenvolvimento da docência compartilhada vem ser colaborativa, vem contribuir, acrescentar, dar suporte e segurança a iniciação do acadêmico a experimentação funcional de sua futura profissão.

O presente resumo expandido objetiva analisar criticamente e reflexivamente a minha prática como docente com a turma do Maternal I da Educação Infantil, que se iniciou com o planejamento em fundamentação teórica acerca da importância da afetividade na educação infantil e com toda a bagagem de conhecimentos obtidas com o desenvolvimento das disciplinas acadêmicas ao longo do Curso de Pedagogia.

Partindo do pressuposto de analisar não somente a prática do estágio, mas os vínculos proporcionados e aprofundados entre as crianças, entre os professores e entre crianças e professores. Analisar se foi possível

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

desenvolver na prática tudo que foi idealizado e principalmente como se deu a recepção por parte dos alunos, se desenvolveu-se relações regadas com muito respeito, afetividade e vivências ricas para o desenvolvimento de aprendizagens significativas para a construção de conhecimentos e desenvolvimento pleno das crianças acerca do tema “Animais da fazenda brincando com sombras e luzes”.

Metodologia

O presente Estágio com Docência Compartilhada na Educação Infantil, com temática voltada aos animais da fazenda: brincadeira com sombra e luzes, foi desenvolvido junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro I de Nova Ramada-RS, na turma do Maternal I no turno da tarde.

A escola tem como diretora a professora Adriane Rubert, Vice diretora Silvana Guarda Lara de Lima, como Coordenadora Pedagógica a professora Caroline Sangiogo. A turma do Maternal I tem 05 alunos matriculados, sendo que no turno da tarde frequentam 4, tendo como professora Referência na parte da tarde a Professora Isabela Pizetta e na parte da manhã Letícia Radin. A prática do Estágio com Docência Compartilhada, foi realizada partindo da metodologia da prática de diálogo e consulta à Professora Orientadora da Disciplina de Estágio: Currículo e Docência na Educação Infantil, professora Aline Aparecida Oliveira Copetti, à Coordenação Pedagógica da E.M.D.P I. e às professoras referências da turma do Maternal I.

Proporcionar o brincar e a interação prazerosa e respeitosa entre as crianças, criança adulto e adulto criança foram prioridades em toda a fundamentação metodológica, pois acredito que como Wallon diz que em todos os estágios de desenvolvimento humano a afetividade está presente com mais ou menos intensidade. Tendo por principal objetivo desenvolver as vivências com respeito proporcionando sempre desenvolver as explorações com muita brincadeira, ludicidade, partindo do pressuposto da curiosidade, da afetividade, das habilidades, da imaginação e predisposição a desafiar-se das crianças. Tendo em mente proporcionar sempre momentos que contribuam para o desenvolvimento integral de cada criança envolvida nas vivências propostas.

O projeto foi elaborado com o objetivo de despertar a imaginação das crianças sobre os animais, pois eles estão presentes na vida deles em

histórias infantis, brinquedos, músicas, desenhos e até mesmo em seu dia-a-dia. Levando em conta que os animais fazem parte do dia-a-dia, as vivências propostas buscam levar para as crianças as características dos animais, seus sons emitidos, assim como desenvolver atitudes de respeito e carinho por eles. Além disso, busca-se envolver a família nesse processo de construção de aprendizagens, pois essa relação é muito importante. A execução do projeto tem também como objetivo colocar em prática os conhecimentos adquiridos até o momento no curso de pedagogia.

Partindo da metodologia de disponibilizar espaços organizados previamente, acolhedores, ricos aos olhos, com a utilização da caixa de luz, globo de luzes, linguagem adequada, livro entre outros materiais, propícios à experimentação sensorial, oportunizar o desenvolvimento de múltiplas habilidades, sendo elas cognitivas, motoras, sociais e emocionais, e a constituição da criança como sujeito, de sua identidade, tendo por base os documentos norteadores da educação infantil principalmente no que tange os Direitos de Aprendizagem e aos Campos de Experiência, valorizando as múltiplas infâncias.

De acordo com FREIRE (1996, P. 47) “Educar é um ato de amor e para educar crianças é necessário sobretudo, amá-las profundamente”. Criança é definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil como sendo um

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010, p. 12).

Nesse processo a interação adulto/criança é indispensável para a formação desse indivíduo como ser social, cultural e inserido, de fato, no meio em que vive. De acordo com Wallon a afetividade é o centro do desenvolvimento humano defendendo que a vida psíquica é formada por três dimensões: motora, afetiva e cognitiva, uma exercendo influência sobre a outra.

Segundo Wallon (2003) o desenvolvimento do indivíduo acontece a partir das primeiras interações com as pessoas através das emoções que são como o combustível. Aos poucos vai acontecendo os sentimentos e depois as atividades intelectuais. No início da vida diferencia-se os estados de conforto e desconforto e surgem as emoções básicas a partir dos primeiros reflexos. É o ato motor que proporciona possibilidades para

que se estabeleça relações afetivas nesse momento de desenvolvimento dos bebês.

O desenvolvimento da criança depende das condições de maturação e do meio em que está inserida, ela concilia as percepções e os movimentos resultam no reflexo. O bebê se torna capaz de realizar atividades sensório-motoras, coordenando ao mesmo tempo o campo sensorial e motor, é através das emoções que se tem acesso ao mundo adulto, sendo assim, a afetividade se desenvolve antes da inteligência.

Para Wallon (1989, p. 131)

[...] o que permite à inteligência essa transferência do plano motor para o plano especulativo não é evidentemente explicável no desenvolvimento do indivíduo [...] mas nele pode ser identificada a transferência] [...] são as aptidões da espécie que estão em jogo, em especial as que fazem do homem um ser essencialmente social.

A evolução da criança irá depender da interação do potencial biológico com o meio social. Nessa interação acontecerá o desenvolvimento afetivo, através dos sentimentos, das emoções e dos desejos. O desenvolvimento vai ocorrer a partir da relação de novas funções e aquisições, de uma nova organização em que o motor, afetivo e cognitivo se integram e alternam. A afetividade vai evoluindo à medida que a maturidade vai acontecendo.

No processo de desenvolvimento a brincadeira permite aos bebês e crianças bem pequenas aprenderem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca. Elas não separam o momento de brincar do de aprender, esse processo acontece de maneira interligada. sendo assim, é necessário qualificar as oportunidades lúdicas das crianças, uma vez que quanto melhor for a qualidade de oportunidades para brincar oferecidas às crianças, mais prazerosas serão suas experiências, tanto para ela quanto para os adultos (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 25).

O planejamento das vivências foi um planejamento sequencial, com a intencionalidade de uma integralidade do que pode se desenvolver em sala, na escola com as crianças.

- 1º dia (13-05-2024) - Caça aos animais e construção do gráfico dos animais que as crianças gostam. Com o globo de luz ligado as crianças fizeram caça aos animais, onde procuraram dentro de uma piscina de bolinhas os animais da fazenda, conforme iam achando íamos conversando se conhecem aquele animal e se sabiam o seu som;

- 2º Dia (14-05-2024) - Contação da história “Fazendinha Feliz”, com a interação das crianças na contação, elas ajudaram a construção do cenário ao longo da história colocando as imagens plastificadas com velcro no material. Após exploraram o material no tatame e na caixa de luz. Depois desse momento desenharam na farinha de milho sobre a mesa o que mais tinham gostado da história.
- 3º Dia (15-05-2024) - Como os pais mandaram muitas imagens recortadas da pesquisa realizada na revista Globo Rural para a construção da maquete resolvi montar com eles um cartaz intitulado “Os animais da Fazenda”. Eu ia apresentando uma imagem por vez íamos conversando sobre ela e cada vez uma criança colava no cartaz;
- 4º Dia (16-05-2024) - Brincadeira e exploração dos animais da fazenda na caixa de luz com bolinhas de gel. Brincadeira e exploração dos fantoches dos animais da fazenda e dança com o uso do globo de luzes;
- 5º Dia (17-05-2024) - Construção do cartaz e diálogo sobre as nossas atitudes positivas e negativas em relação aos animais. Brincadeira com as sombras dos animais na parede a partir da lanterna do celular. Brincadeira com legos e os animais. Exploração dos livros sobre a cobertura do corpo dos animais.

Construção da Maquete dos animais com os pais: Foram enviadas revistas Globo Rural, aonde as famílias pesquisaram e recortaram imagens de animais da fazenda. Ao longo da semana do estágio foi montado a Maquete dos Animais da Fazenda pelas famílias.

Resultados e discussões

Depois de 45 horas pensando, analisando, conversando com a professora, monitora, direção, projetando e colocando a minha docência compartilhada em prática me sinto muito realizada com certeza esse processo todo superou as minhas expectativas. Desde o primeiro momento que entrei na sala e senti o meu coração pulsar novamente como a muito tempo não sentia em minha profissão pude lembrar e sentir novamente como é maravilhoso trabalhar com crianças na educação infantil.

Sentir o carinho das crianças, dos pais, colegas de trabalho da Educação Infantil foi muito bom, foi como se eu trabalhasse ali direto.

A cada proposta de vivência percebia muita empolgação das crianças, olhinhos brilhando, risadas de alegria, fascínio, engajamento e interação. Senti a importância de fazer tudo com muito amor e entrega.

Quando no primeiro dia a Manu e Raquel sentaram em meu colo e falaram: “vamos fazer uma selfie?”. Me senti muito feliz por ter conquistado essa demonstração de carinho no primeiro dia. Quando fazemos as coisas com amor, dedicação, dando o melhor de nós é muito bom. Pois planejamos tudo nos mínimos detalhes, e não medimos esforços para levar para as crianças o nosso melhor. Quando demonstramos afeto, e as crianças se sentem queridas, amadas é a porta de entrada para o processo de aprendizagem. Tudo fica mais fácil, mais gostoso e prazeroso.

Ao perceber que a professora gosta dela, que as relações são compostas de afetividade e respeito à aprendizagem ao perceber os gostos da criança, o professor deve aproveitar ao máximo suas aptidões e estimular as crianças para novas aprendizagens.

Em relação à minha prática com as cinco vivências, por mais que já conhecia os alunos, a professora regente e a escola, mesmo assim, precisei desempenhar o papel de educadora no período da prática, necessitei alterar a vivência das sombras que seria ao ar livre e por estar chovendo, incluí algumas metodologias em algumas vivências a partir das observações, adequando pequenas coisas, sinto que ficou ainda melhor do que tinha planejado.

No dia da primeira vivência quando propus a caça aos animais, utilizando o globo de luz percebi como estava sendo mágico para elas, estavam encantadas com o movimento das cores, então observei que poderia ampliar as vivências com luzes, pois para elas estava sendo mágico, estavam fascinadas. Percebi também que em meu projeto tinha explorado pouco essa questão das luzes, que poderia ter dedicado mais tempo a esse tema, embasado mais. O envolvimento delas me surpreendeu pois quando trabalhava de monitora no Maternal o tempo de envolvimento das crianças não dava mais de vinte minutos e nessa vivência permaneceram mais de uma hora. Esse ponto me chamou atenção em todas as vivências o tempo de envolvimento delas nas vivências propostas.

A construção do gráfico dos animais que as crianças gostam, realizado com elas, permitiu ir introduzindo noções de quantificação de forma lúdica. Foi muito importante para a construção do gráfico com as crianças ter todo o material bem organizado, recortado e separado, facilitou muito a montagem.

Como educadores desempenhamos o papel de mediadores na construção de aprendizagens significativas por isso é de suma importância a observação das crianças. Na docência compartilhada isso ficou muito claro no terceiro dia quando a Manu tirava os livros da prateleira colocava no chão e pisava, percebi que era hora de intervir. Me aproximei dela e disse “olha Manu, que livro legal, vamos olhar a história?” Então comecei a olhar o livro e contar a história a partir das imagens. Sentou no meu colo e trazia mais e mais livros para eu contar a ela. Os demais colegas também ficaram envolvidos e no final eu, a professora referência e a monitora estávamos com crianças no colo e contando histórias. No outro dia o pedido para contar histórias aconteceu de maneira espontânea pela Manu. Fica clara a importância de estar atento, observando, mediando quando necessário e aproveitar e explorar os momentos de aprendizagem que vão surgindo mesmo que não foram planejados e que tão bem são ricos. Devemos estar presentes de corpo e alma com a atenção às crianças.

A contação da história foi algo que me marcou muito e foi prazeroso, pois o fato de eu ter produzido o material representou muito. Foi muito gratificante após o término as crianças explorarem muito o material, tiravam e colocavam as imagens, montavam de várias maneiras e possibilidades. O tempo possibilitado de exploração foi respeitado a partir da interação e envolvimento deles, sem pressa de passar para o próximo momento, mas com muito respeito e afetividade ao interesse delas, de forma tranquila. Não estava planejado colocar as imagens da história na caixa de luz, mas partiu deles e respeitei e pra eles foi mágico.

Sempre me perguntava quando escutava a importância de trabalhar a pesquisa na educação infantil, mas pensava que isso deveria ser difícil de fazer. Quando planejei a construção da maquete com os pais e a pesquisa nas revistas de animais de fazenda para a partir dessas imagens montar uma maquete, não imaginei que seria algo tão representativo, rico e prazeroso como foi. Ao abrir os envelopes e ver a quantidade de imagens enviadas me surpreendeu, então aproveitei e decidi construir com as crianças um cartaz sobre os animais da fazenda. A produção de cartaz com o Maternal I me surpreendeu, e não tinha me dado conta como é rico trabalhar dessa maneira.

Ver o envolvimento dos pais, a alegria deles ao verem a maquete construída com certeza fechou minha docência de estágio com chave de ouro, com muita realização. Quando mostrei às crianças como tinha ficado a maquete, elas ficaram deslumbradas e começaram a buscar os animais de

brinquedo e colocar na maquete. Foi respeitada a iniciativa das crianças e deixado elas explorarem o momento.

A brincadeira permite aos bebês e crianças bem pequenas aprenderem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca. Elas não separam o momento de brincar do de aprender, esse processo acontece de maneira interligada, sendo assim, é necessário qualificar as oportunidades lúdicas das crianças, uma vez que quanto melhor for a qualidade de oportunidades para brincar oferecidas às crianças, mais prazerosas serão suas experiências, tanto para ela quanto para os adultos (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 25).

Considerações finais

Precisamos nos entregar, estar com as crianças ali de corpo e alma presentes, observando, mediando e interferindo quando necessário, pois se não estivermos atentos pode passar despercebido um momento de aprendizagem muito importante e rico para ser explorado. Conclui o estágio de docência compartilhada realizada. Poder conviver e compartilhar essas emoções com as crianças, foi um aprendizado muito grande para mim como profissional. A cada momento sentia o meu coração pulsar mais e mais. Tenho certeza que o meu estágio de docência na área de pedagogia, afirmou ainda mais, o quanto me transformei e me transformo dentro de uma sala de aula para ser uma professora que sim, ensina, mas sobretudo, que brinca, que diverte, que deixa marcas positivas em um ambiente com muito afeto.

As vivências proporcionadas na educação infantil precisam mexer com os sentimentos das crianças, fazer sentido pra elas, agregar aprendizagens significativas, que vão contribuindo para elas irem se conhecendo quem elas são e o seu papel na sociedade em que vivem.

No desenvolvimento das vivências e aprendizagens

haverá momentos de grande frequência cardíaca, outros de mais baixa, pulsações encadeadas, quase ataques cardíacos, e alguns de altíssima intensidade, mas, felizmente, nenhum cardiograma plano. Meçam os seus pulsos de batida e lembrem-se de que: as escolas seguem as crianças e não os cronogramas (MALAGUZZI, Loris, 2200, p. 89).

A prática da docência compartilhada na turma do Maternal I proporcionou em mim pulsações de grande intensidade, uma sensação de muito amor afeto, realização que só consigo sentir isso na educação infantil.

Referências

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <https://classroom.google.com/c/NjYyNzQ1NDA1NjI3/m/NjI4OTcxODk1MzY3/details> . Acesso: 29-03-2024.

GOLDSCHMIED, Elinor e JACKSON, Sonia. **O brincar heurístico na creche**: Percursos pedagógicos no observatório da cultura infantil - OBECI. Porto Alegre. Gráfica Comunicação Impressa, 1ª Edição. 2018.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 47.

WALLON, H. **As Origens do Pensamento na Criança**. São Paulo: Manole, 1989.

WALLON, H. **Ciclo da Aprendizagem**. Revista Escola. Fundação Victor Civita. São Paulo, ed. 160, 2003. WALTON, S. **Uma História das Emoções**. Rio de Janeiro: Record.

MALAGUZZI, Loris. **O que faz o coração pulsar?** P. 84 – 89. In: ABELLEIRA, Ángeles e ABELLEIRA, Isabel. **O pulsar do cotidiano de uma escola da Infância**. Ed. São Paulo, p.352. Versão integral, 31 julho 2020.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COLORINDO O COTIDIANO

Crisiane Werbes Wesner Bevilaqua¹
Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

Este resumo expandido é parte do portfólio da docência compartilhada na educação infantil. O estágio foi realizado no Município de Pejuçara, respectivamente na Escola de Educação Infantil Emei Maria Schuster, única escola de ensino infantil na cidade, que compreende mais de duzentos alunos em duas estruturas, localizadas em locais diferentes, uma que corresponde crianças de 0 a 2 anos e outra com crianças de 2 a 5 anos de idade. A escola conta com 50 funcionários entre diretora, vice-diretora, coordenadoras, secretárias, professores, monitores, merendeiras, serventes, vigia e zelador.

Uma escola que segue com flexibilidade o caderno apostilado desde 2022 para crianças acima de 2 anos, com orientações do Sistema Maxi de Ensino e demais instituições formadoras de conhecimentos educacionais.

Este documento de início, resgata um breve histórico da criança e da infância, capazes de permear entre a dignidade e a falta dela. Pautadas por fases diferentes, em tempos metódicos. Ao longo do texto, reflete sobre a prática compartilhada do primeiro estágio que está no currículo da graduação em Pedagogia pelo PARFOR, através da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-UNIJUÍ.

Anos atrás, a criança não era importante, era ignorada, considerada objeto de trabalho ainda na infância, ser humano que precisava render com benefícios de mão de obra escrava, que amanhecia para trabalhar para poder sobreviver. Philippe Ariès diz que, a criança por muito tempo foi

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

algo ignorado, por muitos eram considerados mini adultos, sem direitos, apenas com deveres, incapazes, sem aparentemente ter utilidade para a vida cidadã em sociedade, sem autonomia, dependentes. Eis aqui, um tempo diferente, um tempo em que muitos pais são escravos de seus filhos, trabalham para manter as suas “crias”, mimadas, sem deveres, somente com direitos. Eis aqui, um tempo em que nem sempre é o professor o adulto respeitado, o profissional que estudou e formou-se para educar, perde seu valor diante de uma criança enriquecida de reverências, com autonomia e autoridade. A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época” (BRASIL, 1998, p.21).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil afirmam que a criança é:

... sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Seguimos num caminho de muitas controvérsias a respeito da criança e de sua infância, principalmente quando a conversa é familiar. Criança pode brincar? Criança deve brincar? Quando a criança brinca? Para que brincar? Do que brincar? Hoje, a certeza que temos é a obrigatoriamente de crianças de 4 a 17 anos frequentando a escola entre o ensino infantil, anos iniciais e finais e ensino médio, adiante ainda, é para quem quer abranger sua formação acadêmica e ingressa na graduação, pós-graduação, enfim, segue um rumo de estudos frenéticos, pois acredita ser o melhor caminho a percorrer dentro da sociedade atual. Essa realidade pautada pelo Governo Federal Brasileiro requer cuidados e educação dentro da escola desde a primeira infância, fase fundamental para o desenvolvimento de um bom cidadão. Através desse contexto, surge a graduação de Pedagogia, caminho lúdico, de cuidados, educação e de muito amor. Os estudos da Pedagogia na UNIJUÍ, está sendo uma porta multiperceptiva, que faz o acadêmico refletir sobre a essência da infância e da criança.

Metodologia

Contudo, para completar o primeiro estágio dessa incrível graduação, o PARFOR, através dos modelos sobre o pensar educacional

que a UNIJUÍ oferece ao aluno, sugere um estágio compartilhado leve na educação infantil. Como educadores é gratificante, emocionante poder acompanhar o desenvolvimento de uma criança de perto, poder propor e ver que com vivências, exploração, experiências diversas, ela aprende, observa, se relaciona, questiona, produz sentidos e desenvolve sua identidade, vivendo, ao longo de sua fase criança, muitas infâncias, uma vez que “[...] ser criança não implica em ter que vivenciar um único tipo de Infância”. (Brasil, 2009, p.22).

Utilizei uma metodologia que relacionou o brincar nos diferentes espaços da escola, possibilitando o aprendizado das cores primárias, num momento prazeroso e divertido. Construí o plano de aula diante de uma problemática da turminha das Crianças Bem Pequenas I, crianças entre 1 e 2 anos de idade, que estavam com dificuldades em memorizar a cor. Após muitas observações na turma, crianças, professora regente, monitora, escola, tempo, disponibilidades, oportunidades, ambiências, entre outros, estudei cinco vivências que poderiam saciar algumas curiosidades, garantindo boas surpresas e explorações para a turma. Abaixo, as vivências e suas contemplações:

- Vivência 1: Brincando com espuma amarela;
- Vivência 2: Brincando com o TNT/EVA motor azul;
- Vivência 3: Brincando e deslizando na caixa para colorir a copa da árvore verde;
- Vivência 4: Brincando de colorir rolinhos de papel higiênico com urucum vermelho;
- Vivência 5: Brincando de colorir arroz nas cores (amarelo, azul, verde e vermelho) para confeccionar um chocalho.

Este último, envolvia as cores relacionadas anteriormente num único brinquedo, chamado de “Arco-Íris das cores”, o qual foi identificado o nome da criança, das professoras regente e estagiária, da monitora da turma, bem como o nome do brinquedo. O Arco-Íris das cores foi um fechamento de estágio lindo, cheio de cores, vida e sons, que levou aprendizagens e deixou recordações.

Resultados e discussões

Depois de 45 horas pensando, analisando, conversando com a professora, monitora, direção, diante de tudo o que foi minha docência

compartilhada, sentindo nas veias a responsabilidade e o compromisso por 13 crianças de dois anos de idade, dentro de quatro paredes principais, seguindo as regras da escola, regras e combinados da turminha com a professora Sandra, regente e monitora Daiala, só assim, pude perceber o verdadeiro significado do “fazer por amor”. Sim! Pois fazer por amor é mais do que fazer por obrigação. Fazer por amor, é mais do que fazer porque precisa ser feito. Fazer por amor, é uma porta do coração que a pessoa abre e quer fazer sempre melhor, por eles e para eles, não basta fazer o que necessário ou fazer porque é obrigatório, por apostila, por regras da escola, do município, enfim, quando se quer abraçar aquele amor, não se olha para os lados, não considera bonito ou feio, cheiroso ou mal cheiroso, se abraça com vontade e com a ternura em que crianças de 2 anos merecem. Sou professora efetiva na área de Educação Física nesta mesma escola e sempre pensei assim, se vou abraçar é com verdade, com carinho, com ternura e aí, encho de beijos também.

Penso que ser professora, principalmente dos mais pequeninos, é necessário cuidado, mas mais que isso, é essencial o afeto, e sobretudo, puxar para o colo, fazer cócegas, conversar, brincar sentada no chão, deixar rolares por cima de você, é demonstrar afeto, só assim, você conquista uma turma e depois os ensina. E quando recebemos de volta todo esse carinho, o quanto é gratificante, os comentários dos pais, que o filho falou na profe Cris, pede da profe Cris, chora pela profe Cris depois do término do estágio, isso é no mínimo, emocionante.

Lembrando minha prática com as cinco vivências, por mais que já conhecia os alunos, a professora regente e a escola, mesmo assim, precisei adequar, necessitei alterar espaço pelas adversidades do clima, com a chuva e o frio, todavia, readequando pequenas coisas, sinto que ficou ainda melhor. As crianças estavam ali e fizeram as vivências pois elas gostaram da proposta e tiveram interesse em explorar, com isso, os resultados esperados vieram, foram atividades brincantes, onde teve avaliação da compreensão, logo depois da vivência, na sala de aula, montando pecinhas das cores orientadas, relacionado objetos e cores, camisetas e cores, tintura do arroz, esses momentos pós vivência principal, foram também, de suma importância, pois ali que as crianças demonstraram que eles haviam entendido e memorizado as cores primárias. Ao mesmo tempo em que brincam, eles aprendem. “Além de ser uma atividade própria da infância, ou o trabalho das crianças, como costumam dizer alguns educadores, brincar é essencial ao desenvolvimento- razão pela qual se tornou direito reconhecido e garantido por lei” (BRITES, LUCIANA, 2020, p.73).

O ato de comer, descansar, ir ao banheiro, dormir, andar pela escola, socializar com os amigos, são fatores indispensáveis no bom desenvolvimento da criança, sobretudo, o brincar, brincar sozinho, a dois, em grupo, com criança, com o professor, com os pais, é uma necessidade e de grande valor educativo.

A brincadeira permite aos bebês e crianças bem pequenas aprenderem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca. Elas não separam o momento de brincar do de aprender, esse processo acontece de maneira interligada. sendo assim, é necessário qualificar as oportunidades lúdicas das crianças, uma vez que quanto melhor for a qualidade de oportunidades para brincar oferecidas às crianças, mais prazerosas serão suas experiências, tanto para ela quanto para os adultos (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 25).

E quando se imagina uma brincadeira, nós adultos, racionais, profissionais formados e informados quanto ao cuidado e inclusão, precisamos pensar também para quais crianças, qual idade, em qual espaço, com qual tema, etc e tal, as crianças, só precisam de imaginação. E quanto isso é encantador, ver a ideia que nem era ideia, se transformar em realidade, num instante brincante.

Um adulto que teve infância, jamais deixa sua criança sem infância, ele inventa e incentiva, ele cria e constrói, ele senta ao chão, se deita e rola junto porque entende que essa sem dúvida alguma, é a fase mais importante da vida de qualquer ser humano. Uma infância bem vivida, é uma vida menos sofrida, ali haverá lembranças que serão carregadas por todas as fases da vida, que podem alegrar um dia escuro ou um momento de profunda dor.

Considerações finais

Enfim, poder conviver e compartilhar essas emoções com as crianças, é um aprendizado também para os profissionais. São dias, semanas, meses da vida de uma criança lançada juntamente com a nossa e não podemos deixar simplesmente passar despercebida, pelo contrário, deve ser lembrada por essa criança para o resto da vida dela. Esse é o meu propósito como professora, deixar uma marca no coração de cada criança que passar por mim. E acredito que meu estágio de docência na área de pedagogia, afirmou ainda mais, o quanto me transformei e me transformo dentro de uma sala de aula para ser uma professora que sim, ensina, mas sobretudo, que brinca, que diverte, que deixa marcas.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família** 2^a. ed. Rio de Janeiro, LTC, 2006.

ARIÈS, Philippe. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação, Cultura e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

Claudia Magali Radin de Lima Chassott¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

Este resumo expandido é o relato e análise crítica reflexiva da prática de meu estágio com Docência Compartilhada na Educação Infantil, como acadêmica da 2ª turma do Curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR, junto a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ.

Buscando desenvolver uma prática inovadora, com novas metodologias a prática de docência compartilhada vem ser colaborativa, vem contribuir, acrescentar, dar suporte e segurança a iniciação do acadêmico a experimentação funcional de sua futura profissão.

O presente resumo expandido vem trazer e proporcionar a analisar crítica e reflexivamente minha prática como docente em uma turma de Educação Infantil, que iniciou-se com o planejamento pautado em fundamentação teórica acerca da infância, dos espaços escolares, das ambiências, da afetividade, das brincadeiras e das interações, nos documentos orientadores da Educação Infantil- Base Nacional Comum Curricular e no Documento Orientador do Território Municipal de Ajuricaba-RS, com consultas aos Planos de Ação da EMEI Pedacinho de Gente assim como aos Planos de Trabalho das Professoras Referência e de Projetos da Turma Maternal II da EMEI Pedacinho de Gente, assim como em toda bagagem de conhecimentos obtidas junto aos bancos acadêmicos do Curso de Pedagogia.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Partindo do pressuposto de analisar não somente a prática visual do estágio, mas os vínculos proporcionados e aprofundados entre as crianças, entre os professores e entre crianças e professores. Analisar se foi possível desenvolver na prática tudo que foi idealizado e principalmente como se deu a recepção por parte dos alunos, se desenvolveu-se os ambientes convidativos as brincadeiras e as interações, o estímulo, gerando a criatividade a autonomia, a socialização, a resolução dos conflitos, a diversidade na educação infantil, a pluralidade, com culminância em uma educação não somente de qualidade, mas de excelência.

Metodologia

O presente Estágio com Docência Compartilhada na Educação Infantil, com temática voltada as Brincadeiras e Interações nos Espaços Escolares, foi desenvolvido junto a Escola Municipal de Educação Infantil Pedacinho de Gente do Município de Ajuricaba-RS, na turma de Maternal II.

A escola tem como diretora a professora Claudia Magali Radin de Lima, como Coordenadora Pedagógica a professora Denize Rodrigues Mafalda. A turma do Maternal II tem 14 alunos matriculados, tendo como professora Referência- Professora Sara Maitê Bier Barcelos Rodrigues, Professora de Projetos – Professora Ivone Rasador Nunes da Luz.

A prática do Estágio com Docência Compartilhada, foi realizado partindo da metodologia da prática de diálogo e consulta a Professora Orientadora da Disciplina de Estágio: Currículo e Docência na Educação Infantil professora Aline Aparecida Oliveira Copetti, a Coordenação Pedagógica da EMEI Pedacinho de Gente e as professoras referência e de projetos da turma.

Tendo por principal objetivo sempre desenvolver as ambiências nos espaços escolares proporcionando um convite as crianças para as brincadeiras e interações, partindo do pressuposto da curiosidade, da afetividade, das habilidades, da imaginação e predisposição a desafiar-se das crianças.

Visando sempre o desenvolvimento integral de cada criança envolvida nas vivências propostas.

Partindo da metodologia de disponibilizar espaços organizados previamente, acolhedores, ricos aos olhos, com iluminação, mobiliário adequado, disposição de materiais diversos, linguagem adequada, propício

a experimentação sensorial, oportunizar o desenvolvimento de múltiplas habilidades, sendo elas cognitivas, motoras, sociais e emocionais, e sua constituição como sujeito, de sua identidade, tendo por base os documentos norteadores da educação infantil principalmente no que tange os Direitos de Aprendizagem e aos Campos de Experiência, valorizando as múltiplas infâncias.

Tendo como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil afirmam que a criança é:

... sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2010, p. 12).

[...] ser criança não implica em ter que vivenciar um único tipo de Infância. (Brasil, 2009, p.22).

O brincar e a interação prazerosa e espontânea, foram sempre prioridade em toda fundamentação metodológica, pois acredito que como diz Brites, O que é o Brincar? “Além de ser uma atividade própria da infância, ou o trabalho das crianças, como costumam dizer alguns educadores, brincar é essencial ao desenvolvimento- razão pela qual se tornou direito reconhecido e garantido por lei”... (BRITES, LUCIANA, 2020, p. 73).

A brincadeira permite aos bebês e crianças bem pequenas aprenderem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca. Elas não separam o momento de brincar do de aprender, esse processo acontece de maneira interligada. Sendo assim, é necessário qualificar as oportunidades lúdicas das crianças, uma vez que quanto melhor for a qualidade de oportunidades para brincar oferecidas às crianças, mais prazerosas serão suas experiências, tanto para ela quanto para os adultos (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 25).

Resultados e discussões

A realização do estágio com Docência Compartilhada na Educação Infantil, efetivou-se tendo como ponto de partida a prática de minha apresentação como estagiária do Curso de Pedagogia PARFOR/UNIJUÍ a Coordenadora Pedagógica da instituição a qual escolhi para desenvolver meu estágio, a Escola Municipal de Educação Infantil Pedacinho de

Gente- Ajuricaba/RS, a qual sou a diretora e nesta situação não poderia estar representando a instituição.

Realizei a apresentação toda a proposta e metodologia do estágio de Docência Compartilhada, como ocorreria seu desenvolvimento.

Em um segundo momento, me apresentei como estagiária do Curso de Pedagogia as professoras referência e de projetos da turma de Maternal II, assim como apresentei a proposta de Docência Compartilhada e como ela transcorreria.

Em uma mescla de Diretora escolar e de estagiária, em uma reunião pedagógica de equipe, compartilhei com toda a equipe da escola, que estaria no a partir daquele momento em situações a parte de minhas funções laborais desenvolvendo a prática do estágio na Educação Infantil.

Dei início então a elaboração da fundamentação teórica com a definição da temática abrangendo os espaços escolares e as ambiências. Temática está baseada nos meus anseios a partir das aprendizagens oriundas do curso e da minha experiência e observações enquanto gestora de uma EMEI, da educação de excelência na educação infantil, promovendo práticas inovadoras, investimentos em estrutura e infraestrutura escolar.

O espaço escolar a meu ver, deve ser planejado, no intuito de oportunizar/oferecer as crianças um ambiente convidativo, instigante, acolhedor, que propicie a socialização, a interação, o afeto, a empatia, deve ser educativo a todos que li estiverem e desfrutarem dele. Nesse contexto, um espaço não é apenas de aprendizagem, mas também democrático e inclusivo, que se fortalece pelo respeito as diferenças e à diversidade, sem discriminação e preconceitos (BRASIL, 2017).

Ribeiro (2004, p. 105) afirma que

o espaço escolar deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolve a prática pedagógica, sendo assim, ele pode constituir um espaço de possibilidades, ou de limites, tanto o ato de ensinar como de aprender exigem condições propícias de bem-estar docente e discente.

Na sequência após aprovado o Referencial Teórico, pude realizar as observações junto a turma do Maternal II da EMEI Pedacinho de Gente, agora com um olhar diferenciado como docente, com foco nas características da turma, nas necessidades dela, para dessa forma poder alinhar a minha temática e proporcionar vivências enriquecedoras, que viessem a fomentar e contribuir com o desenvolvimento das crianças envolvidas.

Partindo das observações, diálogos com a coordenação pedagógica, com professora referência da turma e a professora de projetos da turma, assim como com consulta a BNCC, ao DOTA- Documento Orientador do território Municipal de Ajuricaba, ao Plano de Ação da escola, aos Planos de Trabalho das professoras e Projetos por elas desenvolvidos, voltei-me a elaboração e do Projeto intitulado Docência na Educação Infantil, temática Brincadeiras e interações nos espaços escolares, culminando na apresentação do mesmo a professora Orientadora e colegas da graduação.

Na sequência elaborei um encarte, o qual encaminhei para as famílias das crianças, me apresentando como acadêmica e estagiária do Curso de Pedagogia da Unijuí, assim como apresentando o período de realização do estágio e a proposta a ser desenvolvida em colaboração com as professoras da turma através da Docência Compartilhada. Acredito que dessa forma as famílias se sentiram ainda mais seguras com a realização do estágio.

Na sequência do dia 06 a 10 de maio de 2024, concretizou-se na prática, todo planejamento e construção realizados nos meses de março e abril.

A prática em sala de aula foi riquíssima, cheia de descobertas, um novo olhar, visto que a 4 anos e meio desempenho a função de Gestora de Educação Infantil, e sempre foi um desafio diário, uma dificuldade não ter a formação em Pedagogia e o mínimo de experiência junto a sala de aula, diretamente com as crianças bem-pequenas e pequenas.

Eis que sempre foi um desejo meu, ampliar minha formação, mas principalmente meu conhecimento na área da Pedagogia. Porém as oportunidades que surgiam sempre foram de graduações EAD, e esse nunca foi meu objetivo, acredito na formação presencial, no contato direto com o professor, com os bancos universitários, e ter essa oportunidade de cursar Pedagogia na UNIJUÍ de forma presencial, através de um programa que fomenta a formação de qualidade do profissional de educação, veio de encontro aos meus anseios e necessidades.

Na realização da prática docente em sala de aula com docência compartilhada, pude experienciar com as crianças algumas metodologias pedagógicas, com olhar e escuta para a criança e suas necessidades, que acredito serem essenciais ao dia a dia escolar, metodologias inovadoras, com vivências simples, mas em espaços organizados, com ambientes convidativos a experiências individuais e coletivas, de desenvolvimento integral e de excelência a todas as crianças.

Como Diretora da EMEI Pedacinho de Gente, venho junto com a coordenadora da escola fomentando e viabilizando Formação Continuada acerca do acolhimento, da afetividade, da linguagem pedagógica, dos espaços escolares e suas ambiências, assim como melhorar a estrutura e infraestrutura da escola, com aquisição de brinquedos, mobiliário Pikler, playground, melhorias no pátio da escola e melhor utilização dos espaços escolares.

Eis que agora com o estágio de docência compartilhada tive a oportunidade de realizar algumas vivências que eu idealizava.

Como supracitado, foi uma experiência riquíssima, em que me ausentei da escola como Diretora e pude me dedicar exclusivamente a minha prática docente, recebendo apoio da família, dos amigos, das colegas que integram a equipe da EMEI Pedacinho de Gente, assim como das crianças e suas famílias.

Cabe aqui referendar todo apoio que tive de minha equipe, pois nesse período entenderam meu objetivo dessa imersão total na experiência de atuar como professora de uma turma de educação infantil.

Acredito ter conseguido desenvolver boas vivências juntos com as crianças e professoras da turma. A proposta era possibilitar a efetivação dos eixos estruturantes Brincadeiras e interações através de espaços planejados, organizados, ambientados, que fossem convidativos as crianças a experienciar coisas simples do cotidiano.

Foram 5 dias de total dedicação ao estágio, em que tivemos várias vivências enriquecedoras, de aprendizagens, de partilha, de ludicidade, de acolhida, digo tivemos, pois, as mesmas não foram apenas para as crianças, mas sim para mim também.

Foi um planejamento sequencial, com a intencionalidade de uma integralidade do que pode se desenvolver em sala, na escola com as crianças.

- 1º dia- No primeiro dia, dia 06 de maio, foi desenvolvida a 1ª vivência - Na rodinha foi realizada a Contação de história- O Sanduíche da Maricota, com socialização da história e sua interpretação;
- 2º Dia- No segundo dia, dia 07 de maio, 2ª vivência, com base na história O Sanduíche da Maricota contada no dia anterior, foi trabalhado a vivência com mesas de luz e lupas, para observação dos ingredientes que compõem O Sanduíche da Maricota, assim como outros ingredientes que são utilizados

na montagem de sanduíches naturais, na sequência os alunos poderão registrar os ingredientes, as cores dos alimentos, que gostaram de observar através da arte gráfica, utilizando tintas e diferentes marcadores, folhas de diferentes texturas;

- 3º dia- No terceiro dia, dia 08 de maio, 3ª vivência, com base na história contada e contemplando o Projeto Saúde na Escola desenvolvido junto a turma, os alunos foram convidados a montar sanduíches saudáveis. Foi novamente contada a história do Sanduíche da Maricota, após foi realizado uma vivência prática em que cada um montou o seu, o qual foi sua refeição da tarde, dessa forma puderam experimentar diferentes sabores e alimentos saudáveis;
- 4º Dia- No quarto dia, dia 09 de maio, 4ª vivência, foram utilizados os espaços externos da escola, onde foram montadas ambiências convidativas às crianças a brincarem e interagirem umas com as outras de maneira livre (Blocos translúcidos, Blocos de madeira vazados, Modelagem com Massinha de Modelar, Lego, Aramados de motricidade fina);
- 5º Dia- Eis, que o desafio de mudança de planejamentos se apresentou para mim. No quinto dia havia um planejamento projetado para vivências externas, de contato com a natureza, ao ar livre, porém devido o mal tempo, tudo teve que ser revisto, replanejado, e como aqui me vali da minha experiência de docência de sempre ter planejamentos a mais, para em caso de intercorrências, conseguir dar continuidade às aulas. E dessa experiência me vali, para em diálogo mais uma vez com as professoras repensar as vivências. Dessa forma as vivências do quinto dia, 10 de maio, foram igualmente as demais especiais e riquíssimas, de brincadeiras e interações. Foi realizada uma roda de conversas com retrospectivas da semana, atividades com músicas, e foi montado na sala referência da turma uma cozinha com o mobiliário Pikler, pistas de hot weels, onde as crianças puderam brincar com liberdade utilizando de sua imaginação.

Conseguí desenvolver quase que de forma integral o planejamento, isso me deixando muito feliz, mas o principal, é que a cada dia me surpreendia com as crianças, com sua energia, de como há diferentes nuances em um só turno, em um grupo. Não foi tudo só flores e arco-íris,

sim muitos desafios para contornar conflitos, disputas, e a energia que por vezes extrapolava o que comporta uma sala de aula, o direito do outro, mas tudo dentro do que cabe e é compreensível a faixa etária.

Todas as crianças muito solícitas as vivências propostas, havendo muita participação, concentração, dinamismo, ludicidade, afetividade, troca.

Com a as professoras também, um diálogo aberto de troca, onde me sentia à vontade em pedir auxílio, em nenhum momento “soltaram minha mão”, me deram todo suporte e apoio necessário, quando sentia vulnerável ou com dúvida em conduzir as professoras de maneira natural realizavam as intervenções.

Me recordo, que umas das grandes dificuldades minhas, foi a questão das músicas e cantigas e as professoras foram um suporte ímpar, na tentativa de superar essa dificuldade eu até dizia as crianças de que eles eram meus professores e convidava eles a me ensinarem as músicas, era uma avalanche de músicas e principalmente troca e espontaneidade dos pequenos.

Foi uma semana cheia de afeto, com toda certeza fui muito afetada por essa turminha especial.

Acredito ter tido êxito em meu propósito de exemplificar e ver se é possível ter espaços escolares com ambiências e estes serem palco para brincadeiras, interações e principalmente o desenvolvimento de cada criança. Claro eu estava imersa nesse foco, com tempo, carga horária para planejamento e organização, algo que por vezes é difícil no dia a dia de um professor de 40 horas em sala de aula.

Mas minha ideia era plantar uma sementinha na prática de minhas colegas e acredito ter tido êxito. Ao retornar as minhas funções laborais vejo um movimento de maior utilização dos espaços escolares, da organização deles, das disposições de brinquedos e materiais diferentes.

É um movimento trabalhoso, que requer muita doação, de entrega do profissional, mas que vale super a pena, quando você vê a colaboração entre os pequenos, ver que eles conseguem superar seus limites, que se concentram, participam.

Houve grande evolução da Educação Infantil, de uma escola que em seu princípio era depósito para crianças que os pais precisavam trabalhar hoje passar a ter um olhar e ambiente de seguridade e garantia de direitos sim de cuidado, mas muito mais de identidade, de construção de pequenos

cidadãos, que mesmos em tenra idade já tem opinião, expressam-se com sabedoria, autonomia.

Para mim, poder colaborar no desenvolvimento dessas crianças não tem preço. Todos dizem que quando se atua na Educação Infantil, a gente se apaixona e nunca mais sai. Acredito estar caminhando para uma construção de carreira mais sólida na Educação Infantil.

Considerações finais

Em minha caminhada na educação infantil, eu me sentia por vezes insegura do espaço que eu ocupo de diretora de uma EMEI, no que diz respeito a ter propriedade e conhecimento técnico da área de atuação. Por vezes tinha medo de opinar a respeito da parte pedagógica da escola, tinha receio em falar algo fora do contexto e errôneo. Agora com essa caminhada no curso de Pedagogia, com os conceitos e conhecimentos adquiridos até o momento e que até o final do curso serão muitos mais, me sinto mais segura, com embasamento, propriedade em opinar, dialogar, pois agora me sinto parte, inserida à educação Infantil, e o estágio certamente veio a somar e solidificar minha contribuição a Educação Infantil.

Como sempre e dando continuidade aos meus objetivos e propósitos na educação, continuarei buscando formação continuada para que possa sempre colaborar no desenvolvimento de uma educação de excelência, equitativa, igualitária de acesso a todos e em todos os ambientes educacionais.

Referências

AJURICABA, Documento Orientador do Território Municipal de. Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Desporto e Lazer, Ajuricaba-RS, 2019.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação, Cultura e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998.

BRASIL. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação, 2005a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, 2006.

BRASIL. Lei nº 11.700, de 13 de junho de 2008. Acrescenta inciso X ao caput do art. 4º da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar vaga na escola pública de Educação Infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir dos 4 (quatro) anos de idade. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 16 jun. 2008a. Seção 1, p. 8.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. LEI Nº 12.796, de 4 de abril de 2013.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Lei nº 13.146, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009 - Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

BRITES, Luciana. **Brincar é fundamental**, São Paulo, Editora Gente, 2020. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

GOLDSCHMIED, Elinor e JACKSON, Sonia. **O brincar heurístico na creche**: Percursos pedagógicos no observatório da cultura infantil - OBECI. Porto Alegre. Gráfica Comunicação Impressa, 1ª Edição. 2018.

RIBEIRO, S. L. **Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo**. Sitientibus, n31, p.103-118, 2004.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE CRIANÇAS, BRINCADEIRAS E O MOVIMENTO

Nilva Maldaner¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

Docência Compartilhada na Educação Infantil, fez parte das minhas práticas pedagógicas na Educação Infantil. Realizei meu estágio no período de 06/05 a 26/05/2024, totalizando a carga horária de 45 horas. Meu estágio foi realizado com a turma de Pré-escola, turno tarde, composta por 22 alunos, junto a Escola Municipal de Educação Infantil Pequeno Polegar Professora Gerarda Michels Prante, no município de Quinze de Novembro/RS.

A escola atende alunos de 0 a 5 anos, totalizando 195 alunos, nos turnos manhã e tarde. A escola conta com 45 funcionários entre diretora, assessora pedagógica, professores, serventes e CIES. Foram dias incríveis com muita trocas de experiências e vivências fantásticas.

A temática do meu projeto abordou o tema Reflexões Sobre Crianças, Brincadeiras e o Movimento. As vivências realizadas com os alunos também envolveu as famílias e a sociedade cível, através da participação com entrevistas, confecções de brinquedos e brincadeiras populares. Contamos com a visita da Professora Maidi Schneider que realizou uma roda de conversas com os alunos referente ao tema da temática. Na culminância do projeto houve exposição dos trabalhos realizados pelos alunos e os brinquedos confeccionados pelos pais. A comunidade escolar participou através da visitação a exposição. O Brincar é um dos direitos de aprendizagem das crianças contemplados na Base Nacional comum Curricular, aliada as brincadeiras populares e ao movimento.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Metodologia

Na Educação Infantil, o brincar é uma linguagem universal que transcende barreiras culturais e linguísticas, sendo reconhecido como uma das formas mais eficazes de aprendizagem

Durante o desenvolvimento do Projeto de Estágio compartilhado com a professora referência da turma da Pré-Escola B2, do turno da tarde, da EMEI Pequeno Polegar Professora Gerarda Michells Prante, foi trabalhado os temas baseado na BNCC e nos Planos de Estudos da escola. Propus práticas pedagógicas que valorizou a importância do brincar, as brincadeiras e o movimento. como um componente integral da Educação Infantil. A BNCC destaca que as crianças, ao brincarem, desenvolvem competências e habilidades que vão além do aspecto lúdico, abrangendo áreas cognitivas, emocionais, sociais e motoras. A base curricular enfatiza que as instituições de ensino devem proporcionar ambientes que estimulem o brincar de forma intencional, promovendo atividades que permitam a expressão criativa, a interação social e a construção de conhecimento de maneira prazerosa e significativa, através das brincadeiras, cantigas de roda e do movimento.

No primeiro dia de estágio foi realizado o acolhimento dos alunos na sala de referência e após explorado o tema BRINCAR. Os alunos foram levados para a sala de vídeo, que é um local aconchegante. Através de questionamentos aos alunos e registros de suas respostas foi explorado o tema. Questionamentos e respostas por parte dos alunos:

1. O que é Brincar para você?

Se divertir; brincar juntos; brincar com os brinquedos;

B) Quais as brincadeiras que você conhece?

Esconde-esconde, pega-pega, casinha, amarelinha, boneca, carrinho, jogar bola

C) Qual a brincadeira que você mais gosta de brincar?

Esconde-esconde e pega-pega

D) Quais as brincadeiras que você brinca com sua família?

Jogo de memória, andar de bicicleta, casinha, dominó, professora e aluno e de boneca.

E) Qual o sentimento você sente quando você está brincando?

Alegria, feliz, amor, carinho

Após a reflexão sobre o BRINCAR os alunos foram para o saguão da escola para brincar com peças de madeiras não estruturadas, casinha e pular amarelinha.

No segundo dia, os alunos brincaram com peças de madeira não estruturadas. Assistimos o Vídeo da vida do artista Ivan Cruz Brincadeiras de criança - <https://www.youtube.com/watch?v=W9YpAR9xD2U>. Conversamos com os alunos sobre o Vídeo e suas principais obras. Mostrei suas principais obras através dos materiais impressos. Os alunos retornaram a sala referência e fizeram a releitura de uma das obras de Ivan Cruz com papel colorido de figuras geométricas para formar casas e usaram pedaços de barbante para ilustrar o que estão fazendo, como pular corda, amarelinha, etc. Após o recreio os alunos foram ao campinho de futebol para brincar de caçador e corrida de saco. Exploraram os espaços e brincaram livremente.

No terceiro dia de estágios as crianças exploraram tampinha de garrafas. Os alunos cobriram a inicial do seu nome e demais letras do alfabeto na sala de referência. Também confeccionaram petecas de jornal e de TNT.

Na semana anterior ao estágio eu já havia mandado uma cartinha de apresentação do meu estágio e uma entrevista aos pais para que respondessem algumas perguntas sobre as brincadeiras que costumavam brincar quando eram crianças. Fiz a leitura das respostas da entrevista com os pais.

No quarto dia recebemos a visita da professora Maidi Scneider na escola, onde fizemos uma Roda de conversa e brincadeiras com a professora sobre as brincadeira e cantigas de roda que ela costumava brincar quando era criança. (Passar o Anel, Escravos de Jó, Ciranda Cirandinha, Roda Cutia, Passa passa rá, etc).

No quinto dia, os alunos foram levados para a sala de vídeo onde foi contada a história infantil O Monstro das Cores. Esta atividade foi muito legal porque os alunos se identificaram com seus sentimentos. Também foi confeccionado chocalhos e organizados livrinhos de cantigas. Como culminância do projeto realizamos exposição dos trabalhos e brinquedos confeccionados pela família para visita da comunidade escolar).

Resultados e discussões

Minha docência compartilhada foi baseada em vivências, considerando que a criança precisa ter tempo e espaço para se expressar.

O professor deve estar atento para observar e acompanhar as reações das crianças, que serão sempre únicas e pessoais”. Assim, mesmo quando o objetivo é apresentar conhecimentos culturais e científicos às meninas e aos meninos da escola é preciso levar em conta as bagagens culturais que cada criança trás consigo, viabilizando as interações e as brincadeiras como formas de aprendizado das crianças, conforme os Campos de Experiência:

1. O eu, o outro e o nós

Destaca experiências relacionadas à construção da identidade e da subjetividade, as aprendizagens e conquistas de desenvolvimento relacionadas à ampliação das experiências de conhecimento de si mesmo e à construção de relações, que devem ser, na medida do possível, permeadas por interações positivas, apoiadas em vínculos profundos e estáveis com os professores e os colegas. O Campo também ressalta o desenvolvimento do sentimento de pertencimento a determinado grupo, o respeito e o valor atribuído às diferentes tradições culturais.

2. Corpo, gestos e movimentos

Coloca ênfase nas experiências das crianças em situações de brincadeiras, nas quais exploram o espaço com o corpo e as diferentes formas de movimentos. A partir daí, elas constroem referenciais que as orientam em relação a aproximar-se ou distanciar-se de determinados pontos, por exemplo. O Campo também valoriza as brincadeiras de faz de conta, nas quais as crianças podem representar o cotidiano ou o mundo da fantasia, interagindo com as narrativas literárias ou teatrais. Traz, ainda, a importância de que as crianças vivam experiências com as diferentes linguagens, como a dança e a música, ressaltando seu valor nas diferentes culturas, ampliando as possibilidades expressivas do corpo e valorizando os enredos e movimentos criados na oportunidade de encenar situações fantasiosas ou narrativas e rituais conhecidos.

3. Traços, sons, cores e formas

Ressalta as experiências das crianças com as diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, incluindo o contato com a linguagem musical e as linguagens visuais, com foco estético e crítico. Enfatiza as

experiências de escuta ativa, mas também de criação musical, com destaque nas experiências corporais provocadas pela intensidade dos sons e pelo ritmo das melodias. Valoriza a ampliação do repertório musical, o desenvolvimento de preferências, a exploração de diferentes objetos sonoros ou instrumentos musicais, a identificação da qualidade do som, bem como as apresentações e/ou improvisações musicais e festas populares. Ao mesmo tempo, foca as experiências que promovam a sensibilidade investigativa no campo visual, valorizando a atividade produtiva das crianças, nas diferentes situações de que participam, envolvendo desenho, pintura, escultura, modelagem, colagem, gravura, fotografia etc.

4. Escuta, fala, pensamento e imaginação

Realça as experiências com a linguagem oral que ampliam as diversas formas sociais de comunicação presentes na cultura humana, como as conversas, cantigas, brincadeiras de roda, jogos cantados etc. Dá destaque, também, às experiências com a leitura de histórias que favoreçam aprendizagens relacionadas à leitura, ao comportamento leitor, à imaginação e à representação e, ainda, à linguagem escrita, convidando a criança a conhecer os detalhes do texto e das imagens e a ter contato com os personagens, a perceber no seu corpo as emoções geradas pela história, a imaginar cenários, construir novos desfechos etc. O Campo compreende as experiências com as práticas cotidianas de uso da escrita, sempre em contextos significativos e plenos de significados, promovendo imitação de atos escritos em situações de faz de conta, bem como situações em que as crianças se arriscam a ler e a escrever de forma espontânea, apoiadas pelo professor, que as engajam em reflexões que organizam suas ideias sobre o sistema de escrita.

5. Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações

A ênfase está nas experiências que favorecem a construção de noções espaciais relativas a uma situação estática (como a noção de longe e perto) ou a uma situação dinâmica (para frente, para trás), potencializando a organização do esquema corporal e a percepção espacial, a partir da exploração do corpo e dos objetos no espaço. O Campo também destaca as experiências em relação ao tempo, favorecendo a construção das noções de tempo físico (dia e noite, estações do ano, ritmos biológicos) e cronológico (ontem, hoje, amanhã, semana, mês e ano), as noções de ordem temporal

(“Meu irmão nasceu antes de mim”, “Vou visitar meu avô depois da escola”) e histórica (“No tempo antigo”, “Quando mudamos para nossa casa”, “Na época do Natal”). Envolve experiências em relação à medida, favorecendo a ideia de que, por meio de situações-problemas em contextos lúdicos, as crianças possam ampliar, aprofundar e construir novos conhecimentos sobre medidas de objetos, de pessoas e de espaços, compreender procedimentos de contagem, aprender a adicionar ou subtrair quantidades aproximando-se das noções de números e conhecendo a sequência numérica verbal e escrita. A ideia é de que as crianças entendam que os números são recursos para representar quantidades e aprender a contar objetos usando a correspondência “um-a-um”, comparando quantidade de grupos de objetos utilizando relações como mais que, menos que, maior que e menor que. O Campo ressalta, ainda, as experiências de relações e transformações favorecendo a construção de conhecimentos e valores das crianças sobre os diferentes modos de viver de pessoas em tempos passados ou em outras culturas. Da mesma forma, é importante favorecer a construção de noções relacionadas à transformação de materiais, objetos, e situações que aproximem as crianças da ideia de causalidade.

Dentro de cada Campo, há objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, que a BNCC vincula a três grupos etários:

1. Bebês (de 0 a 1 ano e 6 meses)
2. Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
3. Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)

A divisão em três grupos foi pautada pelas características e necessidades diferentes dessas faixas etárias. Há especificidades que merecem ser tratadas com mais atenção nos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil.

Considerações finais

Através da minha prática pedagógica constatei que através do brincar a criança experiência novos conhecimentos e expõe seus sentimentos. A combinação do Brincar, brincadeiras e movimento fazem parte do dia - a - dia da criança. A família teve uma participação ativa durante minha prática pedagógica, acho que quando a família é chamada pela escola sempre participa ativamente das atividades da escola. A integração da escola e comunidade também aconteceu de forma positiva, com relatos da professora Maidi Schneider da sua infância, relatando quais as brincadeiras

e cantigas de roda que vivenciou durante sua infância.. A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e deve ter investimento em profissionais qualificados, infraestrutura e recursos humanos necessários para termos uma educação infantil de qualidade.

Referências

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1 e 2.

CARVALHO, A.M.C. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura:viajando pelo Brasil que brinca**.São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

CRAIDY, Carmem Maria, org; KAERCHER, Gladis E., org. **Educação infantil:pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Escolar** Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criação do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

VALLE, Ribeiro do. O brincar. (online) Disponível na Internet via: <http://www.ribeirodovalle.com.br/brincar.htm> . Acesso em 10 maio de 2009.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ZANLUCHI, Fernando Barroco. **O brincar e o criar: as relações**

entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação.

Londrina: O autor, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.1,v.2, v.3. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. Emenda constitucional nº 59 . de 11 de novembro de 2009

Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei n. 8.069), Brasília 1990. PARANÁ. Deliberação CEE/PR nº 03/2006. Curitiba, 2006. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 05 de outubro de 1988.

Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília : MEC, SEB, 2006. 32 p.

Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.

Plano Nacional de Educação. 2001 a 2011. Acessado em: 27/11/2012. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>

TECENDO CAMINHOS PARA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Raquel de Souza Bortoli¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

A educação infantil constitui-se num espaço institucionalizado para se viver a infância. Nos constituirmos educadores da infância pressupõe um lugar de humildade e troca, pois estamos sempre aprendendo a partir das vivências e do que resulta das mesmas, ou seja, a produção da documentação pedagógica que irá registrar o cotidiano e os aprendizados decorrentes das relações e experiências que são ali vivenciadas,.

Tecendo caminhos para docência na educação das infâncias é o intuito deste trabalho que constitui-se num exercício de reflexão após a inserção no cotidiano escolar de uma turma de berçário II, momento em que partimos para vivência com bebês mediada pela teoria e a busca de referenciais práticos que foram sendo construídos pelo estudo, pesquisa, escuta e observação.

Nesse sentido, se propõe uma reflexão a partir das vivências realizadas no campo de estágio supervisionado na Educação Infantil e a partir das mesmas ampliar nosso olhar sobre a docência nessa etapa de ensino, bem como, um exercício reflexivo sobre a importância das práticas de estágio na formação dos professores das infâncias.

Metodologia

O presente trabalho se refere à reflexão após a inserção no cotidiano da Educação Infantil, especificamente na docência compartilhada com berçário 2, turma em que desenvolvi o Estágio Supervisionado em

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR. Trabalho da Disciplina Estágio Supervisionado na Docência em Educação Infantil.

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Docência em Educação Infantil o qual me possibilitou novas vivências e experiências docentes.

O estágio aconteceu no decorrer do segundo semestre de 2023 na Escola Municipal Infantil Independência situada no município de Ijuí, numa turma de Berçário 2 composta de 17 bebês, sendo 11 meninas e 7 meninos.

O estágio se deu em encontros previamente planejados, mas para os bebês foi algo inusitado, pois tiveram a presença de alguém a mais em suas rotinas diárias. Assim, os encontros iniciam com eles num primeiro momento dormindo, e cada momento do sono é diferente, aliás, cada momento é único e intenso com os bebês.

Os bebês realizam o momento do sono, cada um no seu colchãozinho, com seu travesseiro e cobertor e alguns seguram seus bichinhos de pelúcia (amiguinhos). Na sala se ouve uma música calma e bem baixinha, e as cortinas estão fechadas, contribuindo para que o ambiente fique propício para o bem estar do sono dos bebês.

O momento do sono faz parte da rotina é algo importante, pois os bebês descansam, há bebês que sentem mais dificuldades para participar deste momento, nesse sentido, ficam junto com a professora que cuida deles enquanto que os demais possam ter a garantia desse descanso, que é necessário aos bebês.

Ao refletirmos sobre essa situação, vemos que neste cotidiano que é intencionalmente organizado por uma rotina, o que se tem presente é a garantia do bem estar dos bebês, pois precisam de cuidados e o sono, higiene e a alimentação são momentos e ações muito importantes no cotidiano dos berçários e que precisam ter suas rotinas seguidas e respeitadas.

Dessa maneira, percebi que o cuidar e o educar acontece a partir do pensar/planejar a organização cuidadosa desses momentos em que cada bebê tem assegurado os seus direitos de se alimentar, descansar no sono e ser mantida sua higiene; portanto, estes são momentos importantes e que imprescindivelmente fazem parte das rotinas do berçário, momentos de cuidar e acolher a criança estabelecendo vínculo com a mesma.

As rotinas são também incorporadas pelos bebês, eles olham para suas professoras referências e a cada chamado delas, os bebês sabem o que precisam fazer, isto foi algo que chamou minha atenção, o quanto a autonomia dos bebês é desenvolvida através da rotina que é incorporada no cotidiano de maneira cuidadosa e intencional.

A professora auxiliar que está realizando as trocas de fralda chama o bebê pelo seu nome e o mesmo a olha e vai ao seu encontro até a sala de trocas. Pude experimentar este momento, acompanhando a professora referência e também realizando uma troca de fraldas em uma bebê.

Ao realizar a troca da bebê A, pude acompanhar sua autonomia, ela foi até a sua mochila que estava entreaberta, pegou de dentro da mochila a fralda e o lenço umedecido e caminhou em direção as escadinhas que sobem para acesso ao trocador. Ao chegar em cima no trocador ela já se posicionou para a troca, olhou para mim e apontou o dedo para a fralda, como se estivesse dizendo “está aí, agora troca a fralda pra mim?” troquei a fralda da bebê A e foi como um dejavu, vieram as memórias das trocas efetuadas com meus filhos.

Neste momento da troca de fraldas, existe uma cumplicidade entre professor e bebê, é um momento oportuno para conversar com ele, estabelecendo um contato mais individualizado e acolhedor.

A vivência com exploração da materialidade Argila que organizamos para ser realizada com as crianças, foi realizada em grupos de três a quatro crianças por vez. Primeiro todas crianças foram levadas até o pergolado, lá convidamos os bebês para que sentassem no banco para conversarmos com eles sobre a dinâmica, explicamos que eles iriam brincar com argila em pequenos grupos e que iríamos chamar cada grupo na sua vez de brincar.

Antes de iniciar o manuseio da argila com o primeiro grupo, convidamos as crianças para observarem as imagens de algumas obras de arte do artista Vitalino que foram coladas na parede, ali foi possível observar e registrar as impressões/gestos/falas que os bebês tiveram ao olhar as imagens.

Eles iam reconhecendo nas obras do artista a figura do boi, do titio e iam comunicando isso verbalmente, depois iam até a mesa e iniciavam o manuseio da argila, dentre as observações realizadas desta vivência, observei que uma criança ao colocar as mãos sobre a argila, olhou as suas mãos e percebeu as marcas, olhou pra sua professora referência e disse tá sujo, neste momento, a professora também mostra as mãos dela que diz não tem problema estar sujo, que pode se sujar, depois de brincar com a argila ela ia lavar sua mão e limpar.

Assim, inicia o manuseio da argila e as interações entre as crianças que pertencem aos grupos da vivência; elas vão tirando pedacinhos, amassando, batendo na argila, despedaçando, e com estímulo da professora foram fazendo bolinhas, cobrinhas, enrolando a argila. Tudo ocorre mediante

uma constante comunicação oral do que fazem, os bebês vão interagindo com a argila e com os colegas e vão desenvolvendo sua expressão oral se comunicando e buscando compreender seus colegas, ou seja, vivenciando a habilidade de (EI02EO04) Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.

As bebês Valentina (B) e Emília (C) resolvem fazer tartarugas e usam em suas falas o termo grande, a Valentina diz que vai fazer uma tartaruga grande e a Emília repete que vai fazer uma tartaruga bem grande; e elas vão brincando, explorando aquela materialidade sem compromisso por resultado, isto é o diferencial, neste momento vivencial, o que importa é o processo vivenciado e as trocas efetuadas entre eles e mediadas pela professora, assim vão construindo noções relacionadas a sua .consciência corporal.

Partindo das observações realizadas durante as vivências com argila, as mesmas possibilitaram presenciar o brincar como a linguagem da criança, é a forma como ela se expressa, interage com os outros, estabelece relações e inicia o entendimento de conceitos, todo momento observado durante a vivência com argila, os bebês estão brincando com a materialidade de maneira espontânea e feliz.

Observei que os bebês se expressam potencialmente com gestos, sons, toques, e alguns que já possuem mais desenvolvida sua comunicação oral, conseguem se expressar por meio de palavras, pequenas frases; eles são observadores e repetem as palavras ditas para eles, por isso, é importante estabelecer uma linguagem e comunicação não infantilizada com eles, pronunciando as palavras de maneira correta para que aprendam e ampliem seu vocabulário

Os bebês observados manipulavam a materialidade com curiosidade, desejo e vontade, compartilho dois exemplos, uma bebê inicialmente manifestou repulsa ao ver suas mãos sujas mas após a professora dizer pra ela que poderia se sujar e mostrar suas mãos também, ela foi se soltando e brincando com a argila espontaneamente, já outra bebê dava gargalhadas de alegria ao encostar na argila, demonstrando felicidade ao brincar com a argila.

Nesta vivência as trocas estabelecidas entre as colegas também ocorreram, na medida em que uma bebê fazia algo, ela já mostrava para seu colega que fazia igual, ou seja, a imitava. Assim, acontecia o estímulo constante ao desenvolvimento oral/a comunicação entre os bebês.

As observações da movimentação dos bebês no Mobiliário Pikler As observações da movimentação dos bebês no Mobiliário Pikler percebi que cada bebê buscando desenvolver sua autonomia, seguindo suas próprias condições e necessidades e sempre com o acompanhamento do olhar do adulto que a uma certa distância o observa, dá o suporte, com olhar, o incentivo, uma mão, um apoio, uma condução...

O bebê desenvolve suas habilidades motoras, a partir das inúmeras vezes repetindo determinados movimentos, e assim vão aperfeiçoando os movimentos; eles imitam os colegas, eles sentem insegurança, mas quando o olhar do adulto e a tentativa do colega os encoraja, eles seguem em frente e tentam, algumas vezes conseguem, outras não, mas não desistem...

Resultados e discussões

Como primeira reflexão deste caminho a ser percorrido como educador das infâncias, trago um olhar construído a partir de leituras e da prática de estágio, de que as vivências no cotidiano da escola de educação infantil *podem ampliar as experiências de vida que as crianças trazem consigo, contribuindo para a continuidade do processo de humanização das crianças.*

As crianças são provenientes de infâncias plurais que se encontram no espaço institucionalizado da educação infantil. Existem infâncias diferentes neste espaço, por isso, temos que compreender que cada criança traz de casa suas experiências de vida que serão ampliadas a partir do repertório que serão oferecidos a elas no cotidiano da escola.

As vivências no cotidiano da escola, como por exemplo, a exploração da materialidade argila é uma das maneiras de se ampliar o repertório dos bebês, possibilitando aos mesmos o contato com este tipo de material, mas que vai além disso, pois ao manusear a argila junto com seu colega, o bebê estará também tendo oportunidades de se expressar, se comunicar com o outro, estabelecer relações de convivência e humanização em grupo.

Assim, um repertório pensado a partir da exploração de diferentes materialidades necessita ter a intenção de ampliar as experiências de vida tendo como objetivo o processo de humanização das crianças. Precisamos possibilitar inúmeras e diversificadas experiências e vivências culturais e sociais criando condições para que a criança aprenda mais sobre sua condição humana de ser.

Segundo Strohhecker, através da “pedagogia da interpretação” ou seja, através da relação com o outro vamos atribuindo significados

as coisas, vamos interpretando e compreendendo as reações do outro, e isto, foi observado nas interações que os bebês iam estabelecendo com os outros, seja na exploração do Mobiliário Pikler, como também, na vivência realizada com a materialidade argila.

A segunda reflexão, se refere em como de fato realizar a escuta atenta das crianças, e na prática vivenciada no campo de estágio, foi possível perceber que é preciso estar atento mas somente intervir quando houver necessidade, ou seja, o bebê para desenvolver sua autonomia precisa realizar as suas ações de maneira segura e independente.

A escuta e o olhar atento acontecerá com o educador acompanhando o bebê a uma certa distância, realizando a Pedagogia da Interpretação que segundo Strohhecker, significa “interpretando seu desejo, sua vontade, sua necessidade”, mas sem o intuito de satisfazê-la de imediato, é preciso, que o próprio bebê tente dentro de suas capacidades e nas situações que o mesmo sentir que não consegue, o olhar atento do adulto conduzirá a intervenção e auxiliará o bebê.

A terceira questão para reflexão diz respeito ao brincar na educação infantil, *como enquanto educadores da infância, podemos prever esse brincar nos diferentes contextos da educação infantil?*

A criança chega à escola para viver a sua infância, para ser cuidada e educada, para aprender sobre si mesma e aprender a se relacionar com o mundo a partir das situações norteadas pelo brincar e que serão oportunizadas a elas e em alguns momentos planejadas intencionalmente e em outros ocorrem de maneira espontânea.

O brincar é a linguagem pela qual a criança se relaciona com o mundo e com os outros e precisa concebido como algo intrínseco ao fazer e ao pensar sobre a organização dos tempos, espaços, seleção dos materiais... por isso, ao tecermos o caminho da docência na educação infantil é preciso considerar o brincar livremente, sem rotina, sem agendamento, mas também é preciso brincar de forma dirigida, para ensinar, para estabelecer e fortalecer vínculos, para observar a criança e compreender a sua subjetividade.

Diante das premissas que consideram o brincar uma linguagem própria da criança e a indissociabilidade entre educar e cuidar, nos encontramos neste caminho de nos constituirmos educadores da infância, e a inserção no campo de estágio supervisionado é um momento único de vivenciar as experiências presentes no cotidiano da escola infantil.

Para seguirmos atuando com vistas a humanização das infâncias, pressupõe a constituição de espaços formativos em contexto que qualifiquem ainda mais a docência na educação infantil. Para isso, é preciso planejamento do professor, bem como realizar a documentação pedagógica como forma de registro e acompanhamento do professor e da família desse desenvolvimento da criança.

A formação continuada em contexto irá ampliar as reflexões a partir da prática, qualificando a docência e através da pedagogia da interpretação é possível compreender através da interpretação dos contextos educativos o que precisa ser readequado, melhorado ou seja, um avanço para qualificar a docência e consequentemente as vivências das infâncias na educação infantil.

Considerações finais

A educação das infâncias pressupõe o cuidar e o educar como eixos norteadores conduzindo uma atuação atenta dos educadores, que terão como centralidade do processo educativo a criança e a ampliação dos seus repertórios culturais e sociais.

Tendo em vista, a prática de estágio supervisionado na turma do Berçário II, as vivências com os bebês possibilitaram experiências de docência que nos tocam, nos deixam marcas e nos sensibilizam. Não estamos ali para ensinar algo conduzindo o processo a nossa maneira, mas para promover situações de aprendizagem revestidas pelo cotidiano da escola, como Fochi nos diz “as crianças podem aprender pela via cotidiana, pela valorização das experiências vivenciadas na escola”, senti que viver a docência na educação infantil é participar da infância das crianças, conduzindo-as com intencionalidade educativa para avanços em relação aos seus repertórios de vida, bem como, em relação ao seu processo de humanização.

Referências

STROHHECKER, Franciele da Silva dos Anjos. *Infância a Luz da Condição Humana*.

FOCHI, Paulo Sergio; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Pedagogia do Cotidiano**: Reinvidicações do Currículo para formação de professores. Em aberto, Brasília, V.30, n.100, p.23-42, set./dez.2017

UMA JORNADA DE APRENDIZADO: ESTÁGIO COM A TURMA DE PRÉ II

Izabel Cristina Braz Persich¹
Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

No campo de atuação, a experiência prática desempenha um papel crucial no desenvolvimento profissional de futuros educadores. Este artigo explora a minha experiência de estágio com uma turma de Pré II, destacando os desafios, aprendizados e reflexões que surgiram ao longo dessa jornada enriquecedora. A turma de Pré I é composta por 15 alunos, sendo 7 meninas e 8 meninos, dentre esses alunos têm um com baixa visão e outro com pouca audição, a faixa etária entre 4 e 5 anos, os alunos dispõem de um ambiente escolar apropriado para realizar as atividades.

A minha adaptação para com as crianças foi de imediato já que eu trabalho na escola com os anos iniciais na área de educação física, consegui desenvolver uma fala com eles, explicando sobre a minha presença na aula da outra professora. Percebi que algumas crianças eram bem falantes e queriam me contar tudo, quem eram, o nome do pai, da mãe, dos irmãos, dos animais domésticos que tinham em casa.

Desenvolvi atividade sensorial explorando os sentidos e como isso é importante ser trabalhado, também tinha 2 ou 3 alunos resistentes para realizar as tarefas. Alguns desafios enfrentados durante o estágio foi a flexibilidade do tempo em sala com as crianças, foi em torno de três horas e meia e uma vez na semana. Em virtude que depois desse horário tinha que estar em sala de aula com turma, tive muita satisfação em desenvolver esse estágio com essa turma, pois tanto os alunos quanto a professora regente me receberam muito bem, tive muita satisfação ao perceber o impacto positivo na vida das crianças.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Como fiz a observação dos comportamentos e necessidades dos alunos antes do estágio, consegui realizar uma abordagem pedagógica que acredito ter contribuído para o ensino-aprendizagem. Observar as crianças em suas atividades diárias é uma ferramenta valiosa para entender seus interesses, habilidades e dificuldades. Através da observação, os educadores podem ajustar suas práticas pedagógicas e criar intervenções mais adequadas.

Em resumo, a docência na Educação Infantil requer um olhar sensível e atento para o cotidiano das crianças, valorizando suas singularidades e necessidades. Ao criar um ambiente de aprendizado seguro, afetuoso e estimulante, os educadores contribuem significativamente para o desenvolvimento integral e saudável das crianças em seus primeiros anos de vida. Para tanto, a Educação Infantil deve estar centrada na criança, considerando seu cotidiano como um espaço rico em aprendizado e desenvolvimento.

O foco deve ser em proporcionar experiências significativas, promovendo o desenvolvimento integral e preparando as crianças para uma vida de aprendizado contínuo. Agradeço à escola pelo espaço, aos alunos, supervisores do estágio pela oportunidade e apoio ao longo dessa experiência única.

É importante nos primeiros anos de vida na formação educacional e social das crianças, introduzir a abordagem sensorial, pois a abordagem sensorial se integra naturalmente ao aprendizado nessa fase crucial.

A exploração sensorial aguçou os sentidos das crianças, nas experiências táteis (pegar objetos dentro de uma caixa sem saber o que era), olfato (tinha frutas onde os alunos teriam que dizer qual tipo de fruta era através do toque sem ver), visuais (com olhos vendados tinham que descobrir o que tinham nas mãos), auditivas (foi usado instrumentos musicais, onde teriam que dizer qual era o instrumento que estavam ouvindo), gustativas (tinha variedades de comida dentre elas frutas, bolo, suco e os alunos tinham que dizer que gosto tinha).

A estimulação sensorial tem um impacto na aprendizagem das crianças, para tanto, tem alguns estudos ou teorias pedagógicas que respaldam a importância da estimulação sensorial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças pequenas.

Para embasar a importância da estimulação sensorial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças pequenas,

podemos recorrer a algumas teorias e estudos relevantes na área da Educação Infantil:

Como a Teoria Socioconstrutiva de Lev Vygotsky:

Vygotsky enfatiza a interação social como fundamental para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Através de experiências sensoriais, as crianças não apenas exploram o mundo físico, mas também constroem significados e internalizam conceitos através da interação com seus pares e adultos.

Vygotsky argumenta que a interação com outras pessoas, especialmente adultos e pares mais competentes, é crucial para o desenvolvimento cognitivo. Ele enfatiza que é através dessas interações que as crianças aprendem novos conceitos, internalizam regras sociais e desenvolvem habilidades cognitivas mais complexas. Ele sugere que os adultos podem facilitar o aprendizado das crianças ao proporcionar suporte, orientação e modelagem de comportamentos, especialmente durante atividades sensoriais que envolvem exploração e descoberta.

Vygotsky percebe as experiências sensoriais como uma forma crucial pela qual as crianças exploram o mundo físico e desenvolvem sua compreensão. Ao manipular objetos, explorar texturas e experimentar diferentes estímulos sensoriais, as crianças não apenas aprendem sobre as propriedades físicas do mundo ao seu redor, mas também constroem significados e fazem conexões conceituais.

Vygotsky sugere que as crianças internalizem conceitos por meio da interação social e experiências sensoriais. Ao discutir suas observações e experiências com adultos e colegas, as crianças são capazes de consolidar e integrar novos conhecimentos em seu repertório cognitivo.

Utilizando esses princípios nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, os educadores podem projetar atividades sensoriais que não apenas incentivam a exploração física, mas também promovam interações sociais significativas e aprendizado colaborativo entre as crianças.

É essencial conectar as teorias de Vygotsky ao contexto prático da educação, mostrando como suas ideias influenciam a forma de como os educadores entendem e promovem o desenvolvimento infantil através da interação social e experiências sensoriais.

Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner:

Gardner propõe que as crianças têm diferentes tipos de inteligências, incluindo a inteligência espacial, musical, interpessoal e intrapessoal, entre outras. Estimular os sentidos contribui para o desenvolvimento equilibrado

dessas inteligências, proporcionando às crianças uma gama mais ampla de oportunidades de aprendizado.

Gardner tem uma relação com a estimulação sensorial no desenvolvimento infantil como a diversidade de inteligência, onde propõe que as crianças possuem não apenas uma, mas múltiplas inteligências, que incluem áreas como espacial, musical, interpessoal, intrapessoal, entre outras. Essa abordagem reconhece e valoriza a diversidade de habilidades e talentos individuais que cada criança pode manifestar desde os primeiros anos de vida.

O estímulo sensorial e o desenvolvimento integral estimula os sentidos, não apenas amplia as oportunidades de aprendizado, mas também promove um desenvolvimento equilibrado das diversas inteligências. As atividades sensoriais que envolvem música podem desenvolver a inteligência musical; atividades que exploram texturas e formas podem enriquecer a inteligência espacial.

A abordagem de Gardner também enfatiza a importância de adaptar o ambiente educacional para atender às diferentes inteligências das crianças. Ao proporcionar experiências sensoriais variadas e enriquecedoras, os educadores podem criar um ambiente inclusivo que valoriza e fortalece as habilidades individuais de cada aluno.

Ao incorporar a estimulação sensorial em atividades educacionais, os educadores não apenas facilitam o aprendizado acadêmico, mas também promovem um desenvolvimento holístico que abrange aspectos emocionais, sociais e cognitivos das crianças. Isso contribui para um crescimento equilibrado e integral ao longo de seu desenvolvimento.

Na prática educacional, isso implica em projetar atividades sensoriais diversificadas que engajem os sentidos das crianças de maneira significativa. Criar oportunidades para que as crianças explorem materiais sensoriais, experimentem diferentes texturas, sons e cores, proporcionando uma base sólida para o desenvolvimento das múltiplas inteligências.

Sobre as ideias de Gardner, é essencial destacar como sua teoria das Inteligências Múltiplas amplia nossa compreensão sobre as capacidades das crianças e como a estimulação sensorial pode ser uma ferramenta poderosa para promover um aprendizado mais eficaz e inclusivo desde os primeiros anos de vida.

Teoria da Experiência Sensorio Motora de Jean Piaget:

Piaget argumenta que as crianças aprendem sobre o mundo através de suas experiências sensoriais e motoras. Ele identificou estágios

específicos de desenvolvimento, nos quais as crianças adquirem habilidades cognitivas básicas através da manipulação ativa de objetos e da exploração sensorial.

Piaget enfatiza que as crianças não são apenas receptores passivos de informações, mas sim agentes ativos em seu próprio processo de aprendizado. Através da manipulação ativa de objetos e da exploração sensorial, as crianças constroem ativamente seu entendimento sobre o mundo ao seu redor. Isso não só fortalece suas habilidades motoras, mas também facilita a assimilação de conceitos e a resolução de problemas.

Piaget identificou estágios específicos de desenvolvimento cognitivo, como o sensório motor (de 0 a 2 anos), pré-operacional (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 11 anos) e operações formais (a partir dos 11 anos). Em cada estágio, as crianças adquirem habilidades cognitivas básicas que são fundamentais para o desenvolvimento posterior. Por exemplo, no estágio sensório motor, as crianças exploram o mundo principalmente através de suas ações sensoriais e motoras, desenvolvendo noções de causa e efeito, permanência do objeto e coordenação sensório-motora.

Piaget também introduziu os conceitos de assimilação e acomodação, onde as crianças assimilam novas informações às estruturas mentais existentes e, quando confrontadas com informações conflitantes, acomodam essas estruturas para acomodar a nova informação. Esses processos são impulsionados pelas experiências sensoriais e motoras que as crianças vivenciam diariamente.

Na educação infantil, é fundamental criar ambientes ricos em estímulos sensoriais e oportunidades para exploração física e manipulativa. Isso não apenas apoia o desenvolvimento motor das crianças, mas também promove a construção ativa do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais desde tenra idade.

Ao refletir sobre as contribuições de Piaget, percebemos como suas ideias continuam a influenciar profundamente a prática educacional, destacando a importância de uma abordagem educativa que valorize a exploração sensorial e motora no processo de aprendizado infantil.

Teoria Ecológica do desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner:

Bronfenbrenner destaca a importância do ambiente social e físico na formação do desenvolvimento infantil. Um ambiente rico em estímulos sensoriais promove não apenas a cognição, mas também o desenvolvimento emocional e social, ao fornecer às crianças oportunidades de interação significativa com pessoas e objetos.

A abordagem de Bronfenbrenner influencia nossa compreensão do desenvolvimento infantil e a importância dos estímulos sensoriais no ambiente das crianças.

Bronfenbrenner propõe que o desenvolvimento humano seja entendido em termos de sistemas ecológicos que interagem entre si. Ele destaca não apenas o papel do ambiente imediato (microsistema) das crianças, como a família e a escola, mas também influências mais amplas, como a comunidade (mesossistema) e a sociedade em geral (macrossistema).

Segundo Bronfenbrenner, um ambiente rico em estímulos sensoriais não apenas estimula o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional e social. Ambientes que oferecem oportunidades para interações significativas com pessoas e objetos ajudam as crianças a aprenderem sobre si mesmas e o mundo ao seu redor de maneira holística.

A teoria de Bronfenbrenner enfatiza que o desenvolvimento infantil não pode ser compreendido isoladamente; ele é influenciado por múltiplos fatores e contextos. Portanto, um ambiente que promove estímulos sensoriais variados não apenas enriquece a cognição das crianças, mas também fortalece suas habilidades sociais e emocionais, preparando-as para interações futuras mais complexas e adaptativas.

Na educação infantil, compreender a teoria ecológica de Bronfenbrenner implica em projetar ambientes educacionais que sejam sensíveis às necessidades individuais das crianças, ao mesmo tempo em que oferecem uma variedade de experiências sensoriais. Isso pode incluir desde materiais de aprendizagem interativos até espaços ao ar livre que incentivem a exploração sensorial e o contato com a natureza.

A teoria de Bronfenbrenner também tem implicações significativas para políticas educacionais, destacando a importância de investir em ambientes educacionais que sejam inclusivos, acessíveis e enriquecidos com estímulos sensoriais. Isso pode ajudar a reduzir desigualdades e promover um desenvolvimento mais equitativo entre as crianças.

Em resumo, ao considerar a fala de Bronfenbrenner sobre a importância do ambiente social e físico no desenvolvimento infantil, reconhecemos a necessidade de criar ambientes educacionais que não apenas estimulem a cognição, mas também promovam o bem-estar emocional e o crescimento social das crianças, preparando-as para um futuro mais resiliente e adaptável.

Estudo de Maria Montessori sobre o Ambiente Preparado:

Montessori enfatiza a importância de um ambiente cuidadosamente preparado para o desenvolvimento integral da criança. Isso inclui materiais sensoriais que permitem às crianças explorar e aprender de forma independente, desenvolvendo suas habilidades cognitivas e emocionais através da auto educação guiada.

O estudo de Maria Montessori sobre o ambiente preparado e sua ênfase na auto educação guiada através de materiais sensoriais, acredita que as crianças têm uma capacidade inata de aprender de forma independente, especialmente quando são colocadas em um ambiente que facilita essa exploração. O ambiente preparado é cuidadosamente projetado para promover a auto educação, onde as crianças podem escolher atividades conforme seu interesse e ritmo, desenvolvendo assim habilidades cognitivas e emocionais de maneira autônoma.

Os materiais sensoriais são fundamentais no método Montessori porque permitem às crianças explorar conceitos abstratos através de experiências concretas. Por exemplo, materiais como os cubos do binômio permitem às crianças experimentar e visualizar o conceito matemático de forma tangível, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também habilidades de concentração e coordenação.

O ambiente Montessori não se limita ao desenvolvimento acadêmico; ele abrange o desenvolvimento integral da criança, incluindo aspectos emocionais e sociais. Ao proporcionar um ambiente seguro e estimulante, onde cada objeto e atividade é pensado para o aprendizado da criança, Montessori facilita não apenas a aquisição de conhecimento, mas também a construção de autoconfiança, autonomia e responsabilidade.

A abordagem Montessori valoriza a individualidade de cada criança, permitindo-lhes explorar áreas de interesse pessoal e desenvolver habilidades de acordo com seu próprio ritmo. Isso contrasta com abordagens mais tradicionais que podem focar mais na instrução direta e menos na auto exploração guiada.

Na prática educacional contemporânea, a influência de Montessori pode ser vista em metodologias que buscam promover a autonomia e a autoeducação entre os alunos. O conceito de ambiente preparado e materiais sensoriais continua a inspirar educadores a criar espaços de aprendizagem que incentivem a curiosidade, a descoberta e o crescimento pessoal das crianças.

Considerações finais

Em resumo, o estudo de Maria Montessori sobre o ambiente preparado destaca a importância de criar um ambiente educacional que não apenas ensine, mas também capacite as crianças a aprenderem por si mesmas, desenvolvendo habilidades cognitivas, emocionais e sociais de maneira holística e significativa.

Essas teorias e estudos destacam como a estimulação sensorial não é apenas um aspecto tangível do aprendizado, mas uma parte essencial do desenvolvimento integral das crianças, influenciando positivamente sua cognição, emoções e interações sociais desde os primeiros anos de vida.

Essas referências fornecem uma base essencial para explorar como esses teóricos contribuíram para nossa compreensão do desenvolvimento infantil e a importância da estimulação sensorial nesse processo.

Referências

Bronfenbrenner, Urie; “A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados” (1979); “Teoria Ecológica dos Sistemas” (1992).

Gardner, Howard; “Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas” (1983); “Inteligência: Um Conceito Reformulado” (1999).

Montessori, Maria; “O Método Montessori” (1912); “A Mente Absorvente” (1949).

Piaget, Jean; “A Construção do Real na Criança” (1954); “A Psicologia da Inteligência” (1950).

Vygotsky, Lev; “Pensamento e Linguagem” (1962); “A Formação Social da Mente” (1978).

VIVENCIANDO A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela de Oliveira de Lima Machado¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

A docência na educação infantil com crianças bem pequenas é uma vivência muito intensa, prazerosa e ao mesmo tempo desafiadora, pois é um compromisso muito sério com a educação, o brincar e o cuidar, e ficará registrado nas memórias infantis.

O Estágio Supervisionado em Docência em Educação Infantil, a qual foi realizado no terceiro trimestre, no turno da manhã, na turma de maternal 2, na Escola Municipal Dona Leopoldina, no município de Ijuí. A turma possui 21 crianças, sendo que 10 delas frequentam somente o turno da manhã e as demais de forma integral.

Observa-se que muitas crianças têm dificuldades na fala, como dicção de palavras incompletas, com trocas de letras e até incompreensíveis, as quais já tiveram seus responsáveis comunicados, porém, poucos buscaram recursos profissionais. Na turma, há uma criança que usa fraldas e está em investigação sob suspeita de espectro autismo.

O referido documento apresentará a reflexão sobre a experiência da prática docente realizada a partir das observações, das leituras e do planejamento elaborado buscando contemplar os campos de experiências e os direitos de aprendizagem da educação infantil, presentes nos documentos oficiais federais, estaduais e municipais, a entrevista com a professora regente e as necessidades apresentadas pelas crianças da turma.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR. Professora da rede estadual de ensino com formação em Magistério e graduada em Ciências Plenas - Química.

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Metodologia

Nas vivências desenvolvidas a partir do tema: Descobrir o nosso corpo: Eu sou assim! Corpo, gestos e movimentos, procurei ofertar a manipulação de diferentes materiais como tinta, folha transparente, argila, caneta preta de ponta média, bem como músicas, danças, jogos e brincadeiras, pois entendo que o assunto abordado com crianças bem pequenas precisam ter a oportunidade e o direito de vivenciar diferentes experiências com materiais diversificados.

Pois, conforme a DCNEI, a criança é um “Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”.

Por isso, procurei organizar o projeto de estágio baseado na necessidade do trabalho com o corpo humano após a conversa com a professora Regente, observando os direitos de aprendizagem presentes na BNCC e respeitando a criança como o sujeito ativo e participativo no processo de aprendizagem e desenvolvida.

A rotina já estabelecida na sala de aula é muito importante para a organização da criança, assim, procurando respeitar seu dia dia na escola, busquei desenvolver experiências promovendo as aprendizagens, pois segundo Fochi:

... por meio de uma Pedagogia do cotidiano, existe a possibilidade de trabalharmos com as crianças com base em campos de experiências promotores de aprendizagem, de modo interligado e circular, em que sentir, pensar e comunicar sejam considerados processos interdependentes.

Pensar em um planejamento que respeite a rotina e o tempo da criança é um grande desafio para professores da educação infantil, pois é de suma importância que elas participem dessa construção, aprimorando seu conhecimento através do simbolismo, presente em suas vivências escolares, desenvolvendo assim, sua identidade. Pois, segundo Fochi, é necessário entender a “...importância de que as crianças participem da construção dos ambientes escolares, já que estes, além de seu alto componente simbólico, são também constituidores de identidade”.

Resultados e discussão

No uso dos diferentes materiais foi possível observar que as crianças bem pequenas matriculadas no Maternal II são muito curiosas, procuram querer saber o que é, o que vai ser feito, como é, pois desejam participar.

Durante o estágio realizei muitas trocas com as crianças, com a professora regente, com a auxiliar da educação infantil e com as colegas do curso; Pois no processo de aprendizagem, hora você ensina, hora você aprende, desenvolvendo relações e produzindo cultura, conforme Soares:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Soares, p. 18).

Pensei em um planejamento com várias vivências para desenvolver o aprendizado sobre o corpo humano, com várias músicas, gestos, brincadeiras, diferentes técnicas de registro do corpo humano, observações e experimentação de materiais diversificados, porém, não foi possível realizar todas elas.

Em um primeiro momento senti-me frustrada, pois eu acreditava que não estava conseguindo orientá-los corretamente para que fizessem a vivência tempo hábil; Porém, ao conversar com a professora regente, com as demais colegas da educação e do curso, e realizar as leituras acerca da infância, entendi que cada criança tem o seu tempo, e como docente da educação infantil, é meu dever aprender a respeitar este tempo, não me preocupando em concretizar metas de aprendizagem, como ocorre no Ensino Fundamental e Médio, ao qual estou a muito tempo acostumada.

Com essa experiência na educação infantil, entendi que a infância é um tempo maravilhoso, mágico, em que o encantamento está presente em todos os momentos, em cada olhar e que o tempo nessa fase, passa de modo diferente, conforme afirma Mia couto:

A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentimento do Tempo.

Considerações finais

Com a prática realizada na educação infantil, do maternal II, percebi que preciso rever minhas práticas, por isso, acredito que há uma grande necessidade de manter minha formação continuada nessa área. Esse tema, é muito debatido no meio acadêmico, pois é na escola que se dá a vivência do educando com o educador e entre os professores, em um diálogo construtivo e constante, conforme afirma Soares:

Assim, esse movimento formativo refere-se ao desenvolvimento do professor de modo individual e coletivo, em que se prioriza a autonomia e o protagonismo desse profissional em associação com a partilha de saberes e experiências com seus pares. A escola, nessa concepção, configura-se como lócus privilegiado de formação, possibilitando a aprendizagem da profissão no trabalho. (Soares, p. 21).

Nesse tempo em que fui privilegiada com a experiência docente na turma do maternal II, tive a oportunidade de entender a importância das vivências, dos direitos de aprendizagem e dos campos de experiências no desenvolvimento do processo de aprendizagem nessa fase da educação básica.

O encantamento por essa etapa de educação foi muito significativo, tanto que desenvolveu em mim uma grande vontade de aprender cada vez mais sobre esse tempo especial e uma grandiosa vontade de voltar à sala de aula da educação infantil.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. BNCC. Educação é a base. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantilpdf> Acesso em 19 de outubro de 2023.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf . Pff. Acesso em: 7 de outubro de 2023.

COUTO, António Emílio Leite. **E se Obama fosse Africano?** Intervenções. Editora Caminho, 1995, 1ª edição em 2009.

FOCHI, Paulo Sergio; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Pedagogia do Cotidiano** na (e da) Educação Infantil. Em aberto, Brasília, V.1, n.1, 1981.

A EDUCAÇÃO INFANTIL ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR: AS POSSIBILIDADES DO BRINCAR EM VIVÊNCIAS COM ELEMENTOS DA NATUREZA

Aline Ribeiro dos Santos¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação escolar e merece ser vista com responsabilidade e importância. Como consta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), para a educação infantil nas últimas décadas está se consolidando as concepções de educar e cuidar, uma vez que se entende que tais aspectos são indissociáveis no processo educativo. Dessa maneira, a Educação Infantil tem hoje o papel maior do que o de apenas cuidar das crianças, mas sim iniciar o processo de construção dos futuros cidadãos através da educação.

Além disso, é possível compreender que a Educação Infantil “é um dever do Estado, direito da criança e opção da família” (KRAMER, 2006, p. 813). Neste viés, o diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição escolar e a família passam a ser essenciais no sentido de potencializar o desenvolvimento das crianças e também seu aprendizado (BNCC, 2017). Ou seja, quando família e instituição de Educação Infantil dialogam entre si trazem inúmeros benefícios para o desenvolvimento das crianças possibilitando um processo de ensino e aprendizagem muito mais eficiente, promovendo a educação integral da criança.

Podemos apontar que a Educação é o que nos diferencia das demais espécies e que através dela somos aptos a mudar os padrões existentes em nossa sociedade (BOUFLEUER, 2014). Assim a Educação é uma ferramenta fundamental de todos os seres humanos, que inicia logo cedo

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

e vai sendo cultivada ao longo da vida. Por outro lado, quando falamos da Educação Infantil devemos pensar na educação com o brincar, no sentido de que essa é a principal forma em que as crianças aprendem e desenvolvem seu lado cognitivo, afetivo e motor.

Neste viés, podemos entender que “[...] brincar é um dos alimentos mais importantes da infância. Brincar é a atividade que permite que a criança desenvolva, desde os primeiros anos de vida, todo o potencial que tem” (BUENO, 2010, p. 22). Com isso, através do brincar a criança se desenvolve, compreende a si mesma e aos outros, se relaciona com os demais e principalmente constrói aprendizagens e conhecimentos.

Pensando em tais aspectos o presente artigo busca analisar a experiência de estágio realizada na disciplina de Estágio: Currículo e Docência na Educação Infantil do curso de Pedagogia/PARFOR – Unijuí na forma de um Projeto de vivências. Assim, centrada na responsabilidade, na importância da educação como forma de mudar o mundo e também respeitando a infância e o brincar que é a principal forma de aprendizagem. Como também o desenvolvimento de experiências e aprendizados enquanto futura pedagoga, com o compromisso da educação e do cuidado das crianças.

Metodologia

A construção e realização da proposta educacional ocorreu em uma escola da Rede Municipal de ensino do Rio Grande do Sul, que responde diretamente as orientações da Secretaria Municipal de Educação, sendo ela a Escola Municipal Infantil Alvorada. A turma selecionada para a realização do estágio foi a de Maternal IB em que as crianças se encontram na faixa etária de 2 a 3 anos. A proposta do Projeto foi a realização de vivências distribuídas em cinco tardes nas quais foram elaboradas diferentes atividades conforme o cronograma e tema proposto pela professora regente da turma.

Resultados e discussão

Ao nos depararmos com o processo do estágio na Educação Infantil primeiramente é necessário pensar no espaço e no cotidiano como um todo. Ou seja, a realidade encontrada dentro de uma sala de aula da

educação infantil é totalmente diferente das demais esferas da educação escolar, uma vez que, como apontam Barbosa e Horn de que,

[...] diversos tipos de atividades envolverão a jornada diária das crianças e dos adultos: o horário da chegada, a alimentação, a higiene, o repouso das brincadeiras – os jogos diversificados- como o de faz-de-conta, os jogos imitativos e motores, de exploração de materiais gráfico e plástico – os livros de histórias, as atividades coordenadas pelo adulto e outras (2001, p. 68).

Neste sentido, o planejamento das atividades a serem realizadas com as crianças passa a ser diferenciado, por exemplo, de uma aula com uma turma de Ensino Fundamental, uma vez que dentro do dia a dia da educação infantil se faz necessário o acolhimento, a higiene, a alimentação, o brincar, como também a atenção, o carinho e o cuidado com as crianças.

Ciente de tais considerações e partindo desse pressuposto, o estágio foi realizado através de vivências com a temática dos elementos da natureza. Pensando nas vivências é possível apontar que elas são desenvolvidas no ambiente escolar no sentido de serem “uma estratégia teórico-metodológica na ação de ensino-aprendizagem dos fundamentos da educação infantil” (OLIVEIRA; PRADO; REIS, 2023, p. 03). Ou seja, ao trabalhar com as vivências juntamente com o descrito tema acima, possibilitam as crianças a aprendizagem do tema em questão no sentido de uma vivência lúdica de forma autônoma e com a intencionalidade do brincar.

Dessa maneira, a proposta da temática do projeto se deu através dos Elementos da Natureza: Água, terra, fogo e ar. Concordando com Machado de que,

[...] terra, água, ar e fogo -forças vitais que compõe toda a natureza. Elementos que estão fora e dentro de nós, uma vez que somos também natureza. O elemento terra está em nós representado nos ossos, dentes e cartilagens. O elemento água se manifesta no sangue, linfa, líquido cefalorraquiano e todas as secreções orgânicas: suor, lágrimas, saliva, urina. O elemento ar corresponde aos gases que circulam em nosso corpo. O elemento fogo está no sistema metabólico, no calor humano pessoal, no entusiasmo (2016, p. 03).

Neste sentido, ao explorar os quatro elementos tal proposta pedagógica possibilitou as crianças brincarem com a água no estado líquido e sólido, com a terra manuseando a argila e plantando flores, com o ar na forma de bolinhas de sabão e o fogo assando *marshmellows*. Neste viés ao propor a criança o contato com a natureza e os quatro elementos possibilitou com que elas se conectem, tanto com sua própria essência,

desfrutando da natureza e das energias e possibilidades de explorá-la, como também mostra a elas que devemos ter empatia e respeito com os reinos vegetal, animal, mineral e o humano (*Ibidem*, 2016).

Com isso, ao desenvolver este projeto com a turma do Maternal IB oportunizou a vivência da docência em sua totalidade, ou seja, vivenciar o dia a dia da educação infantil desde o acolhimento as crianças, o seguimento das rotinas diárias de alimentação e higiene, o cuidado e o afeto, mas também na esfera do planejar as atividades e após desenvolve-las com os alunos. Como aponta Reis (2018) é necessário que existam profissionais que estejam comprometidos com a prática educacional, mas também com as questões relativas ao cuidar. Dessa maneira, o estágio abrangeu estas duas esferas, possibilitando uma experiência rica e de muita aprendizagem com as crianças.

Considerações finais

Portanto, as experiências obtidas através deste Estágio na Educação Infantil possibilitaram a ampliação do repertório relacionado aos conhecimentos para esta etapa da educação escolar. Pensando que, ela é o primeiro contato da criança com a escola e precisa ser pensada de forma responsável, uma vez que, tais experiências serão carregadas pelas crianças pelo resto da vida. Sendo assim, a educação infantil além de estar centrada no cuidar, precisa educar para que seja iniciado o processo de formação dos futuros cidadãos, no viés de que a educação é a única maneira de mudarmos padrões existentes em nossa sociedade.

Além disso, também possibilitou evidenciar mais uma vez a importância do brincar livre e da autonomia para as crianças, visto que ao desenvolver e propor as atividades estiveram livres para brincar e manusear os materiais da forma que quisessem. Analisando a proposta de trabalhar os elementos da natureza, foi possível considerar que um projeto com objetos e materiais simples podem ter um grande significado. Razão disto é o fato de um pedaço de gelo, uma pequena fogueira, o sopro da criança para fazer a bolinha de sabão e um punhado de terra se tornaram nas mãos e na imaginação das crianças coisas extraordinárias capazes de causar alegria, risadas, inúmeras brincadeiras, aprendizagens e enfim ser essa a grande e encantadora magia da Educação Infantil.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem. KAERCHER, Gládis. E. **Educação Infantil. Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.

BOUFLEUER, José Pedro. Educação. In: GONZÁLEZ, Fernando, Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (orgs). **Dicionário crítico de Educação Física**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 215-219.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: A Etapa da Educação Infantil. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, p. 35-56, 2017.

BUENO, Elizangela. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil: ensinando de forma lúdica**. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010. Disponível em: https://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2010_ELIZANGELA_BUENO.pdf Acesso em: 18 de nov. de 2023.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/C P No 1, de 15 de maio de 2006. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 18 de nov. de 2023.

KRAMER, Sonia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e é fundamental**. Educação & Sociedade, v. 27, p. 797-818, 2006.

MACHADO, Ana Lucia. **Brincando com os quatro elementos da Natureza**. Ebook 1º edição 2016. Disponível em: <http://www.educandotudomuda.com.br/wp-content/uploads/2020/11/EBOOK-BRINCANDO-COM-OS-QUATRO-ELEMENTOS-DANATUREZA.pdf> Acesso em 20 de nov. de 2023.

OLIVEIRA, Sandra Alves de.; PRADO, Jany Rodrigues. REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. **A dinamização de vivências lúdicas nas aulas de pesquisa e estágio em educação infantil**. Revista Internacional de Educação Superior, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023041, 2022. DOI: 10.20396/riesup.v9i00.8663785. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8663785>. Acesso em: 19 nov. 2023.

REIS, Ana Lucia Estefani Pereira dos. O trabalho pedagógico na concepção do cuidar e educar: perspectivas e desafios na Educação Infantil. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdades de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/items/398466c2-27d1-4543-84e5-b11efc72aaf8> acesso em 20 nov. 2023.

A PEDAGOGIA DA ESCUTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Claudia Simone Possebon¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

A Pedagogia da Escuta na Educação Infantil é o intuito deste trabalho que constitui-se num exercício de reflexão após a inserção no cotidiano escolar de uma turma de Pré II, em uma Escola Privada da Educação Infantil, na cidade de Ijuí- RS. A vivência com as crianças foi permeada por uma mistura de alegria, de júbilo, de curiosidade e expectativa por parte desta educadora, embora já atuando no Ensino Médio por mais de duas décadas, a teoria e a busca de referenciais práticos que foram sendo construídos pelo estudo, pesquisa, escuta e observação permitiram colocar a criança no centro do processo educativo, como bem orienta Viviane Dumond: Na docência da Educação Infantil, a centralidade não está nos(as) professores(as): as crianças é que são o centro. Esse contexto já traz um condicionante para uma pedagogia diferenciada de outras áreas da educação. Para tanto, os(as) docentes organizam espaços e tempos para que as crianças vivam suas infâncias. Seria possível definir essas docências como uma pedagogia das relações e/ou das escutas: “na relação comigo, os meninos e as meninas podem aprender a usar um dado material, aprender o uso correto de certas palavras, a conectar lembranças e a contá-las, a ter contato com os livros, etc. Mas a relação que têm comigo como elas a veem é, ela própria, alguma coisa que eles aprendem: o conteúdo desta aprendizagem particular é uma forma”.

Nesse sentido, se propõe uma reflexão a partir das vivências realizadas no campo de estágio supervisionado na Educação Infantil e a partir das mesmas ampliar nosso olhar sobre a docência nessa etapa de

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR. Trabalho da Disciplina Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil.

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

ensino, bem como, um exercício reflexivo sobre a importância das práticas de estágio na formação dos professores das infâncias.

Metodologia

O presente trabalho se refere à reflexão após a inserção no cotidiano da Educação Infantil, especificamente na docência com Pré 2, turma em que desenvolvi o Estágio Supervisionado em Docência em Educação Infantil o qual me possibilitou novas vivências e experiências docentes.

O estágio aconteceu no decorrer do segundo semestre de 2023 na Escola de Educação Infantil Anjos da Guarda, situada no município de Ijuí, numa turma de Pré 2 composta por 11 crianças.

O estágio se deu em encontros previamente planejados, no turno da tarde, logo após o momento do sono, como parte importante da rotina, onde a maioria das crianças descansam em colchonetes acomodados no chão. Após transcorrido o tempo determinado a professora responsável, no caso a coordenadora pedagógica inicia o processo de despertar das crianças orientando as mesmas para a organização da sala, a acomodação dos colchonetes nos seus respectivos espaços, colocação de calçados e a organização da tarde. Em alguns momentos houve o momento do brincar livre, com os brinquedos disponíveis, como quebra cabeças, legos, recortes de revistas, interação com a professora de arte e a elaboração de uma varinha personalizada e colorida. Em seguida, acontece a nova organização da sala para receber o lanche com a fruta. Dependendo do dia da semana há um horário previsto para o cinema, brincadeira na pracinha, roda de conversa, apresentações artísticas ou das criações feitas em casa com a família sobre um tema estabelecido visando ampliar a oralidade, a organização do pensamento e do saber ouvir entre os colegas.

Partindo da concepção que “ quando uma história é contada, partes do seu cérebro são ativadas de modo que a mesma é encaixada dentro das suas próprias experiências e referências de vida. trazer a literatura para o planejamento” utilizei como recurso entre as vivências os fantoches aqui incluindo a imagem de um fantoche com cores diferentes inspirado na obra do artista ijuiense Paulo Gobo, Profissões onde o mesmo apresenta uma professora negra. Foi nesse artista e nas falas sobre cores diferentes que as crianças mencionaram que realizamos um momento onde as crianças puderam manusear os fantoches, interagir, falar e também ouvir. Criaram histórias, brincaram e utilizaram esse recurso para navegar no mundo

imaginário. Para introduzir a vivência realizei algumas perguntas que puderam ser respondidas e construíram uma história inicial que depois foi recontada e multiplicada.

Observei que as crianças se expressam potencialmente, possuem desenvolvida sua comunicação oral, conseguem se expressar por meio de frases pronunciadas corretamente, são observadores e respeitam as orientações, compreendem o significado das palavras ditas e da linguagem não verbal. É importante estabelecer uma comunicação empática utilizando as palavras e expressões de maneira correta para que exista uma comunicação eficaz.

A curiosidade, desejo e vontade de falar e de ser ouvido foi a marca registrada dessa experiência docente. Mais do que isto, o protagonismo da criança que une o seu mundo particular com o mundo da escola, a empatia, os medos, os sonhos estão marcados na pessoa da criança que ali habita. Compartilho aqui inicialmente uma fala da criança que sente medo, que em todas as aulas buscava meu colo, utilizava uma linguagem marcada por sentimentos de angústia e dor. Após a vivência realizada dos registros gráficos, enquanto seu colega fazia somas matemáticas, contando números e registrando os resultados, aos poucos essa criança simbolicamente realizou o registro dos seus sentimentos inserindo a si mesmo no contexto e as pessoas ao seu redor, no caso, seus vínculos e suas angústias. Destaco aqui que a criança inicialmente fez vários registros no papel e no chão com a caneta, foi orientada pela professora responsável a limpar o espaço no chão. Compreendo, que neste momento a criança utilizou da liberdade que a atividade lúdica concedia para manifestar suas emoções e dizer aquilo que lhe angustiava, se tornou protagonista da ação proposta. pensadas. De acordo com Gianfranco Staccioli, na obra “Os traços invisíveis nos desenhos das crianças, pág 96,” a linguagem gráfico-artística representa para a criança o que a escrita narrativa ou poética representa para um adulto. Com a diferença que se trata de uma linguagem que não precisa ser apreendida “antes”. Mesmo porque, ninguém sabe como se desenham os pensamentos ou as reflexões em torno de uma experiência, ou que cores têm as emoções e as percepções...” E ainda, prossegue o mesmo autor.. o nos interessa lançar luz sobre um aspecto que aponta a complexidade das imagens infantis, especialmente quando as crianças buscam, através do desenho, comunicar algo aos outros ou a si mesmas. Explicar o mundo não é uma operação simples, nem mesmo para os adultos. Muitas vezes nos faltam palavras para dizer o que pensamos ou queremos que os outros compreendam. Nesses casos, precisamos de desvios linguísticos, de contornos de palavras, de

similitudes, de metáforas. Sabemos de maneira implícita que não podemos dizer completamente o que gostaríamos de comunicar, conscientes de que o modo com o qual percebemos, pensamos, elaboramos determinado evento é, de qualquer forma, incomunicável, mas que, ao mesmo tempo, esse evento quer ser explicitado, trazido à luz, iluminado. Trata-se de uma operação altamente produtiva, seja no plano cognitivo, seja como tomada de consciência do próprio ser no mundo”. O autor prossegue sugerindo... “talvez um dos grandes desafios, dentro das escolas, seria a recuperação do sentido originário da ação de traçar uma linha na superfície do papel, como resultante da junção mão — olho — gesto — instrumento, de maneira que a linha potencialize o arco extenso de um repertório gráfico, apreendido como resultante de uma atitude corporal. Atitude esta que contém e convoca tanto o campo do sensível quanto do inteligível”, Por fim... “o desenho, visto como linguagem criativa e poética, enfatiza a linha — elemento constitutivo e estruturante do desenho — como singularidade e acontecimento, cujo traço revela a digital e o tônus do sujeito que desenha — a criança —, expressando tudo aquilo que nela, em particular, é único, através das variações de intensidade, espessura, ritmo, direção, velocidade... A linha traçada é a concretização material de uma ação movida pelo desejo, pela necessidade, pelo imaginário de um corpo, revelando a expressão plena da uma subjetividade capturada pelas distintas intensidades do traço” pág 134.

Assim, diante das vivências compreendi que a minha pequena grande tarefa como educadora estava ao alcance das crianças, concedendo a elas o espaço profícuo para manifestar aquilo que estava em sua linguagem, por ora lhe perturbava e que com palavras ainda não sabia dizer. Utilizou então a arte e fez dela sua obra. Conforme Johann Herbart, considerado o criador da pedagogia científica (FRANCO, 2008; CAMBI, 1999) propõe uma cientificidade que qualifique a “arte pedagógica”. Sua proposta inicial não busca separar ciência e arte da educação, mas sim propor uma ciência que se organize para compreender e qualificar a imanência do artístico na realização da prática educativa. A arte nos oferece fundamentos para compreender as crianças e, também, para subsidiar teórica e metodologicamente o trabalho docente junto às crianças.

Resultados e discussões

No contato com a escola foi observado o espaço físico, as relações entre os adultos, entre os adultos e as crianças, entre as crianças; a rotina, as

atividades realizadas pela professora, as manifestações das crianças, além de registrar as conversas informais com profissionais da equipe gestora e com a professora coordenadora que assumiu a turma na ausência da regente, afastada por laudo médico. Não me foi apresentado, embora tenha sido solicitado o planejamento e cadernos de planejamento ou registros da professora. Este foi parte do percurso realizado e do embasamento para apresentar as vivências realizadas. Diante do contexto da turma, desejava eu realizar uma atividade em especial, que mencionei à diretora do educandário visando aprimorar as relações com os educadores que atuavam na escola também com as outras etapas de ensino, inclusive as funcionárias da limpeza e da cozinha. Minha proposição era celebrar com um café da manhã, num espaço de quinze minutos anterior a chegada das crianças no turno da manhã a valorização e o reconhecimento de todos esses educadores e o cuidado com quem cuida e educa. Minha percepção é de que parte da equipe escolar precisa ser acolhida, mimada, valorizada, para além de uma relação mecânica e profissional. Porém, minha demanda não foi acatada, embora importante e válido o registro e a percepção dessa eminente experiência devido às exaustivas demandas a que os profissionais são desafiados diariamente no espaço educacional.

As crianças são provenientes de infâncias plurais que se encontram no espaço institucionalizado da educação infantil. Existem infâncias diferentes neste espaço, por isso, temos que compreender que cada criança traz de casa suas experiências de vida que serão ampliadas a partir do repertório que serão oferecidos a elas no cotidiano da escola, aqui incluindo valores, vocabulário, necessidades e padrões de comportamento. Reitero como imprescindíveis as oportunidades ofertadas para as crianças com atividades que busquem dar espaço para se expressar, se comunicar com o outro, estabelecer relações de convivência e humanização em grupo.

Assim, um repertório pensado a partir da exploração de diferentes materialidades necessita ter a intenção de ampliar as experiências de vida tendo como objetivo o processo de humanização das crianças. Precisamos possibilitar inúmeras e diversificadas experiências e vivências culturais e sociais criando condições para que a criança aprenda mais sobre sua condição humana de ser. Concordamos com STROHHECKER através da “pedagogia da interpretação”, ou seja, através da relação com o outro vamos atribuindo significados às coisas, vamos interpretando e compreendendo as reações do outro, elemento primordial para estar em sociedade desde os tempos mais remotos.

Outro aspecto fundamental das vivências na escola durante a infância, é permitir que a criança possa aprender sobre si mesma e aprender a se relacionar com o mundo a partir das situações norteadas pelo brincar e que serão oportunizadas a elas e em alguns momentos planejadas intencionalmente e em outros ocorrem de maneira espontânea.

O brincar é a linguagem pela qual a criança se relaciona com o mundo e com os outros e precisa concebido como algo intrínseco ao fazer e ao pensar sobre a organização dos tempos, espaços, seleção dos materiais... por isso, ao tecermos o caminho da docência na educação infantil é preciso considerar o brincar livremente, sem rotina, sem agendamento, mas também é preciso brincar de forma dirigida, para ensinar, para estabelecer e fortalecer vínculos, para observar a criança e compreender a sua subjetividade.

Diante das premissas que consideram o brincar uma linguagem própria da criança e a indissociabilidade entre educar e cuidar, nos encontramos neste caminho de nos constituirmos educadores da infância, e a inserção no campo de estágio supervisionado é um momento único de vivenciar as experiências presentes no cotidiano da escola infantil. Nos desafiamos a resgatar o brincar com a contação de histórias e uso do personagem principal, uma gatinha, conforme os registros fotográficos já mencionados. A brincadeira despertou inúmeros questionamentos, inclusive a dúvida que veio no diálogo das crianças, se seria uma gatinha de verdade ou a professora. A curiosidade aumentou com o desejo de colocar a máscara da gatinha, o revezamento para uso dos acessórios, brincar com a cauda e um emaranhado de fios de lã colorido amarrados na lateral direita da professora, enquanto a história era contada. Diante do exposto e da experiência vivenciada, concordo com a concepção do educador Loris Malaguzzi (apud FARIA, 2007) dizia que, para uma criança diferente, é preciso uma escola diferente e também uma professora diferente. Essa diferença se constitui no olhar humanizado, responsável, de permanente inquietação que busca novos espaços e momentos formativos qualificados visando ampliar as reflexões a partir da prática, qualificando a docência, compreendendo e interpretando o contexto educativo, buscando o que precisa ser readequado, para qualificar a docência e consequentemente as vivências das infâncias na educação infantil.

Considerações finais

Tendo em vista a prática de estágio supervisionado na turma do Pré II, as vivências com as crianças possibilitaram experiências de docência que nos tocam, nos permitem reviver a própria infância, resgatar o lúdico, a curiosidade, o desejo de aprender, nos apontam possibilidades e gritam problemáticas vindas da sociedade que estamos inseridas, trazem inúmeras marcas, silêncios e escutas, nos sensibilizam, nos fortalecem dizendo da importância do lugar da Escola na vida e na infância.. Não estamos ali para ensinar algo conduzindo o processo à nossa maneira, mas para promover situações de aprendizagem que dão voz e potencializam saberes das crianças. Que este percurso formativo com intencionalidade educativa, permita avanços em relação aos seus repertórios de vida, bem como, em relação ao seu processo de humanização.

Referências

- DRUMOND, Viviane. **Formação de professores e professoras de educação infantil no curso de pedagogia: estágio e pesquisa**. 236f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2014.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. **Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 277-292.
- GOBBI, Marcia Aparecida e PINAZZA, Mônica Appezzato, (Orgs.). **Infância e suas linguagens** [livro eletrônico]/ — São Paulo : Cortez, 2015. 6,8 Mb ; PD
- HOYUELOS, Alfredo, RIERA, María Antonia. Complexidade e relações na Educação. Phorte Editora, São Paulo. acesso em 17 de jul. de 2019
- STROHHECKER, Franciele da Silva dos Anjos. Infância a Luz da Condição Humana.

CONHECER, EXPLORAR E VIVENCIAR DESCOBERTAS COTIDIANAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Francieli Andreatta Brudna¹
Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

Buscando refletir sobre a experiência de estágio vivida pela autora, acadêmica do Curso de Pedagogia/PARFOR da Unijuí, realizada em escola Municipal no Município de Ijuí. A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência compartilhada com a professora referência da turma do pré I composta por crianças com idade entre 4 e 5 anos.

As vivências propostas buscaram sensibilizar, reconhecer e manusear diferentes materiais explorando as texturas, as cores, o paladar e o cheiro nos inúmeros ambientes que vivemos. Tais vivências foram pensadas com o objetivo de desenvolver as habilidades com o uso das diferentes linguagens, assegurando assim, a garantia dos direitos da aprendizagem contemplados na BNCC e nos documentos que regem a educação infantil do município de Ijuí.

Metodologia

O presente trabalho se refere à reflexão após a inserção no cotidiano da Educação Infantil, na docência compartilhada no pré I, turma em que desenvolvi o Estágio Supervisionado em Docência em Educação Infantil o qual proporcionou a vivenciar experiências na docência com esta etapa escolar.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

O estágio aconteceu no decorrer do segundo semestre de 2023 na Escola Municipal Fundamental Estado do Amazonas, localizada no município de Ijuí, numa turma composta por 20 alunos, sendo 8 meninas e 12 meninos.

O planejamento das vivências se deu a partir das observações e da sugestão da professora referência, pois as crianças demonstravam interesse sobre as cores.

Primeiramente aconteceu a sensibilização para reconhecer as cores e posteriormente uma roda de conversa sobre o assunto, sendo que as crianças foram instigadas a expor seus conhecimentos prévios sobre o assunto, o que segundo MALAGUZZI, são os conhecimentos intuitivos. Sendo que a partir disto as vivências foram pensadas e elaboradas a partir das dúvidas, curiosidades e contribuições das crianças.

Iniciamos o percurso através da produção de gelatinas e degustação das mesmas, o qual possibilitou às crianças a explorar transformações cotidianas e relacionar as diferentes cores que possuem. Vivenciamos contação de história abordando as cores e os sentimentos, exploramos a produção de massa de modelar e modelagem, o passeio pelo bosque dos Capuchinhos proporcionou e instigou a investigação e observação das características que compunham aquele ambiente. Apreciamos uma obra de arte, produzimos tintas naturais e pintura de tela. Sendo que tais vivências, proporcionaram a descoberta, a investigação, criação de hipóteses e explorar as diferentes possibilidades, criando memórias significativas e carregadas de aprendizagens.

Destaco aqui a vivência em que as crianças interagiram com as tintas naturais e a pintura de tela, onde possibilitou que se expressassem e desenvolvessem estética e sensibilidade, esta dimensão expressiva e construtiva das infâncias é fundamental para o desenvolvimento das crianças.

As vivências em pequenos grupos desenvolvem a empatia, olho no olho, respeito, proximidade, reciprocidade, percebe-se as afinidades e criam-se laços afetivos que podem se estender para os outros momentos de brincadeiras, recreio.

Tais vivências oferecem e proporcionam momentos para compartilhar ideias, descobertas, hipóteses, dúvidas ou até mesmo chegar a resolução de desafios. Durante esses encontros, as diferenças individuais são valorizadas, onde a expressão ganha uma teia de perspectivas e possibilidades. Sendo assim, essa troca de experiências e vivências, propicia

um ambiente acolhedor, estimula o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, bem como fortalece os laços de amizade e interação.

Resultados e discussões

Estas vivências proporcionaram às crianças momentos de escuta, pesquisa, criação, expressão oral e corporal. Segundo MALAGUZZI, as crianças são cem linguagens e devem ser respeitadas em todas as suas formas de se comunicar com o mundo. Elas precisam ter seus direitos respeitados, serem ouvidas, seus interesses precisam ser explorados, isso, para que possam promover escolhas para iniciar a aprendizagem social, afetiva e cognitiva.

As crianças aprendem porque querem compreender o mundo em que vivem, dar sentido às suas vidas. As crianças vivem de modo narrativo suas brincadeiras, pois elas formulam e contam histórias ao mesmo tempo em que dramatizam, (BARBOSA; FOCHI, 2015)

Nesta perspectiva, crianças que experienciam diferentes vivências, que são desafiadas a criar, que são desafiadas a refazer, serão os tão sonhados jovens protagonistas que saberão lidar com as condições adversas.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores, a segunda meta é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo o que a elas se propõe (PIAGET).

Nesta proposta, o papel do professor centralizou-se na provocação de oportunidades de descobertas, no olhar e escuta sensível, oferecendo contribuições para o desenvolvimento cognitivo, físico - motor, social e afetivo.

Outro fator que considero importante é a afetividade, esta, vai muito além das trocas carinhosas, está diretamente ligada ao processo de aprendizagem, aprendemos com facilidade e prazer quando criamos vínculos afetivos. Segundo Bueno (2018), o afeto está diretamente envolvido nas escolhas do professor, desde o planejamento até a avaliação, é ele que caracteriza os espaços da sala de aula.

Considerações finais

Diante da realização de tal prática, é possível perceber que a educação infantil tem um significado importante no desenvolvimento integral das crianças. Ou seja, para que esse desenvolvimento ocorra de maneira significativa o educador deve proporcionar, instigar e aguçar a curiosidade das crianças, através de vivências que estejam ligadas ao cotidiano, bem como ofertar um ambiente enriquecedor, com estímulos e possíveis interações significativas, pois estas vivências e experiências contribuem no desenvolvimento de habilidades que envolvem a criatividade, a criticidade, motricidade e afetividade.

Levando em conta que “Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (Paulo Freire) a vivência do estágio foi válida, minha prática pedagógica não será mais a mesma, será diferente a partir destes momentos experienciados junto às crianças.

Referências

BUENO, Marcelo Cunha. **No chão da escola:** por uma infância que voa. Cachoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2018.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Editora Penso, 1995.

FOCHI, Paulo Sérgio. **Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos da experiência.** Campinas, SP: Edições Leitura e Crítica, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR À INFÂNCIA

Janine Zucolotto¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

Mesmo que a Educação Infantil se constitua em um espaço institucionalizado para as vivências infantis, é preciso darmos atenção a acolhida desses sujeitos no mundo acadêmico, respeitando suas experiências. Ao valorizar as experiências, o educador abre espaço nas zonas proximais de aprendizagem. A criança está em constante aprendizado e experienciar. A documentação pedagógica perpassa pelo registro do cotidiano com respeito às relações de experiência de cada criança.

Conforme o ECA a infância se estende até os doze anos de idade, é preciso salientar que a constituição do sujeito se dá na fase escolar chamada Educação Infantil, após essa fase a educação passa a ser chamada de Ensino Fundamental. Os termos Educação na primeira fase da criança na escola e o termo Ensino na sequência, em um primeiro momento parecem apenas sinônimos, a diferença está na faixa etária, na constituição do sujeito. A docência na Educação Infantil necessita de um olhar de encantamento, onde os significados são construídos na interação, ao ler para uma criança, por exemplo, constrói-se significado afetivo, os espaços proporcionados a elas devem permitir experienciar, despertar o desejo de aprender. Portanto, docência na educação infantil: um olhar a infância, constitui-se num exercício de reflexão após a inserção no cotidiano escolar de uma turma de Maternal II, permeada pela teoria, pela escuta, observação e contribuição dos educadores do curso de formação e os que se faziam presentes junto a turma.

Nesse sentido, se propõe uma reflexão sobre a importância da prática de estágio na formação de educadores, a partir das vivências no

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR. Trabalho da Disciplina Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil.

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

campo de estágio supervisionado na Educação Infantil, ampliando o olhar sobre a infância no processo da educação.

Metodologia

O presente trabalho diz respeito à reflexão após a inserção no cotidiano da Educação Infantil, especificamente na docência compartilhada na turma de Maternal II, sala em que desenvolvi o Estágio Supervisionado em Docência em Educação Infantil. Estágio este que me possibilitou novas experiências e vivências, pois mesmo sendo professora há 27 anos, não havia realizado inserção em turmas dessa faixa etária.

O estágio se deu nos meses de outubro e novembro, deste ano, com docência compartilhada, na Escola Municipal de Educação Infantil Raios de Sol. Situada no bairro Tancredo Neves em Ijuí, na turma de Maternal II com 15 crianças. No mês de outubro foram realizadas as observações, com interação nas brincadeiras e atividades realizadas, as crianças me convocavam a interagir principalmente no brincar. No mês de novembro, após planejamento com a professora da turma, propus vivências para as crianças.

O meu planejamento procurou respeitar a rotina das crianças, café da manhã, hora do almoço, hora do descanso e hora da aula de música. Essa vivência acontece semanalmente com uma educadora na escola, que passa nas salas com horário agendado para cantar com eles.

As crianças têm as rotinas incorporadas, em alguns momentos as crianças me ajudavam a saber o que deveria ser realizado. Tomar água, guardar os brinquedos, tirar os calçados para o soninho, assim como pegar suas coisas na mochila, organização dos pratos após o almoço.

Durante a realização das observações, na tentativa de salvar uma lagarta do esmagamento, chamei a atenção das crianças para um gafanhoto que estava na árvore. Esse movimento despertou uma curiosidade em procurar outros pequenos animais pelo pátio da escola. E procuramos, ao perceber que tinham o interesse em esmagá-los, matá-los, por entenderem que representam um perigo. A professora regente observou esse movimento e propôs a continuidade do planejamento por esse tema, que acolhi com imensa alegria. Interesse da professora e das crianças é tudo de bom trabalhar com tema assim.

Iniciamos com a proposta da história cantada A Borboleta e a Lagarta (Palavra cantada de Paulo Tatit), vivência que foi realizada com

cada criança recebendo um pedaço de TNT verde, que representava a lagarta no início da música/história e na sequência vira a borboleta a voar. A música saiu da sala e teve continuidade na pracinha, ao encontrar as crianças das outras turmas passaram a representar a história para os mesmos. Para podermos brincar na pracinha repousamos as borboletas nas árvores. As crianças apresentavam suas borboletas, o tecido parou de existir, o imaginário tomou conta. Magnífico!

Distribuímos uma vivência em cada dia, respeitando a rotina da turma e da escola. Para a segunda vivência conversamos sobre o uso correto da lupa, cada criança recebeu uma, e a garrafa pet com orifícios para acomodar os animais que seriam encontrados. A movimentação pela escola foi incrível, a procura e coleta de pequenos animais vivos aconteceu com muita empolgação, diálogo entre eles sobre o cuidado com aranhas, o nojo de lesma. Divisão dos animais para todos terem um exemplar em seu recipiente. Na volta para sala realizamos a observação dos exemplares.

Na sequência das vivências, construímos um terrário coletivamente, ao qual chamamos de pedacinho de natureza, com pequenas plantas, terra, pedras, água e os pequenos animais coletados no dia anterior. As crianças foram convocadas a dizer o que é preciso para se ter um pedacinho de natureza, enquanto montamos o terrário. Tive dificuldade em organizar o trabalho coletivo, todos desejam ajudar ao mesmo tempo, muita empolgação.

No dia seguinte as crianças pesquisaram fotos e imagens dos animais colocados no terrário e registraram o trabalho realizado em forma de desenho em uma folha de desenho e canetas coloridas. Os desenhos ocorreram com relatos e questionamentos. Uma criança afirmou não saber desenhar, realizamos mais de uma tentativa. Teve uma que escreveu seu nome na folha junto ao desenho, entendi que esse movimento foi o primeiro na escrita. A maioria ao concluir queria colocar na mochila para levar para casa. Nessa vivência podemos observar as diferentes fases do desenvolvimento através do desenho. Assim como crianças com dificuldade na fala, o desenho está em um estágio diferenciado.

Todas as vivências respeitaram o brincar no acolhimento da entrada, algumas vezes com massinha de modelar, outras com os brinquedos da sala, outra acolhida da manhã foi na pracinha. Assim como o horário do café da manhã, horário do almoço, brincadeira na pracinha e a hora do sono.

Resultados e discussões

O espaço de estágio esclarece que a infância não é única. Cada criança traz para o espaço escolar suas vivências. Uns contaram de suas galinhas, outro da vaca do avô, cachorro, gatos, outros tinham apenas formigas em casa. Observa-se na turma crianças com dificuldade na fala, dificuldade na organização do desenho, criança que reconhece todas as letras, criança iniciando a representação de seu nome, criança que precisa de colo no início da manhã, crianças que resolvem a situação de divisão de brinquedos, crianças que choram ao serem contrariadas e uma delas que veio toda semana sem um único banho.

A importância do espaço institucionalizado para receber essas infâncias. Não são todas as famílias que têm estrutura para oferecer o que é de direito à criança. A escola ainda recebe crianças sem alimento e sem banho, com a mesma roupa do dia anterior. O espaço de socialização e de construção de aprendizagens que a escola oferece é de extrema importância para as crianças, atualmente um direito que possuem. Cabe a nós adultos respeitar esse espaço e contribuir para que sejam bem aproveitados.

As crianças são muito receptivas às vivências, revela a importância de ofertar repertórios diversificados, com embasamento teórico e que desperte desejos ainda maiores de aprender. Na interação com o outro que a criança dá sentido às coisas, aqui se faz presente a relação de troca entre elas, a comunicação, momento de ouvir, momento de falar, tudo é aprendido.

A inserção de estágio me fez conhecer uma realidade que só ouvia falar e conhecia através das leituras realizadas. É muito diferente fazer parte desse espaço, vivenciar, sentir os cheiros, ouvir as vozes, perceber os olhares. E aqui não me refiro só às crianças, na escola como um todo. Pais deixando e buscando seus filhos, os profissionais em seus movimentos, assim como as crianças com suas histórias e descobertas. Como proporcionei vivências às crianças, elas proporcionaram vivências, nesse contexto que pude experienciar. Sou grata pela experiência, aprendi muito.

O que trago por último para a reflexão, mas não menos importante é o brincar na infância. O brincar é uma função universal, presente em todas as culturas, necessária para que cada sujeito possa apropriar-se do universo simbólico ao qual pertence. O brincar é relativo à possibilidade na qual a atividade do sujeito permite que significações particulares sejam conferidas aos objetos. Com o brincar, a criança realiza um árduo trabalho

de buscar situar-se como sujeito em relação ao desejo, em vez de ficar esmagada à condição de objeto de desejo do adulto enquanto Outro.

Na Educação Infantil, o brincar precisa ser a principal bandeira levantada. Tendo conhecimento da restrição do brincar na maioria das famílias, o brincar torna-se mais importante na escola, principalmente o brincar sem rotina, sem regras estabelecidas, no meio da natureza, com a natureza. Com matérias que possibilitem a criatividade, um galho que vira várias coisas na mesma brincadeira. Não me refiro que o brincar de forma dirigida deixa de ter importância. O aprendizado pode acontecer com o brincar de forma dirigida, assim como o fortalecimento de vínculos.

Os espaços formativos são de extrema importância para o educador de forma geral, mas ao que ocupa espaço na Educação Infantil se torna maior ainda. Esses profissionais deveriam ser melhor remunerados para poderem cumprir cargas horárias menores e a eles serem disponibilizadas horas pagas para estudo e formação. Na Educação Infantil estão nossas crianças. O investimento precisa ser maior pois o sujeito está em constituição, não só em verbas, mas em tempo, melhores espaços educacionais, profissionais com maior formação.

Considerações finais

Na Educação Infantil precisamos estar dispostos a promover situações de aprendizagem a partir da escuta e observação do movimento da criança, conduzindo com intencionalidade educativa no avanço de repertórios. Oferecer repertórios respeitando esses sujeitos em constituição. A pedagogia da escuta e da observação não freiam a aprendizagem, apenas oferecem repertórios. A Educação Infantil apresenta o foco no processo e não no resultado.

A experiência de estágio me fez perceber a importância da Educação Infantil, conhecer profissionais maravilhosos em suas generosidades e lembrar o que é ser criança, o que jamais podemos esquecer nessa profissão de educador.

O verbo esperar deve ser conjugado ao brincar com uma criança.

Referências

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2010. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular.

Brasília: MEC, 2017.

DUNKER, Christian e THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista:** como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

DUNKER, Christian. Como aprender a escutar o Outro? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo-jk4kVtE8> acesso em 16/04/2021.

FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (organizadoras). **Campos de experiências na escola da Infância:** contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015.

FOCHI, Paulo Sergio; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Pedagogia do Cotidiano:** Reivindicações do Currículo para formação de professores. Em aberto, Brasília, V.30, n.100, p.23-42, set./dez.2017

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo Perspec. 14(2)- Jun 2000. <https://www.scielo.br/j/spp/a/hbD5jkw8vp7MxKvfvLHsW9D/?lang=pt> <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000200002> Acesso em 07/04/2023.

PEREZ, Maria Cristina Argenti. **Infância e escolarização:** discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola. Dossiê temático: Infância e escolarização. Vitória da Conquista, v.8, n.12, p.11-25, jan./jun. 2012.

PINTO, Fátima Cunha Ferreira & DIAS, Érika. **Educação e Sociedade.** Editorial – Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ 27(104) – Jul-Sep 2019. <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/MGwkqfpsmJsgjDcWdqhZfks/?lang=pt> <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701041> Acesso em 07/04/2023

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA TURMA DE CRIANÇAS PEQUENAS NO SÉCULO XXI

Laura Ethiele Müller de Albuquerque¹

Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

O presente projeto de estágio na educação infantil justifica - se pela necessidade e importância de conhecer a partir do estágio compartilhado a rotina, as vivências, das salas de aula da educação infantil, acompanhando uma turma de bebês, crianças bem pequenas e ou crianças pequenas, nesta etapa da educação brasileira.

A temática perpassa a vivência e a rotina da escola, em uma turma de berçário II B. A turma é composta por: Uma professora referência e duas auxiliares, uma pelo turno da manhã e outra pelo turno da tarde, conta com 15 crianças bem pequenas, onde as idades variam de 1 ano e 7 meses a 3 anos de idade, todos já estão caminhando, com muita disposição e energia para viver, criar e conhecer o mundo, sendo que são 9 meninas e 6 meninos.

Sobre uma das funções, a escola de educação infantil tem como objetivo e função cuidar e educar, e garantir a liberdade e autonomia nas vivências e experiência vividas pelas crianças.

Os objetivos do estágio compartilhado versam sobre conhecer a sala de aula da educação infantil, viver e presenciar a rotina e a organização da turma, das vivências e experiências.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR. Trabalho da Disciplina Estágio Supervisionado na Docência em Educação Infantil.

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Metodologia

A partir da conversa com a professora referência da turma, e posteriormente da observação da rotina de crianças pequenas na escola de educação infantil, a partir do vínculo, da conexão e das vivências. O estágio será realizado de forma compartilhada com a professora referência, será baseado na observação e na tentativa, e possibilidade de vivências e experiências com as crianças bem pequenas. A professora referência vem trabalhando no campo de experiência: Corpo, gesto e movimentos, voltado à exploração dos espaços, sensações e brincadeiras como forma de descobrir possibilidades, sentimentos e emoções.

Drummond (2018) apresenta em seu artigo a complexidade especificidades de ser professor da educação infantil, de trabalhar com crianças pequenas, aponta também, o quanto estas experiências e estudos são importantes, e periféricos nos cursos de pedagogias, expõe o quão importante é que este professor seja afetado pelo cuidar e educar. Considerando que esta profissão está em formação, é necessário, viver o dia-a-dia na escola, pesquisar, imaginar e criar esta etapa da educação brasileira, versando sempre na liberdade e autonomia deste ser em formação.

Resultados e discussões

A escola de educação infantil, segundo Paulo Fochi (2015), deve ser pensada como um espaço e um lugar de “contexto de vida coletiva” podendo sempre ser reinventada ao passo das evoluções da sociedade. Observando a função pública e coletiva dos espaços/escolas de educação infantil. Devemos pensar a escola de crianças pequenas como um lugar de acolher para colher um futuro melhor, mais justo, mais igual, cuidadoso e reflexivo, não esquecendo que este lugar é um lugar de aprendizagens e descobertas.

O estágio compartilhado na educação infantil, foi desenvolvido na Escola de Educação Infantil Raios de Sol, situada na cidade de Ijuí, em uma turma de berçário II, composta por 15 bebês, sendo 9 meninas e 6 meninos, a turma conta com uma professora referência e duas professoras auxiliares, uma pelo turno da manhã e outra pelo turno da tarde.

A escola de educação infantil deve ser vista, antes de tudo, como um lugar de convivência e inserção no meio sócio-cultural. Observando

as especificidades dos sujeitos ali inseridos, ou seja, as especificidades das crianças e do infantil.

Conforme documento produzido pelo Ministério da Educação (2009), direcionado aos professores que trabalham com a formação e a educação de crianças de 0 a 6 anos, com ênfase no 0 a 3 anos, com o objetivo de problematizar, inspirar e aperfeiçoar as práticas cotidianas realizadas nos estabelecimentos de educação infantil, “A função da educação infantil nas sociedades contemporâneas é a de possibilitar a vivência em comunidade, aprendendo a respeitar, a acolher e a celebrar a diversidade dos demais” (Ministério da educação, 2009, p. 12). Assim, a educação infantil do século XXI, passa a ver a criança como um ser de potencialidades e direitos.

Pensando sobre o escrito acima, onde a vivência e o acolhimento são fundamentais nas escolas de educação infantil, o estágio descrito foi realizado de forma compartilhada, onde com a professora referência.

Para a educação infantil, onde se trabalha com crianças de 0 a 3 anos, a escola deve ser pensada a partir do acolhimento, e as atividades devem ter uma intencionalidade lúdica, para evitar a escolarização nesta idade. Pois o estado criança de ser contempla a ludicidade, o acolhimento e a brincadeira. A escola que desejamos neste século, respeita a todos, a todas e a todes, na sua melhor forma de construir o desenvolvimento e o respeito da singularidade das crianças pequenas.

A finalidade da educação infantil na contemporaneidade é potencializar o desenvolvimento das crianças para permitir que esta saia da percepção exclusiva de seu universo pessoal, e possa ver o mundo a partir do olhar do outro e da compreensão de outros mundos sociais, contemplando a pluralidade da vida humana (Ministério da educação, 2009, p. 12).

Para tanto, é necessário, lançar o olhar sobre a criança, suas especificidades e as especificidades desse momento do desenvolvimento. O tempo passa e a criança cresce, desenvolve-se também dentro da escola, necessitamos refletir sobre que tipo de escolarização é a mais adequada para este ser em formação.

Pensando no viés pedagógico da escola de educação infantil do século XXI, que tem como proposta ajudar esta criança a desenvolver e apropriar-se de práticas cotidianas comuns da cultura vivida. Sempre, levando em consideração as possibilidades de uma criança pequena.

Pensando em alguns aspectos norteadores da educação infantil, o estágio foi desenvolvido a partir da vivência das rotinas da escola de educação infantil, pois no período de aplicação do estágio a professora

referência da sala estava terminando algumas vivências que a mesma já havia aplicado e assim, meu planejamento não foi possível de ser desenvolvido. Porém, a experiência de como professora dos anos finais do ensino fundamental, adentrar uma escola de educação infantil, conhecer a rotina das crianças, desenvolver com elas afeto e cuidado, a partir de um olhar sensível foi único. Participar do almoço, do brincar no parquinho, da hora do soninho, trocar fraldas é algo muito importante para o educador ou educadora da educação infantil e principalmente para aqueles pequenos cidadãos que lá se encontram.

Olhando para este movimento de acolhimento a escola deve se adequar às especificidades das crianças, a característica do universo infantil é a ludicidade, desta forma, a escola deve se orientar pelo lúdico, para gradativamente realizar a inserção da criança ao cotidiano social e cultural da sociedade brasileira, levando em conta as transformações e a velocidade da mesma, o que se torna um desafio a ser superado pela escola.

Desta forma, temos a elaboração de um currículo que vai levar em consideração, o lúdico e a brincadeira, como forma de expressão da cultura vivenciada e da socialização proposta pelos estabelecimentos. A brincadeira tem um papel fundamental na formação da criança, fazendo com que ela se expresse, imagine, descubra o corpo e o mundo, está também acaba por inserir as crianças no mundo dos adultos.

Observamos a necessidade de falar sobre a docência nesta modalidade da educação. Nas últimas décadas estão ocorrendo e diversificando pesquisas sobre a formação docente dos alunos que cursam pedagogia, a partir de discussões, observações e pesquisas, sobre quais são as especificidades dos professores que trabalham com crianças pequenas. Todavia, sobre a infância e as suas especificidades, pois nota-se a importância de construir novos conceitos e saberes sobre o trabalho docente.

Referências

BRASIL. MEC. Práticas cotidianas na educação infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: MEC, 2009a.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em 21 de agosto de 2023.

BRASIL. MEC. Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais

específicas da Educação Básica. Brasília: MEC, 2009b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/subsidios_dcn.pdf. Acesso em 21 de agosto de 2023.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Brasília: Casa Civil, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 20 de agosto de 2023.

Alemagna, Beatrice. **O que é uma criança?** Tradução de Mônica Stadel - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2010

FOCHI, Paulo Sergio; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Pedagogia do Cotidiano:** Reinvidicações do Currículo para formação de professores. Em aberto, Brasília, V.30, n.100, p.23-42, set./dez.2017.

RELATO DE EXPERIÊNCIAS: O BRINCAR E SUAS POTENCIALIDADES

Joana Emilia Gomes Marques¹
Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

A presente escrita intitulada, O brincar livre e suas potencialidades, foi desenvolvida na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, do curso de Pedagogia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Seu objetivo é de apresentar uma reflexão sobre a Educação Infantil, a partir de referenciais teóricos e experiências práticas.

As observações e vivências que posteriormente serão relatadas ocorreram na turma de maternal II, durante o turno da manhã, na Escola Infantil Alvorada. O estágio foi dividido em duas etapas fundamentais, o período de observação e o período de intervenção, onde foi colocado em prática as teorias estudadas durante o semestre do curso.

Cabe ressaltar que o estágio na Educação Infantil teve como objetivos, observar, analisar e descrever as práticas em sala de aula, propiciar a aproximação da realidade profissional por meio da participação em situações reais de trabalho, envolvendo as crianças do maternal II e suas educadoras.

O período da infância é marcado por várias descobertas em torno do contexto em que se vive, onde as crianças relacionam-se através de uma linguagem que lhes é própria e geradora de diferentes vivências extremamente importantes para sua integração enquanto seres humanos dotados de expressão, corporeidade e cultura.

Nos momentos de observação presenciei a forma de atuar das educadoras enquanto as crianças brincavam e constatei que todas

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR. Trabalho da Disciplina Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil.

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

valorizavam muito as aprendizagens desenvolvidas durante tal atividade (por exemplo, enquanto brincavam na casinha, na pracinha, nos cantinhos temáticos).

A pertinência teórica deste estudo decorre da importância da atividade do brincar na educação infantil, onde diversas potencialidades educativas se destacam. O brincar livre permite o desenvolvimento global da criança, emocional, motor, psicológico e social. Ilustra, ainda, que é importante que o educador proporcione tempo para as crianças brincarem e que encare esta atividade como um recurso para apoiar o aprofundamento de aprendizagens já feitas pela criança e também como um meio para introduzir novos conceitos e temáticas.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a observação e intervenção na turma de maternal II da Escola Infantil Alvorada, vinculando as leituras e estudos bibliográficos que tratam acerca da prática pedagógica e, ainda, sobre a importância do estágio na formação do pedagogo, favorecendo, desse modo, novos direcionamentos pedagógicos para a educação infantil, além de servir como embasamento para as práticas de construção e reconstrução do conhecimento docente.

Considero que o estudo realizado tem proximidades significativas com a modalidade de investigação-ação. Com efeito, pretende compreender melhor as potencialidades educativas do brincar na educação infantil e, ao longo deste processo, procurar melhorar as práticas pedagógicas. Assim, o agir pedagógico começou por ser centrado na observação das crianças e suas educadoras de modo a refletir sobre o que ia sendo observado. Estas reflexões contribuíram para delinear as intervenções tentando que estas fossem, progressivamente, cada vez mais adequadas ao interesse e desenvolvimento das crianças.

Sendo assim, procurei sensibilizar as crianças sobre o meio ambiente, trazendo uma literatura, para de forma bem lúdica trabalhar esse tema. Uma vez que, a proposta desse campo parte do princípio de que as crianças vivem em espaços e tempos diversos e, que na medida que se desenvolvem, precisam entender tudo isso e diferenciar cada um desses cenários.

O projeto de estágio foi pensado de uma forma, porém no meio do percurso, em uma conversa com a professora regente, a mesma observou o desejo das crianças de conhecer mais sobre os animais. Então decidimos

em conjunto trabalhar o assunto que para eles no momento era de maior relevância.

Resultados e discussões

No Estágio é onde temos a oportunidade de vivenciar tudo aquilo que aprendemos, de refletir sobre quais práticas vamos escolher futuramente, quais as formas de agir dentro de uma sala com crianças da educação infantil. É tempo de conhecer, analisar e experimentar. Pimenta e Lima (2005/2006 p.14) afirmam que o estágio “não é atividade prática, mas atividade teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida como atividade de transformação da realidade”. É, portanto, uma atividade teórico-prática, apoiada pela fundamentação, pelo diálogo e pela intervenção didática na realidade educacional.

Na observação participante houve muitos elementos que envolviam o cotidiano escolar e que puderam ser observados e avaliados. Podemos perceber, durante as observações na escola, que predominantemente a relação professor e aluno era de interação, respeito, afeto, amor e responsabilidade. Há o planejamento das vivências que precisam ser realizadas no cotidiano escolar da instituição, elaborada pelos profissionais da mesma, que precisa ser respeitada e realizada com as crianças seguindo o tempo reservado para tal.

Segundo Vasconcelos (2020, p. 41) “Uma escola que garante como princípios pedagógicos a participação das crianças em todos os âmbitos do cotidiano escolar, a expressão das singularidades dos sujeitos e a constituição da continuidade de suas experiências educativas, sustentados por uma rede de corresponsabilidades dos adultos provoca processos de aprendizagem coletivos que instituem o protagonismo das crianças em sua abordagem”.

Sendo assim, durante o tempo em que observei a turma de maternal II da Escola Infantil Alvorada, fui analisando a forma de agir da educadora e os momentos de interação com as crianças. Percebi como a mesma atuava e compreendi o porquê das suas ações de modo a mais tarde, tentar interagir no mesmo sentido. Constatei que, a educadora valoriza o brincar das crianças, pois para além de incentivar as mesmas para a brincadeira, apoiava-as durante esta atividade e, ainda, participava dos diversos momentos, sempre promovendo o protagonismo das crianças.

De acordo com Ferreira, (2010, p.13) “[...] brincar potencia o desenvolvimento da criança: facilita-lhe o conhecimento de si própria, as

relações com os outros e o conhecimento do Mundo”. Neste contexto, o educador antes de intervir junto das crianças necessita de perceber como a criança pensa e compreender quais são as suas necessidades, nesse sentido percebe-se a importância da observação e escuta, para assim apresentar algo que seja educativo e que vá ao encontro tanto dos interesses e necessidades das crianças como das suas intencionalidades pedagógicas.

No âmbito da atividade desenvolvida na sala, os espaços temporais de carácter lúdico tinham uma presença significativa. Por exemplo, diariamente havia contação de história, musicalização e períodos de brincadeira livre (toda atividade lúdica onde a criança é protagonista). Nos momentos de brincadeira dentro da sala, as crianças poderiam escolher o cantinho para onde queriam ir brincar (cantinho da cozinha, jogos heurísticos, lego, cantinho do salão de beleza) e tinham liberdade de mudar de área quando quisessem. No pátio da escola as crianças tinham acesso à pracinha e caixa de areia, onde podiam explorar esses recursos com criatividade, inventando suas brincadeiras, assim desenvolvendo e estimulando sua autonomia.

Segundo Horn (2014, p. 10) “[...] desafiar as crianças a criar situações novas nas brincadeiras, incentivá-las a explorar todos os espaços de forma lúdica, tanto os naturais quanto os construídos, tudo isso ajudará a abrir caminhos para a criatividade, para a fantasia e a aventura”. Assim, se percebe que as crianças precisam de tempo e de espaço para fazer o que sabem melhor: brincar.

É brincando que as crianças aprendem sobre si mesmas e sobre a cultura a que pertencem, mobilizam e ampliam suas habilidades de se relacionar, se emocionar, se movimentar, se expressar e pensar. Segundo o texto revisado das DCNEI: Uma atividade muito importante para a criança pequena é a brincadeira.

Para as crianças, brincadeira é um direito de experimentar, interagir, dizer e aprender. Na turma do maternal II podemos observar que os brincades são intensos, variados, criativos. As crianças brincam de mexer na areia, brincam de dançar, brincam de pular, brincam de casinha, brincam de construir, etc. Não existe um padrão, as brincadeiras vão sendo criadas conforme as experiências vividas.

Ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligados. A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma

transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo. (OLIVEIRA, 2011 p.164).

Diante disso, enquanto educadores precisamos reconhecer a importância do brincar na infância, pois além de favorecer o desenvolvimento auxilia na questão da aprendizagem, pois as crianças aprendem com prazer, curiosidade e alegria. O professor com sua observação atenta e sensível que vai planejar e incentivar novas brincadeiras, vai selecionar novas vivências, vai instigar as crianças em suas investigações e aprendizagens.

Barros destaca que, (2018, p. 88) “[...] “a presença da natureza no espaço escolar e em outros territórios educativos, aliada à liberdade para brincar, contribui com processos de aprendizagem que contemplam a autoria, a criatividade e a autonomia da criança”. A partir disso, fica nítido a importância de conceder para as crianças a relação e o contato com a natureza.

A temática natureza já estava sendo trabalhada pela professora regente. Então iniciei minha intervenção contando a história “O Planeta está com febre”, utilizando estratégias lúdicas que possibilitassem trabalhar o tema. Ao aliar a natureza e o lúdico tem-se a possibilidade de se ressignificar os espaços, pois a criança por meio de sua criatividade e fantasia cria um mundo imaginário no qual tudo se transforma e toma um novo sentido.

Após a contação da história “O Planeta está com febre”, levei para a sala o globo terrestre, as crianças puderam manusear e perceber que nosso planeta é redondo e que nele temos terra e água. Muitos foram os comentários, como por exemplo, “Olha o mundinho é redondo mesmo!”, “Olha quanta água!”, “A gente mora aqui!” (mostrando no globo partes em que ficam os continentes). Brincaram e observaram o globo por um tempo, dividindo e criando situações imaginárias, mas também reais.

Aprender a preservar e cuidar da natureza deve ser uma atitude levada a sério desde cedo, por isso a Educação Infantil tem um papel essencial nesse processo. Sendo assim inserir as crianças no ambiente natural através da literatura infantil, mostrando o globo terrestre e posteriormente dando oportunidade a elas de fazer o plantio de uma árvore, foram momentos de incentivo, a curiosidade, a criação de hipóteses, a exploração para que no futuro aprendam a cuidar e zelar o meio em que vivem.

A partir da curiosidade das crianças sobre os animais, percebemos a necessidade de trabalhar esse assunto que para eles no momento era de maior relevância. Então em parceria com a professora regente iniciamos

com uma conversa, sobre os animais e mostramos imagens, para que assim as crianças pudessem estabelecer relações com os animais que tem em casa.

Dando continuidade ao projeto sobre os animais, as crianças trouxeram fotos com seus animais de estimação, montamos um painel, com as fotos e cada criança desenhou seu animalzinho. Convidamos os pais para trazerem o animalzinho de seu filho e apresentá-los para a turma. Para possibilitar que as crianças conhecessem outros animais levamos as crianças para fazer uma visita a fazenda da escola IMEAB.

Observei que ao longo desse projeto, as crianças se envolveram com as vivências e também ficaram encantadas de poder conhecer os animais de estimação de seus colegas. O passeio proporcionou a elas não só o contato com animais que não conheciam, mas também com a natureza. Essas experiências de sentir de perto a grandeza das árvores e as formas das pequenas plantas; perceber a conexão entre solo, fauna, flora, clima e ciclos de vida; cheirar os diversos aromas; sentir as texturas, ver a beleza e diversidade dos animais; perceber as transformações e estar por inteiro nesse universo são experiências insubstituíveis.

Para concluir, posso dizer que houve bastante cooperação entre as crianças no momento das vivências. Além disso, em uma roda de conversa, as crianças demonstraram domínio do que foi discutido e vivenciado ao longo das intervenções. Todos os dias um novo desafio, uma nova descoberta. A cada dia fomos nos conhecendo mais. Cada detalhe, cada gesto, em todas as relações vivemos o afeto, a cumplicidade e o respeito. Foi uma experiência valiosa e linda.

Considerações finais

Trabalho na educação infantil há quase nove anos, na escola em que realizei o estágio atuo como auxiliar de educação infantil, cubro o planejamento da professora regente, então já conhecia a turma. Estar cursando pedagogia me abriu novos olhares para infância. Nesse sentido percebo que precisamos dar oportunidade para que as crianças vivam sua infância e enquanto educadores precisamos estar sempre ressignificando nossas práticas.

Num primeiro momento aconteceram as observações, que me propiciaram uma visão das vivências realizadas e do cotidiano da turma. Em seguida, as vivências que desenvolvi com as crianças foram momentos

de grande construção e reconstrução de conhecimento, pois a gente ensina, mas também aprende.

Refleti de forma geral, sobre o projeto que foi proposto para a turma e, simultaneamente, analisei minhas ações, pois é essencial que a proposta de vivências tenha significado para as crianças. O papel do estágio, desse modo, me possibilitou não somente a compreensão das teorias estudadas, mas principalmente no campo da análise e reflexão acerca da prática, de forma que pelo processo do pensamento e da reflexão crítica, possamos desenvolver as aprendizagens adquiridas durante nossa formação.

Segundo Pimenta (p.17, 2005-2006) “O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir”. Então a experiência vivenciada no estágio me fez refletir sobre minha formação e atuação enquanto futura pedagoga. Que profissional quero ser? Como posso melhorar minha atuação juntamente com as crianças, principalmente, no que se refere ao processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil? Que cidadãos quero formar e para que ambiente social? Essas questões só foram possíveis serem pensadas a partir da rica experiência advinda do estágio supervisionado em educação infantil.

Essa experiência para nós, futuros pedagogos, é de grande importância, pois só estando diretamente envolvidos no campo escolar é que podemos entender as atitudes, dificuldades, anseios e satisfações que o profissional da área poderá vivenciar. Esse estágio proporcionou um contato efetivo com a realidade vivida no dia a dia da profissão, bem como os desafios da prática docente.

Referências

- ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. 10ª ed. São Paulo: Papyrus, 2000
- BARROS, M. I. A. (Org.). Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro, 2018. 2ª edição.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: A Etapa da Educação Infantil. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, p. 35-56, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-campos-de-experiencias> acesso em 03 out. 2023.
- FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; Arte na educação

escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, D. (2010). O Direito a Brincar. Cadernos de Educação de Infância, nº90, pp.12/13. Lisboa: APEI.

FONSECA, Paula Fontana. Inquietações políticas em psicanálise e educação: o caso da Educação Infantil. São Paulo: Benjamim Editorial, 2019.

HORN, Claudia Inês. Pedagogia do brincar. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. HOYULOS, Alfredo. La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi. Barcelona. Octaedro/Rosa Sensat 2017 pág. 179.

OSTETTO, Esmeraldo Luciana. Registros na educação infantil: Pesquisa e prática pedagógica. Campinas, SP: Papyrus. 2017 pág.21 e 64. OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. 7. ed. São Paulo: Cortez 2011.

PIAGET, Jean. Seis estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984 pág. 50.

PEREZ, M. C. A. Infância, Família e Escola: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares. São Carlos: Suprema editora, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poíesis, [s. n.], v. 3, n. 3, p. 5-24, 2005/2006.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência. 2. ed. – São Paulo: Cortez. – (Coleção docência em Formação. Séries Saberes Pedagógicos

RINALDI, Carla. Creches e escolas da infância como lugares de cultura. In: Zero Project. Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo. São Paulo: Ed. Phorte, 2014.

SILVA, Luiz Carlos. Por Infâncias vivas e vividas. São Carlos: Pedro & João editores, 2022 pág. 45.

VASCONCELOS, Queila Almeida. O protagonismo das crianças na Escola de Educação Infantil: Princípios, abordagem e sustentação. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Porto Alegre. Porto Alegre, 2020.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 11 ed. São Paulo: Ícone, 2010.

PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NOVOS OLHARES, DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Tanara Regina Garros Batista¹
Aline Aparecida Oliveira Copetti²

Introdução

Durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, pelo PARFOR, uma das disciplinas que faz parte da grade curricular é o estágio, o qual por meio deste podemos vivenciar e experienciar o desenvolvimento da nossa prática docente, constituindo um aspecto muito importante para esta formação acadêmica, compondo nosso processo formativo. Caldas (2013) afirma,

Aprender a profissão docente nos cursos de licenciaturas, especificamente nos estágios supervisionados, supõe estar conectado à realidade da escola em sua contextualização na sociedade. Nessa perspectiva, corroboramos com as autoras que as aprendizagens desenvolvidas no âmbito do estágio escolar possibilitam ao formando uma real aproximação com a relação teoria e prática. (Caldas, 2013, p. 56).

O estágio nos possibilita uma intervenção no ambiente escolar construindo ações pedagógicas, vivências em outras etapas da educação básica constituindo os saberes básicos para a formação em Licenciada em Pedagogia. Assim, temos a oportunidade de aproximar a teoria obtida no decorrer das aulas com a prática exercida no estágio. Para Pimenta (2012), o estágio possibilita a criação, investigação e intervenção na realidade escolar tornando significativo os conhecimentos necessários para a atuação e formação docente.

Devido ser uma segunda licenciatura, tivemos a oportunidade de realizar um estágio compartilhado com a professora da escola, numa relação colaborativa entre a professora em formação em Pedagogia e

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR. Trabalho da Disciplina de Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil

2 Professora de Educação Infantil. Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

a regente da turma, viabilizando trocas de ideias, saberes, diálogos, dúvidas, garantindo através deste compartilhamento momentos ricos de aprendizagens e reflexões da prática docente. Segundo Bolzan e Isaia “[...] é através dessa relação plural, interativa e mediacional que a aprendizagem se dá, envolvendo um movimento de construção e reconstrução de ideias e premissas advindas do processo de compartilhamento” (BOLZAN; ISAIA, 2010, p. 18).

Assim, através da possibilidade do estágio compartilhado foi possível vivenciar e experienciar momentos ricos de aprendizagens com as crianças do Berçário II da Escola Municipal de Educação Infantil Casa da Criança do município de Ijuí/RS.

Barbosa (2000) destaca que a Educação Infantil exige uma grande responsabilidade dos educadores, pois muitas das crianças permanecem no espaço escolar por até oito horas diárias, por isso é necessário tornar este dia prazeroso para estes pequenos. É necessário planejar momentos em que as crianças encontram significado para suas descobertas, que elas possam se relacionar umas com as outras, constituindo-se como sujeitos sociais com suas singularidades e potencialidades.

A partir das vivências realizadas através do estágio na Educação Infantil, tive a oportunidade de compreender a subjetividade infantil e as diferentes possibilidades de aprendizagem de cada sujeito, contribuindo para o desenvolvimento das crianças através das práticas, interação e acolhimento.

Metodologia

No decorrer do segundo semestre de 2023, do curso de graduação em Pedagogia, segunda licenciatura pelo PARFOR, durante as disciplinas cursadas, foram disponibilizadas literaturas e conteúdos para realizar a prática docente na Educação Infantil. Então após encontros de orientações começou a busca de uma Escola de Educação Infantil em que pudesse contemplar minha rotina de trabalho, logística de deslocamento, tempo e organização. Foi então que desenvolvi o Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Casa da Criança em Ijuí, onde tive possibilidades de experienciar e vivenciar a docência nessa etapa da Educação Básica.

A prática docente foi realizada em uma turma de Berçário II, no turno da manhã, composta por 11 alunos com faixa etária de um ano e

oito meses a dois anos de idade. A rotina inicia com a espera da chegada de todos ou da maioria das crianças, então ficam brincando na sala com diversos brinquedos, panelinhas, canecas, bonecas até a hora do café.

Mais precisamente às 8h20min as crianças são levadas para o refeitório para tomar café, uma alegria, é servido pão e leite, após todos estarem satisfeitos volta-se ao ambiente da sala de aula para fazer as trocas de fraldas e posteriormente organizado a vivência do dia, no meio da manhã as crianças recebem um lanche que quase sempre é uma fruta. Em torno de 10h45min é feita a troca de fraldas para após as 11h todos serem conduzidos ao refeitório para almoçar e no retorno deste a sala já está organizada para a hora do soninho, onde a maioria já tem por hábito este momento de descanso, inclusive um fator que chamou minha atenção é o fato de cada um dirigir-se até onde está sua coberta e seu travesseiro para deitar. Durante este período muitas peculiaridades, tem aqueles que já estão deitando praticamente dormindo e outros em que é preciso sentar ao ladinho e fazer um carinho ou ninar para dormir, destacando a importância das rotinas no berçário, estas desenvolvidas de forma natural e absorvidas pelos bebês.

A prática docente foi planejada a partir de vivências onde pudessem desenvolver a sensibilidade e os cinco sentidos das crianças. Para contemplar este momentos, diversos materiais e elementos da natureza foram utilizados, como terra, água, argila, carvão, folhas, mandioca, farinhas, galhos, massas e outros conforme a necessidade elencada no projeto de docência. Cabe ressaltar que, antecedente as vivências foi organizado todo o espaço para posteriormente levar as crianças a experienciar e explorar os materiais.

Então para realizar a primeira vivência, juntamente com a professora regente, achamos melhor utilizar a da interação com o alimento, então, iniciamos com a montagem do cenário para a vivência, porém esta teve que ser feita no refeitório pois estava garoando.

Tudo pronto e organizado, conduzimos as crianças até o local, logo foram ao encontro dos materiais, primeiramente deixamos olhar o ambiente, explorar o que ali estava exposto, o pé de mandioca, as raízes bem grandes, as ramas e os vasos com folhas. Posteriormente fornecemos em um potinho um pedaço de mandioca cozida, instigamos todos a provar, muitas expressões faciais, alguns gostaram, outros nem tanto. Foi então que Martina, espontaneamente, colocou as mãozinhas entre as pernas e concluiu “mee Deus”, com olhar de espanto para o tamanho da raiz de mandioca.

Assim fomos proporcionando diversas oportunidades com o alimento, ele cru, cozido, bem cozido para ser amassado juntamente com corante alimentício. Também teve mandioca descascada que de marrom ficou branquinha, mandioca ralada, ficando bastante úmida e gelada. Por final, ofertamos peneiras e farinha de mandioca. Foi muita interação, eles provaram, exploraram as diferentes formas, cheiraram e se divertiram, momentos muito significativos. Ao findar a vivência, quando já passava um bom tempo, em torno de uma hora, as mãos e os rostos foram limpos para retornar a sala de aula e aguardar o almoço.

Também outro fator importante que precisa ser destacado, é que devido ao tempo, organização da escola, condições climáticas e imprevistos, não foi possível realizar todas as vivências planejadas. Nos demais períodos foram feitas observações e brincadeiras nos demais espaços que a escola disponibiliza para o desenvolvimento integral das crianças, destacando que no cotidiano escolar e pedagógico, todos os momentos que são vivenciados e experienciados pelas crianças, seja, brincar, comer, descansar, momentos de higiene, brincadeiras e até disputas por brinquedos são momento de aprendizagens.

Resultados e discussões

No primeiro contato que tive com as crianças do Berçário II, fiquei encantada, quantas descobertas, diferenças e singularidades. As crianças possuem uma pureza no olhar, no contato, pois quando cheguei era uma estranha e eles me abraçaram, conversaram e me acolheram da forma mais carinhosa que eu pudesse imaginar.

Nos momentos de vivências foi possível perceber a interação entre os sujeitos no momento da manipulação dos materiais, a disputa pelos elementos propostos e a observação das coisas ao redor.

Toda criança é um sujeito único e tem o direito de se descobrir individualmente, são seres que sentem e pensam de um modo próprio. Hoyuelos (2013) coloca a escola infantil como um espaço de encontros, vivências entre outros, é um lugar que habitam as potências do ser humano. Também ele nos questiona sobre quais experiências estão sendo ofertadas para as crianças e que nós educadores precisamos ver estes sujeitos como protagonistas daquilo que realizam.

Através das interações, socialização e convívio das crianças com outras pessoas elas constroem o conhecimento e este passa ser significativo

para ela própria, utilizam-se de diferentes formas de linguagem e possuem capacidade de terem ideias e ir em busca daquilo que querem descobrir. Vygotsky prezava muito pela interação social “[...] o desenvolvimento do indivíduo é um processo construído nas e pelas interações que o indivíduo estabelece no contexto histórico e cultural em que está inserido” (EMILIANO; TOMÁS, 2015, p. 60).

Durante as vivências realizadas, assegurando os direitos de aprendizagem, as crianças interagem, vivem intensamente o momento, desfrutam daquilo que é proposto, se desenvolvem. Cabe destacar também a importância dos professores que atuam nas instituições de Educação Infantil, pois estes sujeitos contribuem com o processo evolutivo das crianças, através das suas práticas pedagógicas, acolhimento e interação.

Perez (2000) afirma que a escola tem a funcionalidade de preparar as crianças para a sociedade da vida moderna, possui a função de promover o desenvolvimento dos sujeitos através do ensino, ou seja, a escola é vista como uma instituição que promove a educação sistematizada constituindo a personalidade dos educandos. Porém é necessário a presença familiar neste contexto para que ocorra o desenvolvimento cognitivo desses indivíduos que permanecem a maior parte do tempo nos espaços pedagógicos. É preciso enquanto educadores compreendermos as expectativas das famílias em relação à escola, assim como os familiares precisam estar presentes e dispostos a colaborar com a escola, para que juntos promovam o desenvolvimento e educação da criança.

Salientando que as práticas pedagógicas precisam ser embasadas nos interesses, curiosidades e desejos das crianças, orientadas pelos Campos de Experiência. Fochi (2021), coloca que organizar o currículo através dos Campos de Experiência consiste na ideia de que as crianças possuem em si própria o desejo de aprender. As crianças precisam experienciar, vivenciar momentos para criar memórias, assim vão construindo o conhecimento.

Durante as brincadeiras de faz de conta, elas estão despertando a imaginação, produzindo mais memórias e criatividade, também nestes momentos de interação elas reproduzem situações vivenciadas que podem ser prazerosas ou nem tanto.

Nas escolas de Educação Infantil, as crianças terão oportunidade através do brincar, de uma forma natural e espontânea ter o contato com o processo de letramento, mas é importante que isso seja de uma forma natural. Araujo (2012) salienta que os adultos não podem negligenciar a oferta da escrita às crianças da Educação infantil, eles precisam proporcionar

momentos de forma natural e contínua, através das brincadeiras e por meio de estratégias pedagógicas que respeitem a infância.

Considerações finais

Através da prática de docência na Educação Infantil, proposta através do Estágio Supervisionado na turma do Berçário II, foi uma etapa extremamente importante para formação docente como futura Pedagoga. Foram momentos de qualificação e construção de novos saberes, tornando o estágio um momento de reflexão para as futuras práticas pedagógicas que serão exercidas, adquirindo conhecimentos e experiências.

Através do estágio, conseguimos articular a teoria com a prática, temos possibilidade de construir e reconstruir nossa prática docente e levo comigo um sentimento de felicidade através do olhar e a pureza das crianças, a espontaneidade, o carinho e os ricos momentos de aprendizagem.

Referências

- ARAUJO, L. Tá iquito aqui! Eventos de letramento e as práticas de leitura e escrita antes da alfabetização. In: ARAPIRACA, M. de A.; BELTRÃO, L. M. F.; SILVA, C. S. (Orgs.). Estudos e passagens do Proinfantil na Bahia. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 49-64.
- BARBOSA, Maria Carmen. Por Amor e por Força Rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre, ARTMED, 2000
- BOLZAN, Dóris Pires Vargas; ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. Pedagogia Universitária e aprendizagem docente: relações e novos sentidos da professoralidade. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.10, p. 13-26, jan./abr. 2010.
- CALDAS, Iandra Fernandes Pereira. Estágio Supervisionado: necessidades formativas do curso de pedagogia. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. – Mossoró, RN, 2013.
- FALK, Judit. Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. Araraquara, São Paulo: Omnisciência, 2011.
- FOCHI, Paulo. Educação infantil e currículo: campos de experiência. Curso Online, 2021.
- HOYUELOS, A. La estética en el pensamiento y obra pedagógica de

Loris Malaguzzi. Barcelona: Octaedro, 2013.

PEREZ, M. C. A. Família e escola na educação da criança: análise das representações presentes em relatos de alunos, pais e professores de uma escola pública de ensino fundamental. 2000. 210p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência. -7 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. O Estágio na Formação do Professor: unidade teoria e prática? 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TOMAS, Débora Nogueira e EMILIANO, Joyce Monteiro. Vigotski: A Relação entre Afetividade, Desenvolvimento e Aprendizagem e suas Implicações na Prática Docente.

EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA

Josiéli Aparecida da Silveira Nascimento¹

Lauren Slongo Braida²

Introdução

Este trabalho busca refletir sobre a experiência de estágio vivida pela autora, acadêmica da primeira turma do Curso de Pedagogia/PARFOR da Unijuí, realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil no Município de Entre-Ijuís. A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência compartilhada com a professora referência da turma da Pré-escola I, composta por 17 alunos, na faixa etária de 4 anos. Neste espaço, pode-se observar que o período de vida atendido pela escola de Educação Infantil caracteriza-se por marcantes aquisições: a marcha, a fala, o controle esfíncteriano, a formação da imaginação e da capacidade de fazer de conta e de representar usando diferentes linguagens (BRASIL, cne/ceb,2009). É na escola das infâncias, que constitui-se o ambiente onde podemos perceber a aprendizagem nas atividades mais simples do dia a dia, como por exemplo no momento em que uma criança consegue pela primeira vez servir seu copo com água, desenvolvendo assim sua autonomia. Cada momento da criança na escola de Educação Infantil possibilita oportunidades para explorações e desenvolvimento. Como professores/educadores desta faixa etária temos que estar atentos às diferentes situações que possibilitem a aprendizagem e não somente ao que planejamos para tal. Esta escola é um local que deve ser regado com magia, imaginação, encantamento e brincadeiras que levem as crianças ao

1 Especialização em Educação Infantil e Alfabetização pela Unintese (2009) Ciências Biológicas (2005). Professora da Educação Básica na Rede Municipal de Santo Ângelo e Entre-Ijuís. Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor). E mail: josieli.nascimento@sou.unijui.edu.br

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

mundo infantil o qual também permite vivências imitando o mundo real. Mas também é um local onde encontramos muitas angústias, quanto ao trabalho que está sendo realizado por lá. Onde professores questionam-se quanto à eficiência e eficácia do trabalho, principalmente com as crianças de 4 e 5 anos, no que se refere a linguagem escrita.

Percebe-se constantemente as educadoras se perguntando: “Será que as habilidades que estamos desenvolvendo os auxiliarão na próxima etapa da educação básica?” ou “Será que devemos prepará-los para a alfabetização?”, “Que habilidades são mais importantes desenvolver?”

Através deste texto trago reflexões sobre a prática pedagógica na escola das infâncias e no trabalho didático que pode ser desenvolvido nesta etapa, abordando a área da linguagem escrita, de forma que as crianças sejam inseridas em uma atmosfera prazerosa e significativa para elas, considerando que a brincadeira é a principal característica da cultura da infância.

Metodologia

A reflexão que ora faço, contempla aspectos da vida cotidiana da prática, propondo articular saberes e as experiências das crianças com o patrimônio cultural. Através da investigação da prática pedagógica, compreendo o ensino e a aprendizagem compartilhados, na perspectiva dos campos de experiência.

As discussões perpassam pelas relações pedagógicas que constroem diferentes olhares, para o espaço escolar, envolvendo contextos familiares, concepções e vivências pedagógicas desenvolvidas na Escola de Educação Infantil, consolidadas a partir da prática de estágio e através da pesquisa teórica.

Resultados e discussão

Após a experiência prática na Educação Infantil associada ao conhecimento adquirido durante o Curso de Pedagogia, posso assegurar que o estágio é a possibilidade de uma construção presenciada no espaço da escola da infância, relacionando-se com os atores que nela atuam, possibilitando buscar nas vozes, as intenções, as propostas pedagógicas e a resolução dos conflitos cotidianos, percebendo esta como um espaço de experiências e de intencionalidades.

A experiência do estágio é um momento que, apesar de acompanhado de medos, inseguranças, incertezas e ansiedades, exigiu-nos entrega, receptividade e disponibilidade às interações propostas pelas crianças, buscando nestas a oportunidade de aprender com elas, transformando e formando-nos. Foi necessária também a sensibilidade de percebermos em cada criança o que as vivências que propomos representavam, pois cada experiência é para cada qual singular e o sentimento e o saber que dela deriva dependerá do significado ou sentido que esta representa para ela, assim poderíamos intervir encorajando-as ou auxiliando-as quando estas não lhe proporcionaram boas sensações.

Esta sensibilidade deve estar constantemente presente nas relações escolares, pois o professor deve ter muita consciência da importância de suas ações, principalmente tendo uma escuta sem julgamentos para melhor acolher seus alunos em suas aflições e anseios.

Mesmo com todos os desafios, percalços e imprevisibilidade, felizmente podemos contar com a essência de professor que já está intrínseca em nosso ser, capaz da flexibilidade, improvisação e criatividade que nos acompanha constantemente em nossa prática pedagógica, independentemente da faixa etária que trabalhamos.

Esta prática proporcionou-nos compreender que a escola é um espaço de escuta, um espaço de diversas relações que se concretizam diariamente, um espaço de acolhimento com os diversos sujeitos, que apresentam particularidades que devem ser respeitadas, que participam do processo de produção do conhecimento. É um espaço que liberta os sonhos e que tem uma função social e uma construção autônoma de pensar seu currículo, de agir sobre seus projetos, de forma a contemplar as necessidades de seus alunos.

Também através de discursos presenciados pode-se perceber a grande importância da relação da escola com a família, que deve ser baseada num propósito onde cada parte exerce o seu papel dentro da sociedade, e sistematizada de forma que a escola conheça a realidade de seus alunos para melhor compreendê-los e acolhê-los quando for necessário, e que a família conheça a proposta de trabalho da escola e os caminhos que percorre na execução deste. Pois assim, é possível colaborar e melhor compreender as ações da criança e situações às vezes desfavoráveis à rotina familiar como, por exemplo, “a roupa suja que vai na mochila após alguma vivência” .

Outra forma de relação entre a escola e a família muito significativa nos dias de hoje, é a função educativa que a escola exerce junto aos pais,

discutindo, informando, aconselhando, encaminhando os mais diversos assuntos com o intuito de, através da colaboração mútua, promover a educação integral da criança.

Este também é um dos objetivos desta formação, pois com ela busco os conhecimentos necessários para qualificar nossos discursos, no papel de professores e gestores, argumentando com as famílias sobre nosso fazer pedagógico, o processo de desenvolvimento das crianças e as eventuais necessidades que as mesmas possam vir a apresentar.

Outro fator apresentado nas minhas vivências na escola de Educação Infantil, neste estágio, que me provocou novamente muitas reflexões e percebe-se que também representa muita preocupação para a professora referência e para outras que atuam na mesma faixa etária, é a questão da leitura e escrita na Educação infantil. Isto está presente em alguns municípios, através das cobranças por resultados nas avaliações externas; exigindo assim, por parte de alguns gestores, uma preparação para a alfabetização desde a Educação Infantil, desafiando alguns professores a aperfeiçoar-se para impedir que o direito da criança de aprender brincando seja violado.

Conforme o embasamento teórico que será apresentado a seguir, o trabalho com linguagem escrita na educação infantil, é possível e necessário, porém deve realizar-se por meio de estratégias de aprendizagem capazes de respeitar as características da infância, considerando os significados que a linguagem escrita adquire para os sujeitos que vivenciam esta fase da vida. Acredita-se que na brincadeira e nas interações, os elementos de articulação das aprendizagens referentes à leitura e escrita estão inseridos, considerando que essa aprendizagem esteja em consonância com os interesses e os desejos infantis, de modo que as situações de leitura e escrita propostas assegurem às crianças o prazer de agir por meio desses recursos da nossa cultura.

De acordo com Malaguzzi (1999) defende-se que o espaço da linguagem escrita, ao lado das outras linguagens (plástica, corporal, musical, de faz de conta) em que meninos e meninas podem se expressar e se desenvolver, está em consonância com necessidades e interesses desta faixa etária.

Como ressalta Baptista (2010), “o desejo de compreender o sistema de escrita e dele se apropriar é fruto da interação da criança com a cultura escrita”. A Educação infantil tem um papel fundamental na apropriação da escrita, especialmente quando se trata de crianças que não encontram situações favoráveis à ampliação do letramento no contexto familiar. Não

se trata apenas de ensinar à escrita, “mas de usar, fazer funcionar a escrita como interação e interlocução na sala de aula, experienciando a linguagem nas suas várias possibilidades”.

Vygotsky (1984), por exemplo, salientava que bem antes dos seis anos as crianças eram capazes de descobrir a função simbólica da escrita e até começar a ler aos quatro anos e meio. Para ele, o problema maior não era a idade em que a criança seria alfabetizada, mas sim o fato de a escrita ser “ensinada como uma habilidade motora, e não como uma atividade cultural complexa”(p.133). Ou seja, para Vygotsky, a escrita precisaria ser ensinada como algo relevante para a vida, pois somente dessa forma ela se desenvolveria não como “hábito de mão e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem”(p.133).

Mesmo bem pequenas, as crianças brincam de ler, de escrever, inventam situações comunicativas, vão se apropriando das práticas sociais mediadas pela escrita. A brincadeira simbólica, de faz de conta, permite que a criança utilize o seu mundo imaginário para se apropriar, compreender e recriar a cultura em que está inserida. Brincando, as crianças encenam o mundo que vivenciam, incorporando ações, instrumentos e materiais que compõem esses espaços, recriando situações que neles ocorrem. Quando disponibilizadas materialidades através de contextos investigativos, isto entra, naturalmente, na brincadeira.

Nessa perspectiva, a alfabetização passa a ser entendida como um longo processo que começa bem antes do ano escolar em que se espera que a criança seja alfabetizada e consiga ler e escrever pequenos textos. Nas palavras de Ferreiro (1993, p 39), isso significa que

[...] não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar a curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem nos mais diversos objetos.

Ao investigar o que as crianças sabem/pensam sobre a escrita antes de serem alfabetizadas, Ferreiro e colaboradores mostraram que elas formulam hipóteses acerca das funções e funcionamento da escrita. Porém, Ferreiro(1993) adverte que as oportunidades de interagir de modo significativo com a escrita não são iguais para todas as crianças.

Nesse processo de construção da base alfabética, durante o qual as crianças formulam e reformulam hipóteses, construindo explicações sobre o que a escrita representa e como ela é representada, elas vão se apropriando da dimensão sonora da escrita (consciência fonológica). Em outras palavras, elas percebem que há uma relação entre o que falamos e o que escrevemos. Assim, por meio de várias experiências que vivenciam nas suas tentativas de leitura e escrita e com a intervenção do adulto ou de outros leitores competentes, as crianças desenvolvem passo a passo a capacidade de representação alfabética, aproximando-se progressivamente das convenções da escrita, com suas regularidades e irregularidades.

As práticas de leitura e escrita, com seus materiais e instrumentos, podem estar relacionados ao brincar de faz de conta, dependendo das experiências de letramento oportunizadas às crianças. No brincar relacionado ao letramento, encontra-se o evento de faz de conta que determina a natureza da resposta letrada, possibilitando a incorporação do letramento de modo significativo e contextualizado. Na escola, no entanto, a organização do ambiente, com alguns elementos que propiciem as cenas, a mobilização e recriação de artefatos, e mesmo alguma intervenção do professor, pode provocar a incorporação desses elementos no brincar, compreendido como uma forma cultural de aprendizado.

É importante garantir que as crianças vivenciem situações diversificadas de contato com a escrita, articulando-se à proposição de que nesta faixa etária a brincadeira constitui-se atividade central do cotidiano infantil. A leitura e fruição de histórias, como experiência social, vivências constantes neste estágio, precisam estar presentes ao longo de toda essa etapa. Ler e contar histórias literárias e inventadas, relatar situações com detalhes e ordem compreensível, cantar, brincar com diferentes gêneros e suporte escritos, expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, manusear livros e outras propostas têm importantes funções na perspectiva de leitura de mundo pelas crianças.

A leitura escrita, também objeto de interesse das crianças, muito antes dos professores a apresentarem formalmente, é indispensável no currículo da Educação Infantil (BARBOSA; OLIVEIRA, 2016) valorizando seus saberes e oferecendo para as crianças oportunidade de perceber a lógica da escrita e suas funções sociais relevantes. Porém, na ânsia de atender algumas exigências advindas da gestão, sem o recebimento de orientações adequadas, é comum professores proporem atividades mecânicas e repetitivas de treino da coordenação motora fina e da percepção

visual, por acreditar-se que o desenvolvimento dessas habilidades garante o aprendizado da linguagem escrita.

Sobre essas práticas equivocadas, nas quais se perde a característica da escrita enquanto linguagem que possibilita o compartilhamento de significados, o Parecer que orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil faz a seguinte abordagem:

[...] O que se pode dizer é que o trabalho com a língua escrita, com crianças pequenas, não pode decididamente ser uma prática mecânica, desprovida de sentido e centrada na decodificação do escrito. Sua apropriação pela criança se faz no reconhecimento, compreensão e fruição da linguagem que se usa para escrever, medida pela professora e pelo professor fazendo-se presente em atividades prazerosas de contato com diferentes gêneros escritos, com a leitura diária de livros pelo professor, possibilidade da criança desde cedo manusear livros e revistas e produzir narrativas e “textos”, mesmo sem saber ler e escrever. (BRASIL, CNE/CEB, Parecer, 2009)

Conclui-se, portanto, que na Educação Infantil muito pode ser feito em relação à leitura e escrita, especialmente, para crianças que teriam menos oportunidades de participar de situações mediadas por esta, seja por meio da leitura ou da produção de textos. Assim, concordamos com Solé (2003), quando afirma que:

Não se trata de acelerar nada, nem de substituir a tarefa de outras etapas com relação a esse conteúdo (a leitura); trata-se simplesmente de tornar natural o ensino e aprendizagem de algo que coexiste com as crianças, que interessa a elas, que está presente em sua vida e na nossa e que não tem sentido algum ignorar. (p. 75)

Os campos de experiência, fundamentados através da Base Nacional Comum Curricular e que norteiam os referenciais e o trabalho pedagógico na educação infantil, são essenciais para o cotidiano das crianças. Através da organização dos espaços/ ambientes, dos contextos investigativos e das materialidades disponíveis, contempla-se experiências semelhantes às que as crianças vivem diariamente e que atendem as intencionalidades do professor, tornando-se base para a aprendizagem, pois a partir destas identifica-se situações inéditas que possam incentivar nas crianças a exploração e transformação do ambiente. A produção de conhecimento pelas crianças está diretamente envolvida com a manipulação e exploração dos objetos, em admirar e se perguntar sobre os fenômenos do seu entorno, em transformar, olhar, tocar, narrar sobre aquilo que emerge de suas experiências de mundo.

O trabalho com a proposta dos campos de experiência encaminha-nos possibilidades produtivas para compreender uma ideia de currículo na Escola de Educação Infantil como um contexto fortemente educativo, que estimula a criança a dar significado, reorganizar e representar a própria experiência, convocando o educador a se organizar a partir de interações com práticas educativas intencionalmente planejadas que respondam aos nossos contextos culturais.

Finalizando, reitero que a formação deve ser uma prática constante na vida do professor, pois esta assegura maior confiança em nossas ações, tornando-nos imprescindíveis para uma educação justa, que respeita as crianças como sujeitos de direitos, opiniões e de conhecimentos próprios.

É na reflexão e na ação situada (práxis) que o professor constroi seus saberes e produz o conhecimento pedagógico. Ao assumir uma postura investigativa da própria prática, o professor tem a oportunidade de compreender e repensar sua ação, entendendo-a como um processo passível de ser reexaminado, em constante aperfeiçoamento.

Considerações finais

Concordo plenamente com Rubem Alves quando diz que “O objetivo da educação deve ser criar a alegria de pensar”, em nossa prática pedagógica temos que ter esta frase como referência de nosso trabalho docente, tornando a vida escolar de nossas crianças mais prazerosa e significativa.

A ideia de “aprender a aprender”, está associada à produção e reconstrução do conhecimento, em um processo interativo com a prática. Só aprendo com o que ensino. “Trata-se de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la)”, dizia Freire. Com este intuito realizamos a prática de estágio e temos ciência da necessidade constante da formação em que o profissional da pedagogia precisa encontrar-se, refletindo sempre sobre sua docência e os resultados desta junto aos educandos.

O papel da pedagogia é promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas, visando ajudá-las a se constituírem como sujeitos a melhorar sua capacidade de ação e as suas competências para viver e agir na sociedade e na comunidade. Assim como afirma Libâneo, a questão central da pedagogia é a formação humana, e

através dela percebemos a necessidade de mantermos-nos em um constante processo de transformação.

Referências

ARAUJO, Liane Castro de. **Ler, escrever e brincar na Educação Infantil: uma dicotomia mal colocada**. Revista Contemporânea de Educação, vol. 12, n. 24, mai/ago de 2017.

BAPTISTA, M. C. (2010). A linguagem escrita em uma instituição de educação infantil: concepções e práticas em interação. *Revista Brasileira de Educação Básica*, 1(1), 1–10.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Campinas. Jul/2001.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza(orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil**. 2ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2011.

FARIA, Vitória; SALES, Fátima. **Currículo na educação infantil: dialogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica**. 2 ed. [rev. e ampl.] São Paulo: Ática,2012.

PEREZ, Marcia Cristina Argenti. **Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola**. Práxis Educacional .Vitória da Conquista v. 8, n. 12 p. 11-25 jan./jun. 2012.

ESTUDO, AÇÕES E PERCEPÇÕES DO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriana Aparecida Soares do Rosário¹

Lauren Slongo Braida²

Introdução

O presente relatório tem como objetivo apresentar as observações, vivências e reflexões realizadas durante o estágio supervisionado em Educação Infantil, componente curricular essencial à formação docente. A prática foi desenvolvida com base nos princípios e diretrizes que norteiam a Educação Infantil brasileira, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Esses documentos reconhecem a criança como sujeito de direitos, histórico, social e cultural, que deve ser respeitada em suas singularidades, potencialidades e formas próprias de aprender e se expressar. A concepção adotada compreende a infância como uma etapa fundamental do desenvolvimento humano, em que o brincar é reconhecido como linguagem e prática essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento integral.

Durante o estágio, as ações pedagógicas foram orientadas por uma perspectiva que valoriza a escuta ativa, a participação das crianças, a mediação intencional do educador e a criação de ambientes que favoreçam experiências significativas nos campos do convívio, da exploração, da expressão e da imaginação. Este relatório apresenta, portanto, um recorte das práticas observadas e realizadas, destacando a importância do brincar como eixo estruturante das propostas pedagógicas e o compromisso com a formação de sujeitos autônomos, criativos e críticos.

1 Acadêmica de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

Resultado e discussão

A concepção da criança na Educação Infantil, a partir das normativas legais, reflete uma abordagem holística e centrada no desenvolvimento integral da criança. No contexto brasileiro, a Educação Infantil é regida pela Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), as quais são os principais marcos legais que orientam e norteiam a Educação Infantil no Brasil.

De acordo com essas normativas, a concepção da criança na Educação Infantil, está alinhada com uma perspectiva que percebe a mesma como um sujeito de direitos e protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, baseado no desenvolvimento integral, contemplando aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos. Portanto, o ambiente escolar deve propiciar experiências que contribuam para o crescimento equilibrado em todas essas dimensões.

A criança é um sujeito histórico, social e cultural, capaz de sentir e pensar o mundo de um jeito próprio, utilizando-se de diferentes linguagens como forma de expressão para se comunicar e interagir com o mundo.

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. [...] Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas (Kramer, p.15, 2007).

Cabe à escola trabalhar as singularidades das crianças, percebendo todo o seu potencial e suas limitações, respeitando seu desenvolvimento e sua maturidade, propondo um ambiente rico em desafios e oportunidades de aprender, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental.

Educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e atenção. O cuidado, a atenção, o acolhimento estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. E, com as práticas realizadas, as crianças aprendem. Elas gostam de aprender. Na educação infantil e no ensino fundamental, o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos (Kramer, p. 20, 2007).

O trabalho pedagógico necessita levar em conta as singularidades das crianças, seu direito à brincadeira e a produção cultural; o respeito às

diferenças, ritmos, e tempos de cada um no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. O brincar e a brincadeira assumem papel fundamental na infância por possibilitar a interpretação e assimilação do mundo, dos objetos, da cultura, das relações e dos afetos entre as pessoas. De acordo com Vygotsky (1987),

o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Brincar é uma atividade espontânea, uma forma de aprender e se desenvolver sem mesmo ter consciência disso. As crianças quando brincam exercitam potencialidades, desenvolvem o pensamento, a sociabilidade e a sensibilidade. É através do brincar que as crianças adquirem novos conhecimentos produzindo novas aprendizagens, para isso as crianças em sua espontaneidade se movimentam nos diversos espaços, expressam seus sentimentos e pensamentos, no falar, no cantar e dramatizar, respeitando o conhecimento empírico da infância.

A brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação da criança, com a profundidade de quem se dedica a construir e cuidar do mundo que é significativo para si, na idade e nas circunstâncias que está vivenciando. Assim, o brincar é um ato de cuidar da existência, de forma criativa, alegre, imaginária, onde as especificidades de cada idade e de cada circunstância de vida são retratadas neste momento. As brincadeiras favorecem a cooperação, o estabelecimento e cumprimento de regras, a aprendizagem de se colocar no lugar do outro.

O brincar é fundamental no processo de aprendizagem da criança. Através do brincar, ela desenvolve habilidades sociais, emocionais, cognitivas e motoras, fazendo-se necessário respeitar e reconhecer a individualidade e a singularidade de cada criança, suas características, interesses, ritmos de aprendizagem e formas de expressão, compreendendo-a como um sujeito ativo em seu processo de aprendizagem, devendo ser estimulada a explorar, questionar, experimentar e construir conhecimento de maneira participativa. Desse modo, proporciona-se a interação entre as crianças e destaca-se a importância do convívio social para o seu desenvolvimento. A Educação Infantil deve proporcionar espaços para a construção de relações interpessoais entre as crianças e a escola como um todo, bem como, entre a escola e a família no decorrer do processo educativo, promovendo uma

comunicação constante para compreender e atender às necessidades específicas de cada criança.

A Educação Infantil viabiliza um currículo que considera um cotidiano dinâmico, que valoriza as experiências vividas, as possibilidades previstas nos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento (Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se) potencializando saberes. O tempo e a rotina na Educação Infantil devem estar previstos no planejamento do educador, refletindo a sua intencionalidade pedagógica, pensando na organização dos materiais, espaços e tempos, considerando as oportunidades vivenciadas pelas crianças na escola para que elas possam criar e desenvolver hábitos que proporcionem a construção de sua identidade e autonomia, respeitando assim a infância e o que é específico de cada fase do desenvolvimento infantil.

A nova rotina deve ser inserida gradativamente, mantendo atividades lúdicas, com jogos, literaturas, brinquedos e brincadeiras, pensando na necessidade do brincar para a criança na construção de seus significados e apropriação dos conhecimentos. O brincar é um processo prazeroso não sendo somente lazer, mas sim, um ato de aprendizagem. (RCM, 2020, p. 67).

Na Educação Infantil os direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento fundamentam-se nos princípios éticos, políticos e estéticos estabelecidos pelos documentos norteadores: DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil), na BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2017), Referencial Curricular Municipal Educação Infantil Tempo e Espaço de Ser Criança, 2020, os quais orientam as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil de todo o país.

Desse modo, os educadores devem criar ambientes que proporcionem a interação entre as crianças, promovendo a colaboração e o aprendizado conjunto, a expressão criativa e artística, ampliando suas habilidades cognitivas, emocionais e motoras, sempre voltados à escuta ativa das crianças, respeitando seus tempos e as infâncias, adaptando práticas pedagógicas de acordo com as necessidades e interesses individuais das crianças e com abordagens que reconheçam e promovam diferentes tipos de inteligências, garantindo assim o desenvolvimento de sujeitos de modo integral.

Através do projeto realizado, foi possível contemplar todos os direitos de aprendizagem, uma vez que as crianças convivem no mesmo espaço físico, brincam e interagem uns com os outros, exploram os diferentes tipos de materiais que estão disponíveis na sala ou que são disponibilizados

durante a realização das atividades, participam ativamente e fazem questão de apresentar as suas produções, contar sobre o que realizaram e assim, vão descobrindo e desenvolvendo suas habilidades e conhecendo a si próprios.

No que se refere aos “traços, sons, cores e formas”, surgiram quando imitaram o som de um animal, fizeram um desenho e junto da colagem deram vida através das cores que utilizaram, as formas que criaram, sempre respeitando as fases do desenvolvimento. A “escuta, fala, pensamento e imaginação” aconteceram quando escutaram o som dos animais, ouviram um relato, um barulho e em seguida seus pensamentos, e imaginação foram externados das mais diversas formas, seja, gesticulando, falando, gritando, pulando, correndo ou recontando o fato.

Já “os espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” aconteceram quando as crianças participaram das atividades e conseguiram ou não seguir as orientações que demandavam um determinado espaço para que fosse realizada, o tempo que cada criança levou para desenvolver a atividade proposta, a percepção da quantidade de um material para realizarem a sua produção, as relações que estabeleceram para executarem a sua ideia, e as transformações que realizaram durante o desenvolvimento do processo como um todo.

A realização dessas atividades tiveram intencionalidades que oportunizaram às crianças, vivenciarem experiências que geraram aprendizado, como por exemplo, expressão artística através da escolhas das cores para a pintura do rosto, a cor das massinhas para a confecção dos animais comestíveis, a escolha dos elementos da natureza para a confecção dos animais; a coordenação motora fina quando manipularam as massinhas e os elementos da natureza; exploração sensorial da tinta no rosto que ajuda as crianças a explorarem diferentes texturas e estímulos táteis; a promoção da autoestima, pois as crianças se orgulharam das suas criações.

Despertar o interesse das crianças pela natureza e pelos animais, é uma oportunidade de aprendizado sobre diferentes espécies, suas características, habitat, cuidados, importância; desenvolvimento da imaginação, encorajando as crianças a usarem a imaginação para criarem seus animais, favorecendo o desenvolvimento cognitivo; diversão e recreação, pois a pintura de rosto em crianças da pré-escola é uma atividade divertida e recreativa e a diversão é um componente importante no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Ao trabalhar com elementos da natureza para representar animais, as crianças foram incentivadas a observar detalhes e características específicas,

desenvolvendo habilidades de observação e atenção aos detalhes; a confecção de animais como uma atividade colaborativa, incentivando o trabalho em grupo e promovendo habilidades sociais, como cooperação, comunicação e compartilhamento de ideias; integração de disciplinas, como ciências (aprendizado sobre os animais e ecossistemas), arte (expressão criativa), matemática (quantos animais foram confeccionados); desenvolvimento da linguagem através da comunicação e da ampliação do vocabulário; desenvolvimento da capacidade de seguir instruções enquanto trabalhavam nas atividades, etc, lembrando que deve-ser criar um ambiente de aprendizado que estimulante as crianças, permitindo que elas explorem, aprendam e se divirtam ao mesmo tempo.

Considerações finais

Durante o estágio com a turma da Pré-escola 2, pude vivenciar momentos incríveis e enriquecedores, que contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal. A experiência foi marcada por um ambiente repleto de alegria, descobertas e aprendizado mútuo. O processo de aprendizagem foi construído de maneira participativa, respeitando o ritmo individual de cada aluno e incentivando a expressão de suas ideias e sentimentos. A interação com as crianças reforçou minha compreensão sobre a importância do papel do educador na formação integral das mesmas, estimulando a curiosidade, incentivando a autonomia e promovendo valores como a cooperação e o respeito.

Destaco também a importância da receptividade da equipe pedagógica e da professora referência, que se dispuseram a contribuir e auxiliar no que fosse preciso, possibilitando a minha participação no planejamento e na execução das atividades com a turma do Pré 2.

As conversas realizadas com a coordenadora pedagógica e a professora regente da turma de Pré 2, bem como as vivências desenvolvidas nesta turma de alunos da Educação Infantil na Escola Municipal de Educação em Tempo Integral Eugênio Ernesto Storch, possibilitaram uma experiência de aplicabilidade de todo o conhecimento teórico que nos apropriamos no decorrer do curso de Pedagogia. A escola através de sua equipe pedagógica viabiliza e desenvolve o seu trabalho, de acordo com os seis campos de aprendizagem e desenvolvimento (Brincar, Expressar, Conhecer, Vivenciar, Participar e Conviver), tendo como eixos norteadores a BNCC, o Referencial Curricular Municipal.

O estágio com a turma de Pré 2 foi uma experiência enriquecedora, com desafios superados, laços afetivos construídos e, acima de tudo, muita aprendizagem. Acredito que as interações contribuíram para o desenvolvimento das crianças, deixando-me inspirada e motivada para seguir contribuindo com a construção de um futuro mais promissor.

Referências

IJUÍ. SMEd – Referencial Curricular Municipal – Educação Infantil – Tempo e Espaço de Ser Criança.– 2020

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / org. Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DIVERSIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gabriela da Rosa¹

Orientadora Msa Lauren Slongo Braida²

Introdução

Este trabalho busca refletir sobre a experiência de estágio vivida pela autora, acadêmica da primeira turma do Curso de Pedagogia/PARFOR da Unijuí, realizada em uma escola Municipal de Educação Infantil no Município de Porto Vera Cruz. A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência compartilhada com a professora referência da turma de Pré-escola I, composta por crianças pequenas com idade de 4 anos. As vivências realizadas nesta turma me possibilitaram muitas aprendizagens, principalmente no que diz respeito a importância e significatividade das experiências serem desenvolvidas e oportunizadas, como formas de ampliação do conhecimento e habilidades das crianças, consolidando assim novas aprendizagens. Neste sentido, considerando a temática trabalhada durante o estágio “De onde eu vim e por que sou assim?”, trago para reflexão algumas observações realizadas durante o desenvolvimento dessas vivências, caracterizadas pelas falas de algumas crianças.

Metodologia

Este estudo foi realizado a partir da observação e docência compartilhada durante o estágio na educação infantil, partindo de observações feitas nesse percurso, e das vivências desenvolvidas. Para isto,

-
- 1 Graduada em Educação Física - Licenciatura pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/Unijuí (2018). Acadêmica do Curso de Pedagogia/ PARFOR pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul UNIJUI (2023). Professora da Educação Básica na Rede Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail gabriela.dr@sou.unijui.edu.br
 - 2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

as reflexões são fundamentadas em autores que também falam sobre o assunto, que desenvolveram projetos de vivências relacionadas à diversidade racial, considerando os corpos no processo, as etnias, culturas, e ainda considerando o dia a dia com as crianças que se quer trabalhar, observando suas ações, falas, e comportamentos, que são carregados de significados e sentidos. O método de pesquisa então, busca compreender uma situação a partir da reflexão crítica sobre o próprio processo de estágio. Essa reflexão pôde levar a novas ideias, à identificação de temas de análise e à proposição de soluções.

Resultados e discussão

O Brasil é um país multicultural, com uma população formada por pessoas de diferentes origens étnicas e raciais. Essa diversidade é uma riqueza, mas também pode gerar desafios, como o preconceito e a discriminação. Conhecer e aprender mais sobre diversidade racial é importante para entendermos a nossa própria sociedade e para promovermos a igualdade e a justiça social.

No desenvolvimento do meu estágio, observei algumas falas das crianças durante as vivências, como “Me empresta a cor de pele”, “Mas não existe cor de pele, pode ter várias”, ou como em uma motivação inicial de discussão antes da contação da história “A menina bonita do laço de fita” (Ana Maria Machado, 1986), a professora referência fez a seguinte pergunta quando foram apresentadas às crianças uma boneca negra e um coelho branco: “Quais são as diferenças entre a boneca e o coelho?”, uma das crianças respondeu que são de cores diferentes, e pontuou que o coelho era do bem. Então a professora continuou a questionar, “Será que o coelho é do bem? Por que? E o que isso quer dizer, que então a boneca é do mal?”, as crianças responderam que não, e o menino ainda acrescentou, “mas ela parece por causa da cor, mas ela não é”, e outro menino disse “Minha avó explicou que o preto é do mal, e o branco é do bem”, quando questionado o porquê disso, ele justificou “Minha vó disse que está escrito na Bíblia”. Por este motivo, como afirmam as autoras Gaspar, Bilo e Santos (2016, p. 145)

Trabalhar a temática dentro da Educação Infantil possibilita que se instigue a construção de um conhecimento que respeite a diversidade, que saiba suas raízes e que possibilite a sua extensão ao meio familiar e a sociedade.

Compreendendo isso, vê-se a necessidade de trabalhar a temática da diversidade racial já na educação infantil, assim como apontam alguns objetivos de aprendizagem contidos na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) como “Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive” e “Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida”. Ainda, é correto afirmar que, não se quer com isso, apontar que as crianças estão tendo atitudes racistas, mas sim, que apresentam conceitos muitas vezes permeados pelo preconceito. Oliveira e Abramowicz (2010, p.210), afirmam que “a questão racial é um aspecto que está presente no meio escolar e acaba se tornando elemento curricular, mesmo que os professores não tenham clareza dessa ocorrência”. Perceber isso, e pensar alternativas para que estes pensamentos sejam modificados, faz parte do trabalho docente. Observar, analisar e pensar propostas de vivência que irão possibilitar às crianças outros entendimentos sobre a temática racial.

Ao conhecermos mais sobre diversidade racial, podemos desenvolver uma maior compreensão e empatia pelas pessoas de diferentes origens. Isso nos ajudará a construir uma sociedade mais justa e igualitária. Pois como afirma Souza (2019, p. 81),

... as crianças pequenas são as principais vítimas de apartações raciais, sociais, de classe, gênero, religiosa e étnica. É importante pensar o quanto as diferenças, tratadas como desigualdades, podem ser (re) produzidas dentro de espaços educativos como as escolas de Educação Infantil.

A diversidade racial é um tema de extrema importância na educação infantil. É nessa fase da vida que as crianças começam a desenvolver sua identidade e a entender o mundo ao seu redor. Por isso, é fundamental que elas tenham contato com diferentes culturas e etnias, para que possam construir uma visão mais inclusiva e plural do mundo. Como afirmam Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues (2009), a escola de educação infantil se constitui como o primeiro espaço público e coletivo que as crianças frequentam desde bebês, aprendendo ali modos de ver, de ser e de estar no mundo.

Neste sentido, tomando as observações realizadas e sabendo da importância da temática a ser desenvolvida, despertar um novo olhar acerca da diversidade racial se faz extremamente necessário. E por isso, a proposta de projetos é uma ótima metodologia de oportunizar vivências às crianças, onde segundo Gaspar, Bilo e Santos (2016, p. 145)

... observar as crianças e planejar formas de intervir e instigar o conhecimento de maneira lúdica, respeitando a faixa etária, mas sem deixar de trabalhar valores, princípios, da diversidade, da cultura e principalmente do respeito às diferenças.

Por meio de atividades lúdicas e pedagógicas, como jogos, brincadeiras, contação de histórias e rodas de conversa, as vivências podem ajudar as crianças a compreenderem as diferenças entre as pessoas, a valorizarem a diversidade e a desenvolverem atitudes de respeito e tolerância. O trabalho com a diversidade racial na educação infantil é um investimento para o futuro. Ao aprender sobre diversidade desde cedo, as crianças desenvolvem valores e atitudes que contribuirão para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ainda segundo Souza (2019, p. 81) “precisamos ouvir as crianças, observá-las, conversar com elas, estar junto delas, ampliando assim suas vivências, bem como nossa compreensão a respeito das culturas infantis”. A partir dessa fala, percebe-se a necessidade de investir em formação de professores, com teorias fundamentadas e práticas reflexivas dentro do espaço de educação infantil. Ainda, outro fato a ser considerado é que, por muitas vezes, os próprios educadores precisam tomar consciência e analisar a sua prática docente. No sentido de estarem atentos para o quanto suas ações do cotidiano também são permeadas por preconceitos, que segundo Dornelles (2019, p. 254) embora suas ações sejam “às vezes bastante escamoteadas, não assumidas, não verbalizadas”, elas existem, estão enraizadas em diferentes espaços da vida social.

Por fim, destaco a importância do papel docente nesse processo, com a necessidade de buscar apoio e formação continuada, fazer escolha de materiais e recursos adequados, bem como oferecer vivências significativas e estruturadas. Não sem antes despir-se de todo e qualquer preconceito sobre raça.

Considerações finais

Em vista disso, compreendo que as vivências proporcionadas na educação infantil, não podem ser tratadas de forma rasa, diante da necessidade e possibilidades de tratar este tema. Na análise que faço após esta experiência, percebo que um bom projeto sobre diversidade racial e étnico pode ser desenvolvido, para evidenciar uma grande rede de conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira, envolvendo a comunidade escolar e permitindo avanços reflexivos.

Diante do exposto, observa-se a partir dos estudos realizados que o preconceito está em toda parte, e também na escola. Neste viés, se faz necessário entender que é extremamente relevante trabalhar temas como este com crianças, desde muito cedo. Também é visível que não basta a diversidade racial ser trabalhada somente no dia da consciência negra, isso não é suficiente para que se crie nos espaços escolares uma caminhada em busca de uma educação antirracista.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. **Revista Pro-Posições**. UNICAMP: v.20, n 3(60), set. /dez. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação é a Base. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em 17 dez. 2023.

GASPAR, Moira Poema Closs; BILO, Janete Cândida Sulzbach; SANTOS, Miriam Beatriz Röhler dos. Por um mundo mais colorido: conhecendo e aprendendo mais sobre diversidade racial. In: MELLO, Débora Teixeira de; CORREA, Aruna Noal; CANCIAN, Viviane Ache (org.). **Docência na educação infantil: currículo, espaços e tempo**. Santa Maria: UFSM, 2016. p. 145-152.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, Raça e “Paparicação”. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.02, ago. 2010. p. 209-226.

SOUZA, Yvone Costa de. Encontros e Desencontros na Formação Docente em Educação Infantil: Questões Étnico-Raciais em Debate. In: ALBUQUERQUE, Jane Felipe; CORSO, Luciana Vellinho (org.). **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre : Editora Evangraf, 2019. p. 80-99.

DORNELLES, Leni Vieira. Ainda Precisamos Conversar Sobre Corpo e Raça com Professores/as de Educação Infantil. In: ALBUQUERQUE, Jane Felipe; CORSO, Luciana Vellinho (org.). **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019. p. 251-267.

A SIGNIFICATIVIDADE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Simone da Silva Rosa¹

Lauren Slongo Braida²

Introdução

Trabalhar, estudar e conviver com as crianças é algo fascinante e encantador, diariamente o professor se depara com uma nova descoberta e várias provocações. O fazer pedagógico envolve o pensar, refletir e agir diante de cada desafio, ou seja, não é uma tarefa fácil. Além disso, é importante planejar o que irá ser desenvolvido. “Começamos qualquer trabalho pedagógico com o planejamento estabelecendo objetivos, definindo os conteúdos, estratégias, avaliando o produto final [...]” (MELLO, BARBOSA E FARIA, 2017, p.21)

O presente relatório tem como objetivo documentar a trajetória até a prática pedagógica realizada com a turma da Pré-escola B, turno da tarde numa escola de educação infantil em Boa Vista do Incra-RS. Destaca-se que nesse texto serão descritas as reflexões e impressões vivenciadas durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil do Curso de Pedagogia PARFOR- UNIJUÍ.

Metodologia

A escola na qual a prática de estágio supervisionado foi efetivada, é atualmente a única instituição de educação infantil do município. Esse educandário foi fundado no ano de 2014 e atende aproximadamente 110 crianças.

O percurso até a realização da docência compartilhada iniciou no mês de agosto, sendo que os primeiros contatos foram os diálogos com a equipe

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia/ PARFOR pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul UNIJUÍ (2023).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

diretiva, pedagógica e com o professor referência da turma. Entretanto, somente no começo do mês de outubro foram feitas as observações da rotina vivenciada pelas crianças, bem como a leitura dos documentos que norteiam o funcionamento da instituição para a elaboração do projeto de prática pedagógica.

Contar histórias, dialogar com as crianças, estimular o imaginário infantil é uma tarefa gratificante. Participar de atividades que propiciem a criatividade e o encantamento é primordial para a formação inicial do ser humano.

Enquanto as crianças do jardim de infância brincam, elas aprendem muitas coisas. Ao construir torres, desenvolvem uma melhor compreensão sobre estruturas e estabilidade, e, ao criar histórias, desenvolvem uma compreensão mais aprofundada sobre enredos e personagens. E o mais importante, aprendem sobre o processo criativo e começam a se desenvolver como pensadoras criativas. (RESNICK, p. 39).

Pensando nisso, a proposta de estágio realizada com a turma da Pré-escola B, buscou aguçar a curiosidade das crianças trazendo de maneira lúdica e interativa o universo da leitura. O planejamento das atividades envolvia contar diariamente uma história e posteriormente o encaminhamento das atividades e vivências a serem efetivadas com a turma juntamente com a experiência da docência compartilhada.

Resultados e discussão

Durante as primeiras semanas do mês de novembro de 2023, participei da experiência de compartilhar a docência com uma turma de Pré-escola na mesma escola em que trabalho. Desde os primeiros contatos com os educandos percebia-se que se tratava de uma turma comunicativa, participativa e bastante curiosa. Era visível nas observações realizadas na classe que a principal atividade que provocava motivação e a concentração desses pequenos era a produção de desenhos e pinturas. Entretanto, em outro momento foi perceptível o quanto eles ficavam interessados em ouvir histórias, porém o acervo bibliográfico da escola é muito manuseado pelas crianças, se tornando bastante conhecido e pouco atrativo. De acordo com Santos (2022) no início a interação que a criança tem com o mundo da leitura é pelo ouvir. Assim sendo, ao ouvir histórias desde cedo isso irá auxiliar no aprendizado, melhorando a concentração, desenvolvendo a criatividade e a sensibilidade.

Tendo em vista esse ponto importante, foi feito um diálogo com as coordenadoras de secretaria de educação e a partir disso foi conseguido um empréstimo de novos materiais literários para serem apresentados diariamente para as crianças.

As histórias desempenham diferentes papéis na vida da criança, como o desenvolvimento da imaginação, a compreensão de questões típicas da infância, como medo, sentimentos de carinho, tristeza e felicidade. São as competências socioemocionais trabalhadas na infância que resultam em um adulto consciente do seu “eu” interior, que compreende e sabe lidar com os seus sentimentos e emoções, sendo esse um grande contributo para ensinar a lidar com pequenas situações com que o educando pode se deparar ao longo do seu crescimento. (SANTOS, 2022, p. 4)

Nesses dias que estive inserida na rotina da turma foram vivenciadas contação de histórias, confecção de móveis, brinquedos em papel, produção de massa de modelar caseira, dobraduras e atividades com as formas geométricas. A participação das crianças foi significativa e ativa. Era notório que eles estavam realizados e satisfeitos com a experiência e se sentiram mais assistidos, pois estavam com a presença de dois professores, os quais já haviam entrado em acordo de como orientar as crianças durante o período que estariam na escola.

Considerações finais

A docência compartilhada em educação infantil foi uma experiência que proporcionou uma troca de saberes entre profissionais que atuam na mesma área. Ressalta-se que este tipo de vivência é bastante comum na escola de educação infantil na qual foi realizada a presente prática de estágio.

A docência compartilhada surge como uma possibilidade de ser afetado, de tomar parte e participar com o outro profissional de uma formação conjunta que confere uma qualidade de docente ao ato de educar. Portanto, o compartilhamento da docência se dará na partilha, de forma cooperativa e solidária. Atualmente, esse tipo de experiência recebe maior destaque na Educação Infantil em virtude das leis que regem nos municípios, que determinam o número máximo de educandos por educador. (HOCHNADEL; CONTE, 2019, p. 84)

Entretanto, viver esse momento de reinventar-se como professora foi bastante significativo, pois possibilita sair da zona de conforto que é a sala na qual se atua e voltar à condição de estagiária carrega o desafio de

propor um planejamento totalmente diferente daquele que já se faz parte da rotina diária. Foi necessário observar uma turma nova, planejar em conjunto as ações pedagógicas, refazer novas estratégias e atuar, permitindo assim uma nova reflexão da prática diária.

Referências

- HOCHNADEL, S. B. ; CONTE, E. Docência compartilhada: possibilidade de inovação e ressignificação da atuação profissional? In: CASAGRANDE, C. A.; JUNG, H. S.; FOSSATTI, P. (org.). **Desafios e práticas docentes na contemporaneidade: as séries iniciais em foco**. 1. ed. Canoas: Ed. Unilasalle, 2019. p. 84-98. Disponível em: https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1220/1/CAP%C3%8DTULO%207%20-%20doc%C3%AAncia_compartilhada_posibilidade_de_inova%C3%A7%C3%A3o_e_resignifica%C3%A7%C3%A3o_da_atua%C3%A7%C3%A3o_profissi.pdf. Acesso em: 22 de novembro de 2023.
- MELLO, S.A.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. **Documentação Pedagógica Teoria e Prática**. 3ª Ed. São Paulo: Aclimação. 2017.
- RESNICK, M. **Jardim de infância para a vida toda**: por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos. Tradução: Mariana Cassetto Cruz, Lívia Rulli Sobral; revisão técnica: Carolina Rodeghiero, Leo Burd. Porto Alegre: Penso, 2020.
- SANTOS, E. B.T. A literatura infantil no desenvolvimento do ensino aprendido na Educação Infantil. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v22, n 41, 1 de novembro de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/41/a-literatura-infantil-no-desenvolvimento-do-ensino-aprendizado-na-educacao-infantil>. Acesso em 22 de novembro de 2023.

PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A ÓTICA DOS DIREITOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Mariane Moser Bach¹
Lauren Slongo Braida²

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as práticas de um estágio curricular do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS (Unijuí/Parfor), realizado em uma turma de Pré 1, com alunos entre 4 e 5 anos, em uma escola de educação básica do município de Ijuí (RS), no ano de 2023. As vivências propostas visaram desenvolver diferentes habilidades, respeitando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil e buscando englobar diferentes campos de experiência.

O estágio é um momento muito importante e esperado pelo acadêmico de Pedagogia, pois permite ao estudante conhecer e vivenciar contextos reais de atuação profissional, estabelecendo elos entre a prática concreta de sala de aula e o conhecimento apreendido por meio de pesquisas, leituras e discussões acadêmicas. Ademais, permite perceber como acontece a aplicação de um planejamento, com seus sucessos, falhas e imprevistos. Tudo isso é de suma importância para a construção pessoal e profissional do sujeito, ao permitir a superação de inseguranças diante da novidade.

Posteriormente à realização do estágio, assim como de qualquer prática pedagógica, é essencial rever, refletir e ressignificar a prática docente, pois como afirma Paulo Freire, “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro a tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma,

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia/ PARFOR pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul UNIJUÍ (2023).

2 Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Orientadora do estágio em Docência na Educação Infantil.

como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58). Assim, é no diálogo entre conhecimentos e ações, entre teorias da educação e as vivências da realidade, através de um processo de reflexão, que o professor poderá reelaborar aquilo que faz, que pensa e aquilo que o constitui como docente.

Metodologia

O estágio foi realizado durante o segundo semestre de 2023, em uma turma de Pré I do Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil. A turma era composta por 18 alunos, meninos e meninas, com idade entre 4 e 5 anos.

O planejamento das vivências se deu a partir da observação e das sugestões da professora regente, fundamentado em referenciais como a Base Nacional Comum Curricular. A docência foi compartilhada. Nos momentos de intervenção a aula foi conduzida pela autora/estagiária, mas sempre com a presença e apoio da professora referência.

Todos os relatos e discussões aqui presentes são fruto de interpretação pessoal, sendo parte de um processo reflexivo, portanto não é objetivo estabelecer verdades, mas sim ampliar o diálogo sobre educação, trazendo questões que possam fomentar discussões e inspirar ideias.

Resultados e discussão

A BNCC define seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil (EI) que garantem as condições para que as crianças “aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural” (BRASIL, 2018, p. 37).

Durante a elaboração do planejamento para o estágio, foram considerados alguns aspectos essenciais: o contexto da escola e da turma, o trabalho já realizado pela professora regente no decorrer do ano, os interesses dos alunos, os campos de experiência (“O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”) e os direitos de aprendizagem e desenvolvimento

elencados na BNCC (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se).

As vivências propostas buscaram ampliar o repertório cultural das crianças, fazendo-as refletir sobre o mundo, a diversidade cultural e linguística; sensibilizar as crianças para a reflexão sobre as nossas atitudes diante das diferenças de cada ser humano; proporcionar momentos de ouvir e apreciar músicas e obras literárias; desenvolver habilidades de falar, escutar e expressar suas opiniões e sentimentos; desenvolver habilidades de coordenação corporal e de convivência em grupo por meio de brincadeiras.

Primeiramente, foi realizada a observação da turma, sem intervenções, para conhecer as crianças, a professora, a organização do espaço, as possibilidades de ação pedagógica. Em um segundo momento, deu-se o início da docência compartilhada a partir do projeto “Ser diferente é divertido... e colorido”, visando desenvolver a temática sobre as cores, a diversidade cultural e o respeito às diferenças.

A escolha da temática das cores deu-se por sugestão da professora regente, já a questão da diversidade cultural surgiu pela observação de que na sala de aula frequentavam dois alunos de origem estrangeira, os quais falavam, majoritariamente, o espanhol. Por isso, tais alunos tinham dificuldade de serem compreendidos pela professora e pelos colegas. Assim, a diversidade cultural e linguística, que já faz parte do cotidiano dessas crianças, pareceu um tema muito pertinente para ser desenvolvido e trazido para o diálogo.

Além disso, é na interação com outras pessoas que as crianças vão constituindo seu modo próprio de ser. Na escola, elas vão descobrindo que existem pessoas diferentes, com outras opiniões e outros modos de vida e, aos poucos, vão aprendendo a como lidar com tudo isso, formando sua própria identidade e reconhecendo, também, o outro. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p. 38), *conviver* é um direito do aluno da EI: “Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas”.

Por isso, é importante trabalhar com a temática das diferenças e da diversidade cultural na Educação Infantil, apresentando aos alunos outros grupos sociais e culturais, com diferentes línguas, atitudes, brincadeiras, histórias e costumes.

Uma contação do livro “Elmer, o elefante xadrez”, de David McKee, foi a história de que precisávamos para introduzir a temática com a turma.

Na história, Elmer é um elefante diferente dos outros, pois ao invés de ser cinza, era xadrez. Ele deseja ser igual aos outros, mas no fim percebe que aquilo que o fazia especial e divertido era o fato de ser xadrez.

Essa literatura infantil permitiu um momento de envolvimento de todos os alunos na história. Eles queriam saber o que ia acontecer com o Elmer, falar sobre como ele se sentia, contar coisas pessoais de suas vidas que envolviam animais ou cores. Ademais, foi um momento para conversarmos sobre o que achamos da história, sobre nossas características, semelhanças e diferenças, sobre o respeito com os colegas, e até mesmo sobre nossos conhecimentos prévios acerca de elefantes.

Essa roda de conversa foi um momento simples e até cotidiano, mas que exerce um papel de grande importância no dia a dia da sala de aula, pois é mais um espaço para as crianças exercerem seu direito de *expressar-se*, que, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 38), significa “expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens”.

Nas nossas aulas também houve muita brincadeira. Além dos momentos de brincar livre, onde as próprias crianças escolhiam os brinquedos, os espaços e seus pares para brincar, tivemos momentos de brincar na pracinha e no pátio. Já entre as brincadeiras dirigidas, brincamos de acertar a tromba do elefante (de olhos vendados) e de elefantinho colorido em inglês. Essas duas brincadeiras contaram com grande participação e entusiasmo dos alunos. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p. 38), a criança da EI tem o direito de

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Uma das particularidades da infância é o gosto pela brincadeira. A criança vive e aprende pelas interações e pela brincadeira. Por isso, essa precisa ser levada a sério na escola e, especialmente, na etapa da Educação Infantil. Dessa maneira, a BNCC (BRASIL, 2018) estabeleceu as interações e a brincadeira como eixos estruturantes das aprendizagens e do desenvolvimento infantil. Promover momentos de brincar, tanto livremente, quanto de forma dirigida, é respeitar as infâncias e a liberdade das crianças, e é promover espaço de aprendizagens, de desenvolvimento

cognitivo e socioemocional, de imaginação e criatividade. Assim, a brincadeira desenvolve: autocontrole, regras, cooperação, relação entre pares, autonomia, desejos, desafios e a consciência da realidade (WAJSKOP, 1995). Além disso, conforme Wajskop (1995, p. 66), é interessante notar que:

O brincar é, ao mesmo tempo, espaço de constituição infantil e lugar de superação da infância, pela relação que estabelece com a representação e o trabalho adultos. É uma forma de atividade social infantil, cujo aspecto imaginativo e diverso do significado cotidiano da vida fornece uma oportunidade educativa única para as crianças.

Nesse sentido, ao brincar com seus pares, com adultos ou com objetos, a criança transforma o espaço em cenário, o objeto em brinquedo, assume papéis a serem representados e, nisso, levanta hipóteses, explora o mundo real, experencia situações simbólicas da vida adulta. Dessa maneira, as crianças aprendem e constroem conhecimento.

Cabe ressaltar, no entanto, que essa concepção não implica uma ode à espontaneidade, a deixar a criança apenas fazer o que quiser e esperar a aprendizagem de forma natural, mas pelo contrário, é necessário haver intencionalidade nas práticas pedagógicas. E para isso a Base estabelece vários parâmetros a fim de nortear as ações do professor.

Além de brincar, a turma também cantou e dançou músicas, explorando movimentos, gestos e sons. Uma das músicas trabalhadas foi “Tudo é grande no elefante”, a qual remetia às características dos elefantes. Após ouvir a música, observar fotografias de elefantes africanos, conversar, relembrar a história de Elmer, os alunos foram desafiados a fazer um desenho de um elefante colorido e diferente, tal como na história de Elmer, utilizando caneta hidrográfica preta e tinta colorida. Consoante a BNCC (BRASIL, 2018), é um direito das crianças explorar movimentos, texturas, cores, palavras, emoções, histórias, objetos, elementos da natureza, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Em outra aula, as crianças tiveram oportunidade de explorar um globo terrestre, o qual tinha uma caneta que “falava” em inglês os nomes dos países que você apontasse. Todas elas puderam mexer no globo, na caneta e escolher o país que quisessem para ouvir o nome e tentar repetir. As crianças também visualizaram onde fica o Brasil, Ijuí e a Venezuela. Nessa aula, os alunos venezuelanos ensinaram para os colegas como se

falam os nomes das cores em espanhol, colocando-se como detentores de conhecimento e compartilhando com os outros a sua identidade cultural.

A professora também ensinou os alunos a falarem “bom dia” em sete línguas diferentes, o que eles acharam muito divertido e interessante. Outras atividades com cores também foram propostas, como as cores em inglês, um gráfico com as cores favoritas, a brincadeira do elefantinho colorido e a pintura dos desenhos.

Considerações finais

A partir da realização deste estágio, foi possível perceber que a Educação Infantil constitui uma etapa fundamental para a formação integral da criança. Como mostram estudos, a primeira infância é a fase de maior desenvolvimento do cérebro, e para que isso aconteça, a criança precisa estar inserida em um ambiente rico em estímulos de diferentes tipos: comunicativos, afetivos e cognitivos. As experiências, desde as mais precoces, afetam profundamente a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Por isso, é imprescindível que o professor seja um profissional preparado a atender a criança em suas necessidades, estabelecendo relações de cuidado e afeto, criando um espaço aconchegante e com múltiplas possibilidades de vivências, e ofertando, através de suas aulas, diversas experiências para que o aluno possa conhecer e desenvolver habilidades em diferentes áreas da vida humana.

A Prática de estágio na Educação infantil foi uma experiência transformadora, que abriu meu horizonte para ver a educação básica como um todo, e ter ainda mais certeza da importância da educação e da figura do professor na vida de cada um de nós.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

WAJSKOP, Gisela. **O brincar na educação infantil**. 1995.

EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE OS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Rosmari Marodin Gobo¹

Franciele dos Anjos Strohhecker²

Introdução

Este trabalho busca refletir sobre a experiência de estágio vivida pela autora, acadêmica da primeira turma do Curso de Pedagogia/ PARFOR da Unijuí, realizada em uma escola Municipal de Educação Infantil no Município de Ijuí. A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência compartilhada com a professora referência da turma do Berçário I composta por bebês e crianças bem pequenas com idade de 8 meses a 1 ano e 3 meses. Realizar vivências com diferentes objetos, alimentos, materiais, cores, texturas, formas, cheiros, sabores com crianças dessa idade constitui-se um desafio ímpar de aprendizagem e de reconstrução dos meus saberes docentes. Garantir às crianças os direitos de aprendizagem contemplados na BNCC requer o planejamento de vivências que promovam o desenvolvimento de habilidades com o uso de diferentes linguagens estimuladas através do brincar, do experimentar, do explorar, do conviver, do expressar, participar e conhecer-se contemplados nos campos de experiências: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações; Traços, sons, cores formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação (Brasil, 2018). Proporcionar à criança práticas pedagógicas em que possam vivenciar seu direito de ser e estar no mundo é o grande desafio para as professoras de Educação Infantil no contemporâneo.

- 1 Pedagoga pelo Parfor da UNIJUÍ. Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí (2018) Gestão e Organização da Escola (2009) História (1990). Professora da Educação Básica na Rede Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail rosmari.gobo@sou.unijui.edu.br
- 2 Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da primeira turma de estágio do curso de pedagogia PARFOR-UNIJUÍ. E-mail: franciele.strohhecker@ufpr.br

Metodologia

A reflexão da prática que ora faço se ancora na tradição hermenêutica que nos possibilita compreender nossa existência no mundo e, mediados pelos conhecimentos da tradição pensar o mundo comum na perspectiva de construir um outro mundo possível, onde as crianças tenham o direito de viver com dignidade e seus educadores busquem interpretar com maior lucidez os estudos sobre as infâncias que permeiam as práticas escolares na Educação Infantil. Assim o presente estudo conta com recortes teóricos de autores como Loris Malaguzzi, Paulo Fochi, Júlia Formosinho, Alfredo Hoyuelos, Jorge Larrossa, Suely Amaral Mello, Maria Carmen Silveira Barbosa, Ana Lúcia Goulart de Faria e da reflexão da experiência de estágio da autora em uma escola Municipal de Educação Infantil, das observações *in loco* realizada no ambiente escolar, da pesquisa realizada nos documentos escolares e na prática desenvolvida com bebês e crianças bem pequenas do Berçário I da referida instituição de ensino.

Resultados e discussão

A partir dos estudos dos marcos teóricos de autores como Loris Malaguzzi, Paulo Fochi, Júlia Formosinho, Alfredo Hoyuelos, Jorge Larrossa, Suely Amaral Mello, Maria Carmen Silveira Barbosa, Ana Lúcia Goulart de Faria, e das reflexões da experiência, iniciei meu estágio com medo do desconhecido e da complexidade de exercer a docência com bebês e crianças bem pequenas as quais as famílias confiam aos cuidados e formação de professores e auxiliares.

Acolher e cuidar as crianças, explorar o cotidiano como currículo vivo da educação infantil requer da professora conhecimento do contexto da escola e de suas famílias, de suas culturas e a sensibilidade para ouvir os gestos e linguagens dos pequenos em sua singularidade e diversidade, respeitando o direito de ser criança e de viver a infância na sociedade contemporânea permeada pelo imediatismo e pelo consumismo.

Compreender as culturas infantis, suas experiências, descobertas, possibilidades e potencialidades requer uma escola que promova a educação integral como direito de cidadania e que dê respostas às enormes desigualdades sociais que marcam as infâncias na sociedade brasileira que historicamente negligenciou esse direito. Apesar da quase universalização

da escola, a Educação Infantil ainda é uma etapa recente em nosso País como direito de todas as crianças.

Neste contexto, pensar as infâncias e o desenvolvimento das crianças que frequentam as escolas infantis, requer um investimento na formação continuada das professoras considerando o contexto da escola e dos sujeitos que compõem o universo escolar e suas práticas.

De acordo com Augé (2012), pensar qual o lugar da criança e das infâncias na sociedade capitalista global, em sua fase flexível de acumulação do capital e de desconstrução das identidades e valores vividos pelos seres humanos, em todas as partes do planeta, requer dos educadores das infâncias compreender o lugar da criança como sujeito de direitos, de experiências e de vivências nesta sociedade excludente, meritocrática marcada pela velocidade de informações e mudanças inesperadas que valoriza o ter, o consumismo, o glamour, o descartável, o efêmero.

Como dar voz às infâncias silenciadas por um longo percurso histórico e explorar com os bebês e crianças bem pequenas o cuidado amoroso, a proteção, o brincar, a liberdade de decidirem experimentar, explorar, vivenciar experiências adequadas a sua idade e contexto? Bauman (1998) ao refletir sobre a sociedade líquida em que vivemos, onde tudo é descartável, inclusive o amor, nos instiga a pensar a criança e o seu direito de viver a infância nesse universo de rápidas mudanças na qual o espaço/tempo é efêmero, de insegurança, de incertezas e de medo. Assim, nos faz pensar na criança e seu lugar no mundo que tem o direito de brincar e viver experiências em diferentes espaços interagindo com diversos materiais, texturas, formas, cores, sabores que potencializam seu desenvolvimento.

Autores como Tuan (2013), Larossa (2002), Fochi (2017), Barbosa e Horn (2019) iluminam nossa caminhada pedagógica ao refletirem sobre a importância da experiência como horizonte de possibilidades para pensar a criança e as infâncias como algo vivido, sentido, percebido que nos atravessa, nos toca, nos instiga a recriar e atualizar nossos saberes docentes e desenvolver uma prática pedagógica refletida, planejada, intencional que promova a formação das crianças.

Em minha prática com os bebês e crianças bem pequenas do Berçário I, procurei escutá-las e interpretar seus gestos e ações para realizar vivências que contribuíssem para o desenvolvimento integral das crianças em sua diversidade e experiências culturais.

Em meu planejamento procurei usar materiais diversificados, priorizando elementos oriundos da natureza e do contexto familiar das

crianças, tendo como objetivo contemplar a interação das crianças com experiências potentes para o seu desenvolvimento infantil através do brincar com cores, formas, movimentos corporais, sabores, musicalização, histórias infantis, frutas e muito afeto.

Neste sentido, autores como Barbosa e Horn (2019) tematizam que

[...] faz-se necessário considerar duas questões: a primeira é a de ter atenção ao contexto e considerar todas as variáveis sociais como classe, gênero, classe econômica, raça e religião que oferecem elementos para que as crianças se constituam como sujeitos. E a segunda é considerar que as culturas locais, as culturas familiares, as culturas elaboradas para as crianças e as culturas infantis são elementos fundamentais na educação das crianças (Barbosa; Horn, p. 19).

Procurei respeitar as crianças como seres de direitos e de desejos que devem ser acolhidas, cuidadas e estimuladas a viver a infância em sua inteireza de ser criança, poder brincar e ser feliz, independentemente de sua condição social, gênero, cor da pele, cultura. Enfim, como professora tenho o dever de desenvolver práticas que promovam a formação integral das crianças em todas as dimensões humanas, livres de qualquer forma de preconceito e discriminação,

Considerações finais

A reflexão da experiência que ora registro é provisória e comporta outras interpretações e olhares, pois a prática docente é permeada pela reflexão, ação, reflexão que nos inquieta e instiga a buscar sempre novas possibilidades para atualizar nossos saberes e dar conta de uma aprendizagem potente às nossas crianças.

Compreender que somos seres inacabados que buscam em suas relações com as pessoas e com os contextos novas aprendizagens para ressignificar a prática docente, requer a compreensão de que nos formamos continuamente pela experiência e pelo diálogo com nossos pares, e com autores que estudam sobre educação e seus processos.

Neste contexto, é que registro minha prática de estágio na Educação Infantil como uma aprendizagem ímpar na vida profissional e acadêmica, porque a experiência com os bebês e crianças bem pequenas se reveste de um fazer docente carregado de sentidos e de afeto pelas crianças, a quem historicamente foi negado a palavra. Permite reconhecê-los em suas potencialidades, sedentos em descobrir o mundo que os cerca e interagir

com ele, com as outras crianças e com os adultos. Pensar na criança real, no seu modo de vida, nas suas dores, nos seus medos, nos seus desejos e descobertas nos inspira a buscar conhecimentos para desenvolver práticas que dialoguem com as infâncias do tempo presente e que carecem de espaço/tempo para brincar, experimentar e viver livremente.

Como reflete Jorge Larrosa (2002) em seus estudos sobre a experiência “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” [...], me sinto profundamente tocada por essa experiência com os bebês e crianças bem pequenas.

Referências

- AUGÉ, M. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- ALBUQUERQUE, S. S., FELIPE, J, CORSO, L (Org). Para pensar a docência na educação infantil. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019.
- BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018. Disponível m:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC>. Acesso em 15 /11 /23
- LARROSA, J, Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação n. 9, jan. /fev. /mar. /abr. 2002.
- Redin, Marita Martins, 1952-Infância e educação infantil / Marita Martins Redin, Marta Quintanilha Gomes, Paulo Sergio Fochi. São Leopoldo: UNISINOS, 2013
- TUAN, Y-F. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

PERCEPÇÃO SOBRE A TOTALIDADE DO SER HUMANO: ANÁLISE DO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Douglas Alexandre Feltrin¹
Franciele dos Anjos Strohhecker²

Introdução

Este artigo analisa e reflete sobre o processo de estágio na educação infantil, realizado com a turma de pré-misto em uma escola do município de Santa Maria, pelo autor do trabalho e aluno do Curso de Pedagogia/PARFOR UNIJUÍ. O processo de estágio foi analisado com bases em alguns autores estudados no curso de Pedagogia/PARFOR UNIJUÍ. Através dessa análise serão apresentadas algumas estratégias pedagógicas, correlacionadas com esses autores, e as contribuições desse processo, como forma de aprendizagem, para o autor deste trabalho.

Metodologia

Este trabalho consiste em um estudo qualitativo e bibliográfico, bem como um relato de experiência, realizado no estágio em educação infantil, com a turma de pré-misto, com 12 alunos, na faixa etária de 5 e 6 anos, de uma escola municipal de Santa Maria. Serão apresentadas as ideias dos autores em consonância com as vivências realizadas no estágio. Os autores estudados para realizar esse artigo foram: Paulo Fochi, Lev Vygotsky, Frans Krajcberg, Gallahu, Ozmun, Goodway, Jean Piaget e Larossa e Horn.

1 Pedagogo pelo Parfor da Unijuí. Professor da Rede Municipal de Educação de Santa Rosa.

2 Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da primeira turma de estágio do curso de pedagogia PARFOR-UNIJUÍ. E-mail: franciele.strohhecker@ufpr.br

Resultados e discussão

O estudo partiu, inicialmente, com base no Paulo Fochi, mas com o decorrer das observações das crianças, com as conversas com a professora regente e as monitoras e as crianças, além das discussões nas disciplinas do curso de pedagogia/ PARFOR, acrescentei outros autores para melhor dialogar com as necessidades e potencialidades encontradas na turma do pré-misto. Os referidos autores foram Lev Vygotsky, Frans Krajcberg, Gallahu, Ozmun, Goodway, Jean Piaget e Larossa e Horn.

Paulo Fochi (2015, p. 22) escreve que a escola deve ser um “[...] lugar privilegiado das relações, onde o foco do trabalho é voltado aos processos de como as crianças se relacionam consigo mesmas, com as outras crianças, com os adultos e com o mundo”. Dessa forma, temos a relação das crianças com os diversos meios e indivíduos. Ou seja, para cada ambiente, para cada grupo de pessoas, ou as possíveis combinações destas duas, teremos processos distintos. No meu estágio com a turma do pré-misto procurei explorar o máximo de espaços disponíveis na escola com as crianças, para que tivessem oportunidade de explorar novas experiências. Subimos em escadas, fomos na sala de informática, na quadra, no campinho, no pátio lateral, na horta, na pracinha entre outros. Realizamos vivências diversas em cada local. Além de elaborar vivências nas quais eles poderiam se relacionar com os colegas em duplas, trios, pequenos e grandes grupos, cada vivência com um propósito e novas concepções atrelados a ele.

Para Lev Vygotsky (1991) os conhecimentos são construídos através do meio social, ou seja, das relações entre os indivíduos. Nas observações realizadas com a turma procurei conversar tanto com as crianças, como a professora e as monitoras, e nesses momentos pude ir colhendo dados referentes as atividades dentro da escola, mas também das vivências em convívio familiar. Nessa coleta de informações pude observar uma baixa interação social das crianças com outras crianças ou com adultos nos seus ambientes familiares. Desse modo, o momento de maior interação com outros indivíduos fica no contexto escolar. Contudo, a turma do pré -misto se encontra em uma sala cedida por uma escola estadual para a escola do município, com isso os horários de lanche e recreios são organizados para que as crianças do pré façam em momentos diferentes das outras turmas da escola estadual. Assim, o convívio com outras crianças no contexto escolar fica limitado à turma.

Levando em consideração o que o autor indica procurei elaborar os planos de aula com mais momentos de socialização entre as crianças da turma, mas também momentos com outras turmas, no caso foram a 31 e a turma 42 do fundamental. A intenção era que houvesse um troca de conhecimentos entre as crianças, principalmente, na questão de compreensão de atitudes e ações sobre si e sobre os colegas. A recepção e interação entre as turmas foi muito produtiva, pois eles desenvolveram melhor as vivências, ou seja, as propostas que eram direcionadas quando as turmas estavam em conjunto duraram mais e foram ampliadas, por pedido dos próprios alunos. Um exemplo desse dado, foi a aula com as pinturas nos rostos, no qual algumas crianças que estavam com resistência de realizar com seus colegas, com a chegada das crianças do 42 realizaram os processos com eles, e posteriormente, deixaram ser pintados e criaram outros modelos de pintura.

Com relação ao Frans Krajcberg, artista estudado na disciplina de artes no curso de pedagogia/ PARFOR da UNIJUI, que trabalha com matérias-primas oriundas da natureza. Nas observações do estágio, notei que os alunos coletavam folhas, pedras, penas, além de pesquisarem animais na pracinha, como formigas, borboletas e abelhas. Por este motivo, acrescentei nos planos de aula elementos ligados à natureza, para que as crianças pudessem explorar e vivenciar de formas mais variadas os aspectos que já chamavam a atenção e curiosidades delas. Dessa maneira, experienciar novas cores, formatos, texturas, cheiros, sensações e sentimentos. Como exemplo, temos a atividade da formiga, no qual pesquisamos tipos de formigas através de imagens, e posteriormente fomos com lupas até o pátio para examinar se tinham todos aqueles tipos de insetos. As crianças encontraram diferentes formigas com formatos, cores, tamanhos e em locais distintos das que estavam acostumadas.

Gallahu, Ozmun, Goodway (2013), foram autores estudados na disciplina de movimento do curso de pedagogia/PARFOR UNIJUI, que dialogam sobre as etapas do desenvolvimento motor. Saliento o estudo e utilização dos conceitos desses autores nos planos de aula, pela relação do desenvolvimento motor com as práticas corporais e níveis de exigência e complexidade que poderiam ser desenvolvidas em aula. Ou seja, tendo essa orientação dos conceitos poderíamos articular as atividades motoras de forma mais coerente para a turma do pré-misto, não deixando aquém dos que eles poderiam realizar, mas também não exigindo capacidades que as crianças não poderiam construir.

Cunha (2008), em seu artigo, escreve que na teoria de Jean Piaget, as pessoas aprendem por meios de desequilíbrios e equilíbrios. Quando recebemos uma informação diferente da que sabemos, essa situação gera um desequilíbrio e nos força a procurar meios para entendê-las. Esse processo é articulado pela assimilação e acomodação, assimilação é articulação dessas informações com as que o indivíduo já tem, e a acomodação é uma nova concepção sobre um objeto, meio ou situação. Ou seja, quanto mais distante as atividades forem da realidade experimentada da criança, mais difícil será para ela entender o processo.

Barbosa e Horn (2019), retomam a ideia de que a infância possa ser uma construção social, ou seja, as crianças poderão ser ou aprender conforme as pessoas que as rodeiam. Assim, fazendo uma ligação com a concepção de aprendizagem social de Vygotsky. Contudo, as autoras escrevem que os educadores devem estar atentos pois devem considerar “[...] as culturas locais, as culturas familiares, as culturas elaboradas para as crianças e as culturas infantis são elementos fundamentais na educação das crianças” (Barbosa; Horn, p. 19). Desse modo, temos um entrelaçado com o que as autoras apresentam, com os conceitos de Vygotsky e Piaget. Pois, se essas crianças estão imersas em uma cultura, o seu conhecimento e entendimento de mundo está mais locado nessa cultura. Assim, para conseguirmos desenvolver alguma proposta pedagógica com mais afinco teríamos que entender essas relações que cada criança apresenta.

Deste modo, compreende-se que todos os autores dialogam para um mesmo final. Os saberes motores, mentais, sociais e o processo de aprendizagem serão mais bem elaborados se o professor respeitar a criança, respeitar no sentido de escutar, de perceber onde ela está no mundo, em que culturas está inserida, e dessa forma, elaborar as propostas de atividades para que possam realizar e se realizar nas vivências.

Por final, relaciono alguns desses conceitos com que é apresentado na BNCC (2018, p. 38), na qual apresenta “[...] emoções, transformações, relacionamentos, histórias” como possibilidades de construções que podem ser realizadas durante o período escolar. Assim, além de poder entender as importâncias das vivências pelos seus significados motores, cognitivos, sociais e de desenvolvimento, nesse estágio a percepção das emoções, sentimentos, afetividades e construção de relacionamentos de carinho, companheirismo, compreensão, foram elementos que me marcaram. Acredito ser importante esse olhar das partes para melhor entender o todo

do processo educativo, mas não esquecer que o ser humano como um todo é bem maior que apenas a soma dessas partes. Considerações finais

As análises e construções das práticas conforme alguns autores é imprescindível para entendermos mais o processo formativo, de aprendizagem e desenvolvimento. Contudo, o ser humano é complexo e em constante transformação. Os professores para conseguirem ensinar precisam estudar e entender esse ser humano, o que deixa o processo mais amplo, pois o estudo e compreensão tem que ser atualizados e revisados constantemente.

No estágio em educação infantil percebi como vários autores podem convergir para sentidos possíveis e desejáveis para a educação, desde que percebam as crianças como um ser pertencente à cultura, e tendo dessa forma a sua própria cultura. Além de complementarem ou ajudarem a visualizarmos a educação com ângulos diferentes.

Referências

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. Cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. In.: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellhinho (Orgs.). **Para pensar à docência na educação infantil**, p. 17-36, 2019. Disponível em: <https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2021/10/para-pensar-a-docencia-na-educacao-infantil.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acessado em: 12 out. 2023.

CUNHA, M.V. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

FOCHI, P. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Porto Alegre: Penso, 2015. Disponível em: <https://causosescolares.files.wordpress.com/2015/09/aula-31-10-2015-paulo-fochi-gobbi-nascimento-jussara.pdf>. Acesso em 01 out.2023.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor:- bebês, crianças, adolescentes e adultos**. AMGH Editora, 7 ed., 2013.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Arte e natureza com Frans Krajcberg | XV Prêmio Arte na Escola Cidadã - 2014 | Educação Infantil**. You Tube, 2014. Disponível em: https://youtu.be/nHktKu__qU8 . Acesso em: 15 set. 2023.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf . Acesso em 15 set. 2023.

SOBRE AS ORGANIZADORAS



Taíse Neves Possani: Professora do Curso de Letras e Coordenadora dos Cursos de Licenciatura em Letras, Pedagogia e História da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Unijuí; Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e graduada em Letras Português-Inglês pela mesma instituição. Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUI). E-mail: taise.possani@unijui.edu.br



Marta Borgmann: Possui graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (1988) e Pedagogia pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e doutorado em Educação nas Ciências pelo mesmo programa. Realizou doutorado no exterior na modalidade sanduíche na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na universidade do Porto, Portugal. Exerce o cargo de professora Titular no Núcleo de Humanidades e Educação - UNIJUI. É coordenadora do Setor de Acompanhamento e Acessibilidade da UNIJUI junto a Vice Reitoria de Graduação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em educação especial e educação inclusiva. Atua com projetos de extensão na área da Cidadania e Direitos Humanos.

A formação de professores constitui um dos temas centrais nas discussões sobre a qualidade da educação e o papel da escola na construção de sociedades mais justas e inclusivas, especialmente em um mundo marcado por rápidas transformações tecnológicas, sociais e culturais. A prática docente enfrenta desafios inéditos que demandam novas competências, uma reflexão crítica permanente e um processo contínuo de atualização profissional. Nesse contexto, a formação inicial e continuada emerge como campo estratégico, não apenas para o aprimoramento das práticas pedagógicas, mas também para o fortalecimento do compromisso ético e político que sustenta a profissão docente. O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), no âmbito da Segunda Licenciatura em Pedagogia, responde a essa demanda ao oferecer uma formação pedagógica específica para professores da educação básica que já possuem licenciatura em outras áreas, mas atuam na Pedagogia, sobretudo na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino público na região. Este ebook tem como objetivo socializar e sistematizar as práticas pedagógicas vivenciadas pelos cursistas durante o estágio supervisionado em Educação Infantil, realizadas como parte da formação na Segunda Licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), fomentado pela CAPES/MEC. Por meio desta produção, buscamos registrar experiências, reflexões e intervenções pedagógicas desenvolvidas nas instituições de Educação Infantil, promovendo o diálogo entre teoria e prática e ressaltando a importância do estágio supervisionado na construção do futuro pedagogo. Ao reunir textos que revelam a diversidade e a riqueza das vivências formativas, evidenciamos como esse momento possibilita compreender de forma mais concreta e aprofundada as múltiplas dimensões do trabalho pedagógico com crianças pequenas. Esperamos que este material sirva de subsídio para outros docentes, estimulando práticas inovadoras, reflexivas e críticas, alinhadas aos princípios legais e éticos da Educação Infantil, reforçando também o papel comunitário da UNIJUÍ ao atender demandas regionais e contribuir para a formação de professores como agentes transformadores de uma educação mais equitativa, crítica e relevante.

